Lisboa 5 de Março

DE 1891

O *Antonio Maria* esteve interrompido durante alguns annos por muitas e complicadissimas razões de familia, que as conveniencias policiaes e a razão d'Estado não permittem que nós tornemos publicas.

A principal, foi o desaccordo de principios que se estabeleceu entre *Antonio*, philosopho da escola de Sancho Pança, e *Maria*, a personificação da furia sertaneja e alfacinha. *Antonio* procurava ser o bom senso e a graça indigena, sem grandes admirações pelos homens, mas tambem sem grandes odios por esses medonhos animaesinhos de dois pés, sobrecasa, luvas pretas e boquilha, que formigam e esfervilham das onze ás tres sob as arcadas do Terreiro do Paço. *Maria* era a pontinha de fél, era a dynamite, era o venenosinho do capote e lenço, introduzindo-se todos os dias na santa beatitude do *atelier*.

Todas as quintas-feiras, *Maria* vociferava colera aos ouvidos de *Antonio*, como Xantippe aos ouvidos de Socrates...

—«Estupido! Semsaborão! Pudésse eu pôr os pontos nos i i, e tu verias como logo se mudava a face da terra!»

E o bom philosopho, que todas as semanas fazia todas as diligencias para ter razão, empregando ao mesmo tempo esforços titanicos para, de quando em quando, ter graça,—o bom philosopho disse um dia á esposa:

VOL. VII Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º 294
Lithographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

—Pois bem, mulher... Põe tu agora os pontos nos i i!»

E *Maria* tantos pôz... tantos pôz... tantos pôz... que um dia que o diabo andava á solta, o diabo d'ella se acerca... e zás! corta-lhe o fio ao discurso!...

Como Xantippe arrependida, chorando aos pés de Socrates e pedindo ao bom do philosopho que lhe perdôe e que lhe bata, assim *Maria*, chorosa e triste, se approximou de *Antonio*, pedindo-lhe que retomasse o governo da casa. Ao que *Antonio*, meio desilludido das coisas d'este mundo, lhe retorquio n'estes termos:

«Mulher!... Tu já fôste a desgraça de nosso pae Adão, quando a curiosidade te levou a mordêr fructos prohibidos do Paraizo. Hoje, como ha dez mil annos, o fructo prohibido é sempre a Verdade... Já o disse um grande conhecedor das miserias humanas, quando d'est'arte se exprimio: «a palavra foi dada ao homem para occultar o seu pensamento...» Ora, mulher, ter razão é o que toda a gente procura ter, até mesmo o preclaro dr. Rapozas... E o nosso fim deve antes ser procurar ter graça. Foi para isso que nos unimos, era para isso que atiravamos ao mundo, todas as quintas-feiras, com a vida escripta d'esta vida airada e com os narizes caricaturados d'esta sociedade... Tu quizéstes dar outro rumo ao barco... Pobre de ti, mulher, que mal sabias as tristezas e suspensões que te estavas preparando!...

«A sociedade, mulher insensata, é um pepino que Deus se esqueceu de torcer de pequenino. Foi crescendo, foi medrando, foi asneando, e hoje é esse vil trambolho que por ahi anda á tona, sem Rei nem Roque, encalhando para a direita, abalroando para a esquerda, sem ninguem que o governe.

«Não digo com isto, mulher dos meus peccados, que não devamos fazer esforços titanicos, para vêr se fazemos d'esse trambolho uma coisa quasi apresentavel... e comica. Mas justamente porque é um trabalho de Hercules, é que nós precisamos conservar n'esta lucta hebdomadaria pelo aperfeiçoamento do já citado e recitado trambolho um sangue-frio, tão frio, que nunca suba para cima de zero...

«Já disse o velho Guizot, que para haver espirito precisa o espirito ser livre. . Mas quando não ha liberdade?... Só o sangue-frio, e jámais o sangue a ferver, nos pode salvar.

«Conservemos portanto a zero, e até abaixo de zero, esse liquido vermelho que nos corre nas veias. Em vez da furia, a reflexão; em vez de mau genio, a santa e pacata ironia de quem se sente bem com Deus, e de quem não tem nenhuns motivos para estar mal com o Diabo.

«Lembra-te, *Maria*, do que ha doze annos escrevia na taboleta do nosso jornal, o querido amigo e grande humorista que hoje dorme o somno eterno á sombra dos cyprestes de Saint-Ouen:—«*O Antonio* «*Maria* não vem possuido do extremo desejo de der«ribar as instituições vigentes ainda este mez, não só «porque isso faria algum transtorno ás referidas ins«tituições, mas tambem porque lhe faz conta que el«las assignem primeiro.»

«Não procuremos derribar coisa nenhuma... ainda este mez!... Procuremos apenas distrahir o leitor amigo com a chronica illustrada das coisas comicas que tambem rebentam em quadras tristes...»

Assim fallou sizudamente o bom homem *Antonio* á irrascivel *Maria*. E d'ahi resultou a ressurreição d'este semanario, que Deus e a Policia tenham em sua santa guarda...

Amen!

A REDACÇÃO.

P. S.—Relendo o que deixamos escripto acode-nos á ideia de que já com esta é é a terceira vez que annunciamos ao publico que vamos rir e que nunca nos havemos de zangar. E acabamos sempre por nos zangar, convencidos de que poucas vezes chegámos a rir. Pedimos, pois, aos acontecimentos a fineza de nos fazerem cocegas, ao menos uma vez por mez.

A QUESTÃO INGLEZA

Cada vez se torce mais.

O QUE NÓS SUP

Supprimiriamos a lingua, para ninguem badalar o que se passa.

E indefeririamos o protesto das senhoras contra a suppressão da lingua...

Vae elle, descobria isto, que ficava acceite officialmente e era mandado executar por conta do Estado.

Para que se não andasse a metter o nariz em coisas alheias, supprimido o nariz.

Para que se não podesse carregar o sobrôlho, supprimidas as sobrancêlhas.

Os olhos não poderiam olhar

PRIMITRIAMOS

Não havendo lingua, a bocca era um luxo asiatico: logo, supprimida a bocca.

Encarregado de descobrir um apparelho que alimente os cidadãos sem bocca, o celebre inventor da *polvora sem fumo*.

§ unico. Isentos d'esta disposição Chato José do Cão, Fuschini e outros em egualdade de circumstancias.

Para que se não podesse ouvir o que se diz, supprimidas as orelhas.

para a carta

mas como a carta é só uma, bastava, um olho só.

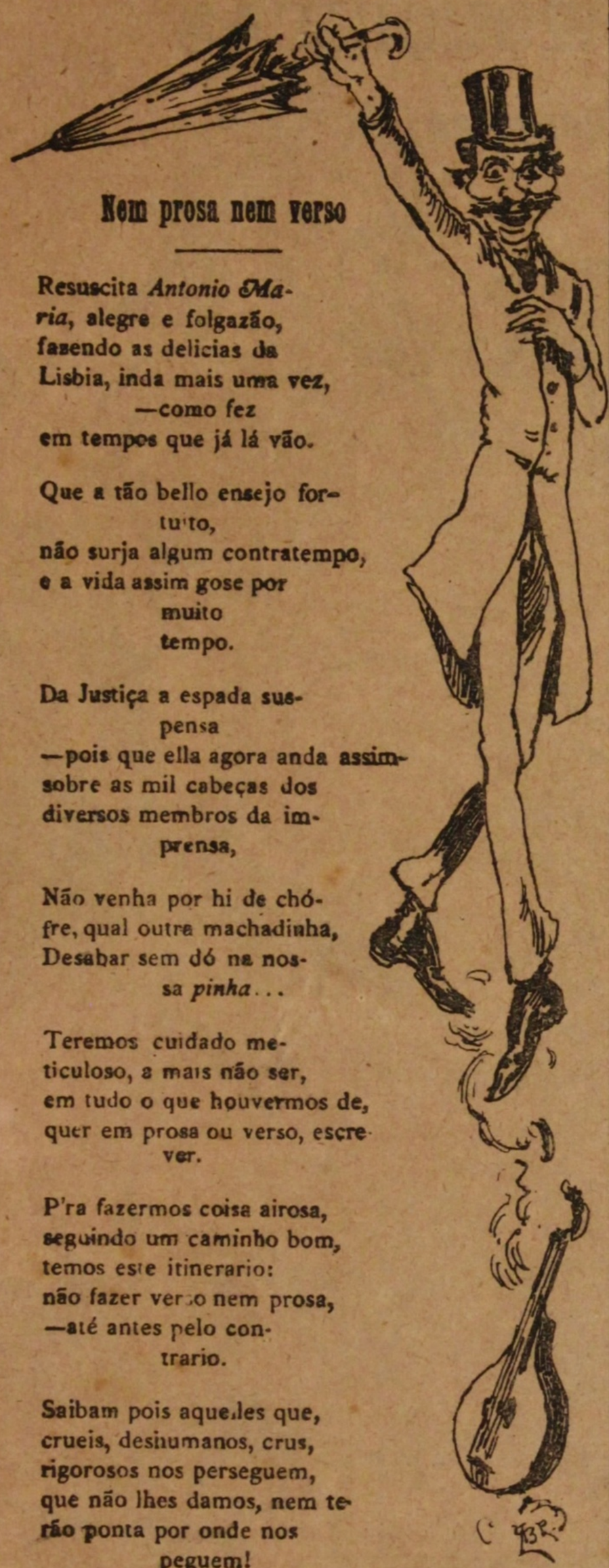
e assim ficaria a cara official do cidadão portuguez absoluctissimamente independentissimo.
—E esta não tem querella.

A QUESTÃO FINANCEIRA

Se queres a *massa dá cá o charuto. E' mão por mão.*

ABERTURA DAS CAMARAS

Preparam a corda para apertar os respectivos gorgomillos.



Nem prosa nem verso

Resuscita *Antonio Maria*, alegre e folgazão,
fazendo as delicias da
Lisbia, inda mais uma vez,
—como fez
em tempos que já lá vão.

Que a tão bello ensejo fortuito,
não surja algum contratempo,
e a vida assim gose por
muito
tempo.

Da Justiça a espada suspensa
—pois que ella agora anda assim-
sobre as mil cabeças dos
diversos membros da imprensa,

Não venha por hi de chófre, qual outra machadinha,
Desabar sem dó na nossa *pinha*...

Teremos cuidado meticuloso, a mais não ser,
em tudo o que houvermos de,
quer em prosa ou verso, escrever.

P'ra fazermos coisa airosa,
seguindo um caminho bom,
temos este itinerario:
não fazer verso nem prosa,
—até antes pelo contrario.

Saibam pois aquelles que,
crueis, desumanos, crus,
rigorosos nos perseguem,
que não lhes damos, nem terão ponta por onde nos
peguem!

PAN-TARANTULA

NÃO SE QUER OUTRO

De Lagos a Bragança, da Lisboa ao Fundão,
A modesta operaria, a dama luxuosa,
Dos principes do Congo usa o fino sabão,
Que dá frescor á tez e alvura setinosa.

J. de Reguiny ao saboeiro parisiense Victor Vaissier.

DIZ-SE

Dizem as *Novidades* que a epocha é de abnegação e sacrificios. Exigem-nos a dignidade e a salvação publica.

Fechemos as burras, diz o capital.

Está tudo fino, tudo bom, mas... *os fundos descem e os ovos sobem.*

SCENAS MITHOLOGICAS

Hercules fiando coleras aos pés de Omphale, rainha da Lisbia...

QUADROS EM CINCO MINUTOS

O sr. Latino Coelho mostrou-se na 2.ª feira no colyseu de S. Bento, como um terrivel concurrente dos pintores instantaneos. Em cinco minutos tambem pintou o quadro do Portugal, mendigo glorioso, á beira do abysmo, onde o esperam a usura e a alliança ingleza, e para onde é empurrado por todos os governos presentes e passados, e quiçá futuros...

MANIFESTO AO PAIZ

O Antonio Maria, sem querer fazer concorrencia ao manifesto da *Liga*, não pode deixar de manifestar ao publico em geral e aos collegas em particular, o seu muito reconhecimento pela sympathia com que acolheram a ressurreição d'este semanario.

Se nunca pudér resolver uma crise ministerial ou financeira, não será por falta de vontade. Mas quem tem o monopolio d'essas gloriosas tarefas é a *Liga* e o sr. Burnay. Continuamos, pois, com a ajuda de Deus e dos acontecimentos, a trabalhar, mais do que pode a força humana, para ter alguma graça, evitando ao mesmo tempo á Policia o desgosto de ter de nos suspender.

A ultima semana ficou assignalada por um d'estes escandalos só comparaveis aos dos tempos da infame corrupção romana, ou aos escandalos relatados ha annos pela *Pall Mall Gazette* de Londres.

Imaginem os leitores que duas parisienses ousaram apparecer n'uma frisa do theatro de S. Carlos--decotadas!...

Não ha memoria de semelhante audacia nos annaes do nosso theatro lyrico. Não ha sombra d'um precedente que possa perdoar ou desculpar semelhante atrevimento, semelhante audaciosa provocação aos nossos habitos e costumes de capital civilisada... quiçá! em breves annos, capital da civilisação europeia.

* * *

Pessoas curiosas de documentos historicos trataram de investigar nas chronicas de S. Carlos quaes os escandalos que podessem aproximar-se d'este a que alludimos. Mas nenhum ha que lhe chegue em audacia e insolencia.

FOLHETIM

Aventuras do sr. deputado elegante (*)

Era uma vez um Deputado da provincia, á porta da *Havaneza*.

—O' menino! o que é *chic* fazer agora em Lisboa?
—O mais *chic* é ir aos saltos ao Campo Grande...

(*) Aliás como todos os srs. deputados da nação portugueza.

—Ah! sim! elle é isso?... Pois vaes ver como sou forte aos saltos, mesmo fóra da batota... E donde se deve partir?...

—De qualquer parte. Mas o mais commodo é partir do hotel.

Lembram-se os velhos *dilletanti* d'um homem que uma noute appareceu nas cadeiras de casaca e gravata branca, e ainda por cima com a circumstancia aggravante d'um collete de setim preto, bordado, e d'uma gardenia na lapella. Esse atrevido foi immediatamente posto na rua por dois porteiros, attendendo a que não se estava no carnaval.

Tambem ha quem se lembre de ter visto uma noute, uma senhora, em cabello, manga curta, e grandes luvas de *peau de Suède* até ao ante-braço.

Houve grande sussurro, quando appareceu á frente do camarote. Mas como se estivesse no entrudo, explicou-se facilmente o caso, e foi perdoado á nobre dama este attentado aos bons costumes.

Mas duas senhoras decotados, e principalmente na quaresma, e propositalmente n'uma frisa, foi o que nunca ninguem vio, e o que nunca ninguem poderá tolerar!...

*
* *

Eu tambem sou dos que se indignam com semelhantes modas e modernismos.

De civilisação e estrangeirismos andamos nós fartos. Cada terra com seu uso e cada theatro com seu fuso...

Que tenho eu que ver, que n'esses Parizes e n'esses Londres os homens vão de casaca e as mulheres vão decotadas para a opera? Pois nós cá não vamos, e estamos no nosso direito. E que tem que ver com isso a Europa?...

S. Carlos é o que é—e não o que meia duzia de peralvilhos querem que elle seja.

Conheço frequentadorsinho que tem ido muitas vezes para a sua cadeira, de chapeu desabado e de espóras. Assim é que é!...

Um theatro deve ser considerado com um quintal, para onde uma pessoa vae distrahir-se um bocadinho. Assim é que deve ser! E a prova, é que os espectadores, emquanto o panno está em cima, estão lendo as gazetas, estão conversando com as beldades que a Hespanha regularmente nos exporta, estão dormindo, estão roncando, estão fazendo tudo, menos prestar attenção ao que se toca e ao que se canta. D'onde concluo que em S. Carlos, até nos devemos pôr em mangas de camisa, e ir de chinellos para a plateia.

Ou bem estamos em nossa casa, com os nossos usos e costumes—ou isto aqui é roupa de francezas.

Sabem que mais?... Quem quer andar de casaca e decotado, que se vá embora, que não faz cá falta nenhuma. Nós queremos a nossa commodidade—e quem não estiver contente... rua!

—O' José! dá cá os chinellos para ir ouvir o Tamagno!...

QUIDAM.

O LISBONENSE

O *Lisbonense*—jornal de marmore e de granito—lança á capital esta terrivel pergunta—*Quem vive?*...

Ora, quem ha de ser

—Ora vamos a isto! Vou assombrar Lisboa! E lá vae até ao Rocio.

Ao passar pelo Rocio:

—Coitadinho! o que terá o homem? Irá chamar a parteira?...

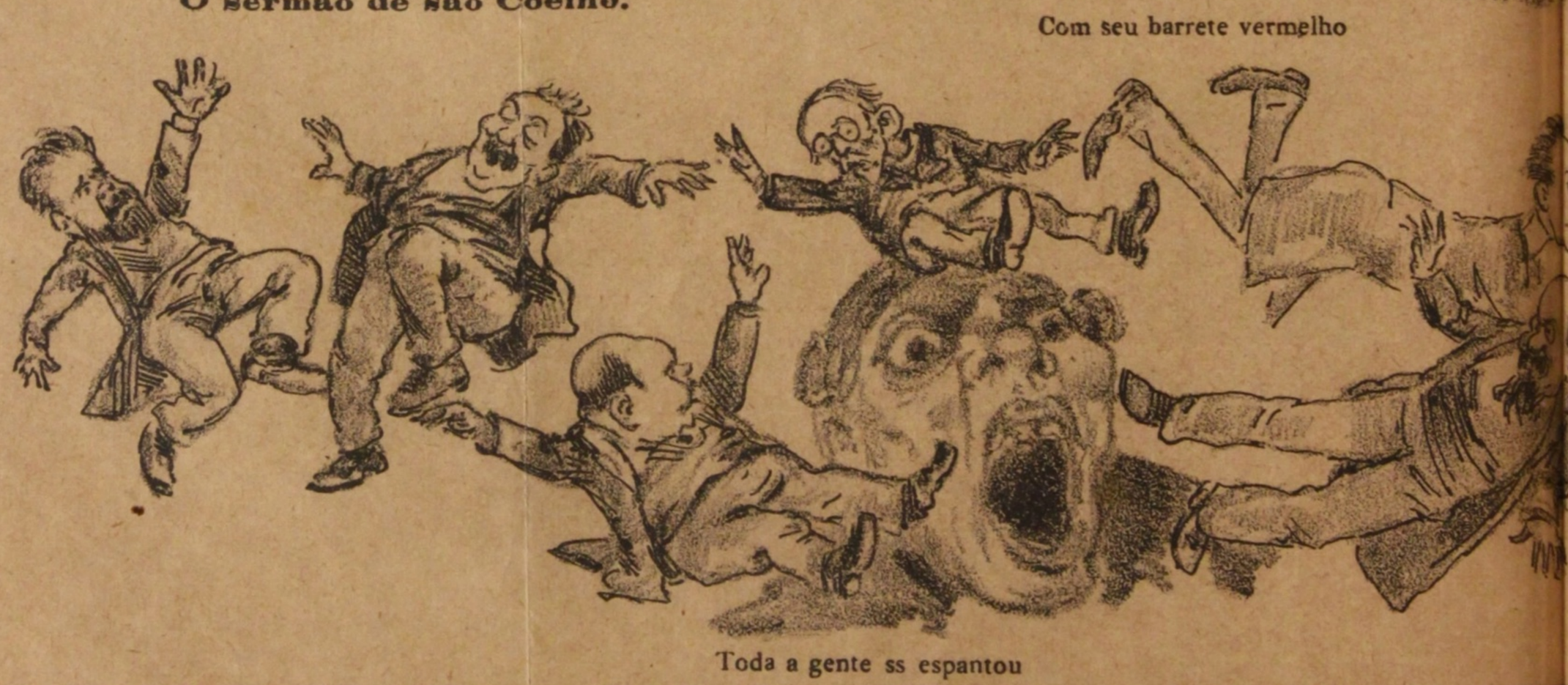
—Estás doida! Aquillo é a dança de San Vito...

Abertura das Camaras...

E toda a Malta, com os competentes capatazes, foi assistir á tradiccional serração da vio o sermão que foi...

O sermão de são Coelho.

Com seu barrete vermelho



Toda a gente ss espantou

A extra-serração da velha.

velha... e ouvir o respectivo sermão. Mas ainda d'esta vez ninguem ousou serrar a velha. E só se ou-

Com sua espada de cortiça.
Para matar a Carriça.

A carriça deu um berro

E só a velhita ficou

Embrulhada n'um chinello.

A minha opinião sobre o emprestimo.

Bem sei que posso amargar
Por cumprir co'o meu dever:
Entretanto, heide fallar,
Heide expor o meu par'cer,
—Pese a coisa a quem pesar,
—Dôa a coisa a quem doer!

No fundo, o emprestimo é nobre,
E eu, por mim, não no critico,
Pois traz oiro, e prata, e cobre,
P'ra alimentar muito bico,
—Despejando o bolso ao pobre,
—Enchendo a algibeira ao rico...

Se bem que digam diversos
—Como em voz alta se diz—
Que hãode mostrar se os reversos
D'esta medalha feliz,
E, que em miseria submersos,
Damos em *vasa barris*.

Mas, em tal caso sombrio,
Não se antolha a coisa amarga;
Pois até, por tal feitio,
Vamos ficar mais á larga:
—Quando o barril 'stá vazio,
Diminue o pezo á carga...

Ao mesmo tempo, de magoa
Tristes, qual triste viuva,
Pensamos: se aperta a fragôa
Que tira o pão, secca a uva,
De tal sorte, á falta d'agua,
Ficamos a pedir chuva...

Mas, que fiquemos, prevejo·
Do trigo faltando as messes,
Surge logo um bello ensejo
P'ra festas, saráus, kermesses,
—E p'ra o pápa, bemfazejo,
Desatar a fazer preces.

Que, depois, tambem, é certo
Complicarem-se as questões...
—Se rebenta um ceu aberto
De chuva, por conclusões
Vamos ter, e muito perto,
Mais data de inundações...

Que, pensando sobre o caso,
P'ra dôr não vejo motivos,
Pois isso até vae dar azo
A que o povo, em vivas vivos
Acclame, em publico e raso,
Os *anjos caritativos*...

.....
Em resumo, em conclusão,
De consid'rando ao cabo,
Esse emprestimo em questão,
Que eu não condemno nem gabo,
E' bom como o bom melão
E ruim como o diabo!

PAN-TARANTULA.

A NOTA DOMINANTE

Que nome faz mais vezes o echo resoar,
E domina o ruido dos gritos patrioticos?
Tal nome, ás damas grato, é Congo, d'além-mar,
Esse fino sabão de perfumes exoticos.

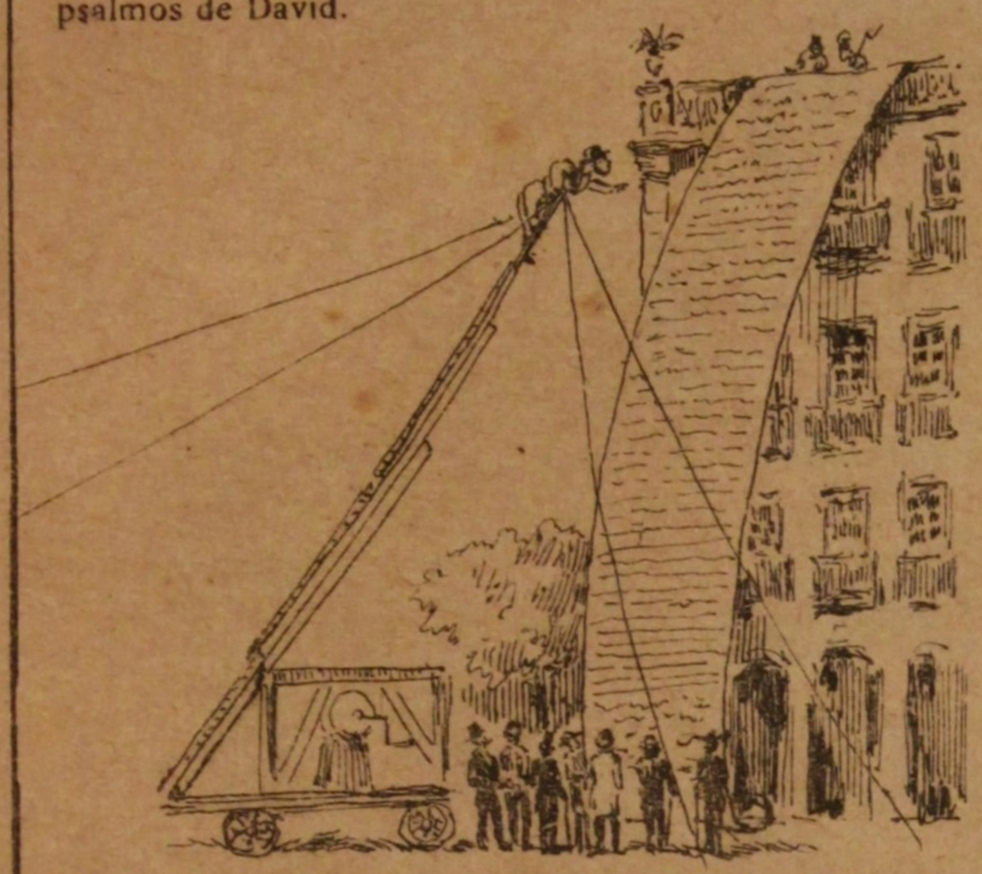
Um jornalista de Lisboa ao saboeiro Victor Valssier.

Um policia.—Está preso!... Onde vae você?...
—Ora essa! onde vou? onde vae a gente elegante. Vou aos saltos ao Campo Grande...

Policia.—Ande lá para traz! Isso agora é na Tapada!
—Oh com mil diabos! Que grande estopada... Por isso não encontrei ninguem aos saltos para este lado.

O manifesto da Liga

Podia ser escripto n'um grão de trigo--como os psalmos de David.

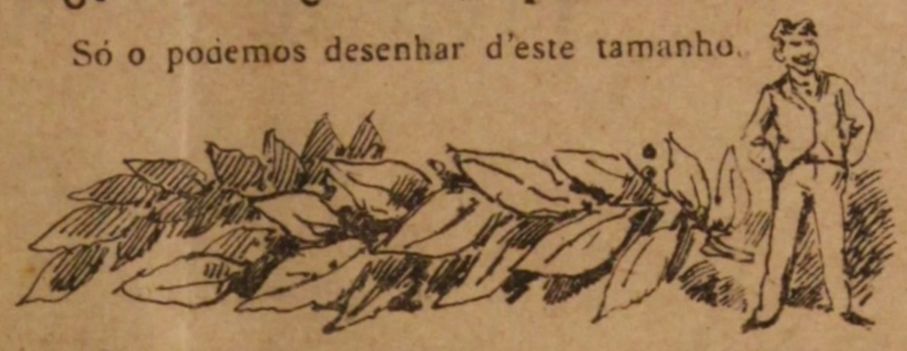


Zé Povinho para ler esse kilometrico programma de moral, de economia e de patriotismo para uso das instituições que felizmente nos regem, tem de trepar á escada Fernandes. E depois de o ler, exclama:

--Ora... ora... Ligorios... farelorios... cebolorios!...

Chegou o Tamagno—e de que tamanho!...

Só o podemos desenhar d'este tamanho.



porque fazer o Tamagno do tamanho da estatura do Tamagno, seria do tamanho da Avenida. A ovação ao Tamagno vae ser tamanha como a sua voz, e sentimos não poder registrar tamanho artista, senão d'este tamanho...

Mas se o Tamagno não ficar contente com o tamanho em que desenhamos o Tamagno, que elle peça ao sr. Antonio Du

que o ponha por escripto n'um artigo e ficará Tamagno do tamanho natural...

Policia.—E vossoria está habilitado para saltar?
--Pois então não vio?...
—Não digo isso. Tem documentos?...
—Ora essa... Tenho as pernas!

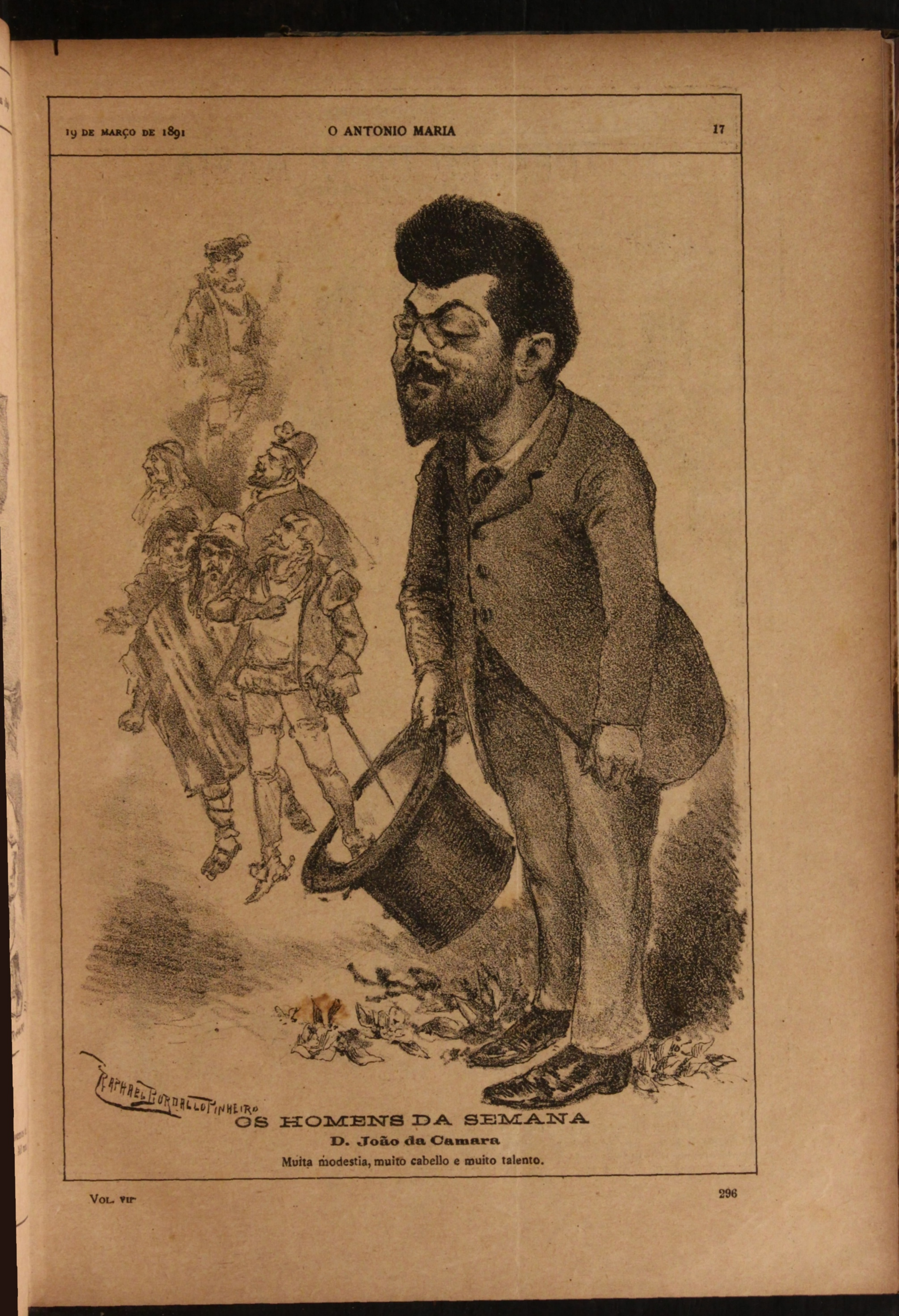
Policia.—Vossoria não m'entende! Para saltar são precisos pergaminhos!
—Pois olhe! Tenho tantos e tão bolorentos, que até posso saltar a pés juntos!...

Projecto de lei Eduardo d'Abreu

OU AS ECONOMIAS POR UM OCULO

Choro das BARRIGAS.—Ai! meu rico senhorsinho! Tenha dó das pobres Barriguinhas! Como havemos de fazer a Avenida e ouvir o Tamagno?... Não toque no nosso baguinho, que nada nos custa a ganhar... Ai! meu rico senhorsinho! Não bula nos generaes, para que as revoltas só sejam de sargentos!...

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lithographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Imprensa Minerva—12 Travessa da Espera, 14



OS HOMENS DA SEMANA

D. João da Camara

Muita modestia, muito cabello e muito talento.

THEATRO DE D. MARIA

O «ALCACER-KIBIR»

Consignando o grande exito do bello drama de D. João da Camara, faltariamos ao mais agradavel dos deveres se aqui não deixassemos archivados alguns perfis dos seus personagens que encontraram uma superior interpretação nos artistas do theatro de D. Maria.

QUER-NOS parecer que o melhor que o *Extra-partidarismo* tem a fazer, é nunca mais tornar a abrir o parlamento, se é que o *Extra-partidarismo* quer gosar ainda por algum tempo das delicias da dictadura e das ineffaveis satisfações do poder.

Por muitos motivos, sendo o principal, quanto a nós, que a rhetorica parlamentar é uma das causas das poucas idéas que florescem n'este abençoado paiz; e sendo o principal, quanto ao governo, que elle ouve cousas que desprestigiam uma dictadura.

Uma dictadura é ou não é o *posso, quero e mando* dos governos, absolutos; enxertado cuidadosamente na carta constitucional?... E'.

Ora desde o momento que é esse *posso*, esse *quero* e esse *mando*—não podemos comprehender, nem para que é que se abre o parlamento, nem para que é que um governo se expõe ás criticas do sr. Eduardo d'Abreu, ás flagellações do sr. Manuel d'Arriaga, e ao terramoto rhetorico do sr. Manuel d'Assumpção...

* * *

A não ser que o governo de Sua Magestade esteja disposto a divertir-se á custa da representação nacional—para o que eu me inclino de boa mente e de não menos boa vontade.

Effectivamente, só como desfastio e intermedio comico-politico se comprehende a abertura das Camaras.

Estão abertas para os pares e deputados fallarem ácerca d'um contracto que não leram; estão abertas para elles approvarem um contracto cujas condições totalmente ignoram; estão abertas unica e simplesmente para acharem vantajoso para o paiz um negocio que todo o paiz considera detestavel...

E surgem os capitães-móres da maioria e da minoria, desde o mavioso rouxinol que no mundo dos tenores parlamentares dá pelo nome de Pinheiro Chagas, até ao estridulo barytono sr. Emygdio Navarro, para affirmarem á camara e ao paiz que o negocio é detestavel, mas que na *presente conjunctura* se não pode arranjar cousa melhor.

* * *

E todos os euphemismos parlamentares, o que é soberanamente adoravel é a *presente conjunctura*. Porque, de todas as vezes que este paiz é levado pelos partidos politicos dominantes a todas as capitulações financeiras e diplomaticas, ha sempre quem, em nome d'esses partidos, venha, como os contra-regras á bocca da scena, para declarar—á camara e ao paiz—que na *presente conjunctura* se não pode arranjar nada melhor... senão capitular!

Sómente os contra-regras dos theatros quando vêm ao proscenio pedir desculpa ao publico pelos fiascos praticados, são recebidos á pateada...

Emquanto que em S. Bento, se o publico ousasse manifestar o seu descontentamento pelos auctores—o menos que lhe acontecia era ser posto fóra das tribunas á pranchada.

E' aguentar e calar!

* * *

QUANDO um individuo dá provas abundantes da sua incompetencia, é demittido do seu lugar.

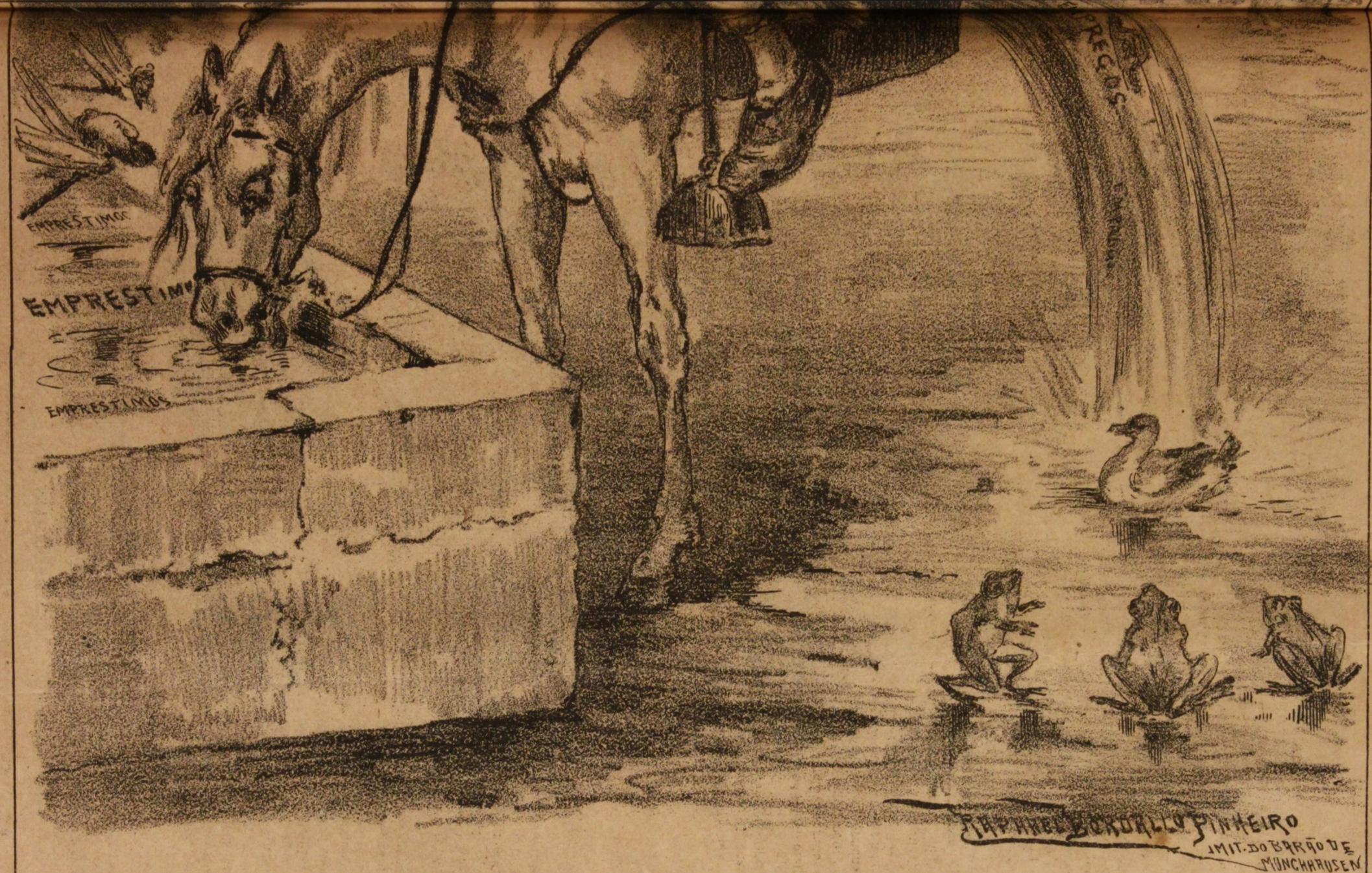
Quando um individuo, arrastado pelos peccados do mundo, procura por todos os meios ao seu alcance arruinar-se a si, á mulher e aos filhos,—immediatamente se lhe impõe um conselho de familia.

Quando um individuo acaba de fallir, não é costume confiar-se-lhe a gerencia d'uma nova casa de commercio.

Ora como é que se explica que os partidos politicos, que nos levaram ao lindo estado de miseria e humilhação a que chegámos; que nos deram as mais inequivocas provas de incompetencia politica, de loucura financeira e diplomtica—continuem ainda a governar-nos, a dirigir-nos... e a arruinar-nos?...

Graças aos governos que se teem succedido no poder—Portugal vê-se obrigado a abrir fallencia financeira e diplomatica. Pois apesar de semelhante desastre, continuam a ser os mesmos, os corpos gerentes d'este grande estabelecimento que se chama o Estado.

Pois que o *Extra-partidarismo* não passa d'uma gerencia transitoria, d'uma paragem de cinco minutos no entrocamento das Dôres de Barriga, para depois novamente descarrilarmos na estação *regeneradora* ou na estação *progressista*...



Um dia que o aventuroso barão de Munchausen dava de beber á alimaria, vio com assombro que a besta era insaciavel, porque a agua corria toda por detraz a proporção que entrava por diante... Com o cavallo de Zé Povinho succede exactamente o mesmo. O que o bruto absorve por diante em emprestimos — logo se lhe esvae por detraz em empregos... E asssim foi e assim é, e assim será... *per omnia secula, seculorum... Amen!*

CAVALLO D'ESTADO... INSACIAVEL

* * *

AQUI para o futuro, *extra-partidarismo* quererá dizer: verificação de obito--ou auto d'uma asneira, aliás prevista, mas que tinha fatalmente de se consummar—e que se consummou!

Hoje o *extra-partidarismo* servio para affirmar ao paiz que effectivamente se foi pelos ares o rendimento dos tabacos.

A'manhã, que pelos ares tambem foi o nosso dominio colonial.

Depois, que pelos ares tambem foram os caminhos de ferro do Estado.

E depois de ter ido pelos ares tudo quanto constituia rendimento d'alguma importancia; quando já não houver mais vintem nas arcas do thesouro; quando Portugal estiver hypothecado a todos os banqueiros de Paris e de Berlim, quando já não houver mais nada para empenhar, nem mais colonias para cultivar, de novo apparecerão no proscenio de S. Bento os dois contraregras do theatro, para declararem o seguinte:

—«Sr. Presidente. Cumprimos o doloroso dever de dizer á camara e ao paiz que, na *presente conjunctura*, só nos resta fazer uma cousa... pedir esmolla!»

* * *

esse dia não pode estar muito longe, attendendo a que os encargos augmentam despropositadamente. E quando um deputado, como o sr. Eduardo d'Abreu, ousa apresentar um projecto de diminuição de despezas, se logo o não enforcaram, é pela simples razão de que não ha uma fôrca no largo das côrtes.

Este sr. Eduardo d'Abreu é positivamente um scelerado! Ter a ousadia de apresentar um tal projecto, n'um paiz onde as receitas do Estado attingem 40 mil contos e as despezas 45 mil; n'um paiz onde por anno se gastam mais 5 mil contos do que é permittido gastar!...

E ainda por cima queria que o nefando projecto fosse publicado nas sagradas columnas do *Diario do Governo!*

Ha muito que se não vê da parte d'um representante do povo, semelhante acto de loucura ou de insensatez.

Nem eu sei como a camara não resolveu expulsal-o do seio da representação nacional.

Esse homem não é um deputado—é um facciosa!...

QUIDAM.

A exposição do «GREMIO ARTISTICO»

Cumprimos o doloroso dever de confessar em publico e razo, que o nosso lapis não é bastante grave para poder reproduzir algumas das telas de subido valor que ali se encontram.

Atacados d'uma cruel irreverencia que nos corroe a alma todas as quintas feiras, vemo-nos forçados a só offerecer aos nossos leitores a reproducção comica d'alguns quadros que do fundo do coração reputamos como excessivamente sérios.

Que os seus auctores não levem a mal estes *croquis* de quem tem por divisa: antes rir, que lagrimas chorar.

N.º 26. (Condeixa).

O infante D. Henrique, bordando ao bastidor.

N.º 34. (Escolá).

«*A bella espanhola dos dedos em fogo*».

E' um gracioso reclame ao Petroleo-Agua.

N.º 42 (Freire).

A Rosita. Com certeza leva o seu grãosinho na aza. Vae aos bordos...

N.º 92 (Mello)

O que veria o «*rapaz bretão*» para ficar assim tão assarapantado?

N.º 35 —(Escolá)

Ecce homo. E' um senhor da canna verde, com muito lume no olho.

N.º 37 —(Escolá).

Outomno. Oh! menina Outomno, tenha mais moderação nos seus gestos! Tão bonita e tão brejeira!?!?

N.º 7.º (Baeta).

A «Sancha» do *Alcacer-Kibir*, quando era nova e nos dias em que se penteava.

N.º 69. (Malhôa).

Sempre ha coincidencias!!!

N.º 236. (Delfim).

Guerrilheiro alemtejano»

Não é tal, é uma calumnia. E' o Pedro da guarda municipal a dar-se ares de José do Telhado.

NABOS EM SACCOS

Por conta do seu patrão
—Fidalgote da Arrentella—
Contratára um hortelão
De nabos farta porção
P'ra o tempero da panella.

E, talvez porque temesse
Do patrão ralhos futuros,
Instou p'ra que elle viesse
Ver os nabos e dissesse
Se os nabos 'stavam maduros.

—Se não se fia em meus gabos
(Disse elle, pensando bem)
Vá você, *com mil diabos*,
Em pessoa, ver os nabos
E dizer se lhe convêm!

Convocado d'este lote
P'ra dar apreço á fazenda,
Foi-se o bom do fidalgote,
N'um jumento, a meio trote,
Ver os taes nabos á venda.

Após canceira que até
Lhe poz n'um lago os sovacos,
Dos nabos chegando ao pé,
Nem d'elles poude dar fé
— Pois 'stavam todos em saccos!

Dando largas á loquella
—No que foi sempre um pimpão—
N'uma arenga toda bella
O fidalgo d'Arrentella
Disse p'ra o seu hortelão:

—A servir-me vaes ao cabo,
E a trabalhar te desunhas!
Mas como quer's — co'o diabo! —
Que eu possa apalpar um nabo,
Sem ter o nabo nas unhas?!

Se quer's que os nabos eu veja,
Os saccos desenchouriça;
Pois tenho rasão sobeja
P'ra suspeitar que isso seja
Em vez de nabo, nabiça!

O hortelão, crespo o sobrolho,
Respondeu, de mão na ilharga:
—Se quer nabos, não no tolho,
Hade compral-os a olho
...E é questão de pega, ou larga...

E o fidalgo, que gemia
De fome, como um rafeiro,
Comprou nabos—que não via—
Sem saber se lhe impingia
Cuspo... por banha de cheiro!...

. . . . . .

Agora, os leitor's dirão,
Desde a Ajuda a Lavarrabos,
Se, com fundada rasão,
Do emprestimo a *discussão*
Não lembra a compra dos nabos...

PAN-TARANTULA

OS HOMENS DA SEMANA

O tenor Tamagno

Tamanho *Othelo* não ha como Tamagno.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lithographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

BARÃO DO ALTO MEARIM

A imprensa diaria acaba de saudar com palavras reveladoras de grande sympathia, a chegada a Lisboa do barão do Alto Mearim. O *Antonio Maria* cumpre o agradabilissimo dever de tornar conhecida do publico a physionomia d'este illustre compatriota, que tem sabido, pelo seu caracter e pela sua intelligencia, conquistar a estima e o respeito do paiz que o vio nascer e do Brazil que é sua patria adoptiva.

Nós, seus amigos de ha muitos annos, sentimos verdodeiro orgulho em apresentar aos leitores o retrato de quem é o mais bello exemplo do que pode a actividade e a intelligencia dos portuguezos, fóra d'este meio e d'esta politiquice chronica em que nos debatemos e nos afundamos cada vez mais...

Em Portugal ha sempre aberto em permanencia um templo do escandalo. Quando não é S. Bento, é S. Carlos; quando não é S. Carlos, é a praça dos toiros; quando não é a praça dos toiros, é a praça da Figueira.

Quatro praças distinctas — e um só chinfrim verdadeiro!

Em Portugal ha sempre alguma coisa para partir, em nome d'uma ideia, d'um principio, d'um partido, ou d'uma quadrilha:—ou sejam carteiras em S. Bento, ou cadeiras em S. Carlos, ou trincheiras nas praças dos toiros.

Donde o estrangeiro prespicaz e observador conclue, sem grande esforço de mioleira, que Portugal é um paiz do occidente europeu com uma população de cinco milhões de habitantes, precisando para bem do Estado, e socego da Europa, d'uma importação mensal de cinco milhões de colletes de força...

* * *

Todas estas reflexões, mais proprias do sr. dr. Craveiro Lopes—director d'um estabelecimento que poderia ser apontado a S. Bento e a S. Carlos, como modelo de ordem e bom senso da parte dos seus pensionistas—todas estas reflexões mais proprias da penna d'um alienista do que da penna d'um plumitivo, me são suggeridas pelas surprezas que ao exame da critica—este tribunal augusto—todas as noites offerece a plateia de S. Carlos.

Já o disse Voltaire e eu não cessarei de o repetir:—«Se não houvesse S. Carlos seria preciso invental-o!...»—Porque S. Carlos não é só o vulgar theatro d'Opera que nós conhecemos desde o berço—S. Carlos é o thermometro e o barometro que marcam as variações da critica e do bom gosto, n'esta cidade que nunca teve a coragem de ser de marmore nem de granito, apesar de todas as provocações de Alexandre Herculano.

*

* *

O lisboeta, além de ser natural de Lisboa, é profundamente irascivel—irascivel nas palmas, como irascivel na pateada.

Diante d'um cantor de S. Carlos, sentado n'uma cadeira de S. Carlos, o lisboeta ha de fatalmente pôr-se em actividade, mostrar a sua actividade. Nós somos a capital mais activa da Europa!

Não se calcula a força motriz e gratuita que perde a nossa industria, por falta de engenheiros que saibam transmittir ás officinas a força qee se consome dentro do theatro lyrico, n'esta dupla funcção de rasgar luvas e arrebentar botas.

Ao *extra-partidarismo* do sr. Thomaz Ribeiro compete convidar o Thomaz americano, isto é: o Alva Edison dos Estados-Unidos, para estudar o phenomeno.

Na sua ultima viagem á Europa, durante a travessia de Nova-York para o Havre, o celebre inventor passou dias e dias a meditar no aproveitamento da força das ondas em beneficio da industria humana.

Calcule agora o leitor no aproveitamento da força que emprega o grupo capitaneado pelo sr. Antonio Duarte para applaudir os maus cantores; e na que emprega o grupo do sr. José Saragga para patear os que não sendo positivamente bons, tambem não são absolutamente maus!...

*

* *

Eu convido os 7:500 amadores photographicos do Mindello e de Lisboa a assestarem as suas objectivas sobre estes dois chefes dos dois grandes partidos *san-carlenses*—depois d'uma representação dos *Huguenottes*.

E' preciso que a Posteridade possa contemplar estes dois exemplares do facciosismo lyrico no ultimo quartel do seculo XIX.

Na historia da musica conta-se como um exaggero sem precedentes, a historia d'um rico leque de tartaruga, que a princeza de Metternich quebrou contra o parapeito da antiga Opera de Paris, n'uma noite em que ali foi assobiada a primeira composição do seu querido Wagner—então no começo da sua carreira.

O' tempora! O' leques!...

Na segunda feira passada, emquanto pela porta dos impares, sahia triumphante o sr. Antonio Duarte, com as luvas rasgadas e as mãos em sangue;—pela porta dos pares, sahia não menos triumphante o sr. José Saragga, com as botas arrebentadas e todo elle a escorrer em suor.

E os dois luctadores, se não foram levados em triumpho, coroados de louro e á luz de fogos de Bengala—foi por muitas razões que não podemos enumerar, attendendo a que estas columnas não dispõem da extenção kilometrica do *Jornal do Commercio*.

*

* *

ONSTA-NOS á ultima hora que se organisa uma grande commissão de defeza lyrica, para abrir uma subscripção nacional com o fim de offerecer ao sr. Saragga—um par de botas de honra, tendo gravadas nas solas estas palavras:

Aos grandes pés a patria reconhecida.

Surgem, porém, duvidas curiosas, a saber:

Se o sr. Saragga deve calçar estas botas em noite de primeira representação; ou se as deve trazer a tiracolo; ou se as deve trazer ao pescoço, em fórma de collar.

Tenciona-se consultar sobre o caso o conselho da ordem do Tosão d'Oiro...

QUIDAM.

Mascarada da serração da velha

Conheces-me?
Ora, pudera—és a *vida velha*.

PATRIOTISMO

Servir de Portugal a nação e a corôa,
E depois perfumar-se de Congo encantado,
Sabão que a fama traz de Pariz a Lisboa.
E' a mais feliz sorte de um bravo soldado.

Um official ao saboeiro francez Victor Vaissier.

A Procissão do triumpho

E Abrahão conduzia ao sacrificio o seu dilecto Isaac, que á hora que o nosso jornal entra-partidarios para suster o terrivel alfange *biscainho*, fazendo apparecer ao longe o carneiro com batatas d

Nota.— Vemos com prazer que as antigas commemorações biblicas, que desappareceram ha extra-patidaria que nos vae n'alma.

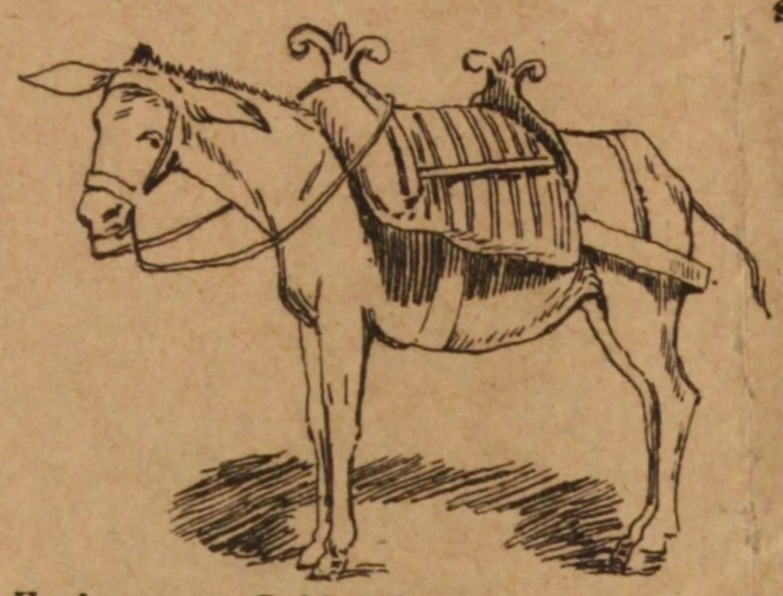
O Sacrificio de Abrahão

achina já estaria feito em postas, se o Senhor não tivesse expedido em grande velocidade dois anjos ex-
ordia.
das procissões da rua, agora surgem na imprensa politica. Não deixaremos de as registar com a satisfação

Exposição do GREMIO ARTISTICO

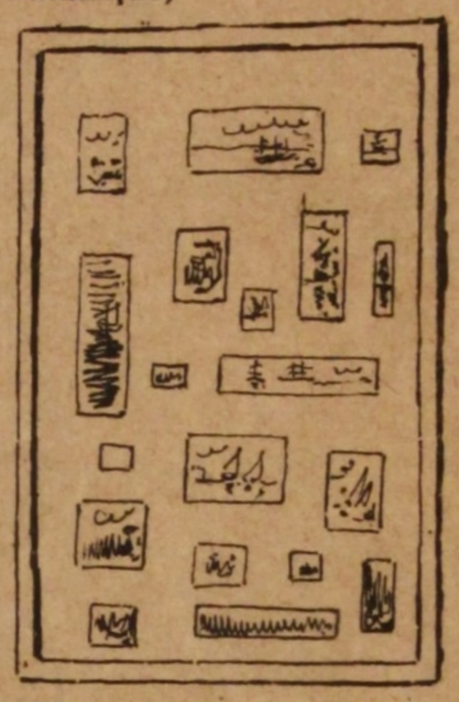
Salão comico

(Continuação)



Um burro *por S. M. a Rainha.*

Pareceu-nos conhecer o burro e a albarda. Respeitosamente observamos a S. M. que não são permittidas as allusões politicas.



Missanguinhas, de S. M. El rei.

N.º 196. *(Ramalho).*

«La belle au bois dormant»... accordada.

N.º 2.—*Rosas. (Visconde d'Athouguia)*

Achamos muito *catita* a ideia de bilhetes de visita pintados a oleo.

Oh! sr. Visconde, quanto custa o cento?

N.º 110. *Alverca. (Queiroz).*

Dentro d'uma casca de nóz, em cima d'um espelho, um philosopho ribatejano, medita sobre o nada das grandezas humanas.

N.º 50. *Preliminares (Greno).*

Um cabo a fazer pé de alferes. Continua a indisciplina a lavrar no nosso exercito!

Resultado provavel estes preliminares: Muitos soldadinhos p'ra patria.

N.º 11. *Cabeça de cavallo. (Barradas).*

Estudo para o seu proximo quadro historico que será de grandes dimensões, terá por titulo: A «Entrada de D. Carlos em Barcellona» e é a continua da «Entrada dos Hespanhoes no alcaçar de Sevilha.

N.º 174. *Chemin de Redon (Verde)*

A herculea bretã de Malestroit fazendo equilibrios n'um vitello em pello e suspendendo nos braços um boi e uma vacca. Aconselhamos este prodigio ao sr. Santos Junior do Colyseu.

N.º 188.—(Gameiro).

Só um pae desnaturado era capaz de torcer assim o narizinho á menina!

N.º 109. *Pastor do alto Alemtejo.*

Parecia-nos melhor substituir o titulo, por este outro:

«Altissimo pastor de baixissimas ovelhas».

N.º 94. *No campo (Mello).*

Joven bretã desconsoladissima por não ter ali á mão um cordelinho para puchar pela vaquinha comprada no Benard, do Chiado.

N.º 246. *Ophelia (Lobo d'Avila).*

Ophelia nadando d'agulha, com grande espanto das arvores da margem, que desde Orpheu, se não mechiam.

THEATRO DA AVENIDA «O DIREITO FEUDAL»

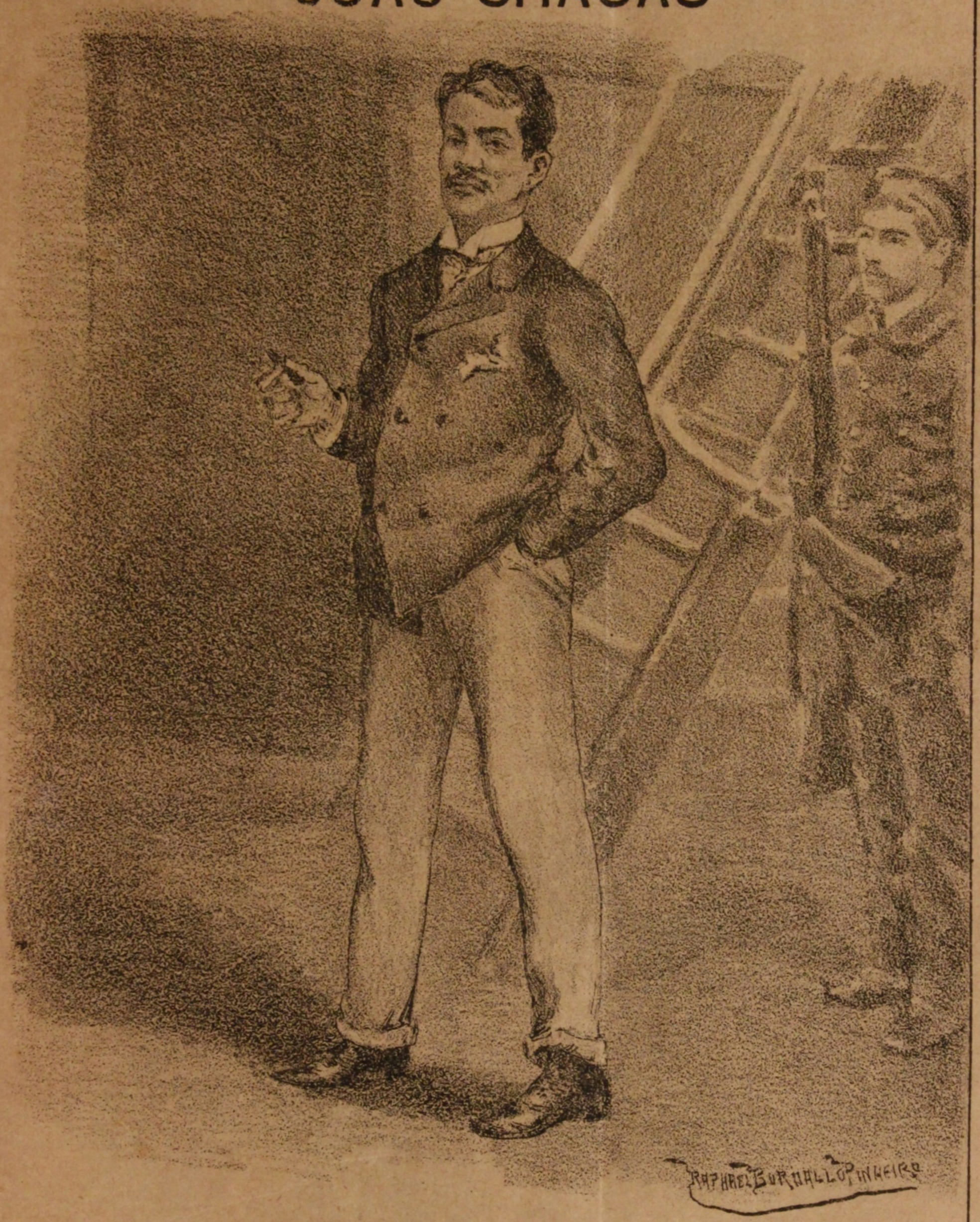
Se a imagem não andasse por ahi aos tombos, gasta e esfrangalhada, diriamos agora que a batuta de Cyriaco Cardoso foi a varinha magica que n'um abrir e fechar d'olhos fez da *Avenida* um bello theatro de opereta, com excellentes cantoras, excellentes córos e excellente orchestra. Mas não dizemos... porque a imagem anda por ahi aos tombos, gasta e esfrangalhada. Tambem muito teriamos que dizer do modo brilhante como Cinira e Lucinda cantam o *Direito feudal*. Mas não dizemos porque preferimos ir ouvil-as e applaudil-as.

FREI LUIZ DE SOUZA

Na ultima semana cantou-se em S. Carlos uma opera d'um *compositor portuguez!* Talvez pareça falsa esta noticia... Pois não é! Ainda ha quem use talento e saber na producção d'uma obra d'arte nacional, quando se sabe antecipadamente que, se não fôr desprezada pelo publico, ha de ser pelo menos victima dos desdens da critica. Resta a Freitas Gazul a suprema consolação de que os conhecedores de boa musica e os verdadeiros artistas applaudiram sinceramente essa opera, onde se revelam qualidades excepcionaes de talento e de sciencia musical.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lithographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

JOÃO CHAGAS



Les temps sont durs; c'est bien. Le martyre console
J'admire, ô vérité, plus que toute auréole,
Plus que le nimbe ardent des saints en oraison,
Plus que les trônes d'or devant qui tout s'efface,
L'ombre que font sur ta face
Les barreaux d'une prison !...

(Les Chatiments)

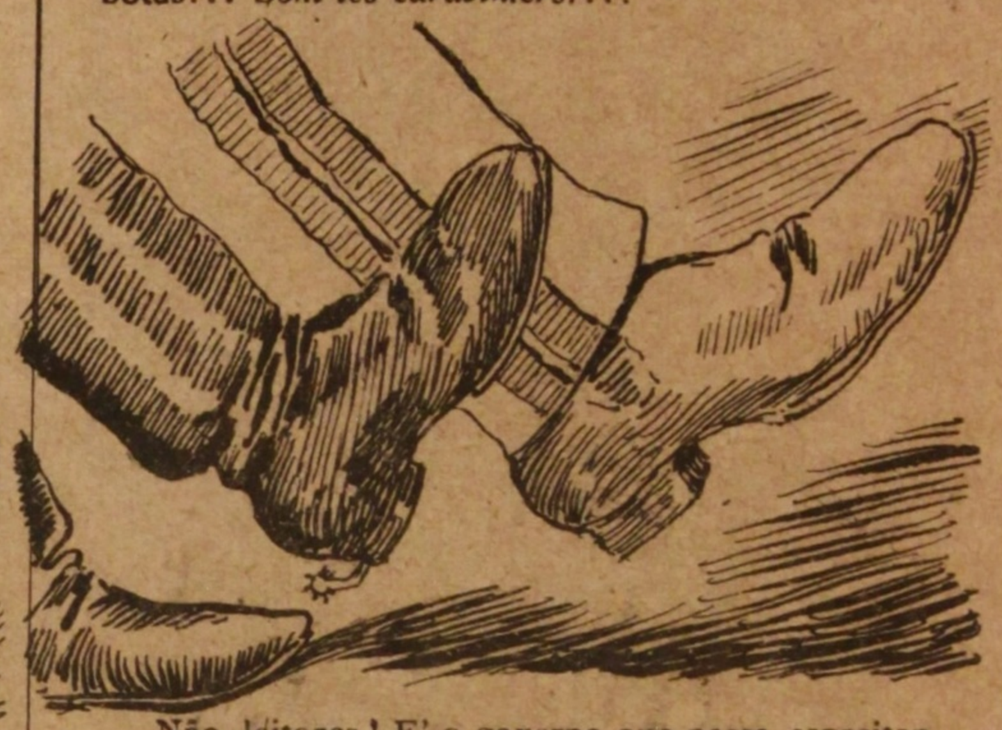
VICTOR HUGO

LÉO DA FONSECA

O *Antonio Maria* saúda o amigo e o distincto collega, hoje redactor-gerente do *Paiz* do Rio de Janeiro, no momento em que volta á patria donde estava affastado havia tantos annos. Como elle a hade encontrar mudada!... Nem sequer ousamos explicar a Léo da Fonseca, o que é o *extra-partidarismo* e o que são os *nephelibatas*. Nem elle mesmo ouse perceber. Porque, nem se explica, nem se comprehende, nem mesmo se advinha. O melhor, amigo, é bebermos à saude do que este paiz ainda pode ser!...

3 HORAS

Quando alta noite os sinos badalam 3 horas e o mocho pia na marmorea cruz, sente-se nos quarteis de Lisboa um vago ruido de botas... de botas... de botas... *Sont les carabiniers?*...



Não, leitores! E' o governo que passa, espreitando as casernas, farejando as tarimbas indagando se as espingardas estão em lugar seguro.

Porque o melhor dos governos possiveis e imaginaveis está hoje convencido do que só se fazem revoluções ás 3 horas da madrugada.

Todas as rondas e todas as prevenções são sempre para ás 3 horas. Cuidados, afflicções, dores de barriga e o resto—ás 3 horas!

E' por isso que ás 3 horas, quando o vento geme no teral cypreste e o mocho pia na marmorea cruz,

se ouve um ruido de botas... de botas... de botas, e se vê um governo, de mãos na barriga... barriga... barriga... a correr para a casinha... perdão,

para a caserna, verificar se a soldadesca dorme o somno dos fieis—ás instituições que felizmente nos regem.

s jornaes da opposição na sua odiosa propaganda contra o melhor dos governos possiveis, que nos deve a novidade de dois mezes de suspensão de garantias, e mais os conselhos de guerra, e mais o vantajoso emprestimo que todos conhecem —os jornaes da opposição andam agora barafustando contra as reformas que o governo quer introduzir no municipio de Lisboa.

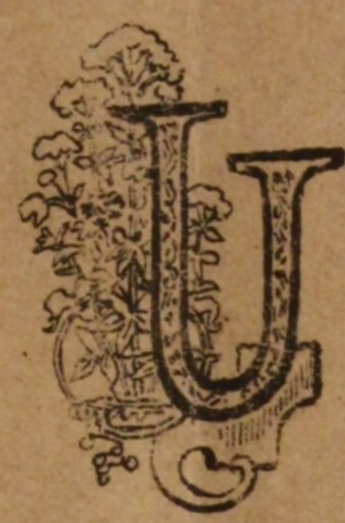
Eu nem sei como o melhor dos governos possiveis ainda consente que se publiquem jornaes de opinião contraria. E só por uma tolerancia cujo alcance me sinto incapaz de attingir, é que não supprime todos os jornaes de Lisboa, á excepção do *Antonio Maria*, e do ciborio da sua ideia, mais vulgarmente conhecido pelo nome de *Lisbonense*.

Cá do fundo do meu Desterro.
Do meu miasmatico paul

como diz o nosso Eugenio de Castro, o que eu aconselho ao melhor e mais nephelibata dos governos, é que dê cabo da imprensa.

Desde o momento que os jornalistas não querem comprehender que a penna foi dada ao homem para fazer o elogio de todos os governos—eu mandava todos para a costa d'Africa, na companhia de João Chagas, guardando apenas como exemplar da classe e como curiosidade de museu—o sr. Sergio de Castro.

* * *



Um governo precisa defender-se dos seus adversarios Para isso só ha um meio—é supprimil-os. Ou por meio do desterro, ou por meio da prisão, ou por meio das multas.

Eu sou pelo desterro—collocar entre mim e o meu adversario a distancia que ha de Lisboa a Loanda. Mas tambem não achava mau e muito productivo para o Estado, a multa implacavel... já que a fôrca passou ao arsenal das coisas inuteis.

Imprimia um jornal a palavra Republica—cem mil reis de multa!

Fallava em Democracia, nos Immortaes principios, nos Direitos do homem—50:000 réis de multa.

Procurava exemplos de bom governo nos paizes republicanos—200:000 réis de multa. E assim por diante!

Com um regimen assim, obtinham-se os mais excellentes resultados. Porque, ou se consolidava a divida com o producto das multas, ou só escreveriam sobre politica os millionarios cá da terra.

E os verdadeiros jornalistas fariam então o que ha muito já deviam ter feito—emigrar d'este paiz, para não causar embaraços ao governo.

* * *

Quanto á reforma dos serviços municipaes, quer-nos parecer que o governo não deve parar na instrucção e mais na hygiene—e deve tambem entrar pelos serviços de limpeza e de illuminação, transferindo-os para as secretarias do Terreiro do Paço.

Para esse fim—e principalmente para a limpeza da cidade—seriam os 100:000 amannuenses ás ordens do governo, transformados em 100:000 escrivães da *penna grande*.

O ESTADO DO PAIZ

POR UM FIO!...

FINANZAS
INGLATERRA

Lá dizem os francezes *qu' il n'y a pas de sot metier*. E assim, os 100:000 inuteis da pena d'aço, passariam a ser com regosijo manifesto da capital, os 100:000 funccionarios da penna grande.

Tudo burocracia.

Quanto aos srs. directores geraes ser-lhes-hiam confiadas as vassouras mechanicas—por ser posição mais elevada. E do alto d'esses cylindros, os srs. directores geraes continuariam a exercer a sua vigilancia sobre o mundo dos seus subordinados.

* *

Gazeta de Portugal deu-nos a noticia de que ha um regimento em Lisboa onde todas as noutes se põem em lugar seguro as espingardas. Isto para que os soldados se não sirvam d'ellas para outros fins.

A explicação deixa-nos mergulhado na mais cruel anciedade, tanto mais que desde a mais tenra infancia tivémos sempre uma notavel negação para advinhar charadas.

Que outros fins?... Parece-me que o fim d'uma espingarda é dar tiros. E que ainda até hoje ninguem se lembrou de fazer salada de espingardas, ou cabidela de espingardas, ou espingardas com môlho de manteiga.

Em todo o caso, como os recursos da phantasia humana são insondaveis, passamos a achar prudente que á noite se escondam as armas, para os soldados não abusarem d'ellas para outros fins.

E se os soldados tentassem violal-as, o melhor seria mandar cortar a todos as duas mãos.

Só um exercito de manetas seria incapaz de se revoltar

QUIDAM.

A PORTUGUEZA

Engraçada, elegante, amavel, 'spirituosa,
A gentil portugueza é deveras formosa,
Mormente quando exhala de si os olores
Do Congo delicado, tam encantadores.

Saboaria Victor Vaissier, Paris.

«Veja-se nos annuncios os Grandes Armazens do Printemps de Paris.»

Theatro do Gymnasio. Educação moderna

COMEDIA ORIGINAL DE GUIOMAR TORRESÃO

NEPHELIBATAS

Desde Alcabideche á Amora,
Toda a gente, n'esta data,
Quer saber agora, agora,
O qu' é qu' é *nephelibata*.

.....

Rico banqueiro
Que de dinheiro
No migalheiro
Tem grossa data,
E aos que o não tem
Nega um vintem,
Não será—nein?—
Nephelibata?

Rei reinadio
Que haja feitio
P'ra andar a fio
Na bambochata,
Em tal lundum
Sem pejo algum
Não será um
Nephelibata?

REI DA MADUREZA

Pantomineiro,
Que o voto inteiro
Vende o carneiro
Vinho e batata,
E depois chia
Co'a monarchia,
Não denuncia
Nephelibata?

Um povo exangue,
Com quem se mangue,
Que em vez de sangue
Só tenha orchata,
Com rima em *oprio*
Seria improprio
Chamar-lhe o proprio
Nephelibata?

Governo em p'rigo,
Que ao inimigo
Faz, muito amigo,
Bichinha gata,
E, mal se estriba,
Faz uma figa,
Não será—diga!—
Nephelibata?

Paiz que deixa
—E não se queixa—
Sem que se mexa,
Ir á arreata,
Ou é gauderio,
Ou anda aéreo
N'outro hemisphério
—*Nephelibata*!

RAPHAEL BORALLO PINHEIRO

.....

Desde Alcabideche á Amora,
Toda a gente, n'esta data,
Saiba agora, agora, agora,
O qu' é qu' é *nephelibata*!

PAN-TARANTULA!

Homens da semana

Eugenio de Castro, primeiro nephelibata d'este paiz

Poz em circulação, com grande exito, o nephelibatismo e concebeu as **Horas** «*longe dos barbaros, cujos inscientes apupos,—al não é de esperar,—não lograrão desvial-o do seu nobre e altivo desdem de nephelibata.*»

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lithographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

Homens da semana

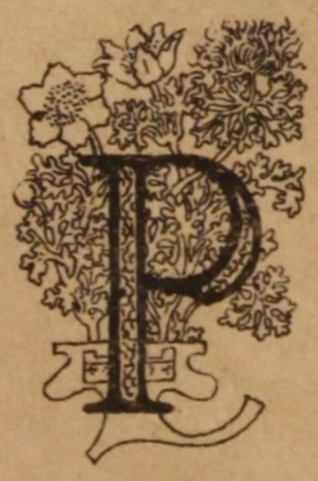
Orpheu nos infernos... dos caminhos de ferro

grande successo theatral da semana é a *reprise* nas columnas do *Diario Illustrado* da comedia em varios actos, original dos srs. Victorien Sardou e Lopo Vaz de Sampaio e Mello—*Por causa d'uma carta.*

O 1.º acto representa um feroz estadista, fabricando aos 14 de junho de 1884 a reforma do codigo penal—engenhoso trabalho em ferro, com pontas aguçadas, algemas, mordaças e mais instrumentos de supplicio, que a partir d'esse anno começou a ser applicado a todos quantos ousavam discordar das doutrinas da Santa Madre Egreja e das opiniões politicas do sr. Sergio de Castro.

Esse feroz estadista, ao apresentar o seu instrumento de supplicio moral e politico, é acclamado victoriosamente por todos os jornalistas monarchicos, e levado em triumpho até ao conselho d'Estado.

Este 1.º acto é d'um grande effeito dramatico, e vimos brotarem lagrimas dos olhos dos verdadeiros amigos do throno e do altar.



PASSAMOS agora ao 2.º acto da comedia *Por causa d'uma carta.*

A scena passa-se em Lisboa, em abril de 1890.

Apparece o velho Portugal, acabrunhado ao peso da injuria e da affronta que acaba de receber d'uma velha egoista e beberrona, chamada Inglaterra, que n'um assomo de alcool lhe manda pelo telegrapho um *ultimatum.*

O paiz inteiro clama vingança, e a imprensa, tendo á frente o denodado jornalista sr. Antonio Ennes, pede em altos clamores ao governo que appelle para as potencias, invocando o artigo XII da Acta de Berlim.

O sr. Antonio Ennes é acclamado pela multidão, e os seus artigos do *Dia* são lidos com surdina na orchestra.

N'este momento, surge ao fundo o sempre feroz e implacavel estadista sr. Lopo Vaz, e n'um movimento tragico digno de Mounet Sully no *Ruy-Blas*, exclamando:

Bon apetit, Messieurs!...

O sr. Lopo Vaz, não menos solemne, não menos implacavel, exclama:

—*Seus marotos!... Eu já os arranjo!...*

E tirando de dentro d'uma pasta encarnada—a que por euphemismo se chama a pasta da Justiça—um caderno de papel almaço, manda affixar nas esquinas uma nova postura contra a liberdade d'imprensa.

Indignação dos chamados liberaes. O sr. Antonio Ennes reclama para si o cognome de *herva damninha*, n'um monologo que ficará celebre emquanto houver theatro portuguez, desafiando ao mesmo tempo as coleras do Ferrabraz.

Chora a um canto a Liberdade. A Europa olha para a scena com certo espanto. Silencio absoluto em todos os assistentes.

O feroz estadista, triumphante, faz passaginhas com a sua lei das rolhas. Ao fundo apparece o espectro do Limoeiro. Todos se calam transidos de terror. E o sr. Emygdio Navarro, avançando para o proscenio, dança o grande passo da imprensa posta a direito, com o regimen da cadeia e multa.

A *herva damninha* protesta. Mas o feroz estadista continúa triumphando, com geral applauso das *Novidades.*

N'este momento a plateia não se conteve, e rompeu n'uma estrondosa salva de palmas.

Teria tambem rompido n'uma estrondosa pateada—se não fosse o espectro do Limoeiro.

* *

3.º acto de *Por causa d'uma carta*. Passa-se entre nuvens, como o prologo do *Mephistofeles* de Boito.

E' noite. Ouve-se fusilaria accesa. O que é?... São os do Porto que se batem...

Ouvem-se gemidos. O que é?... São as victimas dos condemnados.

Ouvem-se vomitos. O que é?... São os conselhos de guerra que enjoam no porto de Leixões.

Ouvem-se imprecações. O que é!... E' a opinião publica que protesta contra a sentença.

Ouve-se um riso. O que é?... E' João Chagas a rir, a rir, a rir, da sua sentença.

E de repente surge entre as nuvens a figura do feroz e implacavel estadista, agarrado ao instrumento de tortura do 1.º acto, a gritar, a gritar:

—«Burros! Não souberam trabalhar com a minha machina. Para aquelle criminoso não se dava a esta roda, mas áquella... Carregava-se na molla n.º 27, e não na molla n.º 38... Perca-se tudo, menos a honra da machina!... Esperem que eu já os arranjo! ..»

E cae o panno no momento em que o publico attinge o maior grau de curiosidade.

*
* *

4.º acto passa-se no remanso de um gabinete amarello. O protogonista da peça, sentado ao seu *bureau ministre*, de cigarro ao canto da bocca—espera pelos acontecimentos.

Momentos annos havia atirado pela janella com uma longa carta em que explicava ao paiz como funccionava a machina de sua invenção—o codigo penal—e qual a molla que devia ser applicada ao João Chagas.

Ouve-se entre bastidores ruido de vozes indignadas.

O feroz estadista sorri.

As vozes indignadas augmentam. São os jornalistas monarchicos que vociferam contra a explicação do funccionamento da machina do supplicio, pelo punho do proprio inventor.

O feroz estadista continua sorrindo.

—A' morte! á morte!—gritam de todos os lados.

—A' morte o traidor! A' morte! á morte!

A porta da esquerda baixa, cede aos empurrões dos jornalistas indignados. A onda precipita-se para dentro da scena. A' frente vem o sr. Emygdio Navarro, com o facalhão das *Novidades*, em punho.

E investindo com o feroz estadista Lopo Vaz de Sampaio e Mello, crava-lhe o facalhão no peito, até á guarda.

E o feroz estadista, sempre a sorrir, exclama, imitando o grito do seu velho amigo Cesar:

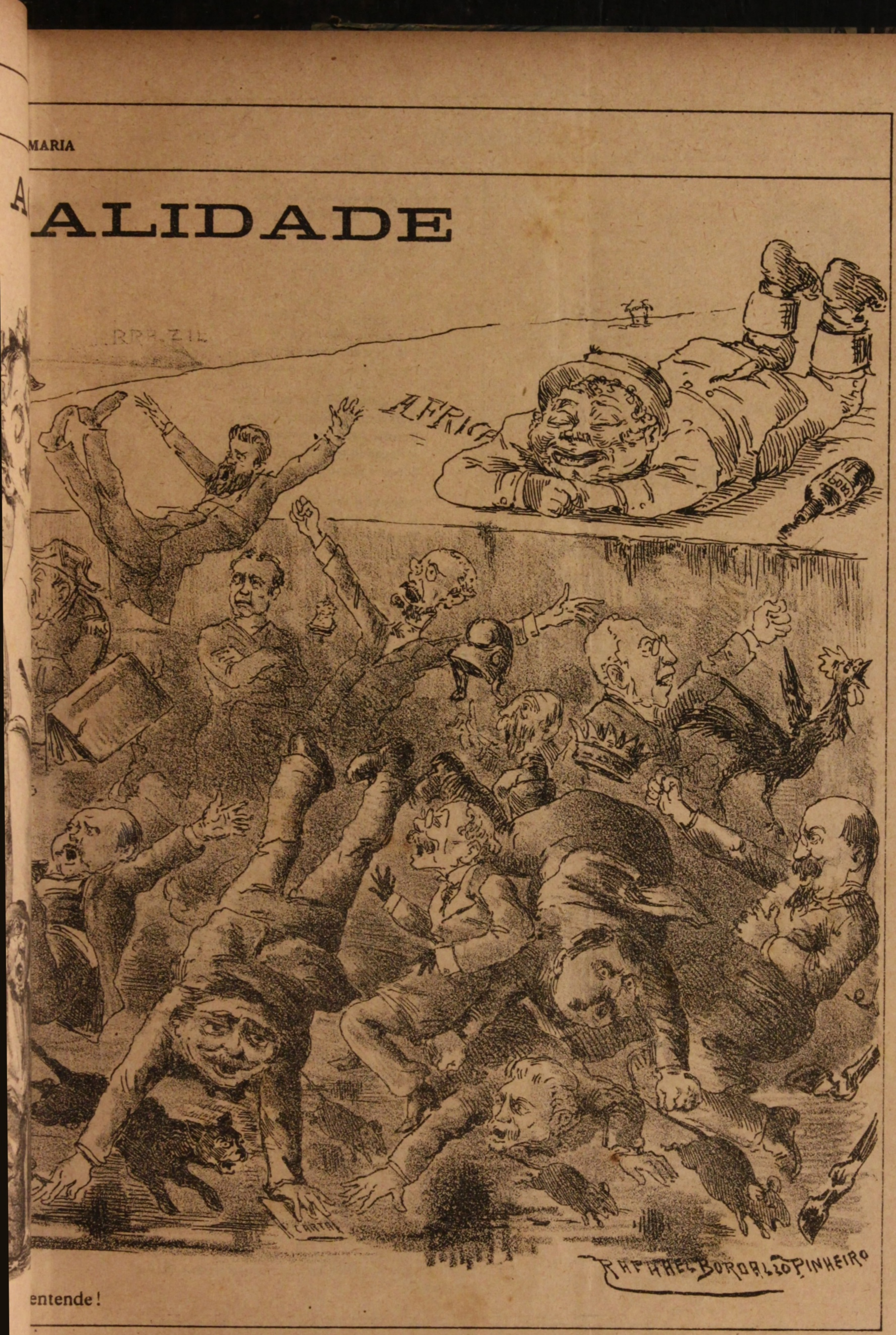
—*Tu quoque, Navarrus!...*

*

NA ACTU

Ninguém

ALIDADE



entende!

* *

ALTA-NOS o espaço para descrever o effeito que uma tal pnrase produzio em todo o publico.

A comedia do sr. Sardou e Lopo Vaz obteve um verdadeiro triumpho. *Por causa d'uma carta* é uma peça que promette larga vida. Os nossos parabens á empreza do theatro *Diario Illustrado*, que não se poupou a despezas para dotar a peça com uma excellente e escrupulosa *mise-en-scene*.

QUIDAM.

NO SALÃO DA TRINDADE

Na 2.ª feira concerto-apertão no salão da Trindade, organisado pela Real Associação dos Amadores de Musica.

Concurrencia das mais selectas, vozes das mais afinadas, e um apertão capaz de esfrangalhar e esborrachar a propria hydra, que por ahi anda á solta.

D'esse concerto trouxemos as mais agradaveis impressões e varias nodoas negras pelo corpo--sem fallar n'uma casaca feita em farrapos.

Musica e encontrões—tudo de primeira ordem!...

DICTADURA

O governo encarregou-se
De gerir a situação
Por suppôr que a coisa fosse,
—Longe até de coisa doce—
Da amargura d'um limão.

Na situação—negra e dira
Qual chorado necrologio—
Só desgostos tinha em mira
—Como um martyr, que se atira
P'ra o cruel martyrologio!

Qu'ria as tristezas da loisa,
Qu'ria o mocho que negreja;
Mas o mocho não lhe poisa
E, no fim de tudo, a coisa,
Vae direita - salvo seja!

Havia a questão ingleza
Que, tendo tão feio exordio,
Precisava, com certeza,
P'ra desatar, mais presteza
De que a questão do nó gordio.

Vae d'ahi, só n'um momento.
O governo, andando activo,
Resolveu tudo a contento,
—Pagando mais mil por cento
Sobre o roubo primitivo...

Rebenta o caso do Porto
A 31 de janeiro:
Monarchistas sem conforto
Viam tudo torto, torto,
Como um chifre de carneiro.

Mas, passado um tudo nada,
Succumbe essa hydra medonha,
E a monarchia é firmada
Qual se ficasse pegada
A grude e pez de Borgonha!

Simultaneamente, dá-se
Ensejo p'ra nova lide:
O erario, livida a face,
Não tinha com que comprasse
Nem cinco réis de pevide.

O governo acode presto
P'ra o livrar de pedir chuvas;
Empenha o tabaco—o resto—
E arranja um juro modesto:
Dez por cento—fóra as luvas!

E aqui está porque o governo
Anda assaz contrariado...
Sempre o fado a sorrir terno...
—Onde qu'ria um negro inferno
Vem-lhe um ceu escancarado!

Co'esta *dita* sobredita
Quem só durezas procura,
E' justo que se permitta
Derejar que a dita *dita*
Se transforme em *dita... dura*...

PAN-TARANTULA.

ETERNA JUVENTUDE

O sabão lá do Congo, virtudes infindas!
Torna os homens mais fortes, as damas mais lindas;
Sua espuma alva e fina a saúde mantém,
E por ella a belleza ás frontes brilhar vem.

O dr. de Watrelos ao saboeiro parisiense Victor Vaissier.

O TERROR

— Ai! Que susto ó mana.

Nota.—Para tranquilidade dos espiritos pedimos a supressão dos candieiros.

OS HOMENS DA SEMANA

A nova figura da Justiça.

Lopus est pintus in casca.

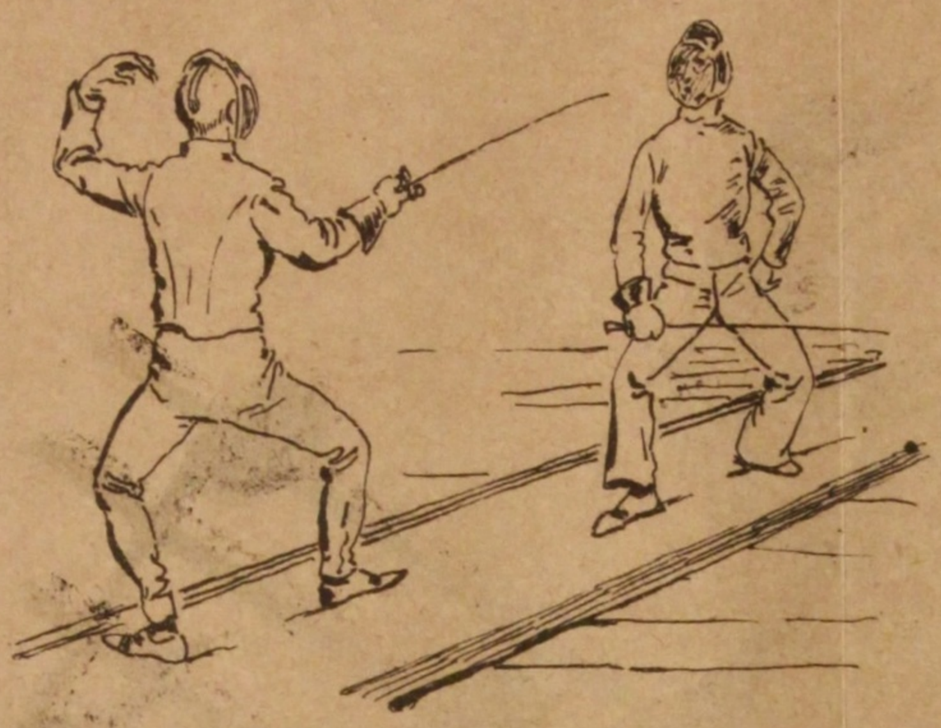
Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

OS HOMENS DA SEMANA

Venham ver! Venham ver! A vera effigie do homem que, d'uma terra educada para o cantochão, faz surgir uma companhia de opereta...

Nota.—Faz hoje beneficio no theatro da Avenida o nosso amigo Cyriaco de Cardoso.

Memoranda



12 d'Abril.

A matinée d'esgrima dada nos salões do *Real Gymnasio—Club Portuguez*, novamente me reporta á impreterivel necessidade que tem a juventude portugueza de restaurar seriamente a sua educação physica, cada vez peor e mais abandonada. Ha dez ou doze dias, estando no Tejo a esquadra allemã, foi ao Martinho um grupo de tripulantes d'ella, á hora em que por todas as mezas regurgitava o melhor da mocidade indigena, em edições d'aspirantes do exercito, e filhos familias pertencentes á burocracia e ao alto negocio. A' entrada d'aquelles estrangeiros de pelle branca, cabello fulvo, e mãos enormes, foi um *emoi* de humilhação instinctiva por todos os grupos onde a má lingua guizava os rezumos politicos da arcada, e fazia inventario ás pouca-vergonhas galantes da Avenida e dos theatrinhos d'opereta. E todos unisonamente prognosticámos, sem desvio d'uma virgula, o vergonhoso fim que espera a nossa pobre raça. De feito, a superioridade d'elles saltava-lhes insolentemente do typo expressivo, nada banal, dos dentes solidos, das pernas tortas e seccas de *marcheurs*, dos pés acostumados a calcar terra conquistada, das mãos affeitas a estrangular adversarios, a manejar cabos, e a dar espadeiradas. Lingua dura, gutural, lingua para fallar em vóz alta, sem inflexões nem preocupações, musicaes—olhos que vão direito, com traços d'infancia no azul da pupilla candida, mas infancia de povos, onde já ha maturidade completa d'individuos... O tom de pedir, largo, ordenando, como quem tem atravessado o mundo em senhor, indifferente á impressão que ao de redor possa causar. E nas mezas jacentes, acachapando-se, cobrindo-se, escandalisados, aterrados quasi d'aquella attitude forte e imperativa, os delicados aspirantes, bebedores de salsaparrilhas e d'orchatas, os folhetinistas cynicos e macillentos, os negociantes bojudos, e os tropegos guriteiros, nem sequer se atreviam a fitar em cheio, pupilla a pupilla, esses teutões procreadores, solidamente bellos como barbaros, grandes e simples como tritões. E na mirada de soslaio que lhes lançam, ha quasi um odio, odio d'inferiores, odio d'impotentes, odio de subalternos. Oh como toda essa populaça de refugo é mesquinha, grotesca e claudicante! os pulsos ethicos e seccos, as mãos barbadas de negro, unhas de meretriz, e olheiras de quem perde as noites em devassidões inconfessaveis!... E n'este contraste eu vejo o destino que nos espera. Descendemos dos senhores do mundo, e vamos em breve ser os seus creados!

13 d'Abril.

Dizia-me hontem F., prosador fatigado de successo «actualmente só leio um escriptor portuguez: sou eu. Tenho entretanto um creado que lê immenso, e me diz que se tem progredido muito entre nós. Inda bem para o meu pobre paiz!»

*

Notava-se o redobro de vehemencia que estão tomando os artigos d'um jornalista politico, cuja biographia não é isempta de .. calumnias.

—Estará pobre? disse alguem.

*

Ha na exposição do *Gremio Artistico* um quadro admiravel, representando camarões e ostras de roda d'uma garrafa de Bucellas. Assumpto pathetico, que o pincel houve por bem desenvolver com verve e arte proprias de quem sente uma pontinha d'amor pelo marisco. Observando cuidadosamente o quadro nota-se que não foi o pincel que exprimiu os camarões, o mesmo que pintou as ostras, e que ha profunda divergencia d'escolas entre a metade esquerda, e a metade direita da pintura. Assim por exemplo na metade esquerda, os camarões, com as patas em attitude d'oração deante da garrafa de Bucellas, exprimem o sentimento religioso de quem vae ser crucidado em salada, ou pelo menos sahiu d'agua a ferver ha bocadinho. E' a *priére du soir* dos camarões. Na metade direita, as ostras porem são mortas, e tanto que muita gente as confundiu com rodas de limão cosido.

Um iniciado então explica:

—Não vê o senhor que este quadro, sobre ser de cosinha, é-o tambem de felicidade conjugal.

REAL GABINETE PORTUGUÊS
DE LEITURA
Rua Luiz de Camões, 30
RIO DE JANEIRO

*

14 d'Abril.

Entre as pinturas d'amadores, destacarei uma do professor Silva Flamengo, de Setubal: o Christo coroado d'espinhos, e com taes nodoas na cara, que se desconfia logo que a tizana Zitman não tenha tido indifferente ao seu martyrio. Aos que parecem duvidar da divindade d'esse frascario de bocca aberta, retruca elle, atravez da mimica imbecil que o Flamengo lhe deu:

— Sou Jesus Christo, sou, que teem os senhores com isso?

Do mesmo artista, a *Virgem*... a *Virgem*, sim mas—completamente?

*
* *

Annuncio hontem colhido no *D. de Noticias*...

—«Alugam-se corôas funebres para figurar em enterros de pessôas que não tenham quem lh'as offereça. Dedicatorias nas fitas á vontade do freguez.»

*
* *

Falla-se no prestigio que um capitão de artilheria distructa, como politico, entre os seus camaradas de regimento.

—Ah, é magnifico! O que me surprehende é elle conservar, mesmo nas mais tempestuosas sessões do partido, a sua linha impavida de militar. E' artilheiro até quando falla...

Alguem de lado:

—Bem sei. Quando falla, dispara peças de... bretanha.

IRKAN.

OMNIPOTENCIA

A mulher governa o homem, é sua soberana;
Em tudo ella a conduz a seu bello prazer;
E' porem mais que nunca rainha altiva e uiana,
Desde que o Congo realça o seu bom parecer.

Um philosopho ao saboeiro parisiense, Victor Vaissier.

DE BORRACHA

Com mau sangue de nascença
Viera ao mundo o Mariz.
E na penca, ao mal propensa,
Deu-lhe o mal, foi-lhe á raiz,
E em trez mezes de doença
—Era uma vez um nariz!

Apoz curto reboliço
Logo o Mariz se accommoda
Pensando:—Ponho um postiço
De borracha; a coisa é moda...
Quantas coisas usam d'isso
As senhoras d'alta roda!...

E, buscando em passo vivo
Por varias lojas da Baixa,
Bem depressa um lenitivo
Ao perdido nariz acha,
Pondo, em vez do primitivo,
Outro nariz—de borracha.

Em seguida, um grande inchaço
Tomou-lhe o braço direito:
Andou, de curvo espinhaço,
Dois mezes de braço ao peito,
E por fim caiu-lhe o braço,
Todo em materias desfeito.

P'ra logo um braço deseja
—E de borracha egualmente—
Tão bem feito, que o maneja
P'ra traz, p'ra os lados, p'ra a frente,
—Só não serve, salvo seja,
P'ra dizer *adeus* á gente...

De peccados em desconto
Outra vez o mal o assalta,
E em poucos dias, n'um prompto,
Vem causar-lhe nova falta,
Atacando-o n'outro ponto,
Que eu não escrevo—em voz alta...

Soffre ainda este revez,
Que mais lhe amargura a vida;
E, fazendo o que já fez,
Volve á borracha sabida:
—A borracha, d'esta vez,
Não supre a coisa perdida...

Mas o mal, dos mais tyrannos,
Vae-lhe sempre abrindo racha,
E no corpo, a causar damnos,
Por tal forma se lhe encaixa,
Que o Mariz, apoz dois annos,
Tinha tudo se borracha!

. . . . . .

Qual no caso que ora lembro,
Este governo mestiço,
Cada vez que perde um membro
Põe um novo, ao seu serviço:
—Lá p'ra agosto, ou p'ra setembro,
Deve estar todo postiço!..

PAN-TARANTULA

O CORTEJO FUNEBRE EM HO

MENAGEM A SILVA PORTO

Temos uma semana cheia de factos culminantes—a crise ministerial, a *marche aux flambeaux* em honra da Sr.ª Theodorini, e o grave conflicto entre a imprensa e a empreza do Colyseu dos Recreios.

A crise ministerial, á hora a que escrevemos estas mal alivanhadas linhas, resolve-se pelo modo como se resolvem ascrises ministeriaes no nosso paiz—continuando o governo a governar, apesar do governo ter dado a sua demissão...

Sempre assim foi e sempre assim ha de ser! O governo vae ao passo e diz a el-Rei: —«Saiba Vossa Magestade que nos sentimos incapazes de continuar ao leme da nau do Estado, e por isso vimos depôr nas reaes mãos de Vossa Real Magestade a demissão do nosso cargo. Queira Vossa Magestade confiar a outrem este leme que aqui lhe trazemos...»

Ao que el-Rei responde:

—«Sr.s ministros! Agradeço-vos a confissão da vossa incapacidade para continuardes ao leme da nau do Estado. E para prova de quanto vos estou grato por semelhante desinteresse e sinceridade da vossa parte, de novo vos confio este leme, esta nau e tudo quanto ella encerra...»

E os ministros saem do paço real, cantando em côro:

—«Somos incapazes! somos incapazes! .. E porque nós somos incapazes, é que só nós somos capazes de governar aquillo para que nós somos incapazes!... Somos incapazes! somos incapazes!...»

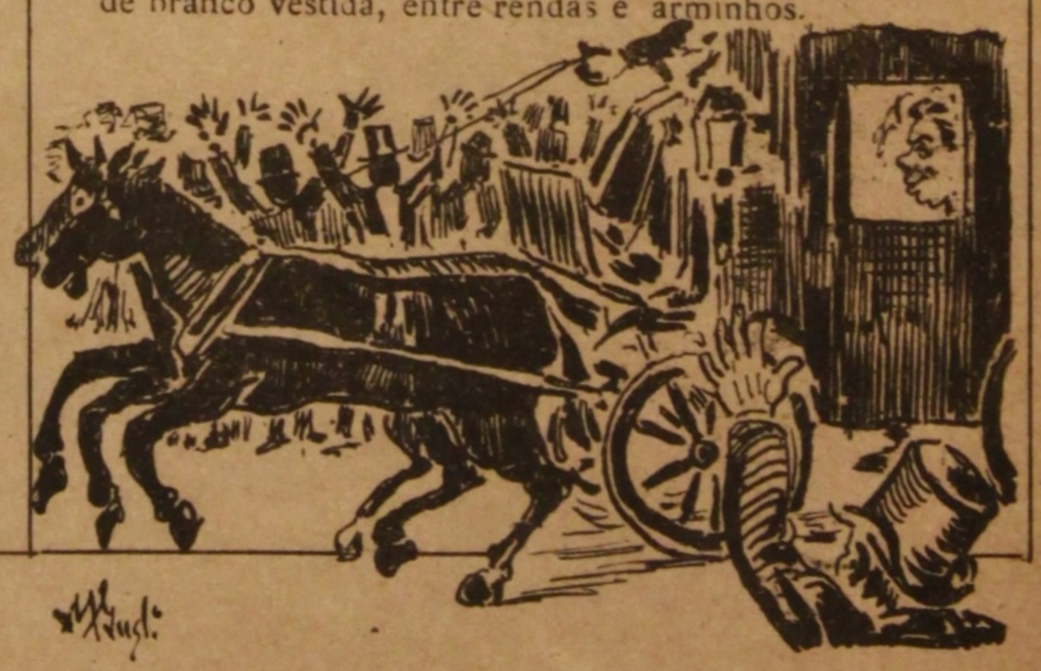
A *marche aux flambeaux* em honra da Sr.ª Theodorini, é a manifestação mais expontanea, enthusiastica, assombrosa, delirante e hilariante a que temos assistido de nossos dias.

Fomos consultar varios macrobios sobe o assumpto, e tambem nos disseram que nunca viram nada tão espantoso, enthusiastico, assombroso, delirante e hilirante.

O cortejo formou se á sahida do concerto do salão da Trindade.

Abriam o prestito seis adolescentes portuguezes, de barretes e pés nus, empunhando galhardamente seis côtos de Bengala, de luz verde e encarnada.

Logo atraz um carro com quatro rodas, duas portinholas, dois cavallos, cada cavallo com quatro patas e quatro ferraduras, guiado por um cocheiro com dois braços e dois pés. Dentro d'este carro—a que os francezes chamam *coupé*—ia a illustre cantora, toda de branco vestida, entre rendas e arminhos.



Em volta do *coupé* uns 14 ou 15 enthusiastas da sympathica *diva*.

Atraz do *coupé* uma philarmonica.

E atraz da philarmonica iam pelos menos uns 17 ou 18 curiosos.

O imponente cortejo desceu pela rua larga de S. Roque, voltou para o Chiado, torceu para a rua Serpa Pinto, indo esvair-se á porta da contora.

No auge do enthusiasmo e do delirio, um aspirante de marinha lançou o casaco aos pés da sr.ª Theodorini; outros atiraram com bonnets e chapéos para a varanda onde appareceu a cantora.

Quando os côtos de Bengala começaram a queimar os dêdos dos seis adolescentes de pé descalço, tudo mergulhou nas trevas.

Effeito surprehendente. A sr. Theodorini declarou que tinha o coração encharcado em lagrimas...

Esta festa ficará eterna na memoria dos portuguezes. Nunca da nossa vida veremos outro espectaculo tão magestoso e tão digno de passar á posteridade...

*

* *

QUANTO ao conflicto entre a imprensa e a empreza do Colyseu, é preciso reduzil-o ás suas limitadas proporções.

Ha para ahi uma cousa que se chama imprensa e uns homens que se chamam jornalistas, que estão acostumados a uma tal ou qual consideração das emprezas theatraes—porque estão sempre promptos a elogiar tudo quanto é mau, para não causar prejuizo ás alludidas emprezas.

A empreza do Colyseu parece ter resolvido o seguinte—dar maus espectaculos e não fazer caso dos jornalistas. D'aqui conflicto. A imprensa vae mandar um *ultimatum* ao Colyseu. Espera-se que as potencias entrevenham, fazendo com que a pendencia seja confiada á arbitragem de Sua Santidade Leão XIII.

Irão embaixadores de parte a parte a Roma. O Papa decidirá se os jornalistas devem ser ou não tratados com mais respeito, e se devem ou não ter logares marcados na 1.ª fila das cadeiras.

QUIDAM.

Na revista Zig-Zagues, ha duas coisas boas que só por si bastariam para encher as casas.

E' a graça infinita de Joaquim d'Almeida, que todos conhecem e as pernas tambem infinitas d'uma actriz hespanhola—que ninguem conhecia.

As mulheres da Semana

Helena Theodorini, primeira lavradeira absoluta da Real Opera da Rua dos Condes,

Oh! hi!... Oh! ai!...
Sou artista portugueza!...

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

JOSÉ ELIAS GARCIA

O *Antonio Maria* presta hoje a derradeira homenagem a um dos vultos mais salientes da democracia portugueza. Dotado d'uma intelligencia e d'um tino politico que lhe podiam dar um lugar brilhante entre os politicos do seu tempo, e cobril-o de honrarias e de riqueza—José Elias Garcia preferio a todos os commodos d'uma carreira facil, o sacrificio e a lucta pelo advento d'uma fórma de governo que não chegou a ver realisada. Mas nem por isso a sua propaganda foi menos util, nem o seu exemplo menos fortificador. Morre pobre, morre sem ter assistido á realisação do seu ideal. Mas toda a sua vida é o mais bello exemplo do que aos novos cumpre fazer. A sua vida inteira consagrou-a á sua ideia. E é por isso que o seu nome hade ficar na memoria de todos, emquanto os de outros se afundam no desprezo a que são dotados todos os egoistas e todos os corruptos—por maiores que sejam os seus talentos e as suas habilidades.

Descubram-se todos... E' o cadaver d'um homem honrado que passa!...

Memoranda

18 d'abril.

Só agora, depois de desfalcados dos seus depositos e economias, com a fuga do guarda-livros, é que os accionistas e depositantes do *Banco do Povo* se lembram de pedir providencias, e de resolver em hasta publica a responsabilidade ou não responsabilidade da direcção.

Não ha indignação que os pobres diabos não cuspam sobre as gatunices do guarda-livros, nem suspeita que não accumulem no rasto dos corpos fiscaes, que se fizeram cumplices, pelo seu desleixo, da quantiosa fraude de que foram victimas tantas dezenas de pequenos rendeiros e industriaes. E todavia ha cerca d'alguns annos já que de roda do Banco os *pour parlers* não descontinuavam, e que uma lenda de suspeitas surdas lhe coleara d'entorno á caixa forte, verberando as operações escuras que elle parecia acolher de preferencia. A tolerancia havida então com o guarda-livros é d'uma criminalidade incomparavel. Esse tal Neves que passava por um empregado habil, quando abordou o Banco, pouco ou nada havia de seu. Alguns annos depois d'integrado no logar de guarda-livros, toda a gente começou a reparar na esfervencia desusada dos seus gastos e trem de vida, na carruagem que se dera, nas quintas que comprava, nas mezadas de vinte libras enviadas a costear a educação de filhos na Allemanha, nas casas offerecidas a *cocottes*, com mobilia de 4 contos, e finalmente n'uma multidão de despredicios, fidalgarias, larguezas, que pela historia anterior deviam ter féito prevêr a muita gente o destino penitenciario que tarde ou cedo devia d'emparedar este ladrão. Ninguem porém ao vêr o rio de prodigalidades a que o impudente *escroc* se arrojára, pachorra teve ou coragem para lhe vigiar de perto os actos de banquista, e para de quando em quando, sem aviso previo, passar uma vestoria rapida á escripturação por elle organisada. A confiança da direcção do *Banco do Povo* no guarda-livros infiel, era tão cega, e de tal ordem, que por momentos chega a parecer um pouco escura, senão soubessemos todos que a indifferença que ella symptomatisa, que o verberavel desleixo que ella rezume, são n'estas questões de dinheiro, como nas outras, de ha muito o signal invasor da cachexia moral que inutilisa a nossa pobre raça. Isto é o paiz do *não me importa*: todos querem fortuna e posições sociaes alcandoradas, mas ninguem se compenetra das responsabilidades directas ou remotas, inplicantes com essa fortuna e essas posições. A' direcção do *Banco do Povo* competia a fiança moral da somma de dinheiro entregue á sua probidade por dezenas d'economicos e modestos cidadãos; tanto bastava para que ella, pondo de parte as cegueiras romanticas e a demasiada confiança no proceder d'um guarda-livros *amigo*, constantemente fizesse ronda á escripturação, ciosa do seu nome, e absolutamente empenhada em bem servir a pobre gente que lhe confiara o seu peculio. Vê-se porém que n'este liquidar sem brio em que vae tudo, até os nomes respeitaveis perderam o toque d'oiro de lei d'antigamente, e que a hombridade dos mais puros, até essa quer enfeudar-se a um proverbio que agora corre ao ouvido, inventado talvez pelo guarda-livros Neves, e arvorado em linha de proceder da maior parte. Esse proverbio é o seguinte—*Não rouba, nem herda, vá b...*; o leitor tira o conceito pela rima.

* * *

19 d'Abril.

Para desmentir a fermentação revolucionaria do Porto, não se poupa o governo a expedientes e trucs de mais ou menos acrisolada imaginativa, e tudo é aproveitar os seus orgãos de publicidade para soar que a segunda cidade do paiz, como diz o José de Figueiredo, está contente. Era vóz publica que o regimento de caçadores 5, ido da capital para reforço da guarnição portuense, em vêz de pugnar pelas instituições, o que fazia era causa commum com o povo, e guerra de morte aos *heroes* da municipal. O boato, insistente, tinha a confirmal-o de quando em quando os telegrammas politicos do Porto para os jornaes lisboetas, onde não raro vinha a menção de desordens havidas entre os dois corpos antagonicos; e aponto chegaram as coisas, que o commandante da divisão militar do Porto (*Scarnichia general*, assigna elle) deu nos periodicos um officio congratulador dos serviços que caçadores 5 prestou á ordem, e da bôa paz havida entre este corpo e a guarda municipal. Contem este documento uma passagem que muito cumpre relêr, e eu aqui deixo. «Durante tres mêzes, que tanto, quazi, foi o tempo, que aqui esteve aquartellado, nem mesmo um corneteiro concorreu para o registro criminal.» Nem mesmo um corneteiro! e assombroso. Mas explicar-nos-ha S. Ex.ª, porque é que no seu officio, os corneteiros vem no ultimo grau da escala ordeira? Acaso é dos regulamentos, ou da experiencia quotidiana do sr. general, serem os corneteiros os mais mal comportados de todos os defensores da patria? Sua Ex.ª tem documentos comprovativos, accumulados durante a sua já longa carreira, de como os corneteiros sejam peores do que os outros soldados? Se tem, queira mostral-os, para escarmento de todos quantos em Portugal não teem sabido com honra, tocar corneta. Se não tem, porque lançar a suspeita no rastro d'esses infimos servidores da monarchia? Acaso tocar corneta inhibe um militar de ser tratado pelos seus superiores, no pé de deferencia havido para os outros!

Não, o sr. Scharnichia general, por força tem pécha com os corneteiros. Não o deixam dormir talvez pela manhã. Detesta o rythmo em que elles tangem a recolher. Se detesta, diga com franqueza; é preferivel isso, a ficar o espirito publico interdicto sobre os secretos rancores que separam a benevolencia do sr. general, dos corneteiros. Porque emfim, tocar corneta não é nenhuma coisa que deshonre. Todos a tocamos, uns d'uma maneira, outros d'outra. Quem já não toca corneta, ou já tocou, ou vae tocar. Temos todos uma corneta na vida: o sr. general queira informar-se. Platão e Socrates, Jesus, Napoleão, Joaquim Gonçalves, e a princeza Ratazzi, todos esses luminares da civilisação tocaram corneta. A corneta

é, para que assim o digamos, a grande pedra angular das civilisações. Prudhon disse: passe-se sete vêzes uma corneta de roda d'uma instituição, e a instituição baqueara. Diz-me a corneta que tocas... Em conclusão:

Corneteiro és,
Scharnichia serás,
Quantos mais officios fizeres,
Mais asneiras dirás.

*
* *

20 d'Abril.

O visconde do Arneiro, um dos nossos musicos mais eruditos, e tão apaixonado pela sua arte, como resignado a aguardar nobremente o dia de justiça, que o paiz lhe demóra, injustamente, acaba de escrever n'uma aldeia da Galliza, onde rezide, as ultimas scenas da nova opera **D. Bibas,** cujo libreto foi tirado do romance **O Bobo,** que Alexandre Herculano deixou por acabar. Quando ao maestro veio a ideia d'apropriar á musica dramatica, o entrexo d'aquelle romance, escreveu elle a Herculano, sollicitando auctorisações para a extractura do libreto. A resposta do grande mysanthropo é d'uma singleza que enternece:

«Valle de Lobos, 2 de outubro de 1876».

Não serão decerto escriptos meus, sobradamente imperfeitos, que farão realçar as composições musicaes de V. Ex.ª, senão ellas pelo contrario, que farão viver essas tentativas litterarias mais algum tempo nas recordações dos homens.

Não sou eu que faço favor: recebo-o.

Conforme a minha opinião individual, V. Ex.ª, nem por sombras precisava da licença que sollicita. Entretanto, como as leis não nos pedem fé nas suas doutrinas, mas obediencia aos seus preceitos, dou plenissima licença a V. Ex.ª para que disponha do assumpto tanto do «Monge de Cistér» como do «Bobo», como de qualquer outro escripto meu, do modo que entender mais conveniente.

A. Herculano.»

*
* *

Casamento por annuncio. Um pretendente apresenta-se ao pae da dama, para negociar de viva vóz as condições.

—E' o senhor então o meu futuro genro, diz-lhe o futuro sogro. Folgo sabel-o. O dote que eu dou a minha filha são vinte contos, sob condição de se fazer immediatamente o casamento.

—Mas da melhor vontade, diz o outro.

—Devo lembrar-lhe que a minha filha está d'esperanças...

—Oh, ainda que não estivesse! acode o futuro genro amavelmente.

IRKAN.

D. ALDONÇA

D. Aldonça era a mais bella,
No que em beilas ha de rico:
Vinha gente d'Arrentella,
Só p'ra a vêr, posta á janella,
A regar seu mangerico!

A dizer-lhe frases ternas
Os jovens, côr de papoilas,
Tinham commoções internas
—E tal tremura nas pernas
Que até passava ás ceroilas!

Em fama, galgava a fama
Das mais formosas cachopas:
Era em summa o que se chama
A mais bella e gentil dama
Das damas d'essas Europas!

Como tudo, porém, passa
Ao sabor do tempo cru,
Foi perdendo a gentil graça
Té ficar n'uma carcaça
—Como o coiro d'um bahu.

Pensarão que a D. Aldonça,
Desfeando dia a dia,
Cuidou lá, arteira e sonsa,
De amparar a geringonça
Da belleza que fugia?

Isso sim! tola e vaidosa,
Sem notar o horror da cara,
Cada vez mais remelosa,
Se ufanava, presumpçosa,
Da belleza—que passára!...

Debalde, amigos sinceros
Lhe aconselhavam, sem cura,
Que, com cuidados austeros,
Resuscitasse os *saleros*
Da passada formosura.

Foi, de ruina, em ruina,
Perdendo encantos e graça;
E hoje, de tudo á divina,
Até gallegos de esquina
A troçam, quando ella passa!

. . . . . .

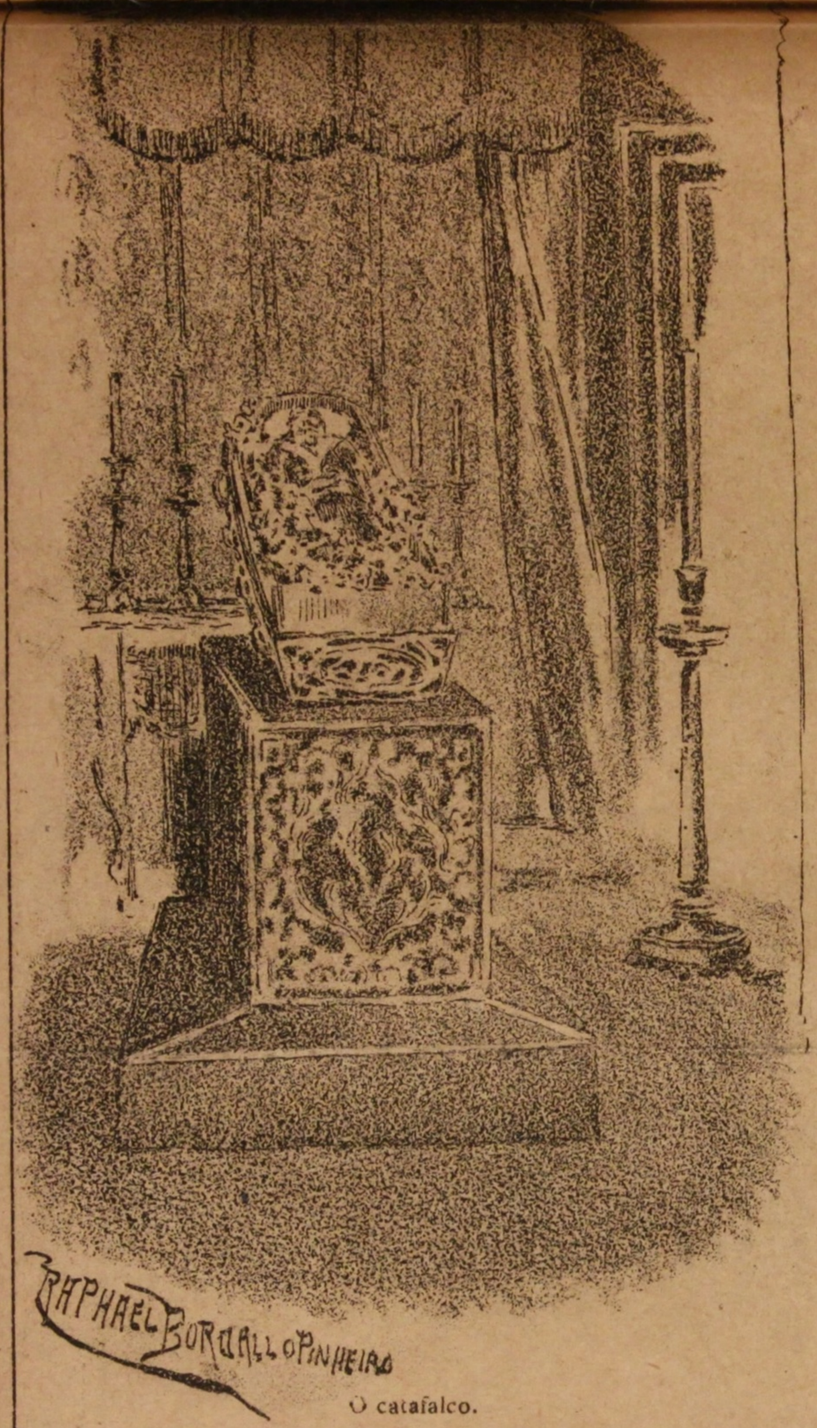
Qual D. Aldonça, esta terra,
Que portugueza se chama,
No sertão, no mar, na guerra,
Afamada, andou na berra
—Nos aureos tempos do Gama!

Qual D. Aldonça, igualmente,
Foi perdendo os predicados:
E a desfazer-se, indolente,
Só cuidava, unicamente,
Dos heroes... antepassados...

Hoje, o caso da Guiné
Vem dar-lhe os ultimos botes:
'stá tão fraca e lagalhé
Que até os pretos—até!—
Ousam chegar-lhe aos fagotes!!!

PAN-TARANTULA.

O cadaver de José Elias Garcia.



O catafalco.

Corôa dos seus amigos politicos.

JOSÉ ELIAS GARCIA

Ultimos momentos. (21 de abril á meia noite e meia hora).

UM PASSEIO AO MINHO

Viagem em oito quadros. — Personagens: *Visconde de Rio Vez-*

Barão do Alto Mearim

— Léo de Affonseca-- Commendador Lisboa--A. Cardoso--e Ro-

dovalho Pinheiro, a quem o vulgo chama *Bordallo Pinheiro*—Philarmonicas, camponezes, camponezas,

etc.—A acção passa-se em Portugal, em abril de 1891.

Para mais esclarecimentos vidé os *cróquis* juntos —porque seria preciso um volume para descrevermos todas as amabilidades com que nos distinguiram.

«A MORTA»

Acabamos de receber a *Morta*, o bello drama de Henrique Lopes de Mendonça, editado pela livraria Gomes, ao Chiado--capa illustrada por M. Gustavo Bordallo Pinheiro. A edição é primorosa, e os que applaudiram o drama devem agora comprazer-se na leitura dos seus bellos versos. E' o que vamos fazer.

UM MESTRE COLORISTA

Sob o experto pincel do divino pintor
Recobria-se a tela de tons deslumbrantes;
Mas o sabão do Congo, esse fino primor,
Ha-de dar-vos, senhoras, côres mais brilhantes.

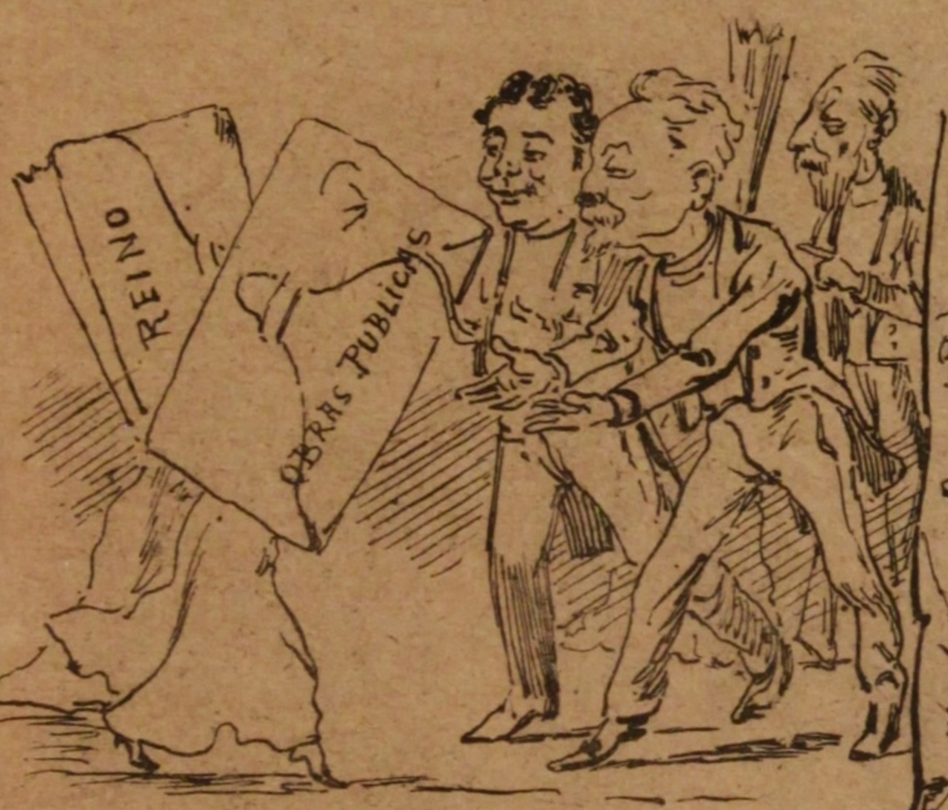
Saboaria Victor Vaissier, Paris.

A crise.—Quadrilha nephelibata

(MARCADA)

Chevalier seul.

En avant deux.



Reprenez vos dames.

Chacun á sa place.

Zé Povinho.—C'est fini la contra-dance! Tudo como d'antes; quartel general em Abrantes!...

Não terá a beira do tumulo, nem as lamentações officiaes, nem as orações academicas, nem a pompa de todos quantos em vida se serviram do seu paiz, engordando á custa das suas desgraças e dos seus desastres. Mas terá a choral-o um povo inteiro—manifestação bem mais solemne do que todas quantas podem ser decretadas pelo *Diario do Governo.*

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

Os homens da semana

D. JOÃO DA CAMARA

Hoje, no theatro de D. Maria, *ultima* representação do *Alcacer-Kibir*, em honra do auctor. Este *ultima*, d'um original portuguez, quando o theatro está em crise, tem o quer que seja de fatidico... Lembra o *chorae irmãos!*... da Sancha Môcha do mesmo drama. Ora está na mão do publico protestar com a sua presença e com os seus applausos, para ver se não acaba o theatro portuguez.

Memoranda

25 d'abril.

Estão os empregados publicos, no dizer dos jornaes, tratando de constituir entre si uma sociedade de resistencia, que lhes permitta o insurgirem-se contra os governos que derem caça á emprego-mania, e deitarem abaixo os ministros que lhes desviem dos bolsos o dinheiro que escaceia para a commettida d'uma oxigenante e nova vida nacional. Esta sociedade, ao que se diz, defenderá com dentes e unhas, a ociosidade professada nas secretarias d'estado, e envidará esforços para que a funcção do governo seja dotar ricamente o rodilhão de vadios de que o Terreiro do Paço é coelheira. Assim, importa pouco que nas provincias do norte haja a esta hora cerca de trinta e tantas aldeias e logares completamente fechados, com campos ermos, igrejas em ruinas, e escolas sem discipulos...

Importa pouco que quasi todas as culturas arvenses, outr'ora riqueza e base d'um commercio consideravel, estejam hoje soffrendo molestias epidemicas, como a larangeira, o castanheiro, a oliveira, a ponto de se suppôr que terão de desapparecer em breve lapso. Importa pouco que a navegação baixe, que a vinha murche, que a industria se onere, e o capital privado enfim cada vêz baixe mais de numerario circulante.

Tudo isto são bagatellas, em face dos mangas de lustrina que as secretarias abrigam, e que necessitam de dinheiro para pagar casas de luxo, vestir e viver á grande, embora não mechendo palha dias e dias, ou prestando serviços tão subalternos, que o seu computo não vale o dia de labor do mais modesto calceteiro. O cancro burocratico pesa com decisivo prognostico sobre a vida da nossa capital, e não contente só com isso, ainda tenta absorver em si todo o chorume sterlino do paiz. Já alguem disse que Portugal era Lisbôa, e Lisbôa o Terreiro do Paço. Ora isto é nada menos do que a inscripção votiva do triumpho universal do amanuense, que cumpre vergastar e abater das suas audaciosissimas pretenções.

Sabemos que os ultimos decretos economicos do sr. ministro da fazenda, dando os primeiros córtes na exhaustinada chantage a que o capitulo *gratificações* dá logar nas secretarias d'Estado, são, como dizem os jornaes, uma gotta d'agua no mar, e em pouco alliviarão o deficit do paiz. Cumpre entretanto não vêr n'estes esforços de honestidade administrativa do sr. ministro, senão um primeiro passo para jornada mais suprema, senão a pedra fundamental de muralha mais gigante. E' natural que a obra do illustre ceifeiro se não cinja ao corte d'umas réles espigas gáfas, quaes os pequenos empregados da alfandega, senão abarque as grandes messes, e despóje, violentemente se fôr preciso, dos seus encandalosos ossos, os grandes cães que por ahi pedem a accumulação d'empregos, pascizo das suas filaucias de luxo e vicios correlativos.

N'esses é que nós queremos vêr cortar sem piedade, á má cára, em nome da salvação publica e da decencia, e em toda a linha, sem attenções a este que é sobrinho, áquelle que é deputado, e áquell'outro que foi ministro, porque em Portugal, com a vida barata, as benignidades do clima e as facilidades de tudo, nenhum funccionario publico por mais alto deveria auferir quantia superior a um conto e quinhentos, maximo dois contos. Todo o excedente d'esta cifra é um roubo á protecção que o Estado deve a todos, e um privilegio infamissimo que faz de Portugal a quinta de recreio de cem ou de duzentos peralvilhos. Ora como é precisamente *d'estes* que naturalmente sahiu a Liga dos empregados publicos, cumpre partir-lhes os dentes antes que mordam, e reduzir-lhes as ambições a termos razoaveis. Lá porque no primeiro semestre d'este anno já emigraram para o Brazil 32:000 portuguezes, não é razão para que certos magnatas, da Alfandega e dos ministerios, usufruam de 7 a 9 contos annuaes, e decretem a si mesmos ajudas de custo fabulosas, quando lhes aconteça irem villegiar para as thermas e praias de banhos.

*
* *

26 d'Abril.

D'uma reportage do sr. Joaquim d'Araujo para o *Primeiro de Janeiro*, sobre o que pensa José Dias, da situação, se collige que este illustre nephelibata politico só fará governo quando Serpa e José Luciano vierem ter com elle, a pedir-lhe «ambos» que aceite. Então fará governo «dentro da constituição» e para isso ha um homem com quem absolutamente conta: o Teixeira da Cancella velha. Vae, reflectindo na facilidade com que as parcerias politicas de hoje rebentam as mais solidas barreiras, quer da constituição, quer do fisco, d'aqui aconselhamos o sr. José Dias que a se decidir a aceitar, dentro da Constituição, os serviços do Teixeira da cancella velha, lhe mande pôr primeiro uma cancella nova, da qual não estranhariamos tivesse a chave o sr. Joaquim d'Araujo—que assim poderia mysteriosamente apresentar pela cancella, o cavalleiro d'Oliveira, ao sr. José Dias.

=Já regressou ao Porto, o sr. Fernando de Magalhães, militar valente, e chefe das forças que reprimiram a revolta de 31 de Janeiro. O governo offerecera-lhe o governo da Guiné, posto honrosissimo, dada a vergonhosa derrota inflingida pelo gentio local ás nossas tropas; mas parece que não houve meio de se acordar nas condições d'esta cavalheirosa e patriotica commissão. A' uma, o sr. Fernando de Magalhães exigia a liberdade dos revoltosos do Porto, depois que levando-os comsigo, contra os selvagens da Guiné, resgatado houvesse para a patria a soberania moral perdida, e o prestigio da bandeira enxovalhado. A' outra, os avanços e pensões reclamadas pelo illustre cabo de guerra, não lograram vencer a sovinice ministerial, facto este de que jámais nos consolaremos, porque o sr. Fernando de Magalhães pedia pouco; apenas o dobro ou o triplo do rendimento da Guiné —que diabo!

=Um dos nossos generaes de divisão mais perspicazes, foi há dias ao deposito da Vista Alegre, separar um apparelho de chá. Escolheu o apparelho, pagou a importancia, dizendo que voltaria para o fazer enpacotar. Effectivamente, duas horas depois eil-o de volta ao armazem—O meu apparelho?

—Aqui o tem V.ª Ex.ª, disse o caixeiro, apontando o serviço encommendado.

—Peço desculpa, não é este.

—Perdão, foi o que V. Ex.ª apartou.

—Ora essa! grita o general já furioso. O sr. imagina que eu sou parvo? O que eu apartei tinha as azas todas para o mesmo lado.

=A FLOR DO PANTANO, versos do sr. José de Lacerda, é um breviario de bohemia escolar, onde o poeta casa facilidades sonoras de factura, com um bocadinho de sensibilidade, aqui e alem polvilhada de preoccupações medico-macabras. Sem deixar uma impressão profunda d'obra d'arte, a que não pode aspirar quem ainda não possue maneira propria, comtudo lê-se com um sentimento de prazer pronunciado, pela somma de qualidades litterarias que condensa. Não traz de certo á poesia uma revolta, mas enfileira mais um entre os besteiros do ideal a quem os versos de Junqueiro emprestaram as primeiras settas d'oiro, e grava na lapide um nome novo, registrando-o para os futuros jogos floraes da lyrica portugueza.

N'um gorgolejo de bilcôso pessimismo, o poeta define-se d'esta guiza:

«Da geração bimana
eu sou o gasto molde exagerado,
o gommo-fim d'um ramo condemnado,
da velha especie humana.»

mas apezar d'estes humores pardos, a cada instante na FLOR DO PANTANO, flammeja o amor da vida, a alma do poeta aspira á felicidade, embora chamando-lhe burgueza, e perscrutando bem, liquida-se n'este Byron um ingenuo, e n'este Mephistopheles um crente, que aspira a pater-familias afinal, como todos nós.

=Palestra reatada. Um homem de luto, com um gesto:

—Voltando á vacca fria, foi n'esse anno que minha esposa falleceu...

IRKAN.

HOMENAGEM

Sabonete do Congo! Há lá sabão egual!
Tudo quanto ha de bom em si elle enthesoura!
Até já uma dama e celebre escriptora,
Disse ao vêl'-o uma vez: — Oh! é pyramidal!

Saboaria Victor Vaissier, Paris

COISINHAS

O *Times*, folha pirata,
Da terra onde a lua—ó dôr!—
Traz perdida a côr de prata
Nas aguas não se retrata,
Não beija no campo a flôr;

Diz, fallando qual oraculo,
Mas em frases desabridas,
Que, de Inglaterra o senaculo,
Não está p'ra ser sustentaculo
De *monarchias tremidas!!!*

E a *lei das rolhas* não salta,
Pondo-o a tormentos de potros!
—Mas p'ra o fazer, que lhe falta?
—E' porque os lobos em malta,
Não se comem uns aos outros...

* * *

A' hora a que eu garatujo
Estas estrophes precarias,
Desde Mafra ao Caramujo,
Desde o monarcha ao marujo,
Tudo anda a pôr luminarias.

Tocam hymnos, em pandorga,
Os *fungágás* do Seixal;
Toda a gente anda na borga,
Festejando a *fausta outorga*
Da *Carta constecional*.

Toda a gente que se arreiga
A' tal Carta—e todos são—
Canta, com voz doce e meiga:
—Torradinhas com manteiga
Libaral constituição!

* * *

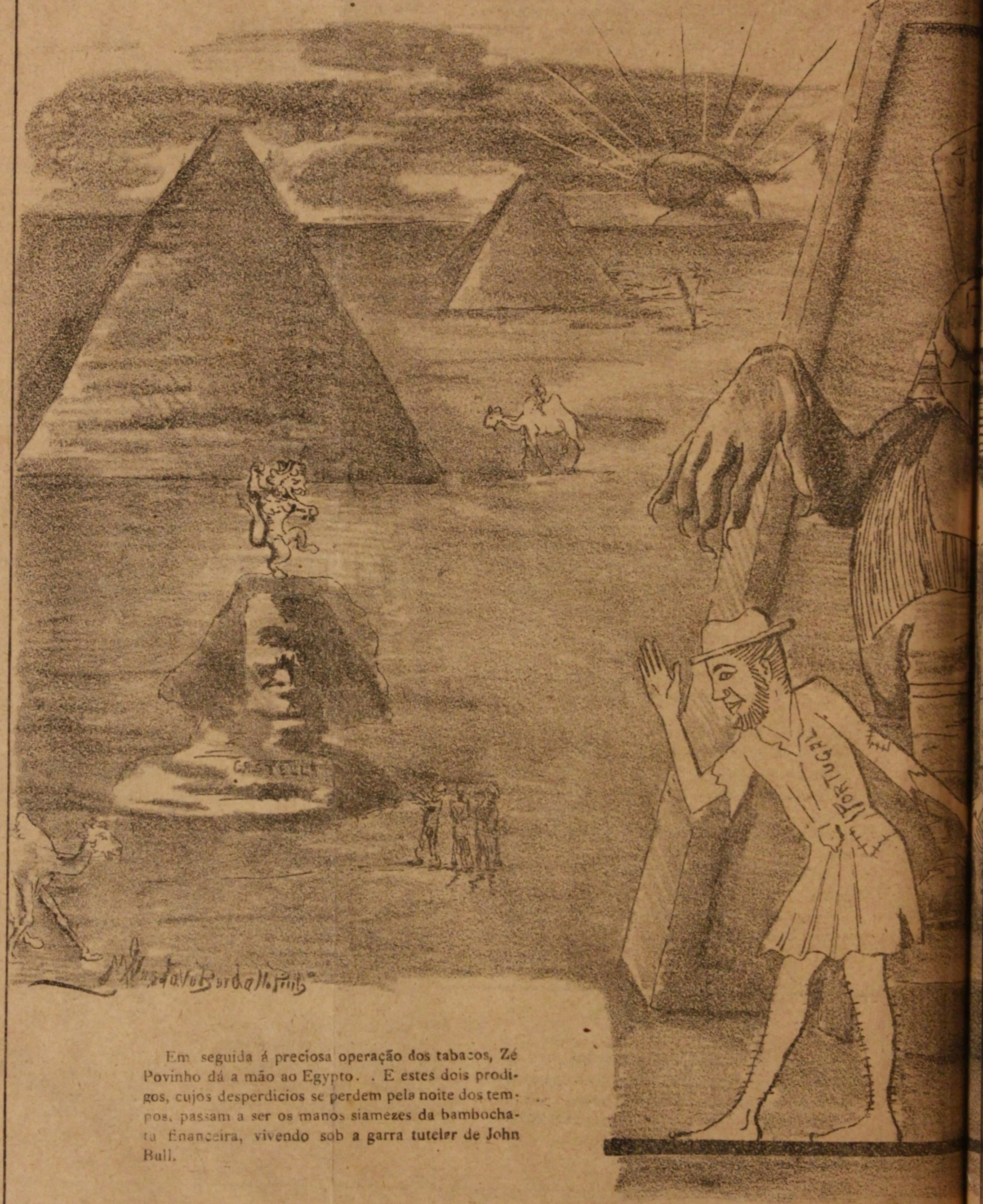
Sobre um morto, em tudo illustre,
Exemplo a nobres varões,
Desabou, qual balaústre,
O halito—febre palustre—
De Frei Zé dos Quracões.

Assim sujo, emporcalhado,
P'lo bafo de tal mondongo,
Devêra o morto, coitado,
Ser lavado e relavado
Com «sabonete do Congo.»

D'ahi, não: Camões, na praça,
Tem padrão de gloria eterna;
E, todo o cão de má raça,
Ao passar por lá, não passa
Sem primeiro erguer a perna...

PAN-TARANTULA.

O NOVO EGYPTO OU O NOSSO FUTURO



Em seguida á preciosa operação dos tabacos, Zé Povinho dá a mão ao Egypto. . E estes dois prodigos, cujos desperdicios se perdem pela noite dos tempos, passam a ser os manos siamezes da bambochata financeira, vivendo sob a garra tuteler de John Bull.

SOUTH AFRICA
AFRICA
EGYPTO

A' PASSAGEM DO PRESTITO

Conselheiro Acacio.—Pois sim senhor! O sr. José Elias pode gabar-se de que teve um enterro de mão cheia!...»

RUA DOS CONDES

Amanhã, no theatro da Rua dos Condes, beneficio de Souza Bastos, com o *Tim-Tim*, revista do anno de 1889, modernisado e modificado conforme as necessidades do anno de 1891. Estes modernismos e modificações querem dizer apenas que a explosão de riso que o *Tim-Tim* provocou em 1890, está destinada a prolongar-se por mais annos ainda que a propria concessão dos tabacos.

EXPOSIÇÃO DE LEQUES

As esquinas de Lisboa acabam de nos dar parte da inauguração d'uma exposiçao de leques, no museu nacional de bellas-artes.

Ha duvidas crueis ácerca do cartaz anonymo. Já houve quem o attribuisse a Chéret. Pessoas dignas de fé affirmam, porém, que é devido á collaboração do sr. Cotrim, na parte flôres e do sr. Inspector da Academia na parte belleza feminina.

Nós porém temos razões para acreditar que o cartaz é obra da florista franceza. E que no dia em que fôrmos ao museu havemos de nos encontrar, não em face d'uma exposição de leques—mas d'uma exposição de rosas.

COLYSEU DOS RECREIOS

Até que emfim conseguimos lobrigar alguns personagens da *Fatinitza*,,6 representada no Colyseu, com um exito que se póde definir assim: Sensação geral d'estopada.

A imprensa apesar das 72 filas de fauteils que occupa, ainda não está contente.

O publico pouco vê e nada ouve mas a imprensa vê, começa a ouvir e se a empreza lhe dá cadeiras no palco até chegará a entender. Não sabemos o que mais quer a imprensa. Já marcou logar nas primeiras filas, veja lá agora se tambem quer que as coristas tragam ao collo os senhores criticos!

THEATRO DO GYMNASIO

EM BOA HORA O DIGA

Comedia original de Gervasio Lobato

COMEDIA JENUINAMENTE PORTUGUEZA—UMA DELICIA—É DE MORRER A RIR.
BRAVO GERVASIO — BRAVO VALLE.

O JOGO DO PAPELÃO

Ahi vae o papelão!—Ahi vem o papelão!—O que traz o papelão?...—Traz o addiamento.—Pois não quero o papelão!...

Os homens da semana

HERODES NEPHELIBATA

Rei das Alfandegas — Anno 1891 da era de Christo

E não podendo exterminar as barrigas que engordavam á custa do Thesouro, Herodes, indignado, resolveu degolar os innocentes.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

Dr. Julio de Mattos

Apresentamos hoje aos leitores do *Antonio Maria* um dos mais brilhantes espiritos da geração nova. Medico alienistá, a quem coube a honra de substituir o dr. Senna no hospital do conde de Ferreira, critico dos mais eruditos, escriptor dos mais serios, o dr. Julio de Mattos é uma das glorias do Porto moderno. Publicando hoje o seu retrato acompanhamos a imprensa portuense nos applausos que ora lhe dispensa, a proposito da sua ultima conferencia.

O redactor principal do *Seculo* acaba de publicar um livro de viagens politicas, que elle intitula *Pela Patria e pela Republica* E' mais uma prova do quanto o glorioso combatente da idéa republicana tem seguido sempre o seu caminho, fallando claro, sem hesitações e sem rodeios. E' por isso que Magalhães Lima é digno do respeito e da estima de todos--amigos e adversarios.

Crise operaria

Os jornaes dão conta d'estarem á boa vida na cidade, cerca de 5:000 operarios, e exprimem inquietações sobre o futuro que a estiagem do trabalho prepara á pobre gente. Esta estiagem, que é já flagrante, e se virá agravando no semestre proximo, até ao paroxismo, victima principalmente os operarios constructores, pedreiros e carpinteiros, e tem por causa primeira as crises politicas dos ultimos mêzes, que retrahiram a circulação do oiro, e fizeram aferrolhar as burras ao proprietario receoso do dia d'amanhã. Mas outras causas a inquinam ainda, que poderiam ser debelladas promptamente, conseguindo distanciar por algum tempo a epidemia de fome que vem perseguindo as classes de trabalhadores que acima puz. Estas causas são em primeiro logar a affluencia d'operarios provinciaes, que a capital chamou a si ha tres ou quatro annos, para dar celere expediente á construcção dos bairros novos e que hoje, concluidas como vão as casas d'esse, bairros, se acham despapysdos á beira do Tejo, já sem os fartos salarios da primeira faina, mas sem coragem tambem para regressar ás suas terras, onde a vida se lhes tornou monotona, e onde os prazeres da capital os não podiam de certo acompanhar. Porque a emigração lisboeta teve para o operario das provincias apenas isto d'efficaz—tirou-lhe a sobriedade que o fazia relativamente feliz na sua aldeia, e desmoralisou-lhe a paciencia pelo espectaculo da aliaz pouco edificante vida que os aboletamentos na capital lhe preparavam.

Reinternar gradualmente estas populações nos seus logares d'origem, fazel-as adquirir de novo, se possivel ainda fôr, os antigos habitos, compenetral-as

dos seus modestos ideaes d'outr'ora, dar-lhes o amor do trabalho obscuro, onde nos intervallos do officio, carpinteiros e pedreiros são ao mesmo tempo agricultores, eis o primeiro passo dos poderes publicos ao debellar da crise, e o mais proficuo meio de se evitar nas ruas de Lisboa esse desmoralisante quadro de magotes de homens passando a vida a pedir esmola ás rainhas e aos reis, que decerto não podem prover ás precisões de todos elles.

*
* *

Outra questão já outro dia debatida no comicio operario do 1.º de Maio, e que muito bem póde auxiliar a remoção da fome publica, para mais longes dias, é a urgencia de se exigir que a Camara Municipal sem perda de tempo dê curso aos innumeros projectos de construcção que se acham retidos na repartição especial, e que a preguiça dos technicos deixa dormir mêzes e mêzes nas gavetas. Pelo que respeita ao problema das 8 horas de trabalho, cuido que elle não deve preoccupar tanto os operarios portuguezes, como outros problemas que por detraz d'elle estão, verdadeiramente dignos do cogitar dos pensadores. Oito horas de trabalho diario é um lemma socialista para bordar em lettras vermelhas no panno d'um guião, convenho, mas por si só não constitue exigencia *d'obligo* sobre que fazer finca-pé para uma revolução social temerosamente arcabouçada. Em Portugal não ha operario algum que produza efficazmente durante um periodo certo de oito horas, porque os entreactos de cigarrar, beber agua, ir lá fóra, etc, entrecortam a cada instante a faina officinal, por fórma a reduzirem o dia nominal de doze horas, a um trabalho real de seis ou sete. Ninguem ignora isto, e os proprios oradores que eu ouvi no dia 1.º de Maio, cuido que insistiram no ponto, mais preoccupados de repetir o que a essa hora se estava arengando nos outros comicios do mundo, do que convencidos das 8 horas de trabalho serem uma exigencia inadiavel da população operaria nacional.

*
* *

Pois como ia dizendo: as 8 horas são o S. P. Q. R da Semana Santa operaria, e por traz d'esta senha, sedes mais asperas estão, de liberdade, de dignidade humana e de justiça. Até aqui, o operario foi nas gozadoras sociedades modernas, a besta que puxa a nora, vendada, sob o chicote do dono—nora que rega a horta do rico, sem indagar dos suores de sangue que os mineiros lá baixo suam, nas entranhas da terra, a bem de meia duzia de sybaritas detestados. Mas approxima-se o instante em que a besta de carga se hade transfigurar em Jupiter tonante, espargindo raios sobre a superficie dos palacios, e alagando o mundo das reprezalias de sessenta seculos d'injustiças. Será um segundo diluvio sem arca salvadora, em cujo deladoiro muitas especies sociaes, omnipotentes hoje, sossobrarão. N'esse dia a besta de carga imporá os seus direitos, filho maldicto, á communhão no patrimonio, o operario será socio, quando já por traz d'elle—quem sabe?—confrarias novas de parias, não sei quaes, erguerão a cabeça para espreitar se lhe reservaram prato no banquete.

Emquanto porem a tremenda hora não sôa, o operario já instruido e offegante de muitas bellas esperanças que decerto lhe murcharão na alma, mesmo antes da victoria chegar, o operario reclama, em vóz successivamente mais alta, e na proporção do terror que infunda, para si e para os filhos, reformas e confortos que lhe vão tornando a vida menos falsa. E n'este ponto ninguem ouse dizer que não sejam sagradas as reclamações do moderno Prometheu! Nas cavallariças de luxo, os cavallos teem higienes que os ricos industriaes recusam doar ás officinas onde centenas de operarios mourejam sol a sol. Entra-se em certas fabricas como quem entra em montureiras confinadas nos canos de despejo, asphixiado, espavorido da porcaria inhospita do recinto. A officina raro varrida, poeiras nocivas fluctuam no ar constantemente a tiragem respiratoria das peças insufficiente para a continua renovação do exigenio indispensavel; e nenhum serviço de hydroterapia, o mais rudimentar, que purifique o trabalhador sequer á deixada do labor... Prende-se na engrena da machina o braço de um homem, o operario tomba doente? E' o hospital que o traga, e durante a enférma não ha uma caixa de soccorros que faça correr ao prato da familia, o salario do infeliz trabalhador invalidado. Demos que o accidente da engrena taes mutilações fez no homem, que o inutilisou por uma vez. Quem é que livra da fome uma familia? Não ha uma caixa d'aposentação annexa á fabrica, e a mendicancia da rua é o unico recurso aberto ao miseravel. Envelheceu? A penuria é a mesma. O salario, emquanto o operario activo, foi integralmente devorado, n'uma vida *au jour de jour*, sem orçamento, nem ordem, nem cautella, porque nem as cooperativas lhe forneceram os objectos de primeira instancia, a preços doces, nem a fabrica tão pouco organisou cofres *d'epargne*, que o estimulassem a pôr de banda para a velhice, quotidianamente, alguns reaes. Bolsas de trabalho, vistal-as! Escolas para os pequenos, bairros locaes, jacentes á fabrica, bibliothecas e jogos physicos para os ocios da noite e do Domingo? . —nem fallar é bom.

Pois muito bem: o soffrimento humano é tão candido, a indole do escravo branco é tão limpida, que se o patrão passa rente aos que explora, e martyrisa, e infama todo o anno, alta noite, a pé, n'um sitio ermo, aquelles tristes em vêz de lhe furarem a barriga, tiram-lhe o chapeu, e dizem—*meu senhor*.

IRKAN.

IDEAL

Transforma em alvo leite a mais atroz sardenta
O sublime, o ideal *Sabonete do Congo!*
Um pequenino objecto apenas com cincoenta
Milimetros de largo e noventa de longo!

Saboaria Victor Vaissier, Pariz «Depositario: Melitón Boldu, 37, Valverde, Madrid».

Imitação do quadr

US!...

or portuguez Metrass

Dimensões d'este quadro.
Largura:—a do Paiz.
Altura:—a da gravidade das circunstancias.

A *Aguia rôxa* (antigo *Papagaio)* e a genuina horta portugueza onde—Deus louvado!—a lista não é escripta no *franciu* dos restaurantes lisboetas, e se pode comer um prato nacional sem contrabando e sem chanfanas de parodias estrangeiras. Foi ali que se realisou a ceia em honra de D. João da Camara, e foi ali que encontrámos um poeta improvisador capaz de pôr a um canto muito vate de salão. O moço improvisador glosou n'um momento uma quadra de Lopes de Mendonça em honra do auctor do *Alcacer-Kibir*.

ESPIGAS

(Falla o povo)

Talqualmente os animaes,
Trago a cilha na barriga;
Cada vez me aperta mais,
Consumo a vida a dar ais,
—Uma espiga!

Qual pegados co'uma obreia,
Os partidos formam liga;
O que são—façam ideia!—
Assim juntos, de alcateia...
—Outra espiga!

Funda-se um bello hospital
P'ra atacados de bexigas:
Morre mais gente do mal
E cresce o gasto afinal...
—Trez espigas!

Como em trigo do celeiro
Formigam cem mil formigas,
Lá do Paço no Terreiro
Anda um grosso formigueiro
—Quatro espigas!

E, por Parada de Gonta,
Nobre Thomaz das Cantigas,
Tudo em luxo arranja e monta;
Juntem mais esta na conta
—Cinco espigas!

A policia vae-me ao pello,
Em vez de evitar-me brigas:
E inda por cima—camello!—
Eu pago custas e sello
—Seis espigas!

Como heide comer sem *parne*,
Sempre quero que me digas?
Desde Alfama a Sotto Marne
Sóbe o pão, o azeite, a carne,
—Sete espigas!

O vil catre em que me deito
Pica qual mólho de ortigas;
E, quem dorme em fofo leito,
Paga o que eu pago a preceito
—Oito espigas!

Pago mais caro o marufo,
As congruas, as desobrigas;
E' pagar tudo n'um rufo,
—E eu pago sempre e não bufo...
—Nove espigas!

.....

E *ao tal*—quem me dera léo
De lhe fazer quatro figas!...—
Quando o vejo—Deus do ceu!—
Inda lhe tiro o chapeu!
—Dez espigas!...

PAN-TARANTULA.

A *bete noire* descoberta pelas *Novidades* e que tanto aterra os chéchés da corôa.

A' PORTA DO PARAISO PROGRESSISTA

Tanto morderam no fructo prohibido que o anjo feroz os pôz no olho da rua. E' bem feito!... Mestre José Luciano vê-se, mas não se lhe toca...

HOMENS DA SEMANA

Gervasio Lobato, no theatro portuguez, representa a feição comica; e os seus originaes, como as peças de Labiche, não só teem o som de alegrar a gente do seu témpo, mas tambem o de enriquecerem as emprezas theatraes. Abençoado auctor... *e em boa hora o diga!...*

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

O TYPO DA SEMANA

O PÉ DE MEIA

Zé Povinho:—Você é que tem a culpa, seu pé de meia!

O *pé de meia*:—Amigo!... não tenho confiança... Os bancos fazem-se môchos, e eu vou para o canto da gaveta!...

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º

Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2

Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

Memoranda

Não ha dinheiro, e as moratorias do governo, tendo por fim, dizem que salvaguardar os depositos metallicos dos bancos, são o principio d'um quinto acto lugubre, onde os remediados passarão a pobres, os pobres a mendigos, e os mendigos Deus sabe se a salteadores e a assassinos. Esta situação divertida e precaria, coincidindo com o pagamento das rendas das casas—o espectro negro da gente lisboeta—e com a epocha das villegiaturas e das aguas mineraes, modificará fundamentalmente a vida da capital, principiando por fazer acampar alguns com os seus tarecos, no meio da rua, e por circumscrever as passeatas d'outros, a mais modestas estações do verão, intra-barreiras. Isto basta para este anno termos Lisboa singularmente animada, nos mezes de Junho a Setembro, e para entre as exhibições do luxo estival, introduzirmos reformas onde a economia marche de par com a elegancia, as duas revelando-se na suppressão de todos quantos objectos se possam alijar sem quebra de decencia.

Assim pois, visto não haver dinheiro para pagar o semestre, e a moratoria não ser extensivel aos inquilinos, haveremos que deixar com escriptos bairros inteiros e fundar-se-hão nos passeios e terrenos vagos da cidade, bairros de tendas, pictorescamente construidas com lençoes e reposteiros estirados em paus de vassoura, onde cavalheiros e damas vivam a vida nomada de povos pastores, e o passadio consista n'alguma parca sopa de malvas, n'algum *ragout* de gafanhotos, ou caldeirada de caracoes e bichas-cadellas. N'essas ligeiras cidades, todas alegres das tosses dos pianos, com banquetes na herva e salsifrés em roupas brancas, a vida será uma d'estas coizas familiares como só os primeiros dias do Eden conheceram, e no tocante a *toilette*, a moda não póde deixar de não attender ao seguinte—o emprego da menor quantidade d'estofo, na maior cobertura de carne. Isto quer dizer que ou serão esticadissimos os trajos, ou crescendo a carestia das fazendas, aquellas se limitarão ao strictamente indispensavel para cobrir as... ilhas adjacentes.

*
* *

Reconstituam agora o quadro da alta *fashion* veraneando ás tardes pela Avenida, sob este regimen paradisiaco: os grandes janotas de sapato d'ourello e suspensorios, guiando cavallos já sem os quartos posteriores (por lh'os terem cortado para beefs) as horisontaes já não horisontaes, mas obliquas, ou corcovadas de lazeira, com chapeus de raios te partam, ornados de pon-pons de notas do banco de Portugal que ninguem pága, e vestidas de folha de vinha, zephirinamente avoejantes por sobre nombrios litteralmente cobertos de teias d'aranha, como porteiras por onde ninguem passa ha muito tempo. Entre a alta finança e o argentarismo, que as suspensões dos bancos terão reduzido a uma pellatrice ammanuensal, o grande tom será trazer collarinhos de papel, pregados com alfinetes ao panno da camisola, sobrecasacas só com uma aba, e sapatos de baile estrompados na biqueira, mostrando os dedos dos pés, *em sandalia*—dedos cujas unhas disformemente crescidas lhes servirão para tocar viola nas tampas dos cofres fórtes, deshabitados de *mónin*. Duquezas e senhoras d'alta gomma, trajarão nos seus laudeaus, *toilettes* magnificas de *Diario de Noticias* e papel para forrar casas, acolchetadas de joias que serão pasteis do Roza Araujo, então tornados raros como os camafeus mais procurados. E como por falta de freguezes, os restaurants fecharão, e os animaes de que se alimenta o homem terão morrido, ou não haverá dinheiro para os pagar, abrir-se-ha junto ao amphitheatro d'operações dos hospitaes, pequenas locandas, summamente elegantes, onde os gentis-homens regalarão suas princezas com beefs de perna amputada, e *petit patés* de cancro de figado humano, exactamente como hontem ainda se fazia nos restaurants de prazer, com os cadaveres d'outros animaes.

*
* *

=Nos circulos bem informados se rosna que o sr. ministro do reino—cujo sensibilissimo coração lhe invalida infelizmente a energia para grande numero de questões em que seria mister ter mão de redea, e olhos de lynce—tem ultimamente desenvolvido insolitas prestezas a impedir que se encontrem no campo dois duellistas conhecidos, qual mais esfuriado em liquidar offensas de honra, por meio de tiros de pistola. No conseguimento do seu fim humanitario—e vá sem dizer—um pouco massante, emprega o sr. ministro do reino todos quantos ardis a policia é capaz de pôr em exercicio, como sejam deitar agentes fardados no encalço dos adversarios, medico e respectivas testemunhas, e estabelecer um serviço d'espionagem particular, em termos de que qualquer dos compromettidos não dê um passo, falle a um amigo, ou compre um charuto, sem que immediatamente os telephones se ponham a badalar para o governo civil, e d'alli para casa da rainha Santa Izabel que se pôz de permeio aos combatentes.

Ora esta sollicitude hysterica seria encantadora como acção d'amigo, mas começa a tornar-se puerilmente sentimnetal, se consideramos em que n'esta hora angustiosa deve haver no ministerio do reino, coisas muito mais urgentes a tractar do que a prohibição d'escaramuças de honra, entre dois particulares, ambos maiores. Em trens ás ordens, gratificações a policias, e subsidio á espionagem reservada dos duellistas e seus annexos, já se calcula que o governo civil tenha expendido cerca de duzentos mil réis—e isto significa que é tempo de se deixar ao destino a existencia, preciosa aliaz, dos combatentes, mas que para o contribuinte se começa a tornar um pouco cára.

De mais, se na consciencia dos degladiantes se adveio na impreterivel necessidade do encontro pelas armas, porque diabo se intromette a policia em negocios a que não póde dar sancção moral? que tem ella com duas vidas que se não acham bem, funccionando paralellamente? Deixe-as lá esfuracarem-se á vontade. A funcção da auctoridade é respeitar cada cidadão no fundo dos seus brios, e jámais constituir-se em estorvo, quando esses brios reclamam purificar-se á moda antiga. Vinte e quatro libras para evitar um duello... Mas com mil diabos! sae muito mais caro do que um enterro!

*
* *

=No ultimo paragrapho do relatorio pelos peritos do Porto confeccionado, ácerca dos envenenamentos attribuidos ao cathedratico Urbino de Freitas, vem uma conclusão que passo a copiar. N'este theor:

« .. a morte deve attribuir-se á presença nas visceras, de dois alcoloides muito energicos, a morphina e a delfina.»

Delfina é o poema do sr. Thomaz das Obras Publica. Veneno muito energico, diz o relatorio. Por isso se lhe chamou, *Delfina do mal*. Até ao caso Urbino, apenas era empregado como somnifero. A condensação toxicologica que levou a droga a produzir a morte, deve-se provavelmente ao facto do sr. Thomaz ter corrigido o poema, na segunda edição.

IRKAN.

SALVÉ!

Sabonete do Congo, ó rei dos sabonetes,
Eu me curvo ante ti, como ante Assuro, Esther,
Soberano senhor das magicas *toilettes*,
Onde em deusa ideal transformas a mulher!

Saboaria Victor Vaissier, Pariz «Depositario. Meliton Boldu, 87, Valverde, Madrid».

A SITUAÇÃO

Dizem diversos pandilhas
Que isto não tem cura alguma;
Pois eu, fallando em sextilhas,
Posso affirmar-lhes, em summa:
Vae tudo ás mil maravilhas
—P'ra não diser mil e uma ..

Exemplo: o peito onde vibra
O amor da patria adorada,
Ha tempos, sentindo a fibra
P'lo dito amor arreitada,
Ganhou taes odios á libra
Que nem na qu'ria pintada!

A curto trecho, a *amarella*
Leva de todo sumiço,
—Tal como fulgida estrella
Correndo atraz do derriço—
...E hoje, ninguem logra vel-a
—Mesmo tendo gosto n'isso...

.....

Inda mais: andava o pobre
N'uma tristeza mais dira
Que as badaladas d'um dobre,
A lastimar-se—mentira!—
De ter só *bagos* em cobre,
Porque em *notas* nunca os vira.

Vae d'ahi, mercê dos Cunhas,
Da terra gãos financeiros,
O pobre, sem caramunhas,
Já passa dias inteiros
Sempre de *notas* nas unhas
—Que ninguem troca a dinheiros..

Ha tantas notas que, quem
Vae da *cazinha* ao resguardo,
Ao guarda dando um vintem,
Volta-lhe o guarda, galhardo,
Notas ás cem—mais de cem!—
Em logar de papel pardo!

.....

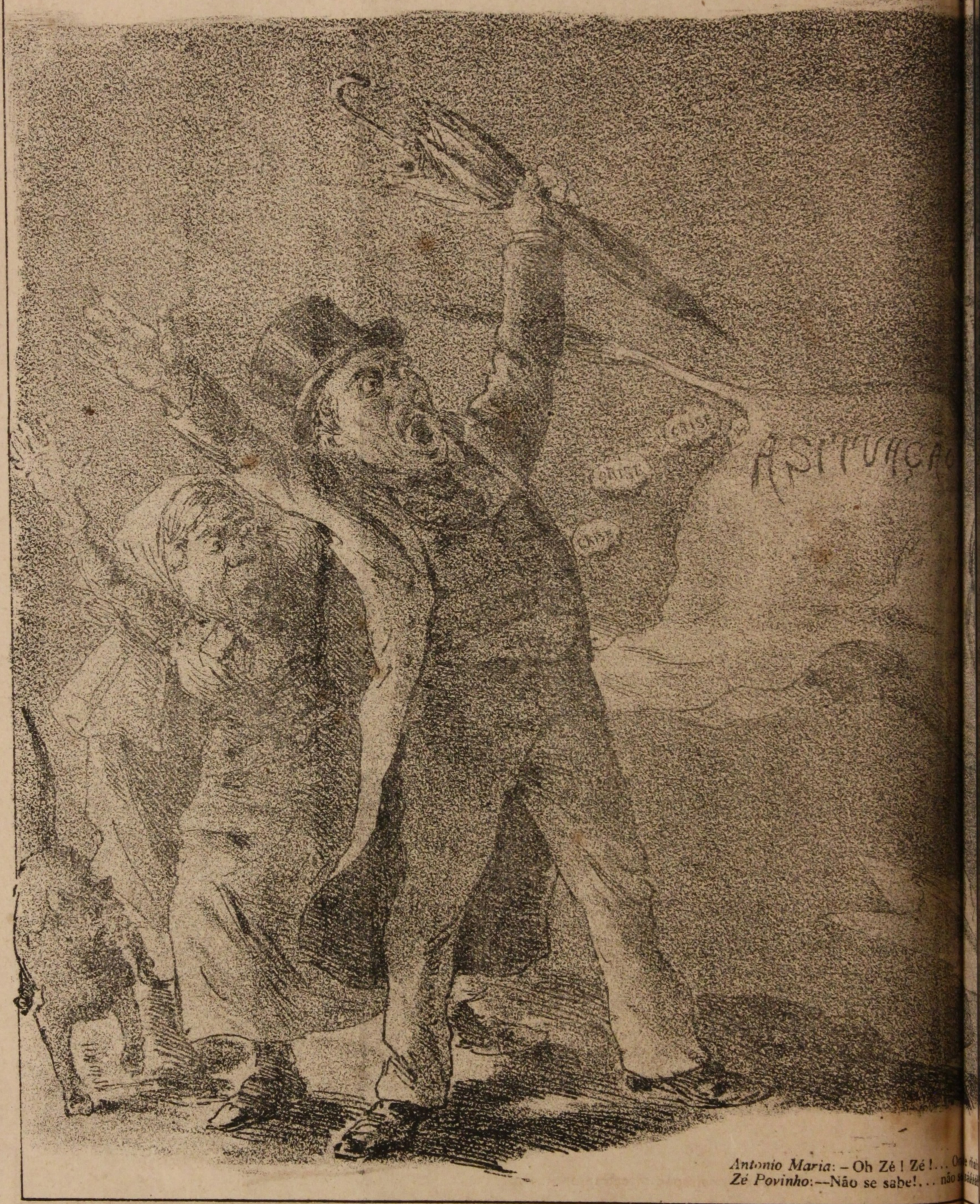
Andavam n'essa Lisbôa
Trinta bancos a ferver:
—Entre muita coisa boa,
Como está facil de ver,
Fica sempre uma pessoa
Sem saber o que escolher...

N'isto, começam taes bancos,
De medo, á tremelicar:
O do Povo, em tres arrancos,
Fica de pernas p'ra o ar,
Outros vão ficando mancos,
Mais outros a coxear...

Isto é motivo—corcordem—
P'ra se erguer as mãos ao ceus!
Se fôr total a desordem,
Não faça o povo escarceos,
Pois pode saccar á ordem
Sobre o seu *banco*—o dos reus...

PAN-TARANTULA.

A CORRID



Antonio Maria: – Oh Zé! Zé!... O
Zé Povinho:—Não se sabe!... não s

POLITICA

bo vaes parar?...
ibe!... (E o burro, catrapoz... catrapoz... catrapoz!...)

TRIBULAÇÕES D'UM RICAÇO

Elle era a bella *charutanga!*
Fallava-se-lhe das desgraças da patria.
—Ora! isso são cantigas. O Povo esta feliz. O Paiz prospera.

Elle era a bella *comesaina!*
—O Povo é uma besta! Que trabalhe!
—Está deliciosa esta perdiz.

Elle era a bella *vinhaça!*
—Ah! O Povo grita? Cheguem-lhe! Pois então?!

De repente... o Banco já não paga em ouro, dá prata.
Oh! diabo. Corramos a buscar as *massas*.
Oh! minha querida Patria! Oh! meu rico dinheirinho!

A' sahida do Banco (Gemendo ao peso da prata).
—Que grande pouca vergonha! Mas então o Povo não se revolta? Isto é um paiz perdido?

—Que diabo heide fazer de tanto dinheiro?
—Como heide guardal o? E se m'o roubam?

— Ora d'ali é que ninguem m'o tira!!

Mas tem pesadellos terriveis que se repetem todas as noites...

e eis aqui como o Ricaço passa agora as noites: Não come, não bebe, não dorme, nem... O que é uma pessoa ter dinheiro em casa!

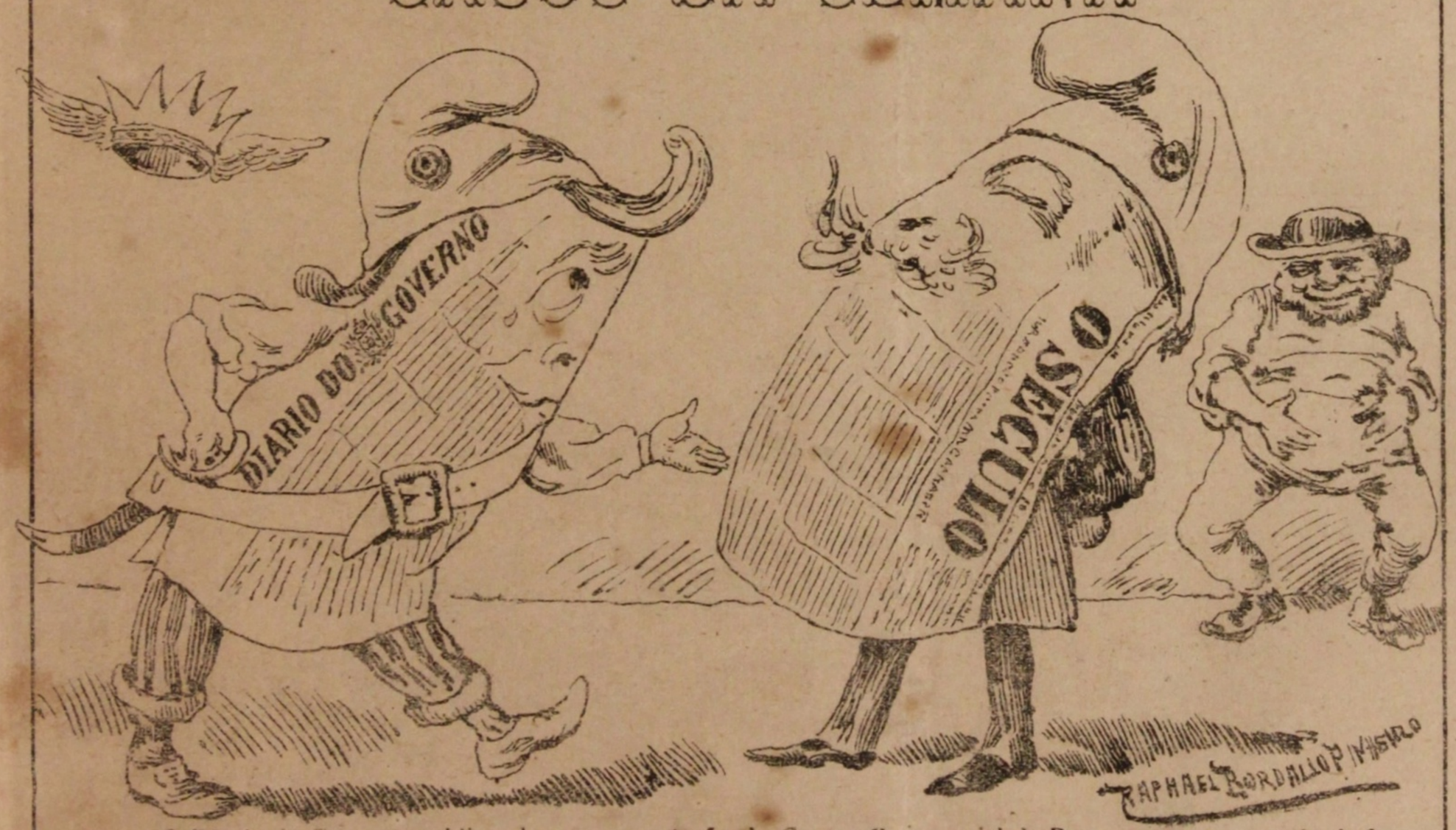
Na rua.

O RICO.—E' muito melhor não ter dinheiro, só para não ter a massada de o guardar.

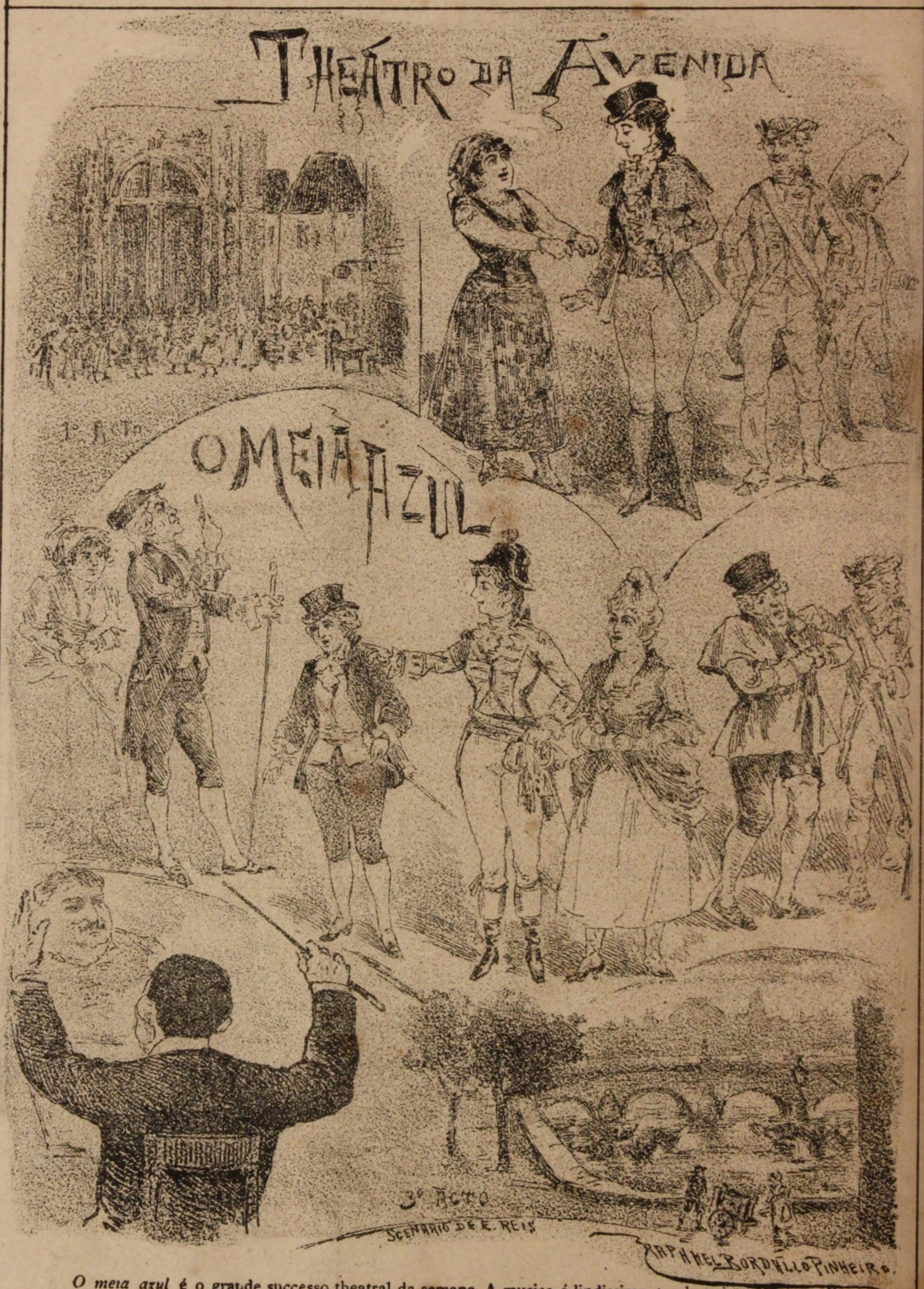
O POBRE.—Não ha nada como a gente ter dinheiro, e não ter a massada de o ganhar.

MORALIDADE.—*Ninguem está contente com a sua sorte.*

CASOS DA SEMANA



O Diario do Governo, publicando a representação do Centro Commercial do Porto, passou ao estado de folha perigosa para as instituições. Em vez d'uma corôa, nós pedimos licença para lhe adornar a cabeça d'um modo mais consentaneo com a prosa revolucionaria que ora publica. E assim poderá estar ao desabrigo da lei do sr. Lopo Vaz.



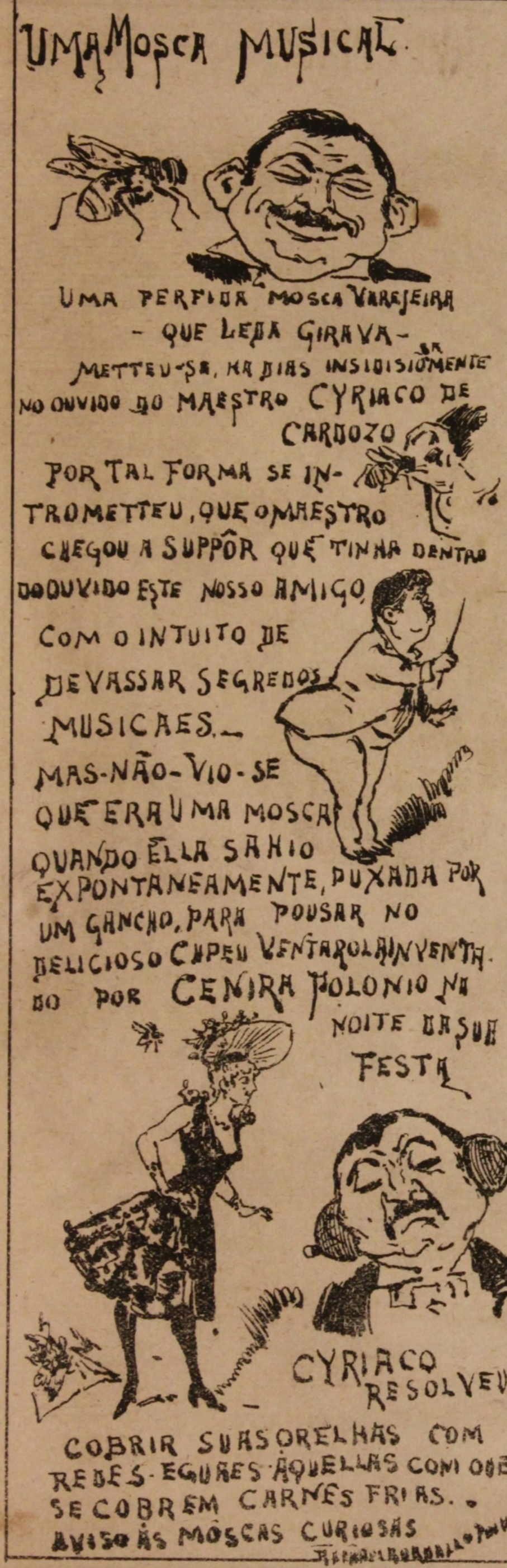
O meia azul é o grande successo theatral da semana. A musica é lindissima, tendo todo o encanto d'uma verdadeira opera comica. O desempenho, por parte de todos os artistas, é mais uma prova do quanto pode o talento, o saber e a força de vontade d'um *maestro* distinctissimo como é Cyriaco de Cardoso. A acção passa-se em Paris, no periodo da Revolução franceza. O scenario é uma verdadeira surpreza como exactidão e pittoresco.

OS HOMENS DA SEMANA

O ARGUS DA POLITICA

A solução da crise

Andava toda a gente a pedir *A vida nova*. E tanto pediram e tanto gritaram estas rãs da occidental praia lusitana, que Jupiter lhes atirou com a *vida velha*. E vae d'ahi passamos d'um ministerio de *nephelibatas* para um ministerio de *nephelibotas*. E' de crer que teremos depois d'amanhã ministerio de *nephelibarros!*...



NA MONTRA DO PITTA

Na montra do Pitta camiseiro está agora em exposição a verdadeira caricatura de Zé-Povinho. E' um palhaço que o Pitta trouxe de Paris, que ri, encolhe os hombros, pisca os olhos, bate as palmas, e torna e retorna a rir, e a encolher os hombros, e a piscar os olhos e a bater as palmas, desde que o sol nasce e até que o sol se põe, contanto que lhe dêem corda. Em Zé Povinho o systema de relojoaria é que é differente. A corda, quando não é de peixe-espada, é de carneiro com batatas. Extraordinario Zé Povinho!...

A SEMA

Uma borg

Amigo Zé Povinho !...

A POLITICA

a horta das tripas

de os mandares á fava, és tu que pagas as favas !...

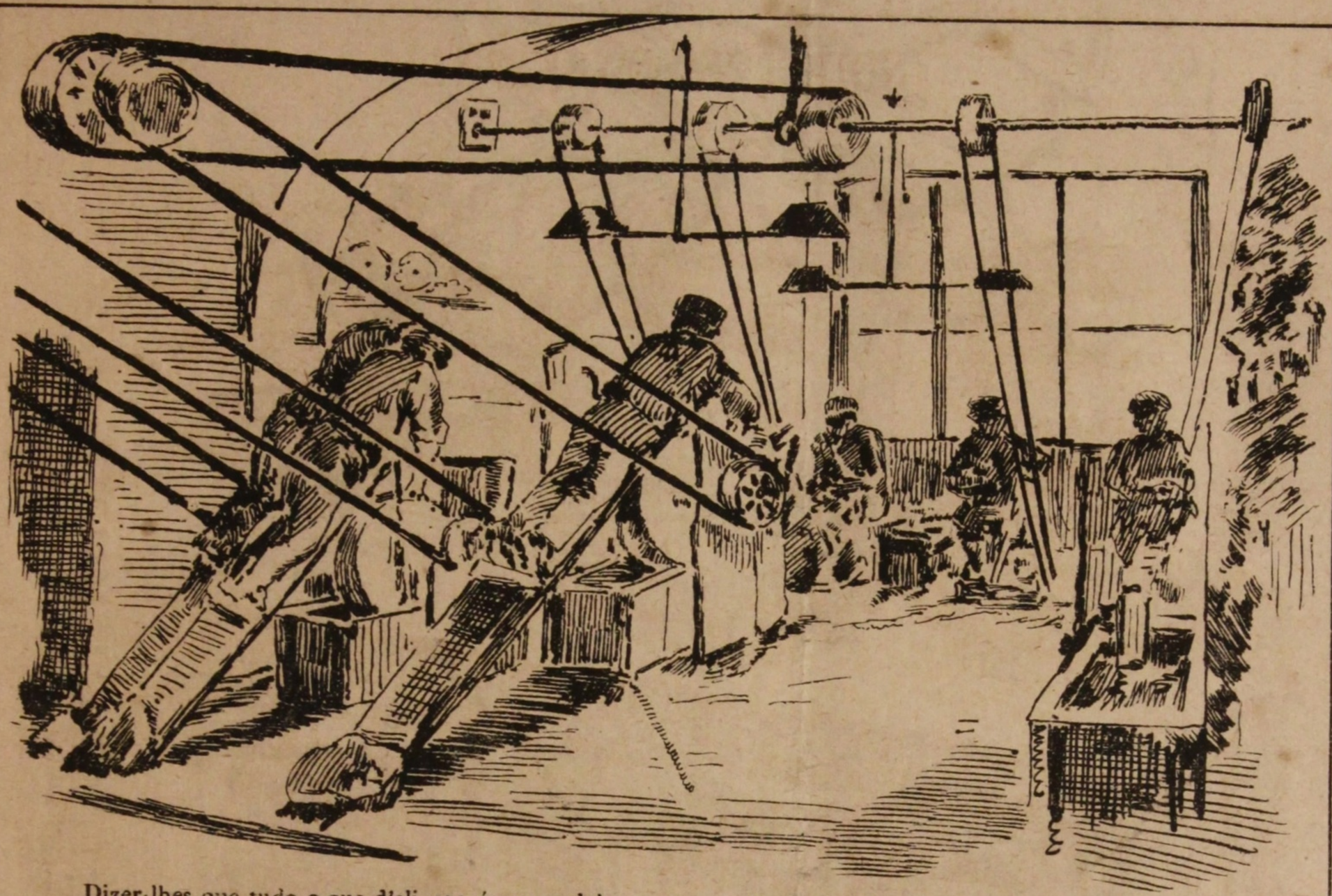
INDUSTRIA NACIONAL

Um convite dos nossos amigos Silva Lisboa e Victor Lisboa para visitarmos a sua *Cutelaria* modernisada? Mas isso não se deve perder! Farto das sensaborias do Terreiro do Paço estamos nós até aos olhos. Vamos ver cousa de geito, cousa que representa as forças d'este desleixado paiz em acção.

Pois senhores: a *Cutelaria Polycarpo* é uma pequena maravilha, uma officina modelo, pela novidade, esmero, e originalidade dos seus processos de fabrico, pela educação artistica do seu pessoal, á compita com o melhor no genero, que se encontra no estrangeiro.

N'outro tempo estava ali um sympathico e amavel velhinho, que ouviu zinir muita bala disparada em favor da liberdade—para afinal cahirmos na *rolha* do sr. Lopo Vaz, diga-se de passagem—, um velhinho que ensinou todo aquelle pessoal, e fez da sua industria uma cousa séria, posto que moldada nas tradições do «antigo». O velhinho desappareceu da lista dos vivos. Ficaram os filhos, rapazes educados segundo as exigencias da civilisação moderna, e que por força tinham de soffrer a influencia d'essa civilisação. Silva Lisboa, um d'elles, o polemista d'outrora, temido pelos contrarios, respeitado pelos seus, Silva Lisboa, o orador, e luctador politico que mais se soube impôr pela pujança das suas crenças e do seu estylo, teve de abandonar as luctas d'outro tempo para sustentar nobremente as tradições de seu pai, as tradições de uma casa industrial que tem sido e continuará a ser sempre a primeira do paiz, para continuar a honrar a obra que herdou d'esse artista, o mais perfeito da sua classe.

E' pela iniciativa de Silva Lisboa, secundado na sua obra por seu irmão Victor Lisboa, que se não poupa a esforços para honrar as tradições da casa, que a *Cutelaria Polycarpo*, entrou na phase brilhante, modernissima, distincta, que hoje se impõe á nossa admiração. E quem passa pela travessa de S. Nicolau, junto á rua da Prata, admira aquelle templo sinho da arte, que o Silva Lisboa restaurou, mercê do seu genio emprehendedor, da sua vigorosa intelligencia. Todo o seu amor está agora consagrado a essa industria, ao templo onde ella se cultiva pela harmonia e esforços perseverantes de todos os operarios que vêem em Silva Lisboa um amigo, ou companheiro apenas de trabalhos; á gerencia d'esse amorzinho de estabelecimento, que tão grande nomeada alcançou no paiz.



Dizer-lhes que tudo o que d'ali sae é um modelo de acabamento, de perfeição, é dizer-lhes que todos devem comprar os productos d'aquella casa, desde o artigo domestico o mais simples até ao mais complicado artigo de cirurgia. Porque esses artigos, em belleza, em qualidade, em toque artistico, rivalisam com os melhores do estrangeiro. E como agora toda a gente fala na patria e em patriotismo, parece-nos que é um acto de sincero patriotismo preferir o que é fabricado no paiz, á custa de enormes sacrificios, ao que vem de fóra em condições que não aproveitam ao nosso mundo operario.

Não digam agora que isto é *reclame* á *Cutelaria Polycarpo*. Devemos a Silva Lisboa essa leal camaradagem que se tem affirmado em largos annos de lucta, e move-nos a sympathia qne a elle e a seu irmão nos ligam, e sobretudo, a sympathia pela sua obra que tanto importa á economia da nação.

Merece sempre o applauso publico toda a actividade que se applica ao desenvolvimento de uma industria, no momento em que tanto inutil que por ahi anda, só tem este ideal — viver á custa dos outros.

E elles são tantos!

CABRA-CEGA MINISTERIAL

Verdadeiramente ás cegas, ahi anda a augusta Chave de todo o systema representativo, a ver se é capaz de prender alguem para formar ministerio. Já lhe escapou João Chrysostomo, e mais S. Januario e mais o prophera Marianno. Consta á hora em que estamos caricaturando estes mal alinhavados narizes que foi agarrado Santo Antonio de Serpa. Se assim é vamos ter mais fuçanata. Havemos de morrer a rir—independentemente de morrermos cobertos de vergonha. Seja pelas cinco chagas de nosso senhor Pinheiro Chagas!...

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º

Lythographia de Portugal. Travessa da Arrochella 2

Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

THEODORE DECK

O *Antonio Maria* cumpre hoje o doloroso dever de registar a morte do querido mestre e grande fayancista, Th. Deck, director da Manufactura nacional de Sevres.

Este nome, que o nosso publico talvez ignore, é comtudo o nome d'um eminente artista que, de nossos dias, deu á fayança franceza, o mesmo renome e o mesmo brilho dos tempos gloriosos das escolas de Rouen e de Nevers. Os esmaltes azues de Deck, e os seus fundos de ouro inspirados de São Marcos de Veneza, deram-lhe uma tal celebridade a uma tal auctoridade no mundo dos artistas, dos amadores e dos collecionadores, que no dia em que vagou a direcção de Sevres o governo francez não hesitou em confiar-lhe esse lugar.

Pessoalmente, o director artistico do *Antonio Maria*, deveu lhe as mais delicadas provas de estima e de affecto, quando na Exposição de Paris foram expostas as fayanças das Caldas da Rainha.

A seu irmão Xavier Deck enviamos a expressão sincera dos nossos sentidos pesames — pesames pela morte do mestre e do amigo.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

OS HOMENS DA SEMANA

Sua Graciosa Magestade Gervasio Lobato Magno, coroado imperador da Pilheria e rei da Comedia, hoje 29 de maio de 1891, no theatro do Gymnasio, por todos os seus admiradores que é todo o publico. *Amen.*

Parece que é o doutor Pangloss que hoje redige a imprensa lisbonense.

A juigar pelo que se lê nos jornaes, dir-se-hia que o paiz se transformou n'um verdadeiro paraiso terreal, só porque o sr. Lopo Vaz deixou de ser o notavel fabricante de rôlhas que nós todos conhecemos e apreciámos, para nos apparecer mudado em anjo libertador da imprensa... Quem tal diria!

Que revolução na politica, nos costumes e na caricatura!...

Antigamente, o sr. Lopo Vaz era representado como um feroz carrasco da Liberdade, como um feroz inquisidor, submettendo os pobres jornalistas ás torturas do Limoeiro e aos embaraços pecuniarios d'uma multa de 500$000 réis, applicada a quem geralmente não tem 500 réis, para uma tipoia.

Agora como havemos de o representar?...

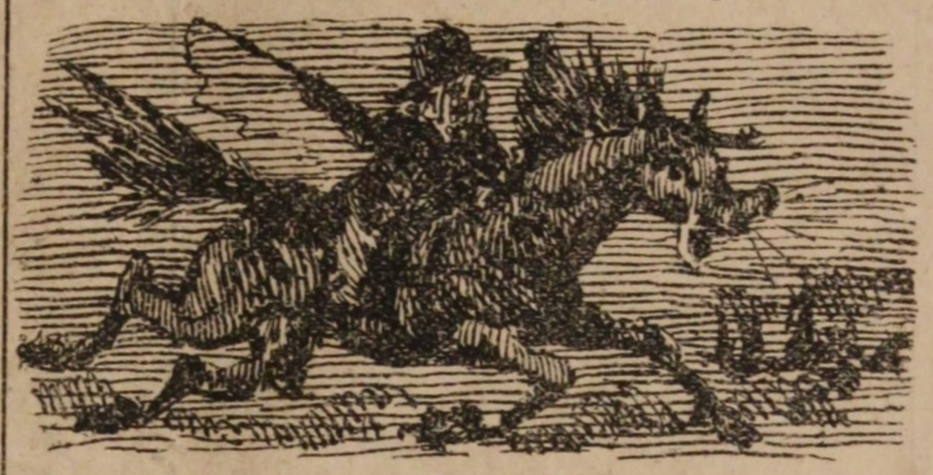
Como a tenra pombinha, trazendo no bico o ramo d'oliveira da paz e da concordia? Ou como Saturno devorando os proprios filhos?...

* * *

Em qualquer dos casos, quer-nos parecer que a transformação do sr. Lopo Vaz, seria um bello argumento para um pantomima dançante, que tivesse por fim variar algum tanto o reportorio dos *divertissements* de S. Carlos.

E ao mesmo tempo serviria de prodigioso exemplo de moral politica, a todos os deputados mal intencionados, que frequentam o nosso theatro lyrico.

Uma tal pantomina mostraria quão mal illuminada é a estrada porque trilham os tyrannos da nossa epocha. E tão mal illuminada, que o sr. Lopo Vaz, que emprehendeu a sua viagem politica pela estrada



do *posso, quero e mando,* ao cabo d'alguns annos de largo trote na busca do paiz da tyrannia, foi esbarrar no paiz da liberdade e da tolerancia...

E' o momento, ó nunca! de nos voltarmos para a *Nação*, e de exclamarmos n'um idioma que lhe é caro:

—*Quantum mutatus ab illo!* ..

Ou o theatro é um cano moralisador das sociedades, ou não é.

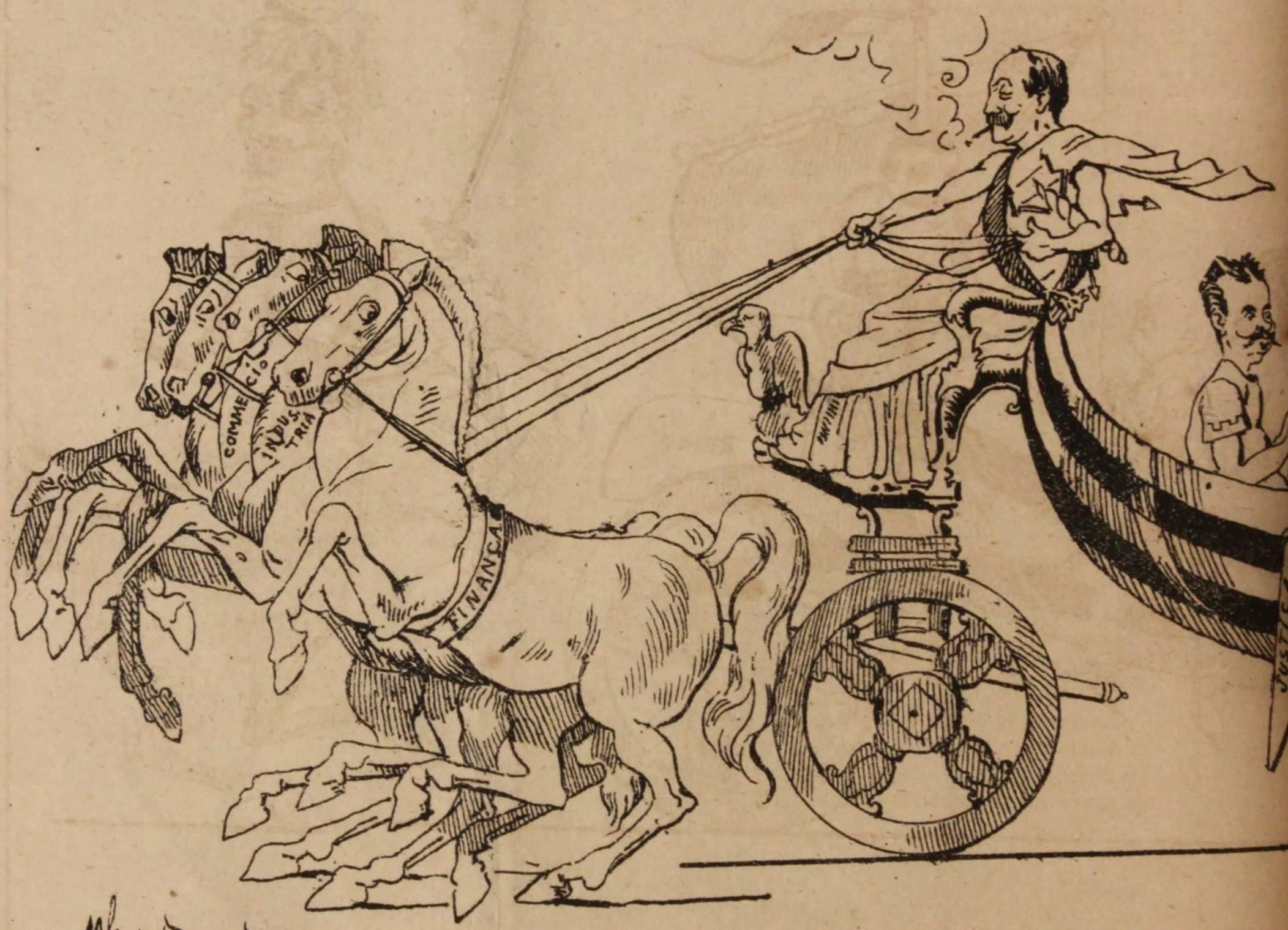
Se é, se o Estado subvenciona certas scenas com o fim expresso de melhorar os costumes das massas, pondo-lhes diante dos olhos exemplos de sã moral que elevem a alma do chamado charco das podridões humanas—é preciso que o theatro se apodere da crise ministerial, e lhe extraia dos tutanos a alta lição de moral e de justiça que ella em si encerra...

Pois quê!... Vemos um homem que toda a sua vida trilhou a senda do mal, que toda a sua vida procurou meiter uma rolha na bocca da Liberdade, o que é uma tentativa de pessimo gosto, principalmente quando se pensa que a victima é uma senhora, e hoje que esse homem se arrepende e se arrepella em publico, não havemos de aproveitar semelhante acontecimento, para que sirva de eloquente exemplo a vindouros?...

Pedimos que se componha uma pantomina para a proxima epocha lyrica.

O CARRO D

Projecto de decoração politica, para o

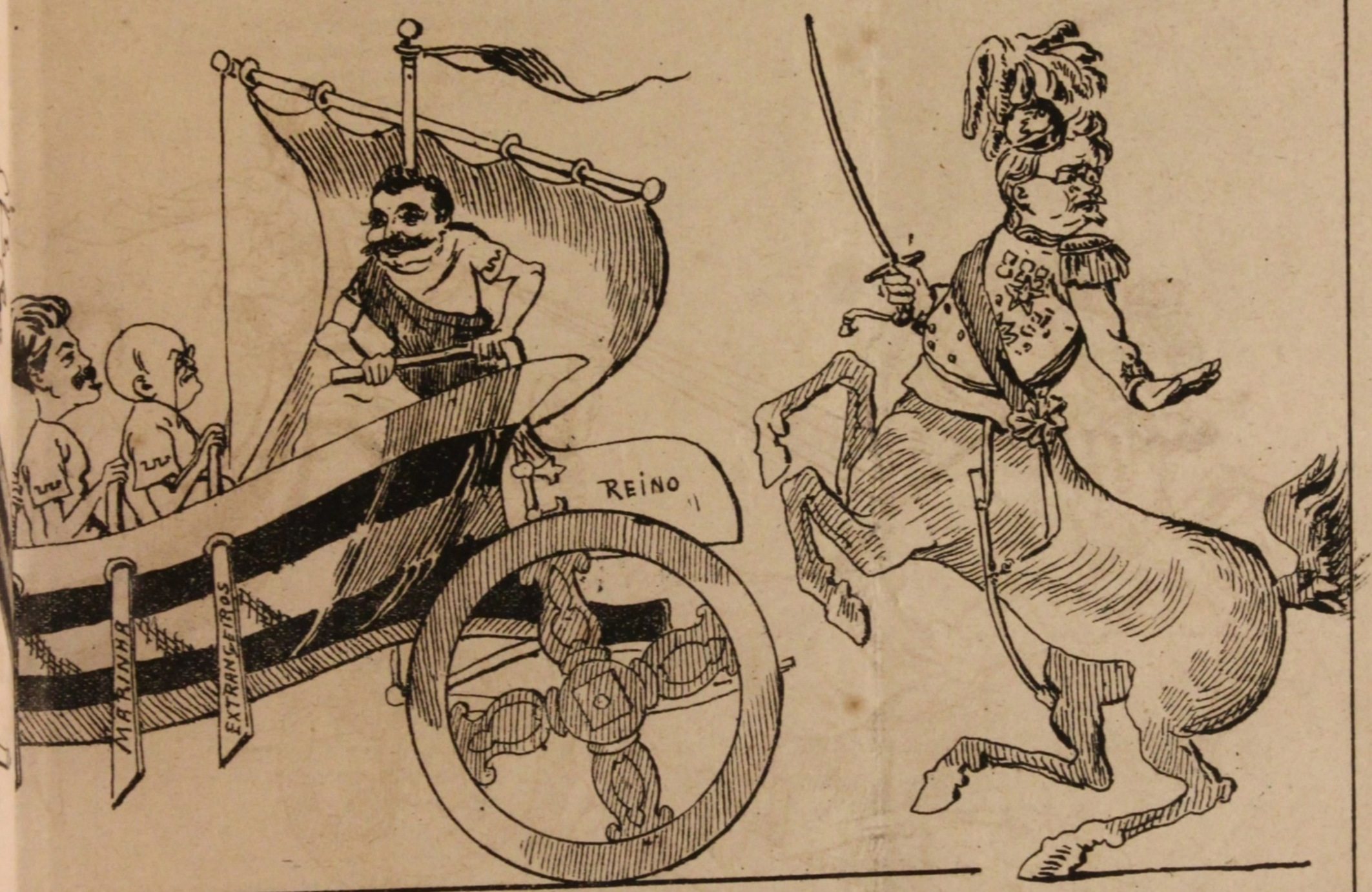


M. Gustavo Bordallo Pinho.
imitou de Caran d'Ache.

O carro do Estado é conduzido por Sua Eminencia Marianno Jupiter d
Alteza e ex-tyranno Lopo Vaz de Sampaio e Mello. O general Marte, presiden
indomitos corceis são sustidos pelo pulso de Jupiter; e tudo corre sobre um ca

O ESTADO

para os muros de S. Bento



lho. Os ministros estão nos seus bancos. E ao leme da governação vê-se Sua
ar do Olympo, sustem os impetos do exercito... O vento enfuna a vela, e os
le rosas... emquanto Deus Nosso Senhor quizer!...

Uma pantomina em 2 actos. O primeiro acto, passar se-ha nos infernos. Lopo Vaz, espirito das trevas, forja com os seus cumplices terriveis torturas para os pobres jornalistas. Os infelizes, mettidos n'uma jaula, amordaçados, algemados, com os punhos cerrados, conservam-se n'uma attitude corajosa e ameaçadora.

Grande bailado das multas... E' noite escura e sombria. Rompe medonha trevoada. Uma faisca electrica atravessa a scena. Hesita, pára, olha, detem-se e depois... zás!... enterra-se no toutiço de Lopo terrivel de Sampaio e Mello.

E' a faisca da eterna justiça!...

*

O 2.º acto representa o paraizo, um d'estes paraizos á Puvis de Chavannes, em que os seres andam nùs, desde o bicho de conta até ao homem e até á mulher.

Os rios são de leite, as arvores são de chrystal, os cordeirinhos são de sêda, as estradas de diamantes, e os ventos arrastam os mais dôces, os mais castos, os mais imprevistos perfumes.

Esse paraizo chama-se — Portugal. Este inferno transformou-se n'um abrir e fechar d'olhos, graças á transformação do Senhor Lopo, n'um verdadeiro Eden.

Os jornalistas que ainda ha uma semana se odiavam com um odio só comparavel ao do cão e do gato, correm agora de braço dado, pela campina, entoando canticos de felicidade, beijocando-se fraternalmente, agitando as pennas em signal de triumpho.

Tal é o 2.º acto d'essa pantomima a que nós estamos assistindo, desde Melgaço ate ao cabo de S. Vicente.

Praza aos ceus que o Senhor Lopo nos appareça sempre trajando as pulchras vestes da deusa Liberdade, e que a rôlha deixe por uma vez de ser o seu melhor titulo de gloria.

QUIDAM.

CAMONEANA

O velho Adamastor, que possuia
A bocca negra e os dentes amarellos,
Lavou se com sabão do Congo um dia,
E tornou-se um janota dos mais bellos!

Saboaria Victor Vaissier, Pariz «Depositario: Melitton Boldu, 37, Valverde, Madrid».

O PATACHO

Inda me lembro de vel-o,
—Por oc'lo de longa vista—
O patacho Cabedello,
Dos vagalhões sobre a crista;
A' prôa suspensa a amarra,
Entrava e saía a barra
A gingar como um fadista!

Tristão Raymundo Mariz,
Capitão d'esse patacho,
Era—como o outro que diz –
Levadinho do diacho:
Pae, nem mãe–nem mesmo a prima–
Lhe puzera a mão por cima
– Nem por cima, nem por baixo!

Quando o vento erguia as vagas
E entre as enxarcias bramia,
Era um chuveiro de pragas,
Tanta e tão negra heresia,
Que até S. Pedro—co'a breca!—
Passava a mão p'la careca
A fingir que o não ouvia!

De genio heroico, indol' brava,
Era um valente, o Tristão!
E tanto, emfim, se lhe dava,
Quando rugiu o tufão,
Comer um naco de brôa,
Como ser elle, em pessoa,
Comido d'um tubarão!

Mas um dia, em que a tormenta
Rebentou com furia insana,
O Tristão, torcendo a venta,
Ao ver o barco em pantana,
Poz-se ao fresco e disse ao barco:
—Já te não salva do charco
Nem S. Chrispim—nem a mana!

E, censurado o Tristão
Por ao barco abandonal-o,
Do patacho o capitão
Respondeu, sem grande abalo:
—Se um barco se desmantela,
Sem mastros, leme, nem véla,
P'ra que serve governal-o!...

.....

Inda ha pouco, o luso rancho
Andou todo atomatado,
A ver se pescava, a gancho,
Já d'um lado ou d'outro lado,
Um governo puro, extreme,
Que tomar quizesse o leme
D'este *patacho* estrompado.

Qual no caso do patacho,
De que este caso é segundo,
Tambem penso, tambem acho,
Como achou Tristão Raymundo...
E, d'esta fórma, discerno:
—P'ra que serve ter governo,
Se o patacho vae ao fundo?...

PAN-TARANTULA.

PHYSIONOMIAS DA CRISE

INTER DUO LITIGANTES TERTIUS GAUDET.

A semana politica

Na espectativa benevola.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

CUNHA VASCO

Para os portuguezes que teem estado no Brazil foi immensamente agradavel a noticia da chegada a Lisboa d'um dos mais sympathicos membros da colonia portugueza do Rio de Janeiro. Cunha Vasco, que tem o seu nome ligado aos trabalhos do *Gabinete portuguez de leitura*, a quantas obras de caridade se teem organisado no Brazil a favor de irmãos nossos desvalidos,—é tambem um fino espirito litterario, que em annos que não vão longe produzio deliciosos versos e paginas de correcta e excellente prosa, em mais d'uma publicação fluminense. Pertence ao escolhido grupo dos nossos compatriotas que, no Brazil, são os representantes da alma e do espirito nacional.

Velhos amigos e companheiros de Cunha Vasco, d'aqui o abraçamos affectuosamente—porque n'elle abraçamos um grande amigo e um portuguez de lei.

Leitor amigo:

Cabe-me o doloroso dever de te annunciar que a Inglaterra de novo nos roubou, e que ainda por cima devemos pulár de contentamento—por que nos roubou tão pouco...

Assim nol-o aconselham os mais entendidos estadistas e os mais habeis diplomatas... Portugal deve ainda ficar muito contente, pois que, por um preço tão baixo, sahio com as costellas inteiras d'um conflicto que esteve em vesperas de o arrastar ás mais terriveis consequencias.

Aguentar e cara alegre—tal é o nosso destino. E' a diplomacia europeia que o diz, e ella que o diz é porque tem boas razões.

Essas «boas razões» resumem-se a muito pouco. Ora oiçam...

A Inglaterra possue uma esquadra que contava em setembro de 1890, a bagatella de 78 navios couraçados e de 329 vapores não couraçados, sem fallarmos em 150 barcos-torpedos de 1.ª e de 2.ª classe.

Esta esquadra, além do seu numero, possue ainda uma outra qualidade que de modo algum pode ser desprezivel—é que se move, e navega.

Effectivamente, não só a esquadra ingleza composta d'estes 557 vasos de guerra *existe*, mas ainda por cima *se desloca*, percorrendo os mares em todas as direcções.

Em Portugal, o que annunciam as estaticas, para oppôr a estes 557 estafermos de ferro e aço?... 42 vasos de guerra, dos quaes o mais florescente e valoroso é sem duvida esse *Pimpão* da Costa e Silva, que a exemplo dos mais illustres conselheiros do nosso paiz, accumula com as funcções de couraçado, a funcção de ostreira de guerra, complicada com a funcção de Limoeiro fluctuante.

Só sabe estar parado e ancorado em frente do seu ministerio. Comprehendeu o *Pimpão* que n'este paiz, até os couraçados devem ser primeiro que tudo empregados publicos—para não fazer nada. E' o que faz o sr. *Pimpão*.

*
* *

Em taes condicções, como queres tu, Leitor amigo e prespicaz, que a Inglaterra, que nunca teve escrupulos mesmo em frente de paizes com boas esquadras, se privasse do ineffavel goso de nos roubar aquillo que nós não podemos guardar, nem defender?...

—«Mas então, dirás tu, já não ha justiça, já não ha direito, já não ha respeito pela propriedade alheia?... Está sómente o fraco á mercê do mais forte?... Mas isso é uma infamia!...»

E' uma infamia, é, Leitor amigo e prespicaz. E' uma grande infamia, e uma refinadissima ladroeira, de que nós já eramos victimas pelo tratado de 20 d'agosto de 90, e de que nós agora somos victimas com as bases de 28 de maio de 91...

Grande infamia! refinadissima ladroeira!...

Mas a Inglaterra rouba-nos porque tem 557 navios de guerra para defender as suas expoliações; e nós temos que nos deixar roubar, porque só dispomos da supracitada ostreira e de poucos mais vasos de guerra, para defender e proteger o que é nosso.

Grande infamia! refinadissima ladroeira! .. E erguemos os punhos para o céu, em impetos de desespero; e sentimos que uma onda de sangue nos sobe até á bocca—porque queremos protestar e não podemos, porque queremos dizer que não, e vemo-nos sós, absolutamente sós, abandonados n'este canto do occidente, sem um amigo, sem um alliado, a mercê das ladroeiras inglezas, como a Polonia nos fins do seculo passado, á mercê da Prussia, da Russia e da Austria.

*
* *

A historia, Leitor amigo e prespicaz, é feita de milhares de scenas e de ladroeiras eguaes áquella de que hoje somos victimas.

O nosso desespero n'este momento, isto é, desde o dia do *ultimatum* até hoje, provém de que nos haviamos afeito á idéa de que Portugal era um paiz privilegiado e protegido pela Divina Providencia, no qual ninguem ousaria tocar.

Tão confiantes estavamos no auxilio da tal Divina Providencia, que foi preciso mais de um anno para nos convencermos de que estamos á mercê, não só da Inglaterra, mas de qualquer potencia de primeira e até de segunda ordem.

Somos só nós, n'estas condições, em toda a Europa? Não somos.

Tambem á mercê do mais forte está a Belgica e está a Hollanda. Sómente, estes dois paizes fizeram mais alguma cousa do que nós—trabalharam, progrediram, enriqueceram.

Nós, não. E hoje que a Europa se volta para nós, compadecida, nós mostramos-lhe o espectaculo d'um povo muito sympathico, muito digno de estima, com uma bella tradicção historica—mas apodrecido e adormecido por uma mandrice fundamental e por uma emprego-mania vergonhosa e degradante.

Santo Deus! Como nós somos mandriões e empregados publicos!... Santo Deus! Como nós somos, em grande parte, os culpados do que hoje nos está acontecendo!...

Quando me lembro, que a partir do anno de 1880 já os Estados europeus andavam empenhados com o problema africano, já se organisavam grandes companhias exploradoras.. E que faziam os portuguezes?.. Sollicitavam empregos aos governos, e os governos pediam emprestado em Londres e Paris, para pagar os vencimentos aos empregados e outros parasitas do Estado...

E ninguem pensava em Africa, a não ser para mandar para lá degredados...

* * *

EITOR amigo e prespicaz:

Perdôa a gravidade do assumpto. Mas a semana assim o quer. *Semaine oblige, trait éblige*... Quando o tratado é o assumpto de todas as conversas, seria inadmissivel que eu te vi esse fallar da influencia do camarão nos reconditos do coração humano, ou da influencia do *decadismo*, na prosa dos artigos de fundo.

Pensemos no tratado; tratemos de o ler, de o meditar, não como um documento que estabelece relações commerciaes entre dois paizes, — mas como uma pagina de alta critica e de alta philosophia politica..

Saibamos aprender na adversidade. Tratemos de ver se temos juizo, economia, previdencia, amor ao trabalho. Tratemos de viver dos nossos recursos de hoje, e deixemos em paz as gloriolas historicas.

O homem veio ao mundo, para trabalhar e para soffrer. Os proprios divertimentos e prazeres que o homem inventou, não são mais do que fatos de mascara, para mascarar a sua dôr...

Resignemo-nos e trabalhemos. Perdemos Manica?... Com mil raios, que ainda temos intacto o solo sagrado da metropole!...

Trabalhemos! trabalhemos!... Só pelo trabalho seremos capazes de equilibrar o que nos vae ser roubado pelo illustre salteador, que se chama lord Salisbury!...

QUIDAM,

DIFFERENTES ESPECTATIVAS

Tivemos a espectativa *benseola* dos partidos monarchicos, a espectativa *adversa* do partido republicano. Temos agora a espectativa *armada* do sr. Fuschini. Ou elle não fosse o Fuschini Campeador da Liga Liberal...

A MORAL DO

N'este banquete do bandidos, Portugal é o cão de

TRATADO

roendo os ossos da preza...

DE PERNAS PARA O AR

(Carta, a Marilia)

Tua mãe pespegou-te um sermão,
Poz-se toda a familia a ralhar,
Porque tu te estendeste no chão
E ficaste de pernas p'ra o ar!

Não te importe o ralhar da familia,
Da mamã não te importe o prégar,
Que hoje em dia, adorada Marilia,
Anda tudo de pernas p'ra o ar!

Chove e neva no tempo presente,
E' de inverno que brilha o luar,
—A folhinha do padre Vicente
Anda agora de pernas p'ra o ar!

Do meu tempo os rapazes—embora
Hoje velhos e gastos, p'ra amar—
Valem mais que os rapazes de agora
—Natureza de pernas p'ra o ar!

Os machuchos de varios partidos,
Que inda ha pouco se qu'riam matar,
Governando lá vão, muito unidos...
—Anda a coisa de pernas p'ra o ar!

Quem, jogando, ganhou bons dinheiros,
Deixa o jogo, quer ser titular;
Os fidalgos vão ser batoteiros,
—Anda o mundo de pernas p'ra o ar!

N'outro tempo, o mancebo janota
Namorava, se qu'ria casar;
Hoje, é *ella* a primeira a dar sota
—E' namoro de pernas p'ra o ar...

Quem trabalhe e não ganhe—isso abunda;
Quem mandrie, com bom lucro—é vulgar;
Assim pois, em geral barafunda,
Anda tudo de pernas p'ra o ar!

Alliados fieis—os inglezes—
Em que nós nos quizemos fiar,
'stão peior's que a ralé das más rezes,
—Tudo, tudo, de pernas p'ra o ar!

Quem, de bago sonante á pedincha,
Notas *d'oiro* consegue trocar,
Só se as troca por prata—e pechincha!—
—Tudo, em summa, de pernas p'ra o ar!

.....

Adorada Marilia: isto posto,
Um conselho—e bem bom—te vou dar:
Sempre, sempre, que tal te dê gosto,
Cae, ficando de pernas p'ra o ar...

Não te importe o ralhar da familia,
Da mamã não te importe o pregar,
Que hoje em dia, adorada Marilia,
Anda tudo de pernas p'ra o ar!...

PAN-TARANTULA.

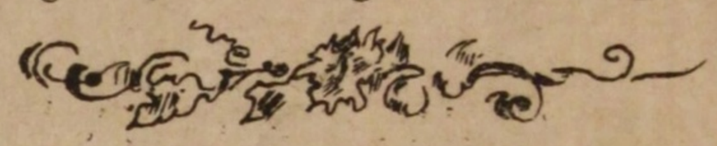
IGNEZ DE CASTRO

Conta a lenda que Ignez, junto ao Mondego,
Dos seus formosos olhos nunca enxuito,
N'aquelle engano d'alma tedo e cego,
Sabonete do Congo uzava muito!

Saboaria Victor Vaissier, Pariz «Depositario: Meliton Boldu, 87, Valverde, Madrid».

Veja se nos annuncios:
Carimbos em todos os generos; rua do Ouro, 175.

Inauguração das aguas da Vidigueira



A redacção do *Antonio Maria* agradece á Camara Municipal da Vidigueira e ao visconde de Ribeira Brava o amavel convite que lhe enviaram para assistir á inauguração do novo estabelecimento das aguas n'aquella villa.

Aqui deixamos em rapidos *croquis* algumas impressões d'essas festas populares, para cujo brilho tanto concorreu aquelle nosso excellente e sympathico amigo.

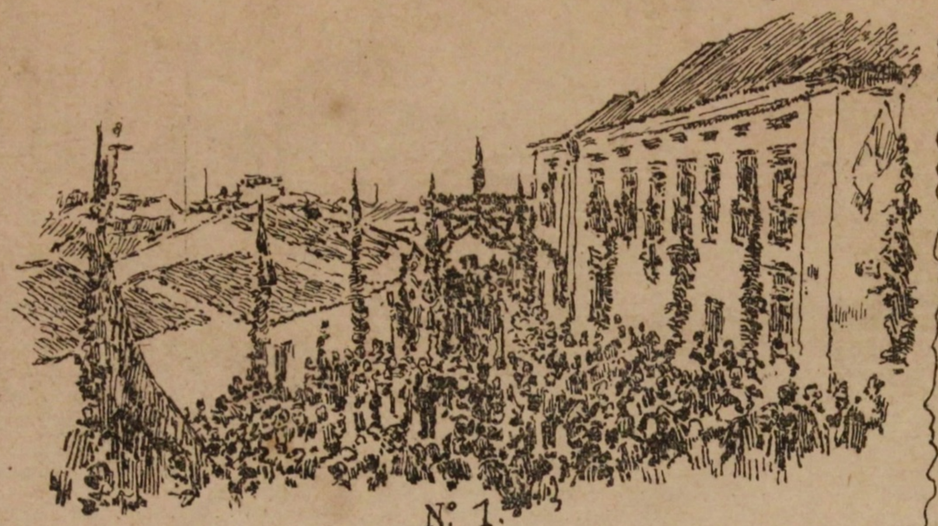
N.º 1.—Cortejo religioso da egreja para o deposito das aguas.

N.º 2.—A benção das aguas.

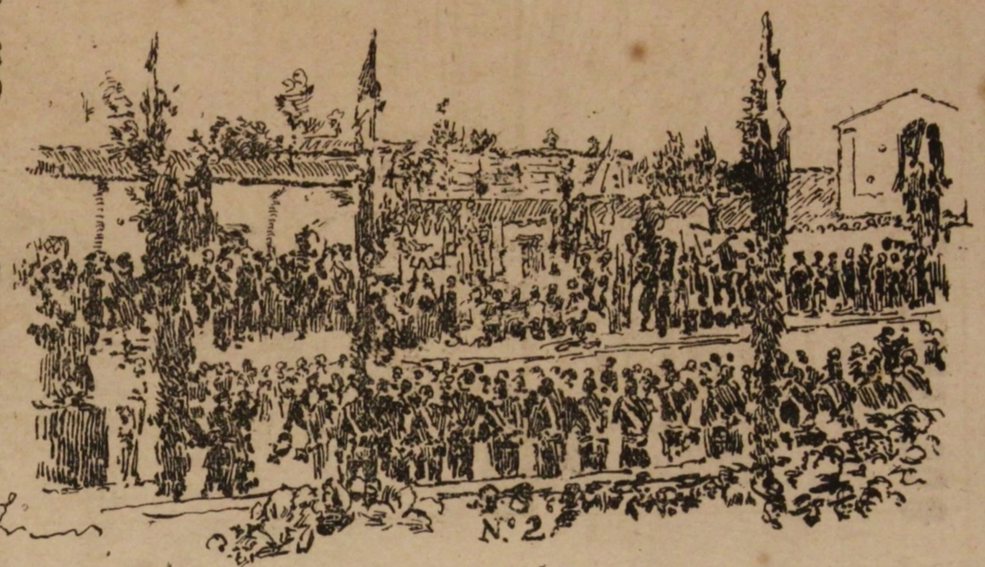
N.º 3.—O visconde da Ribeira Brava felicitando o povo da Vidigueira por aquelle melhoramento.

N.º 4.—O batalhão municipal em frente dos paços do concelho.

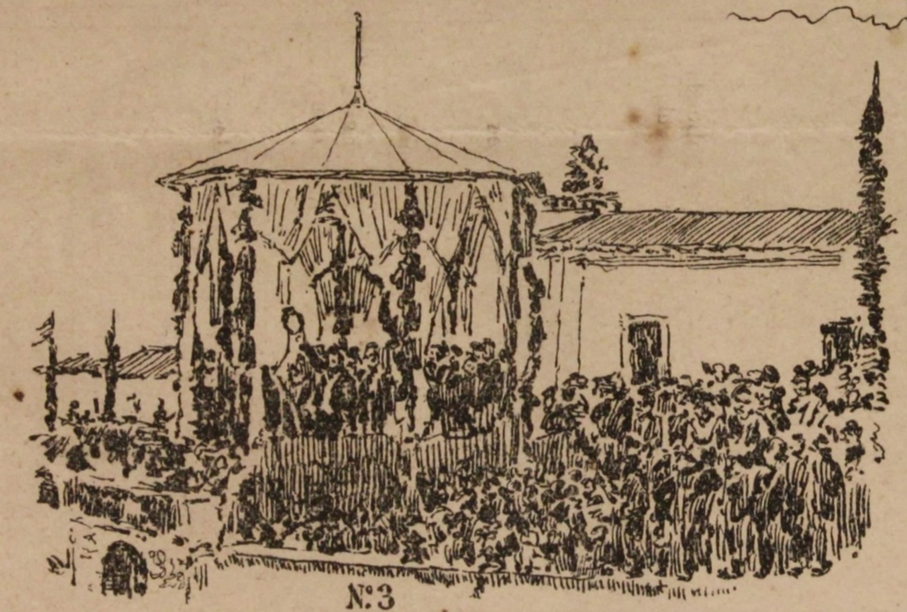
Inauguração das aguas da Vidigueira



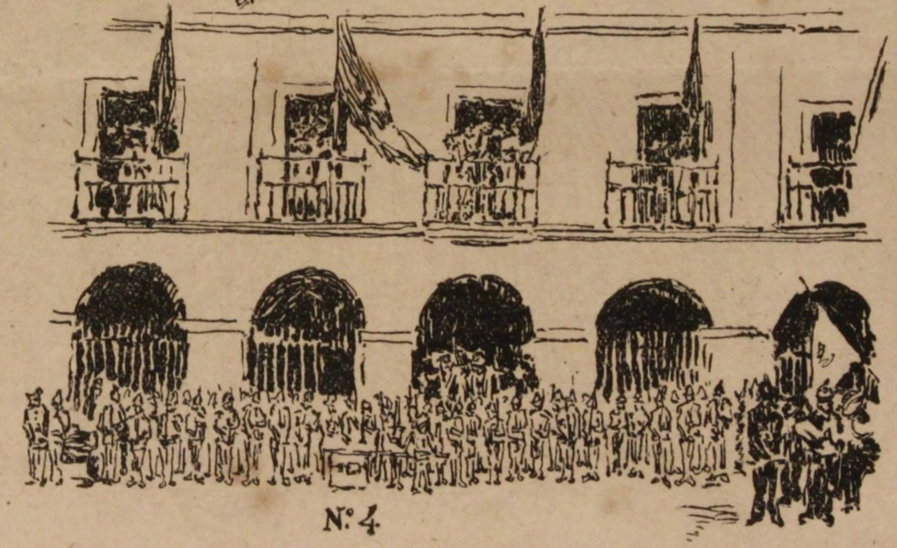
N.º 1.



N.º 2.



N.º 3



N.º 4

N. S. DOS AFFLICTOS

SALVADORA DOS LUSITANOS

Espera-se em breve, no *Sud express*.. Haja *massa* e ónião!...

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

FINIS TRATADO

Consumatum est!...
Zé Povinho:—Oremus.

Variações

EGUNDO affirmam as mais auctorisadas gazetas, o thesouro portuguez acha-se desafogado dos seus compromissos até abril de 1892. Isto quer dizer que o thesouro se achava seriamente e verdadeiramente afogado.

Que vae agora succeder?. Sem de modo algum querermos ser crueis com os patriotas que só se lembram de Santa Barbara quando ouvem os trovões—devemos dizer que se nos affigura uma alta inconveniencia a publicação de semelhante noticia.

Eu preferia que ninguem soubesse que estavamos desafogados; e que, pelo contrario, toda a gente vivesse sob o pesadello de que nos afogavamos cada vez mais, para ver se assim tomavamos algum juizo e olhavamos com mais attenção para o nosso futuro.

* * *

IMAGINEM o que vae haver por esses ministerios, com a doce e aurifera prespectiva de que temos dinheiro para todos os encargos do Estado, até abril do anno que vem!

Como essas arcadas vão regorgitar de pretendentes! Como todos os influentes e galopins eleitoraes da capital e das provincias vão bater ás portas dos ministerios—uns pedindo uma commissão no estrangeiro, outros uma estrada real e um ramal de caminho de ferro para o serviço da sua propriedade, outros uma ajuda de custa para uma estação balnear nas Pedras Salgadas, outros um subsidio para escreverem a historia da dynamite e a sua applicação nas perturbações da politica internacional, etc. etc.

Tudo pretendentes!... E se o ministro me não faz o que lhe peço, eu cá retiro-lhe o meu appoio; eu cá desanco-o na camara; eu cá escangalho-o no jornal... Pois se o governo tem dinheiro até abril de 1892, porque é que não ha de satisfazer aos nossos pedidos?...

* * *

todos nós assim pensamos, todos nós, filhos-familias, que achamos bom modo de vida pedir emprestado, sempre e sempre, imaginando que nunca faltarão banqueiros para nos emprestarem milhares e milhares de contos, com que satisfazer as nossas pretenções, com que pagar a mandrice e o *far niente* nacional.

* * *

Pois meus amigos, é preciso mudar de vida—na opinião dos philosophos. Os senhores,—pois eu e mais alguns portuguezes não temos nada que mudar, attendendo a que não temos nada para mudar...

Perceberam?.. Teem que mudar de vida todos quantos até hoje só teem vivido do thesouro e á custa do thesouro,—porque nós pelo que nos diz respeito, só temos vivido á custa do nosso braço.

Até parece mentira. Pois é a pura da verdade. E ainda temos mais alguns amigos em identicas circumstancias...

Ainda ha d'isto em Portugal: — portuguezes que vivem sobre si, sem serem um encargo inutil para o Estado!... Ainda!...

* * *

E por isso que eu jubilo com a idéa de que ha muita gente que vae mudar de vida, só porque não ha dinheiro nas arcas do thesouro para pagar serviços inuteis.

Ah! meus caros senhores! Vão agora saber o que é o pão nosso de cada dia, vão agora saber o *quantum* de exforço intellectual ou exforço physico que é preciso produzir, para obter o almoço e o jantar quotidianos...

Não ha como um bocadinho de apuro e um quasi nada de adversidade, para retemperar os caracteres.

Nós andavamos ha muitos e muitos annos a levar uma existencia de pandegos e de esbanjadores da fortuna publica. Tanto pandigámos e tanto esbanjámos, que hoje só vemos credores por todos os lados, exigindo uns o pagamento das lettras que lhes acceitámos, outros os juros do dinheiro que nos emprestaram.

Agora é pagar — pagar com lingua de palmo e meio —capital e juros.

Agora é supprimir as despezas inuteis, as grandes funçanatas, os grandes desperdicios. Agora é ter juizo, apertar a barriga, e trabalhar.

* * *

EM sei que trabalhar é duro, quando se passou a existencia á sombra da Arcada, á porta da Havaneza, pelos corredores de S. Bento, safando os cotovellos de encontro ás hombreiras.

E' duro e muito duro. Trabalhar, soffrer. [illegible] a vida corria docem[illegible] [illegible]rtigo do *Diario de Noticias*, um charuto de pataco, uma manga d'alpaca, e um bocadinho de má lingua...

Resignem-se, amigos! Acabou-se a boa vida. Os celleiros estão vasios, o thesouro não tem vintem, é preciso trabalhar—para não morrer de fome...

Já dizia o poeta:

Trabalhae meus irmãos, que o trabalho
E' Joaquim, é Martins, é Carvalho...

QUIDAM.

BIBLIOGRAPHIA

Por absoluta falta de espaço, não temos podido dar noticia de todas as publicações recebidas e ainda hoje, pelo mesmo motivo, não podemos referirmo-nos circumstanciadamente a cada uma d'ellas.

Por isso limitamo-nos ao sacramental «recebemos e agradecemos:»

Poesias de Alberto d'Oliveira. Biblia do Sonho. Pores-de-sol. Coimbra.

*

Luiz Osorio. Alma lyrica. Lisboa.

*

Versos de Alvaro de Castellões. Beijos e Rosas. Lisboa.

*

F. Sá Chaves. Episodios Militares. e Casos Contemporaneos. Porto.

*

Augusto de Mesquita. D. Sebastião. Drama historico, em 5 actos, em verso. Porto.

*

Catalogo dos Trabalhos expostos no Museu Industrial e Commercial de Lisboa. Lisboa.

*

Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes. Publicação da Sociedade Carlos Ribeiro. Vol. I. Lisboa.

*

Candido de Figueiredo. Lições Práticas de linguagem portugueza. Cartas de Caturra Junior á redacção do «Portuguez». Lisboa.

*

Les Matinées Espagnoles, Nouvelle Revue Internationale. Paris.

PARA A QUARESMA

Do sabão do Congo é tal
Na lavagem a influencia,
Que até quem procede mal
Lava com elle a consciencia!

Se[illegible]aria Victor Vaissier, Pariz «Depositario: M[illegible]ldu, 37, Valverde, Madrid».

O DIREITO DA FORÇA

Era a Narcisa Talone
Lavadeira de Caneças;
Era um tenro especione,
Franzina, debil, *mignone*
Como a flor do *Não te esqueças.*

O carreiro Antonio Pontes
Era o contrario d'aquillo:
Um bruto d'um brutamontes,
Que trincava mastodontes
E fazia um bello chilo.

Uma vez, junto á ribeira,
Por branda noite de calma,
O carreiro e a lavadeira
Se encontraram, de maneira
Que não estava nem viv'alma...

Viu logo a pobre pequena
Que estava metida em danças ..
Ella, a gentil açucena,
Assim sosinha—que pena!—
Co'aquelle trangalhasdanças...

Assim foi; elle, em voz cava,
Pediu se lhe dava um beijo,
Ella, franzina mas brava,
Respondeu que não calhava
Acceder a tal desejo.

Em vista do «não» redondo
Abespinhou-se o devasso;
Mais guloso se foi pondo,
Logo em seguida propondo
Que ella lhe desse um abraço.

Com outro «não» mais se agasta,
Quer-lhe dar torpe apalpão:
E a Narcisa, toda casta
E pudibumda se afasta,
Outra vez dizendo «não!»

Coração duro de loisa,
A' bella o bruto se atira,
Seus labios nos d'ella poisa,
Pedindo então outra coisa
—Muito mais do que pedira...

De pudor velando a face
Cedeu ella ao atrevido;
Pois, se inda se recuzasse,
Sabe Deus de que outra classe
Seria o novo pedido...

.....

Co'a Gran-Bretanha bravia
Deu-se um caso tal qual cru...
Se a gente mais resistia,
Sabe Deus se ella pedia...
O que, leitor, sabes tu...

PAN-TARANTULA.

O santo:—Foi o que se poude arranjar!...
Vozes:—Venha a nós toda essa *massa!*

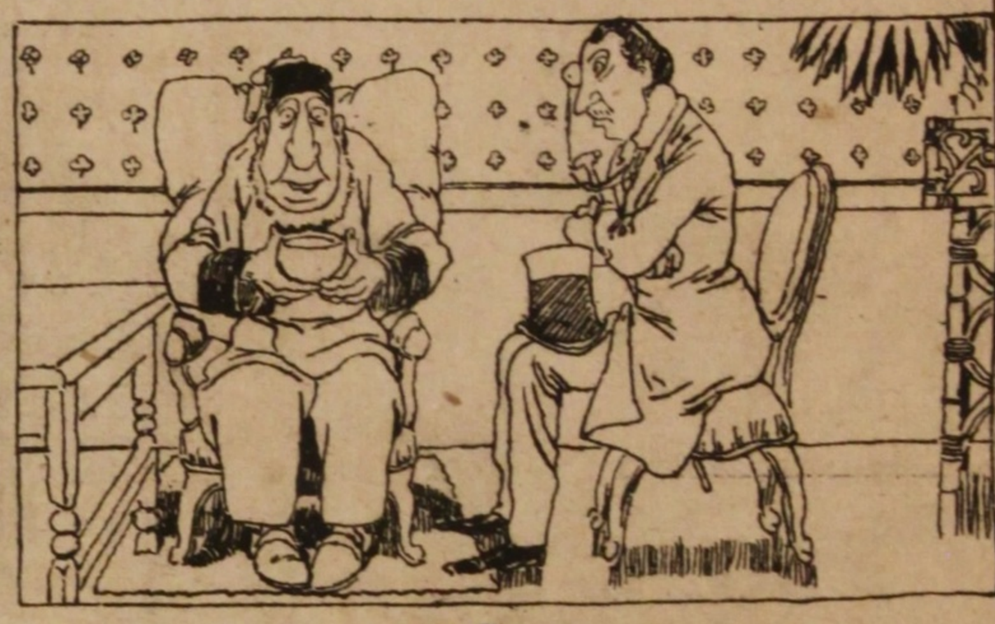
A CHEGADA DE SÃO SALVADOR

O HERDEIRO D'UM TIO

Domingo

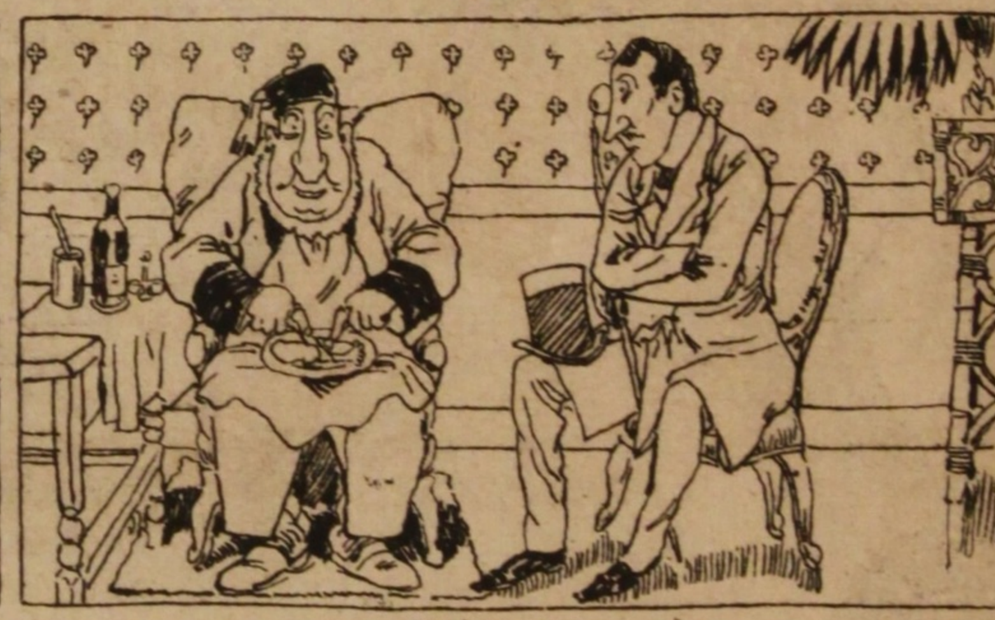
Quinta

Segunda

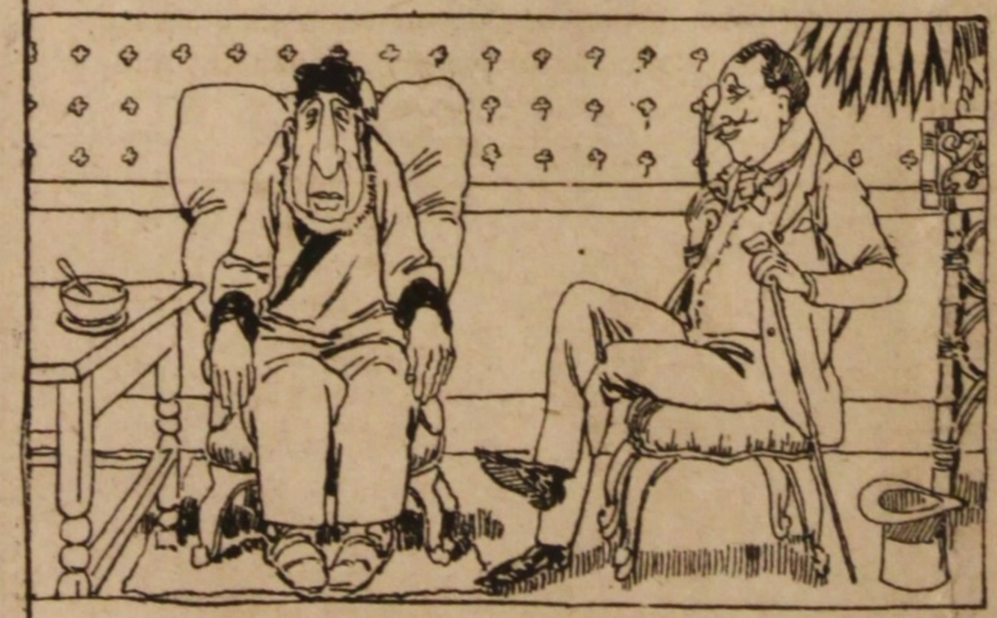


Sexta

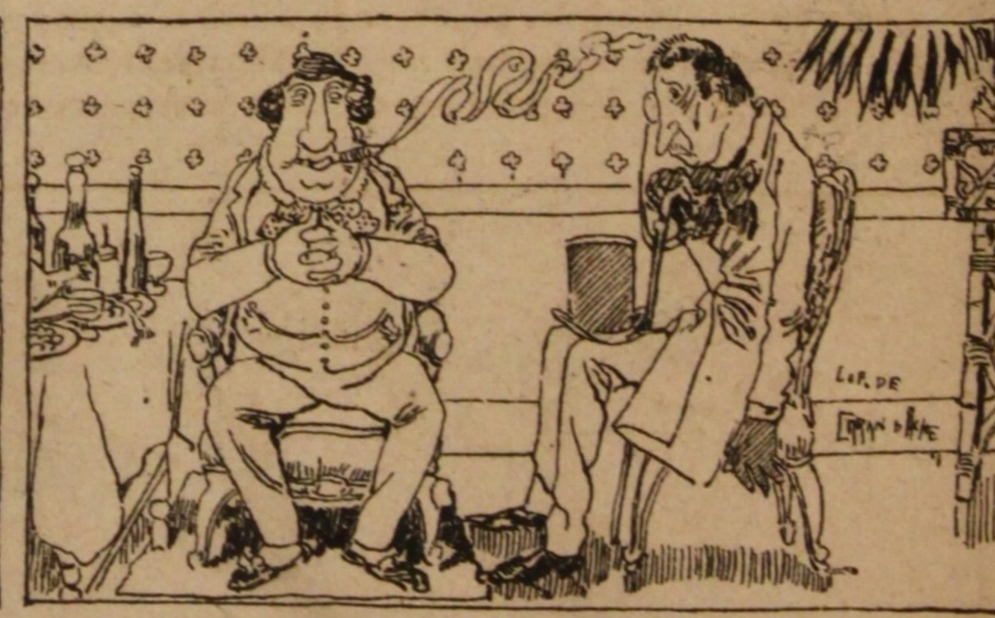
Terça



Sabbado

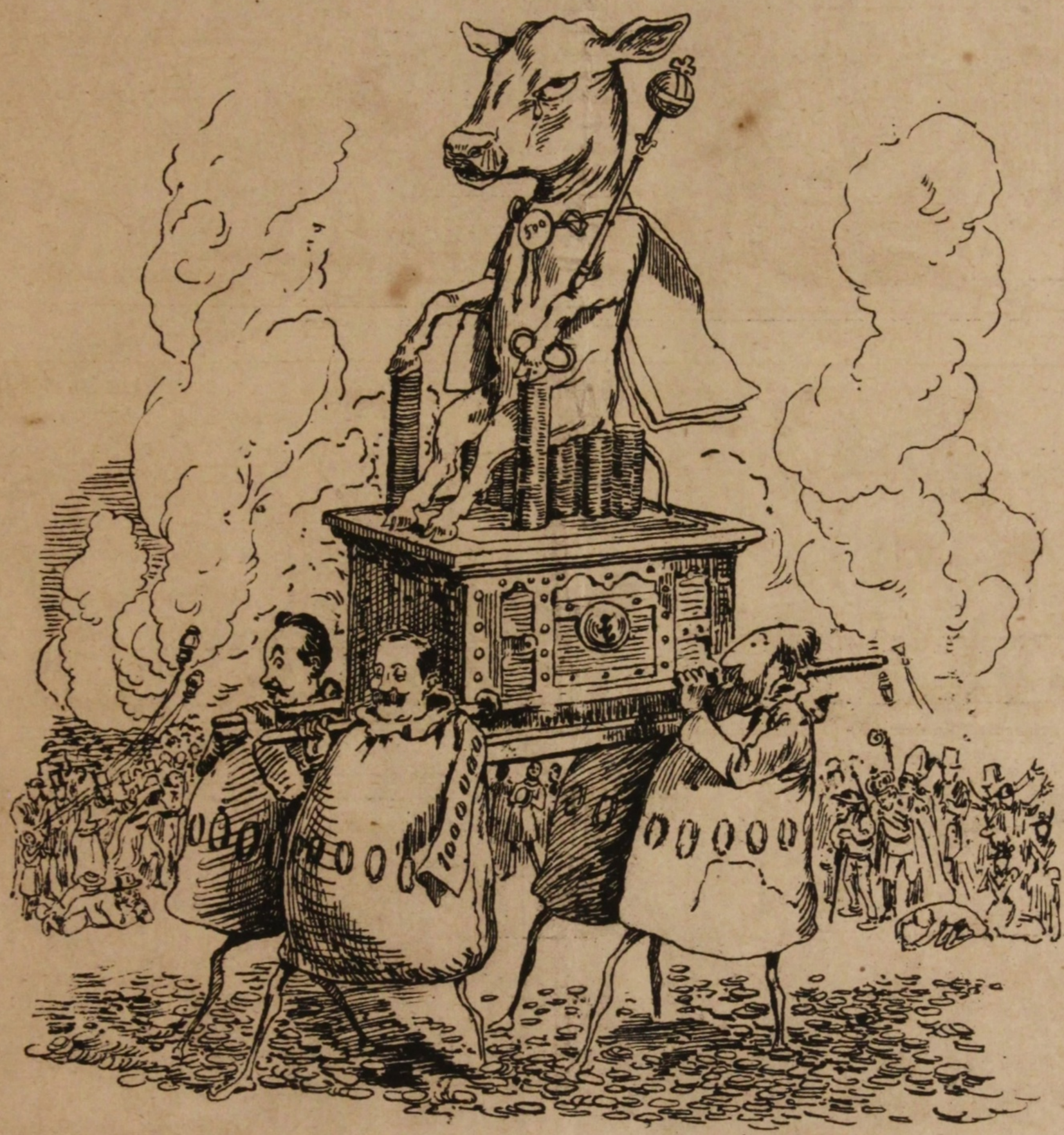


Quarta



Domingo

O idolo de todas as semanas



A verdadeira festa não é a de Santo Antonio, — é a do Bezerro d'Ouro. (Será bom não confundir com o drama do sr. Santa Rita) Este bezerro constitue agora a adoração dos lusos, justamente no momento em que esse pecioso metal é cada vez mais raro. Melhor seria tel-o poupado em vida, do que festejal-o agora quando o animalejo já não deita pinga de prata, quanto mais pinga de ouro.

Um problema difficil

A VACCINA

O doutor:—Pegará?...
Zé Povinho:—Hum!...

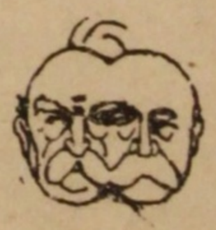
Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

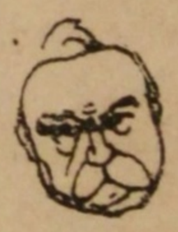
NO HIPPODROMO DA POLITICA

O Grand-Prix d'este anno. Ganho por uma cabeça.

Acabamos de receber este interessante volume do historiador da caricatura moderna. O auctor acompanha a attenciosa e delicada remessa do seu livro ao director artistico do *Antonio Maria*, com uma dedicatoria e uma referencia que muito nos penhoram.

N'esta ingrata tarefa de caricaturista portuguez resta-nos ao menos a consolação de ver de tempos a tempos o nosso nome benevolamente citado entre os nomes dos caricaturistas estrangeiros, e em livros que hão de ficar para a historia da caricatura. E' o melhor pago de tanto trabalho, d'esta obra de tantos annos, que tem sido mordente para muitos, alegre para todos, mas nunca injusta ou odiosa para ninguem. — A Grand-Carteret os nossos sinceros agradecimentos.





São, como um pêro!

Era uma vez um sujeito,
Que caiu doente—e mal!—
Muita febre, dor's no peito...
—'stava a morte a pôr-se a geito
P'ra lhe ir, lampeira, ao faval...

Tinha pedra na bexiga,
Tinha gota em cada pé,
Tinha umas dor's de barriga
Das taes de que é bom se diga
—*Lib'ra nós e dominé!*...

Tinha cária em cada dente,
Tinha na testa um lobinho,
E o sangue, fraco e doente,
Semelhava, exactamente,
Capilé de cavallinho!

Tinha aspecto agonisante,
O estertor da morte, e o frio;
Tinha, em resumo, o bastante
P'ra poder, no mesmo instante,
Morrer dez vezes a fio...

. . . . . .

De quatro mezes ao termo
Da impertinente morrinha,
Alguem, á porta do enfermo,
Bateu—e veiu o estafermo
Da criada da cosinha.

Após o programma findo
Dos cumprimentos da norma,
Perguntou-lhe o recem-vindo:
—O patrão como vae indo?
E ella fallou d'esta fórma:

—«Ao patrão—louvado Deus!—
«A doença já não prostra;
«E, segundo os calc'los meus,
«Dos mil soffrimentos seus
«Já não tem nem um p'ra amostra!

«Foi-se o sangue-capilé,
«A dôr de barriga foi-se,
«Deu na gota um ponta-pé
«E até no lobinho, até,
«Salvo seja, deu um coice!

«Foi se aquelle desespero
«Da doença malfadada;
«E, digo-o sem exagero,
«Se não está são como um pêro,
«P'lo menos não soffre nada!

«Já não tem mal que o consuma,
«Achou, p'ra todos, cauterio!
«E, tanto assim, que hoje, em suma
«Do meio dia p'ra a uma,
«Vae sair..... p'ra o cemiterio!..

. . . . . .

Esta anecdota, aqui posta
P'ra que o povo se edifique,
Foi por nós assim disposta
A pello da tal proposta
P'ra a venda de Moçambique.

Se a tal Africa nos causa
Gastos em vez de proveitos,
Que a morte ao mal ponha pausa.
—Uma vez cessando a causa,
Cessam p'ra logo os effeitos...

PAN-TARANTULA.

CAMONEANA

O velho Adamastor, que possuia
A bocca negra e os dentes amarellos,
Lavou-se com sabão do Congo um dia.
E tornou-se um janota dos mais bellos!

Saboaria Victor Vaissier, Pariz «Depositario Meliton Boldu, 37, Valverde, Madrid».

TIVEMOS sabbado e domingo corridas de cavallos no hippodromo de Belem.

Aquella parte da população lisbonense que antigamente era classificada pelo *Illustrado* de *high life*, mas que deixou de o ser com grande magua de nós todos, no dia em que lord Salisbury se lembrou de *ultimatumar* o sr. Barros Gomes,—dirigiu-se com fervor desusado para o campo de corridas, desafiando o sol, desafiando a poeira, desafiando os atropellamentos, desafiando os desvairamentos do *pari mutuel* a dez tostões por aposta.

Nunca pensámos que Lisboa tivesse a dita de possuir tantos *sportmen*. E tão grande era o seu numero e tão conhecidas as physionomias, que acabámos por nos convencer de que todos os lisboetas são *sportmen*, pela mesma razão que são *jornalistas*, que são *amanuenses*, que são *janotas*, que são *seductores* e que são *conselheiros*:—sempre por acumulação.

Essas pessoas acumulam. Foram *sportmen* no sabbado e domingo das 3 ás 6, n'aquella encosta visinha da Casa Pia, como são nos dias ordinarios *amanuenses* da 1 as 3, *janotas* das 5 ás 6 na Avenida, *jornalistas* das 9 á meia noute, e *D. Juans* até que canta a cotovia.

* * *

QUANTO ás corridas em si, como espectaculo e como *sport*, produziram-me o effeito d'uma ceia de comedia, sendo tudo de papelão—os empadões, as gallinhas, as fructas, e até as garrafas e as taças de Champagne.

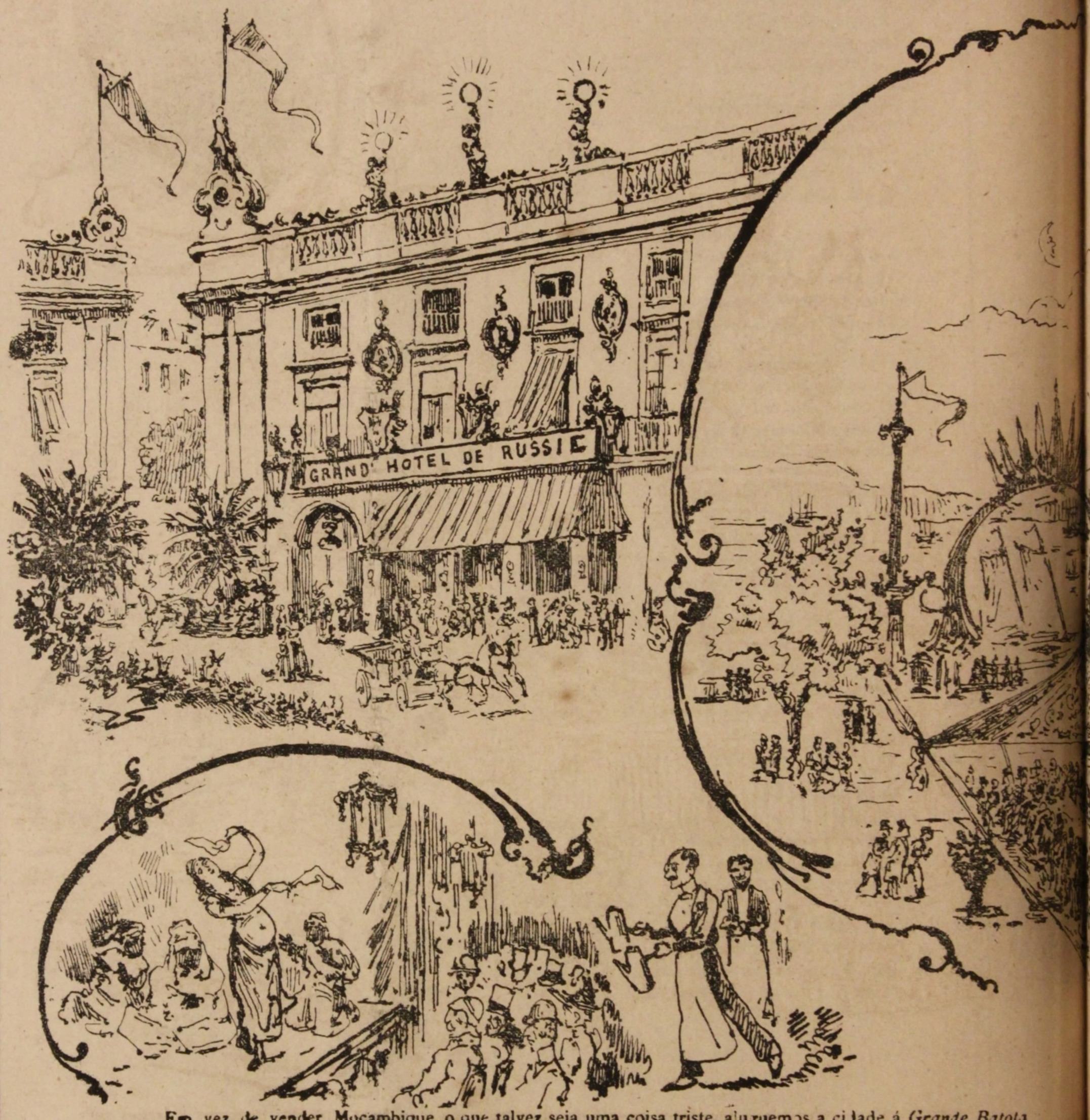
Esta mania do *chic* e ainda mais da macaqueação de tudo quanto se faz lá fóra, é que nos leva a essas exhibições ridiculas, transformando nos n'um paiz, que já não é de nephelibatas, mas de vulgares *rastaquoueres*, como se diz nas alturas do *Café de la Paix*.

Só dois *sports* nos deviam interessar e preoccupar quotidianamente—o tauromachico e o nautico.

Temos uma arte nossa de tauromachia, com todas as brilhantes e elegantissimas tradicções do seculo XVIII—e Lisboa, o *rastaquoueres* d'este nosso fim do seculo sem vintem e sem ideias!—não tem uma praça de touros para divertir o povo, e os estrangeiros que nos visitam!...

UMA IDE

A GRANDE



Em vez de vender Moçambique, o que talvez seja uma coisa triste, aluguemos a cidade á *Grande Batota Universal* (Sociedade anonyma, de responsabilidade *illimitada)*, o que será com certeza, uma coisa alegre e nos permittirá prolongar indefinidamente este nosso *dulce far niente*.

No Terreiro do Paço estabelecer-se-hía a grande rolleta ao ar livre.

Fresco, commodo, bem ajardinado e bem illuminado. Pedimos a attenção de S. A. R. o Principe de Galles e de mr. Gordon.

As secretarias do estado facilmente se poderiam transformar em magnificos hoteis com todas as commodidades e o luxo devido aos frequentadores de Monaco, (Não nos referimos ao estanco do sr. Cruz, do Rocio).

Os funccionarios publicos, com uma pontinha de boa vontade e uns mezes de pratica, dariam certamente excellentes criados d'hotel e de café. As gratificações seriam substituidas pelo *pour boire*.

A lingua official d'este *eden á beira mar plantado*, passaria a ser a franceza ou a ingleza, ficando para todo o sempre, abolida a lingua nacional.

LUMINOSA

TOTA UNIVERSAL

Para divertir e attrahir os jogadores, haverá nos theatros magicas inglezas, operetas francezas e danças austriacas, musicas tzingaras, sexteto Quilez, danças de ventre debaixo da Arcada, Bella Fatmá, cascata e montanhas russas debaixo do arco da Rua Augusta, corridas de cavallos, regatas, galeotas alugaveis á hora para passeios no Tejo.

Todas estas diversões para os jogadores, em sorte. Agora, para os desafortunados, dispomos de excellentes meios de transporte para a paz eterna.

Temos o zimborio da Estrella, os Arcos das Aguas Livres, o Arco da Rua Augusta. o Tejo de Christal etc, etc, etc.

. . . . . .

Não seria este, um meio de facil e rapida execução, para se ganhar muito dinheiro com pouco trabalho ?

Nós temos um rio que é a admiração de todos quantos chegam a Lisboa, um rio admiravel, onde se podiam organisar festas das mais encantadoras, regatas, passeios aos domingos, illuminações.

Pois abandonamos os divertimentos naturaes, para irmos para Belem assistir a um espectaculo que e uma parodia de tudo quanto se faz em França e Inglaterra; ou então para a Avenida, só com a ideia de macaquearmos o parisiense, que á mesma hora vae para o Bosque de Bolonha, ou o londrino que vae para Hyde-Parck.

E aqui está o que nòs somos—uma capital de *rastaquouéres*, sem caracter, sem originalidade, vivendo de imitações ridiculas, sem termos ainda importado uma só das coisas agradaveis e uteis à capital e ao paiz que se encontram pelos paizes do norte.

E aqui está o que nós quéreriamos ser—um bairro de Paris, com muitas *cocottes*, muitas casas de jogo, onde se vivesse uma vida artificial de mandriões e de pandegos, sem precisarmos, nem trabalhar, nem tão pouco estudar.

* * *

icos mandriões que nós somos!...

Ahi temos agora esse sol de junho que é mais um pretexto para nada fazermos, e dizermos mal uns dos outros.

Exclama-se pelas secretarias:

— Que calor! Nem se pode trabalhar!...

E quando todos concordam que effectivamente se não pode trabalhar com semelhante calor, arrancha se á bella da má lingua, para passar o tempo.

Tudo pára! Ninguem tem coragem, nem mesmo para se abanar! E continuam as exclamações:

—Está muito calor! mas que lindo dia!...

E na contemplação do azul profundo do céu e do rio, e no goso ineffavel da brisa que ás vezes passa refrescando os rostos apoplecticos—a capital dormita, sem cuidados, importando-se pouco que os inglezes nos invadam as colonias, que na praça de Paris corra grande risco o nosso credito, mas acordando apenas para protestar contra a *ideia infame e odiosa* da venda de Moçambique..

Mas se fosse um deputado francez que no parlamento do seu paiz erguesse a voz para apresentar um tal projecto, diriamos nós:

—Aquillo é que é gente pratica! Aquillo é que é ter juizo!...

QUIPAM.

Post scriptum. — Um companheiro de redacção faz-me notar que o *Illustrado*, no dia em que se assignou o tratado com a Inglaterra, solemnisou esse facto tornando a intitular *High-life* a sua secção de vida elegante.

Sempre me quiz parecer que tudo n'este paiz é artificial, até mesmo as exaltações patrioticas. Desde o momento em que era um opprobrio classificar de *high-life* a alta sociedade onde a gente se aborrece, só porque lord Salisbury mandou um *ultimatum* ao sr. Barros Gomes—não vemos como é que o opprobrio desappareceu, só porque se assignou um tratado, que não passa d'uma expoliação do mesmo lord, em proveito do duque de Fife e em prejuizo de Portugal.

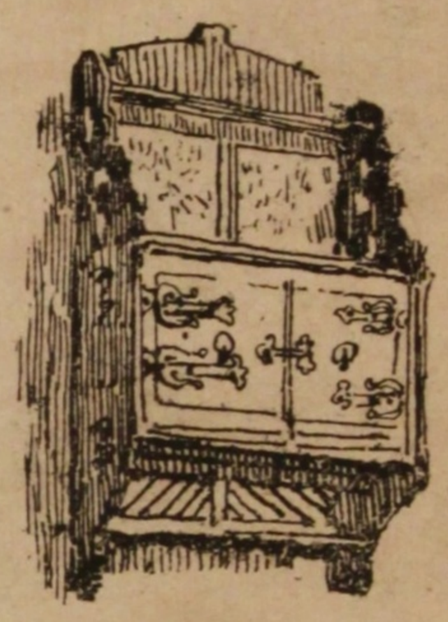
Seja tudo para gloria d'estes reinos e satisfação do supracitado *Illustrado*.

Q.

ESCOLAS INDUSTRIAES

Chegámos, vimos e apreciámos devidamente os bellos trabalhos e o grande adiantamento que já se nota nas escolas industriaes *Marquez de Pombal*, *Affonso Domingues* e outras sendo estas duas excellentemente dirigidas pelos srs. Leitão e Vaz.

Damos em seguida a reproducção d'um armario



executado pelos alumnos da escola *Affonso Domingues*, e onde tambem vimos notaveis trabalhos de azulejos e de coiros lavrados.

O que é pena é que essas escolas estejam cheias de modelos estrangeiros, na sua maior parte allemães; e que os alumnos educados na contemplação de artigos de industrias que pouco teem de artisticas, não aprendam nos antigos modelos nacionaes a tradicção da arte ornamental portugueza, de que ainda ha tão bellos e tão delicados documentos.

E' n'este ponto que reside a superioridade das artes decorativas em França, pois que todo o ensino professional é baseado no estudo, no aperfeiçoamento e na transformação dos documentos nacionaes.

N'estas escolas o que mais resultado tem dado é o ensino de applicação immediata, obrigando os alumnos a executarem trabalhos completos.

As aulas de physica e chimica acham se montados com verdadeiro escrupulo.

Os nossos agradecimentos ao sr Leitão, pela maneira com que nos conduziu na visita a essas escolas.

Turf-club

No dia 12 do corrente o *Turf-Club* convidou os seus amigos e mais pessoas das suas relações a visitarem a nova casa do Chiado, onde se acha agora definitivamente installado.

Foi o barão da Regaleira o socio escolhido e o encarregado pela direcção do *Turf*, de ir ao estrangeiro escolher toda a mobilia para a nova casa, e dirigir as installações d'aquelle *club*. A escolha não podia recahir em pessoa mais competente, pois que o *Turf* pode competir, sem ter de corar, com qualquer *cercle* de Paris, ou qualquer *club* de Londres.

Quem já tenha entrado no *cercle* da rua Volney, nos antigos *Mirlitons*, ou no club de Saint-yames, é que pode fazer justiça ao luxo e ao bom gosto com que acaba de ser installado o *Turf*.

O que sentimos deveras é que um outro *club* de Lisboa—o Gremio Litterario—arraste uma existencia melancholica e sórna, sem introduzir nenhuns melhoramentos, e conservando impenitente o seu ar de botica d'aldeia, só propria para a má-lingua e para o gamão, distracções estas já tão fóra de moda no tempo de Tolentino.

Emquanto o *Turf* se acha verdadeiramedte *fin de siécle*—o Gremio limita as suas phantasias directoriaes proporcionando aos socios um chá que é mau e umas torradas que são pessimas.

Tudo em honra do gamão e mais da botica!

A LEI DOS MEIOS

«Cantarolando».
«Se passa a vida.»
«Do meia dia».
«As quatro horas.»
O conselheiro Fonseca Gomes, chefe da 2.ª secção da 5.ª repartição da extincta contabilidade dos Proprios Nacionaes.

Cantaste?... Pois dansa agora!!!

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

OS HOMENS DA SEMANA

Uma sotaina vermelha

Tivemos esta semana a curiosa transformação d'um bispo reaccionario em bispo revolucionario. A camara dos pares transformada em club de jacobinos. Como documento de dissolução é o que ha de melhor no genero: como documento de sinceridade politica e democratica Zé Povinho exclama:

—Bem te conheço, Eminencia! Agua benta e cacete!...

Variações

que ha de mais curioso n'este *fin de siécle* da burocracia indigena, é a indignação e a algazarra das *mangas d'alpaca*, só porque um ministro se lembrou de reduzir os magros vencimentos dos srs. burocratas á infame e vergonhosa quantia de 2 contos e 600 mil réis.

Que grandissima patifaria!...

Ousar reduzir e limitar a réis 216$666 mensaes os ordenados de modestos e prodigiosos trabalhadores, que entram para os cortiços do Terreiro do Paço depois do meio dia, e ali se conservam o tempo necessario para fumar um cigarro, ler o *Diario de Noticias*, e escrever «Deus guarde a V. Ex.ª» no fecho d'uma folha de papel d'officios!

Que grandissima patifaria!...

Nem eu sei como se não levantaram as pedras das calçadas para protestar contra semelhante infamia. Porque é necessario que o digamos bem alto—mais alto que o sr. Augusto Ribeiro e que o proprio sr. conselheiro Nazareth, mais alto até que a propria torre Eiffel—é preciso que o digamos bem alto, á face do *Antonio Maria* e de todo o paiz. . que a *manga d'alpaca* constitue um d'estes augustos privilegios, que nem á Providencia é dado atacar ou aluir.

A *manga d'alpaca* deve ser considerada sagrada e inviolavel. Quebrem-se os idolos, mas viva a *manga!* Apeie-se Deus do seu throno de nuvens, apeiem-se os Reis dos seus thronos de oiro ou de papelão doirado, façam-se revoluções, destruam-se os idolos, arrazem-se os templos, caia chuva de fogo celeste sobre as capitaes impuras—mas, por Jupiter! que ninguem ouse attentar contra essa *manga* divina, que é a gloria d'estes reinos e suas dependencias ultramarinas.

Não ha dinheiro nas arcas do thesouro para que as *mangas* conservem o fausto e a magestade a que teem direito?... Vendam-se as colonias, mas salvem-se as *mangas !*

Não ha mais dinheiro?... Pois declare se a guerra ao grão-turco, declare-se a guerra ao Schah da Persia, tome-se de assalto o Banco de Londres, e o Banco de França, faça-se tudo, tudo, o possivel e o impossivel ..

Mas, por Deus! Que as *mangas* continuem fumando tranquillamente ao longo dos corredores dos ministerio , que as *mangas* disfructem, á custa do contribuinte, das doçuras das praias e do campo, do prazer das viagens a Paris; que tudo e todos se sacrifiquem pelo mais bello padrão da nossa mandrice d'esta vida airada indigena, que constitue o encanto de Portugal, e o assombro da Europa ..

Viva o funccionalismo! viva a burocracia!.. Que se lhe dêem todos os dinheiros publicos, que se cubra de titulos e de grã-cruzes, que se lhe erga um altar, e que, posta sobre um altar a famosa Burocracia, o paiz inteiro por decreto d'el-rei com força de lei, seja obrigado, de cocoras, muito de cocoras, rosto no chão, e punhos sobre o peito, a adorar, a venerar e a amar, como se ama Deus, Nossa Senhora Burocracia, mãe da ralaceira, virgem de todos os afflictos que precisam acumular os mais bellos vencimentos para realisarem este ideal de tanto portuguez—ser rico, sem trabalhar !...

Avante mangas d'alpaca! Avante destemidos! Qu'importa que portuguezes aos centos corram para outros continentes, em busca do pão que não encontram na sua patria! Qu'importa tudo isso!

O essencial é que Sua Magestade a Manga, Nossa Augusta Soberana, não soffra nas suas regalias e prazeres...

*
* *

TIVEMOS na camara dos pares a famosa lucta entre o sr. bispo de Bethsaida e o sr. Lopo Vaz de Sampaio e Rolha.

Começou o desafio rhetorico e politico pelo inesperado procedimento do sr. bispo, que andou durante 20 annos a recolher quantas cascas de cebola, quantos talos de couve e quantos cacos de vidro e loiça encontrou no saguão da nossa politica sertaneja—para vir despejar na 4.ª feira o seu barril do lixo sobre todos os homens publicos do seu paiz.

Este acto de Sua Reverendissima, n'um paiz em que a caqueirada e a pulha carnavalesca teem sido elevadas á altura d'uma instituição e até d'um jogo de sociedade e de salas—foi immensamente apreciado por uma parte da população lisbonense que tem o culto da má lingua, levado ao ultimo grau de aperfeiçoamento.

Vasado o barril do lixo tribunicio, Sua Reverendissima afagou o seu solidéo; passou a mão pelo crucifixo, para vêr se Jesus estava contente com a investida contra os infieis; sentou-se na sua cadeira senatorial de carneira esfollada:—e esperou pela arremettida do sr. Lopo.

Essa arremettida foi um outro barril do lixo vasado sobre a cabeça do sr. Bispo de Bethsaida,—barril que continha as velhas diatribes do famoso prelado contra a liberdade de pensamento, a liberdade d'ensino e a liberdade d'imprensa, de mistura com as suas intrigas e salamalecks junto da curia romana, e com as fraquezas da sua carne prelaticia que se flagella com ricos ordenados que montam todos os annos a alguns contos de réis.

Este jogo de barril do lixo trouxe toda a semana presa a attenção da *Havaneza*, da Arcada e d'outros sitios não menos mal afamados.

Parece que entre nós não ha nada que tanto disperte a curiosidade do publico, como um esgoto que se abre á luz do sol.

Seja pelo divino amor de Deus!

QUIDAM.

A fogueira de S. João Chrysostomo

O governo, para festejar o seu S. João Chrysostomo, accendeu a fogueira das economias. E emquanto um dos festeiros salta por cima das terriveis e ferozes labaredas,—os outros tranzidos de mêdo, esperam que o fogo abrande, para ver se podem saltar, sem chamuscar os fundilhos ..

OS DRAMAS D

Peça em varios paragraphos e muitas economias, original do sr. Ministro

Scena final:—A indignação das barrigas. A orchestra é fer

DA ARCADA

ro da fazenda. A acção passa se no Terreiro do Paço no anno de graça de 1891

te conduzida das columnas do *Economista* pelo maestro Karrilho.

Desconegado!!!

«O arcebispo de Constantinopola desarcebispoconstantinopoliscu-se; se o arcebispo de Constantinopola se não desarcebispoconstantinopolisasse, quem o desarcebispoconstantinopolisaria?»

Vae ser amaldiçoado,
Com trezentas maldições,
Marianno, esse damnado,
Que deixou *desconegado*
Frei José dos Quracões!

Andava o frei descontente,
Porque conegos não tinha,
P'ra os juntar em S. Vicente,
N'uma festa auriluzente,
Conegando a ladainha.

Sempre em febre tristoniça,
Que até lhe mirrava a face,
Procurava, antes da missa,
O ministro da justiça,
A pedir que o *conegasse*.

O ministro, que não arde
Por questões de conezia,
Retrocava a tanto alarde
— Que mais tarde, que mais tarde,
Mais tarde o *conegaria*.

P'la demora sempre azedo,
Ia vivendo esp'rançado,
De que ao fim de tanto enredo
Sempre havia, tarde ou cedo,
Conseguir ser *conegado* . .

E, quando despia as vestes
Dos actos episcopaes,
Na cama dormindo prestes,
Tinha mil visões celestes,
Tinha sonhos *conegaes!*

Ai! como o fado damninho
P'la mão d'um ministro—ó ancia!—
Impediu que esse santinho
Gosasse o terno carinho
Dos prazer's da *conegancia!*

Hoje, triste, como quem
A dôr profunda se entrega,
Vae viver p'ra Santarem,
Já certo de que ninguem
Cá n'este mundo o *conéga!*

E, n'um desespero insano,
N'um desespero sem nome,
Diz, em triste desengano:
—Marianno! Marianno!
Patife! *Desconegou-me!!!*

E, consultando o Zodiaco
P'la fresta da sua cella,
—Affirma o dr. Cyriaco—
Morre *conegomaniaco*
Co'a tal *desconegadella!!!*

PAN-TARANTULA.

Bibliographia

Acabamos de receber um magnifico volume intitulado *José da Silva Carvalho e o seu tempo*. E' a compilação, acompanhada de curiosas notas elucidativas, dos manuscriptos encontrados no espolio do famoso revolucionario de 20, e que o auctor tambem herdou de Joaquim Leocadio da Costa. Este volume é uma preciosa lição de historia; lança uma grande luz sobre uma das figuras mais austeras da revolução liberal: mostra-nos—infelizmente para nós e para o nosso futuro—a differença que vae dos homens de hoje para os homens de então, e é um bello titulo de gloria para o seu auctor o sr. Antonio Vianna, moço intelligente e estudioso, possuidor de avultada fortuna, que em vez de passar o tempo nas farofias d'uma ridicula e deprimente *haute gomme*, prefere deixar o seu nome ligado a obras que os estudiosos e os curiosos da nossa historia hão de folhear com interesse e com respeito.

Os nossos sinceros parabens.

NOITE E DIA

Meu primo Eleuterio teve
Uma preta de Cacongo
Que se fez branca de neve
Com o sabonete do Congo!

Saboaria Victor Vaissier, Pariz «Depositario: Meliton Boldu, 37, Valverde, Madrid».

UMA VALSA VERTIGINOSA

(Copia de Godefrôy)

O successo theatral da semana foi a representação da *Grãn-duqueza de Carolstein* no theatro da Avenida. Esta casa de espectaculos, cuja existencia o publico pareceu tantas vezes ignorar, apesar das lindas operetas ali postas em scena—conta agora enchentes todas as noites, graças á musica offenbachiana, e ao modo como a *Grãn-duqueza* é cantada e representada por toda a companhia.

Faltando-nos espaço para um artigo que metteria a um canto todos os Sarcevedas da Baixa—faltariamos ao mais sagrado dos deveres d'uma justiça bastante implacavel, como nos prezamos de exercer, se não especialisassemos os nomes de Cinira Polonio—*Grãn-duqueza* adoravel—de Candida Palacio—um *Cornelio Gil* de verdadeiro Saxe—e tambem os nomes de Setta da Silva e de Costa, um *Fritz* e um *General Boum* que pertencem ao dominio da bôa caricatura. Mello ensaiou a peça, pelo que foi muito applaudido, e Cyriaco de Cardoso só veio provar-nos mais uma vez que é um dos mais brilhantes maestros do nosso paiz. Fez prodigios...

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

OS HOMENS DA SEMANA

Abel Botelho

A figura supra é a do distincto auctor do *Barão de Lavos*, livro este onde se observam casos da vida dissoluta com taes minudencias e detalhes, que nos declaramos insufficientes para aprecial-os, attendendo a que, se taes casos se deparassem a nossos olhos, em vez de os observar—tel-os iamos corrido á bengalladal...

ESTAR a meio d'um anno, é ter chegado ao fim do primeiro semestre e pôr o pé no limiar do segundo. . . – sabedoria esta das nações que se teem regulado pela mesma folhinha depois da era de Christo.

Occasião fatal, pela ordem natnralissima das coisas, a que raros se evitam, e a cujos phenomenos só escapam, por deferencias da sorte, os mesmos raros. . .—Apenas!

Venho por aqui para me referir ás *mudanças*. . . E não deixarei esquecido este fim de dialogo, aproposito ouvido hontem, entre senhoras que esperavam carro para Algés, sob o arco da Rua Augusta:

—Mudanças! mudanças! agora lá está meu marido a mudar de opiniões. . Passa se para o Marianno.

—Pois eu, tambem lá tenho o canario na muda da penna. Se não se fôr, fica lindo, com a colleira doirada. Parecerá da *geographia!*

E' uma pandega de tarecos fóra de portas. Ha mudanças que lembram regressos das hortas: sofás de palhinha que fazem *ss* de cahir, velhos pianos que dão bórdos hipercarraspanicos, mezas de jantar que se trocam os pés e a custo se aguentam com a tremenda... Lisboa inteira se parte agora na troca de casas, e é de ver o que essas carroças e padiolas de gallegos levam da Pampulha para a Graça, e da Penha para casa do diabo!

Andam na baila os desgraçados que não teem casa sua, e sahem d'este predio para aquelle porque a chaminé mette fumo nos quartos ou porque o senhorio lhes mette os pés nas algibeiras.

Sei d'uma familia que agora veiu para ali, defronte. E' um commendador, cheio de filhas. Façam favor de entrar...

Estamos no seio de uma habitação alfacinha, que é a mais caracteristica das habitações alfacinhas que eu conheço. Observem, com olhar intelligente a disposição dos moveis, a ornamentação, a decoracão das paredes. Quanto mau gosto, e casquinha!

Sofá e poltronas de cretone, de cretone os reposteiros e bambolins,—cretone de ramagem abundante, exagerado de amarello, amarello que, chocado ao sól, mudou de ovo em canario. As cortinas, cahindo das janellas a prégas retezadas á força de gomma e ferro, pejam n'uma dobra que arrasta e prendem-se, por braçadeiras de fita azul, a prateras de latão doirado. Não falta o piano, á esquerda, encapado de flanella verde com debrum escarlate, muito discreto no seu segredo de compra a prestações na *Companhia propagadora de instrumentos musicos*...

Cobrindo uma mezinha redonda, pé de gallo, que panno curioso aquelle! primorosa excentricidade de invenção: chromos recortados de caixas de phosphoros, unidos a crochet, e franjas. Trabalbo ingenuo de uma das filhas do commendador, que, vae em dois annos, junta caixinhas vasias, utilisando-as assim. O panno é, na verdade, interessante, tendo graça, bem arranjadinho e inoffenstvo. Bonito, realmente.

—Sempre ha mãos bem habilidosas!

—E prodigios de imaginação!

Sobre a meza, albuns de retratos, poesia, maximas e ditos agudos, variados e avariados. Retratos da familia, numerosos, de amigos e pessoas conhecidas; poesia e o mais de pessoas conhecidas, amigos e de familia. Abrindo qualquer d'elles, extraordinarias coisas se nos mostram, em photographia, e em verso. Este grupo, por exemplo, reproduzindo ao ar livre, fingindo de campo ao fundo: uns noivos, de fresco, ainda com o vestuario do casamento, enlaçando-se as mãos, e contemplando-se, sentados á bordinha d'um banco de rolha... de cortiça. Grande força expressiva, sobretudo. O photographo gritou-lhes:

—Attenção!—e ficaram-se, attentamente, preocupados de extase, a pensar no futuro, nos filhos, no lar, na viuvez, quem sabe? esperando que a machina os apanhasse, assim, em flagrante de ternura conjugal. E' bem certo que as apparencias muito enganam e eis aqui de tal verdade um frisantissimo exemplo: oito dias depois de tirarem este retrato, esses noivos,—conheço-os—tratavam de divorcio, sabendo-se até que, interrogada a esposa a respeito de maus tratos que o marido lhe dava:

—Mas com que pretexto bate elle em v. exª?

Respondera:

—Saiba v. ex.ª, sr. juiz, que não é com um. pretexto...

...?

...é com uma bengala!

Indispensavel, em sala de gente boa, boa gente, gente de consideração, a bilheteira... Eil-a aqui, repleta. Cartões de visita, de boas festas, bons annos, pezames, sentidos pezames, parabens. Nomes de pessoas que muito honram Salles, que muito o prezam, collegas na commenda e collegas na repartição, titulares, influentes eleitoraes, conselheiros, dois deputados pelo ultramar, notabilidades de industria e do commercio, o carteiro, o distribuidor do jornal, o guarda nocturno...

Depostas nas prateleiras de duas *étagéres*, que estão symetricamente collocadas aos lados do sofá, uma em frente da outra, quantas surprehendentes coisinhas mosaicas, figurinhas de loiça, bonequinhos de barro, conchinhas, passaros empalhados em attitudes

de museu, um relogio antigo, sob redoma, parado, ha annos, nas quatro e vinte e cinco!

—A nossa collecção de *bibelós*—do francez *bibelóts*—aponta uma das filhas.

Pelas paredes, destacando muitissimo bem do papel que as forra, côr de perola com arabescos a oiro, quadros oleographicos de trechos pastoris, passagens da Biblia, e assumptos parisienses. Encimando o sofá, rico espelho talhado sobre o comprido, do Margoteau, mas adquirido em segunda mão, mais em conta—Pois então?—e vedado ás cagadellas das moscas, por metro e meio de gaze verde. Emmoldurado em verniz negro, com filetes aureos, o busto a crayon, admiravelmente parecido, preço quatro mil e quinhentos, do dono da casa, gravata branca, engommado a lustre, crachá, bello ar, soberbo ar, ar imponente, *Te-Deum* na Sé. Frente a frente, um outro busto, em gesso bronzeado, encara-o, a serio, fechando um olho e abrindo o outro: Camões...

* * *

POCHA de exames.

Exames nos lyceus, exames nos cursos superiores. Como das mais vezes, como nos outros annos, como sempre, certas perguntas de examinadores e respostas de examinados que são para estoirar o cós, de irrisorio.

Algumas de cahir.

Referem-me esta, authentica, apanhada n'um lyceu provinciano. Tratando-se de historia, historia universal, historia particular, historia nacional:

—Diga-me lá, faça favor, qual foi, «pouco mais ou menos» o primeiro rei de Portugal?

Ao que o examinando, prodigioso, certo d'um *louvôr*, sem pestanejar:

—Dom Sancho segundo, por cognome, *o desejado!*

*

E est'outra, na Escola Medica, ultimamente:

—...Manifestando-se assim a pneumonia dupla, no outro dia mais dupla, no outro mais dupla...

Nemine-discrepanté!

ALFREDO.

PHRASE CELEBRE

A historia conta que Voltaire disse,
E aqui eu o assignal-o:
«Se do *Congo o sabão* não existisse
Preciso era invental'-o!».

Saboaria Victor Vaissier, Pariz.

GRANDE!!!

(Hymno, para ser cantado em côro)

Elle é grande nas coisas que tem,
Elle é grande nas coisas que faz,
Elle é grande no *Grande Armazem*
Elle é grande de frente e por traz!

Elle é grande da bota ao *bonet*,
Elle é grande no bom coração,
Elle é grande deitado ou de pé,
Elle é grande em qualquer posição!

Elle é grande das unhas aos dentes,
Elle é grande nas obras mais cultas,
Elle é grande nas coisas presentes,
Elle é grande nas coisas occultas!

Elle é grande em caracter gentil,
Elle é grande qual outro não acho,
Elle é grande de frente e perfil,
Elle é grande por cima e por baixo!

Elle é grande no gráu mais graùdo,
Elle é grande em qualquer bagatella,
Elle é grande de tudo e por tudo,
Elle é grande, é grande elle—o Grandella!!!

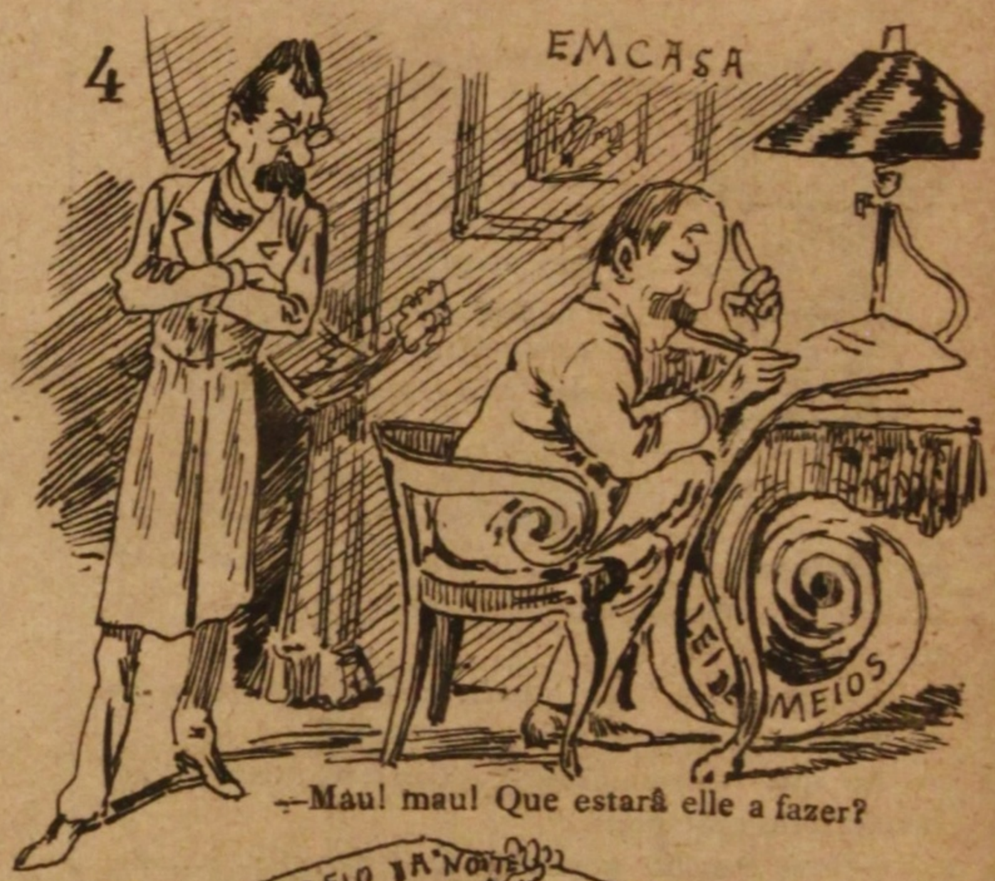
PAN-TARANTULA.

TRANSFORMAÇÕES

—Chegou o Marianno.

—Que grande homem este Marianno!?

—Economias! Muitas economias!
Nós cá estamos na *espectativa benevola!*



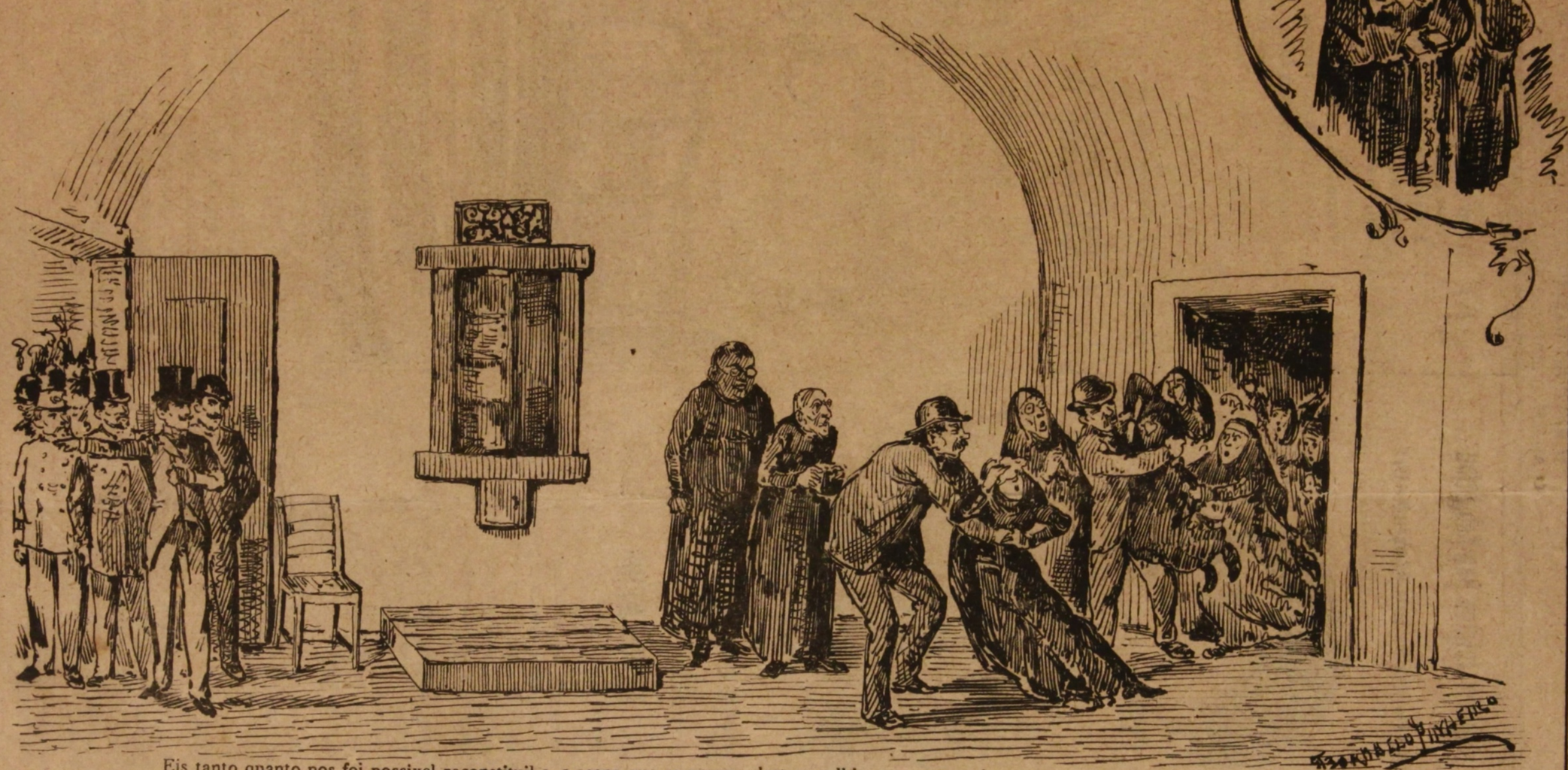
—Mau! mau! Que estará elle a fazer?

—Eis as economias.
—Oh! ,mas isso é medonho!!! não póde ser! Impossivel!!! Este homem...

Finale Furioso...

O que faz o tempo...

O caso do recolhimento do Rego



Eis tanto quanto nos foi possivel reconstituil-a, a scena que se passou n'este recolhimento, que mais parece uma enxovia, quando a policia de Lisboa foi arrancar duas pobres creanças ás garras das santas harpias do Senhor.

Bem é que a policia, em vista do occorrido, proceda a visitas rigorosas pelas divinas cavernas que ha espalhadas por todo esse paiz, e onde nos parece que nem só se passa o tempo na adoração das cinco Chagas de Christo.

A pequena Juliana San Sebastian

(da Illustracion Española)

A victima da duqueza de Castro Enriques

LEI DE MEIOS

Aos encantos de Anacleta
Fiz milhões de galanteios;
D'amôr ferido p'la seta
Amei-os, de amor pateta,
Pateta de amôr — *amei os* ..

Catrapiscando-a, na sala,
Cantei-lhe ternos gorgeios;
— Depois de catrapiscal-a,
P'ra que ella chegasse á falla,
Empreguei trezentos *meios*.

Ella annuiu; veiu leda
Ao clamor dos meus anceios;
Toda vestida de seda,
Como dama a quem succeda
Dispôr de alentados *meios*...

E dispunha! — Bem se via
Por traz dos fartos arreios ..
— Eu já me satisfazia
Se chegasse a ter um dia
Metade d'aquelles *meios*...

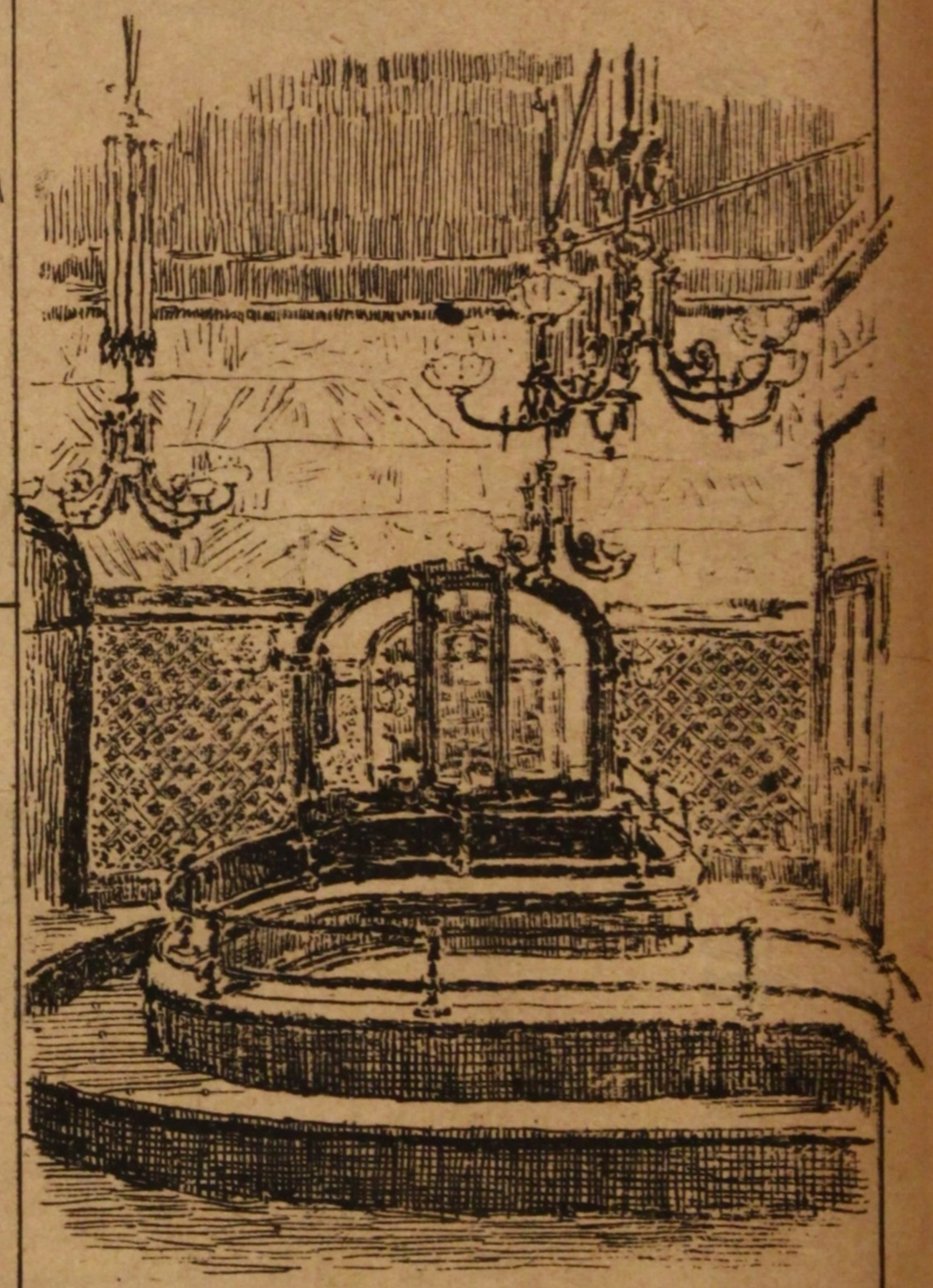
Toda séria e moralista,
Toda pudor e receios,
N'essa primeira entrevista,
Deu-me os regalos da vista,
Mas, de outros gosos — nem *meios!*

.....

Passou-se o tempo, passou-se
Nos seus continuos passeios ..
Hoje, Anacleta, mais doce,
Dá muito mais; — amoldou-se
A' questão da lei de *meios*...

PAN-TARANTULA.

VACCARIA NORMANDA



No dia 23 houve a inauguração da *Vaccaria Normanda* na calçada da Estrella 118 a 128. Agradecemos á Empreza o amavel convite que nos enviou. Quanto á excellencia do leite reservamo-nos para em manhã mais opportuna saborear devidamente os primores das excellentissimas vaccas, com os quaes teremos o maior prazer de travar... perdão, de saborear relações!

COLYSEUS DE LISBOA

No antigo Colyseu o publico mostrou-se agradavelmente reconhecido com a exhibição d'uma companhia de zarzuella e baile que, se não attinge primores de graça e *salero*, como é de uso exigir a uma *troupe* de hespanholas, e se não nos mostra formosuras que ponham a um canto as Mariones e as Oteros que n'este paiz teem vindo abordar,—é pelo menos digna do nosso applauso, porque nos faz passar uma noite agradavel.

Mas no Colyseu novo o publico mostrou-se menos benevolente e provou mais uma vez a rude altivez dos seus tacões, sem duvida devido ás obesidades e deformações de certas dançarinas que encobriam todo o palco, transformando-o, não n'um eden coreographico, mas n'uma verdadeira arrecadação de velhos obuses na inactividade ..

OS GRANDES ARMAZENS DE GRANDELLA & COMP.ª

A imprensa diaria festejou largamente a inauguração d'aquelles importantissimos armazens, que veem pôr uma nota de elegancia e de commodidade na nossa vida commercial. A falta de espaço, que não a de boa vontade, impede-nos de acompanharmos a imprensa diaria nas minudencias de detalhe que justamente merece a descripção d'aquelle soberbo estabelecimento.

E limitamo nos por isso á publicação d'uns pequenos *croquis*, como simples registro do acontecimento e em homenagem a Grandella, o emprehendedor arrojado, o trabalhador infatigavel, o caracter honesto e o espirito culto de portuguez são, a cuja iniciativa fica Lisboa devendo o seu melhor estabelecimento, e as industrias nacionaes hãode vir a dever, estamos certos, um valioso auxilio para a sua larga desenvoltura.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

O PADRE BARROSO

Novo prelado de Moçambique

Os poderes ecclesiasticos não fizeram mais que o seu dever confiando a preladia de Moçambique ao Reverendo Barroso.

Abramos parenthesis no gracejo habitual, para registrar esta nota seria. Este padre tem sido inspirado na causa da religião e da patria, por tão nobre espirito de sacrificio, e com tamanho desinteresse se tem arriscado a perigosissimos commettimentos, que a sua sagração como bispo de Himeria é, talvez, o acto de maior justiça, que n'estes tempos tem sido decretado pelo respectivo ministerio.

Que, por mal dos nossos peccados, os bispos portuguezes entram nas dioceses como o outro *bispo* entra no arroz: por descuidos do cosinheiro.

Está sendo lido com avidez o recente livro do sr. Luiz Augusto Palmeirim, que é uma carteira de notas retrospectivas sobre os excentricos do seu tempo, carteira aberta á curiosidade dos muitos que se interessam e, vão do interesse ao deleite, por recordações patuscas de typos e casos que já lá vão, e não voltam...

Livro que é um encanto, para quem saiba apreciar a boa. a fina cavaqueira de um velho saudoso da mocidade, que evoca os espiritos dos mortos que conheceu vivos, e com quem conviveu, typos unicos, rarissimos, dotados de modos de ser especiaes, feitios extravagantes, destacados do vulgo por suas ratices inegualaveis. Como aquelles que Manoel Gustavo escolheu d'entre muitos, para os desenhar em cartaz, na capa do volume, chamando a attenção para os mais: D. José Coutinho, Madame Collaço, Bernardino Martins, Castellani, o Abbade de Castro, o José *das Caixinhas*, o Feliciano *das Seges* ..

PROJECTO DE BRAZÕES

Diz-se que um alto personagem inglez, (será o principe de Galles?) mandou executar para seu uso, uns brazões absoluctamente pessoaes, que tem obtido um grande successo devido, decerto á sua originalidade.

Creação da mulher

Por suas mãos, no Genisis se lê,
Formou Deus a mulher formosa e boa;
Faltava lhe porém um não sei quê...
Veio o *sabão do Congo*, e completou-a!

Saboaria Victor Vaissier, Pariz.

Um paradoxo de actualidade, com suas pretenções a trocadilho, mas do qual o sr. Mendonça e Costa não tem, por emquanto, o privilegio de invenção:—De como vae desafinadissima esta musica da opereta nacional, sem que, no emtanto, ninguem troque as *notas*...

A falta de trocos continua a ser a abundancia de assumpto para os articulistas de fundo, para os chronistas financeiros, e de pretexto para muitos irem vivendo, menos mal, á tripa fôrra, por conta do tendeiro que dá fiado, e do talho, que faz outrotanto.

Sei eu d'um... Mantem-se o patife, e dá de comer aos filhos, vae em dois mezes, com uma nota de cinco mil réis que ainda não gastou, e trax inteira. Eil-o que entra, impávido e estrategico, na mercearia da esquina, e manda ao caixeiro que peze, dando-se ares de freguez taludo, tanto de seccos, e que meça tanto de molhados...—«Que lh'o levem a casa!»—e sacca da carteira a perfida da nota.

Sorriso compladecente da boa pessoa do caixeiro, todo dedos espetados em manteiga, o qual, por não ter prata, por não ter cobre, por não ter troco, mas confiado, fia:

—Vossa ex.ª pagará depois,..

E' isto o que sua ex.ª quer ouvir: sua ex.ª não pagará nunca!

* * *

Variando, por aqui e por acolá, vejo uma estatistica curiosa, que provoca considerações, como ao Conselheiro Carrilho outras estatisticas. E' o caso que um pachorrento se deu ao trabalho de contar quantos quartos de aluguer em Lisboa se annunciaram durante o primeiro semestre do anno que decorre: 10.642!

Exploradissimo negocio este, como se vê, dos quartos alugados, patenteando um dos mais desoladores aspectos do doentio vegetar lisboeta.

O errantismo d'essas gentes que mudam de habitação duas vezes por anno, baralhadas no estropeamento semestral do vai-vem das mudanças, como colonias tristes de feirantes condemnados ao externo armar e desmanchar, ramifica-se em uma enorme legião de abandonados, de separados da familia, de vagabundos do Destino, que arrastam a incerta vida quotidiana dos que não teem casa sua pelas casas dos outros, a tantos réis por mez: o homem só, a viuva sem filhos, o estudante, a deshonesta, a ignota *pessoa decente*, pessoa de probidade...

Desdobrado um numero do *Diario de Noticias*, tem se, alargando da segunda para a terceira pagina, secção de annuncios, o vasto panorama da cidade que esses nomadas povoam—cidade feita de cubiculos sem luz, de alcôvas sem ar, de miseria, immundicie e vicio, em montão, da Baixa á Alta, das sobrelojas ás trapeiras.

Ha quartos a alugar em todos os sitios, por todos os preços, em condicções das mais varias. Quartos independentes ou quasi independentes, com porta para a escada ou com porta para o corredor; com, ou sem janella,—janella que abre sobre a rua, ou deita para o saguão; quartos interiores; quartos sim ou não mobilados, com cama para um, para dois *n'um*, ou para dois separados.

Os independentes são preferidos pelos individuos de maus costumes, que fazem o que querem e não dão satisfações. Prestam-se a recintos de escondidos deboches, patuscadas immoraes, grandes brodios particulares. Os Bazilios que pervertem Luizas servem-se d'elles como *paraizos* da sua pouca vergonha. Tócas reconditas onde amores illicitos se acoitam, é n'elles que o furão policial vae buscar as raparigas fugidas da casa dos paes nos braços raptores dos namorados. Custam caro, portanto.

Os interiores, mais baratos, são sujeitos a condicções especiaes que irritam e logo desesperam os locatarios: toque de recolher a horas certas, passagem por outros quartos de cama, passagem pela cosinha, exhalações e miasmas de familia, maus cheiros circumvisinhos ..

Quanto detestavel este convivio de gente que se não conhece, a quem um annuncio de jornal relaciona casualmente, de momento, e que, sem mais, entra a compartilhar a mesma vida domestica, em contacto sob o mesmo tecto, ás vezes, na maior parte das vezes, em difficil incompatibilidade de habitos.

Degrada o pouco caso que assim se faz dos penates, um tal «não se me dá» pela boa ordem caseira. Prostitue a semcerimonia que se usa no convite dirigido ao primeiro transeunte, para que suba, entre e se ponha á vontade, a troco de qualquer mediocre interesse ajustado, regateado, ali, á porta, se quer, quer, se não quizer, não queira...

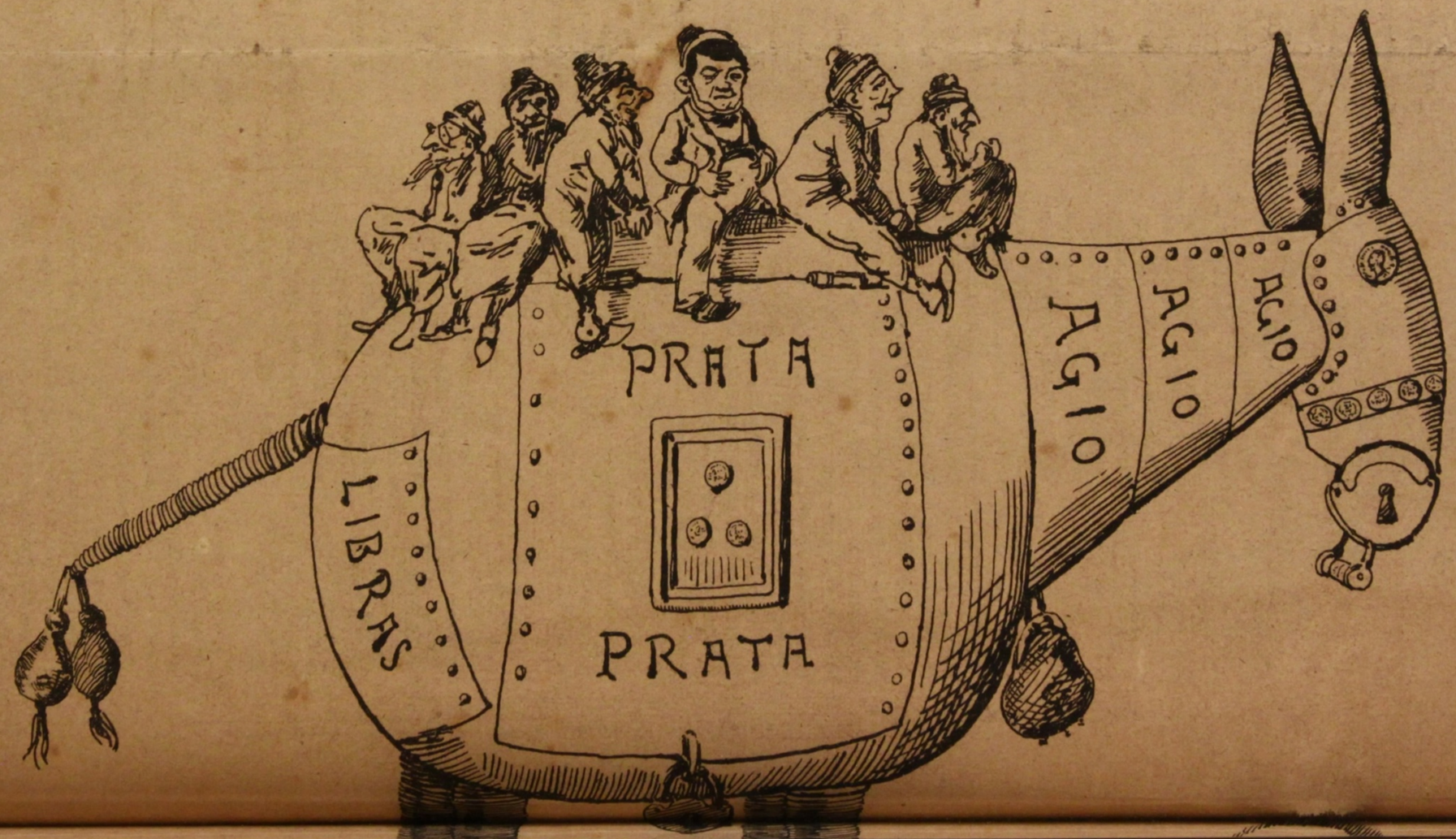
* * *

Picarescos da semana:

—Ephemeride notavel, d'um dos dias ultimos: «Faz hoje 60 e tantos annos que começou a funccionar a guarda municipal.» Notavel... para as criadas de servir.

—Um estabelecimento denominado *Concorrencia Leal* (ha um outro, no Principe Real, assim: *Aurora e liberdade!*) annuncia que vende, todos os dias, muito refrigerante e saborosa, agua de Caneças aos copos, tendo a amabilidade, diz o *Seculo*, de offerecer caramellos a todos os freguezes que lá vão compra-l'a.

A monstruosa burra do paiz



A miseria é grande, é enorme; o commercio parado; as industrias moribundas; o paiz agonisante—e os agiotas sem descerem da burra!

Duvida esta, em que tal noticia me põe: dá o homem caramellos a quem fôr á agua; ou dá o homem a agua a quem fôr aos caramellos?

—Jantar intimo, a que abanca um grande comilão, de visita, distrahidissimo, e de quem se contam qui pro quos terriveis. Ha creanças na casa, que brincalham á meza, mal comportados, e chiam. Mas serve-se um prato magnifico, com molho de tomates, e o convidado entra por elle como em tentativa de suicidio, a despedir-se d'este mundo. Quando a doua da casa, porque o filho mais novo désse motivo á pergunta, interroga o gulotão:

—Gosta de meninos, sr. Borges?

Ao que elle, todo mettido no guisado, desmentindo inconscientemente depravações de Barão de Lavos, que podessem attribuir-lhe, e distrahidissimo:

—Nunca comi, minha senhora! nunca comi!

ALFREDO.

Receita contra o calor

No mez de julho, e co'a calma
Que sem dó nos esbódéga,
Nos arromba e nos espalma,
Não ha melhor que uma rega
P'ra consolar corpo e alma!

E n'estes termos, eu acho
Que, se uma *rega*, que é femea,
Nos consola d'alto a baixo,
Melhor então—sem blasfemea—
Será o *Rego*—que é macho...

—Até li, entre as verrinas
Que vêm n'um jornal burlesco
Contra a seita das batinas,
Que o Rego em questão «é fresco
P'ra educação de meninas!»

Se, como assim fica dito,
O citado *Rego*, em summa,
E' fresco—e fresco bemdito—
Vamos nós, todos á uma,
P'ra o tal *Rego* sobredito.

Posta a coisa n'este estado
Só falta que frei José
Conceda ao povo encalmado
Que todos vamos—olé—
Ao *Rego* supracitado...

OUTRA

Se a gente sua e resua
Sem que lhe sopre uma brisa,
Apetece andar na rua,
Não direi de todo nua,
Mas em fralda de camisa.

E, p'ra andar d'essa maneira,
Todo o povo, e a fidalguía,
Junte-se á porta, em fileira,
Do *Antonio Manél Teixeira*,
Que botou *camisaria*.

Comprem duzias seis ou sete,
Que as camisas não são caras;
E *Antonio Manél* promette
Que, quem lá fôr, não se mette
Em *camisas de onze varas*...

Mais outra

Outra receita apropríó
P'ra o calor e falta d'ares:
Melhor que banhos no rio
E' ir ouvir o Bailio
Fallar na cam'ra dos pares.

Desde o gallego ao soldado
Desde o soldado ao gallego,
Tudo diz que elle, occupado
A dar á lingua um bocado,
E' melhor—de que ir ao Rego!

PAN-TARANTULA.

INTERMEDIO COMICO

Estreiou-se ha dois dias, com grandes applausos, no circo Parlamentar, o *clown* Mr. Valladas. E tem graça, effectivamente, o ratão. E merito, na verdade: as *jongleries* com os tres mestres de cerimonias são bem feitas, com muito olho. Muito bom olho!

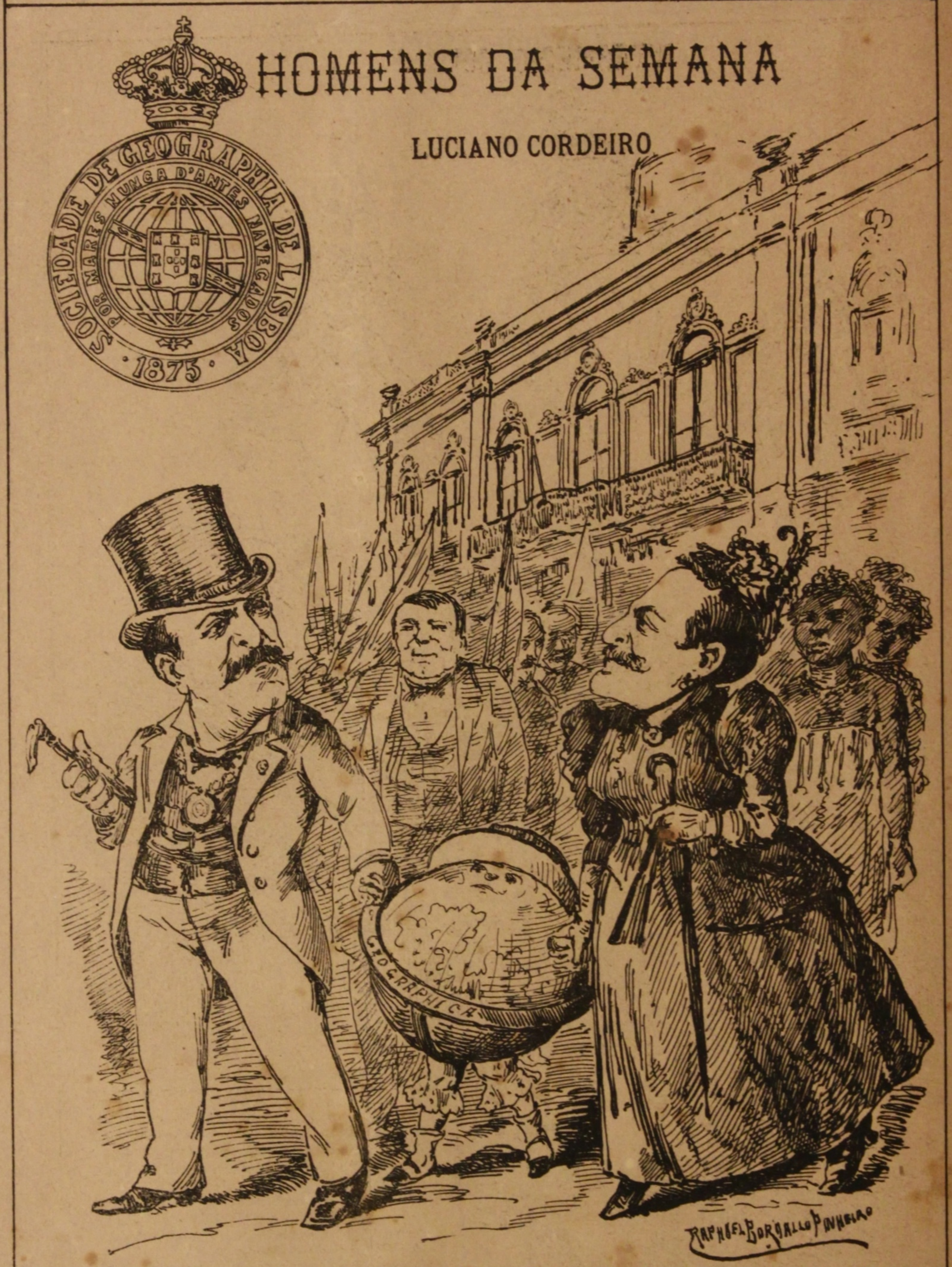
Mr. Valladas imita com infinita pilheria e bem apanhado, os gestos, as falas, a deslocação de dedos que são peculiares do sr. marquez d'aquelle apellido,—dedos nas melenas, dedos nas orelhas, dedos no nariz...

E o revirar dos olhos, e o revirar das fórmas, tal qual.

—»Ai! meninos, que encanto! —cacarejava a velhada da geral—que bem apanhado... Que bem, que bem que elle apanha!»

HOMENS DA SEMANA

LUCIANO CORDEIRO



Com disvellos paternos e carinhos maternaes, Luciano Cordeiro lá mudou. da Parreirinha para as Chaasg, a Sociedade de Geographia. «Pae, mãe, e ama da geographica» disse. d'elle um humorista. e assim é Um pae não quer mais a um filho do que elle á quella instituição; uma mãe não se sacrificaria mais por um fructo do seu ventre do que elle se tem sacrificado por aquelle fructo do seu grande trabalho; e uma ama por melhor leite que tenha para a creança que a sugue, conseguirá dar ao petiz o alimento que elle tem dado áquella sociedade —Sociedade a que todos os portuguezes devem muito, a que Portugal deve muitissimo.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º

Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2

Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

O PROTECCIONISMO DA FRANÇA

UM BOM EXEMPLO

—Arranja-te agora como puderes...—é o que a França acaba de dizer ao commercio de vinhos portuguezes—. Chorar na cama, que é sitio môrno. «Cantaste? pois dança agora!» Nós não queremos mais o teu Moscatel, nem o teu Torreano, nem o mais summo de tuas uvas. Acabou-se-te a chuchadeira... Adeusinho!

ANDA na baila dos jornaes diarios a mania da caricatura, em poucas linhas, de notabilidades contemporaneas.

Deve dar-se o seu a seu dono, a Cesar o que é de Cesar, e ao sr. Luiz d'Araujo a paternidade, ou a maternidade, d'esta mania, pois foi elle quem, na sua prosa versejada, ou verso prosejado, do *Diario de Noticias*, começou a publicar uma semelhante collecção de bonecos de caixas de phosphoros a que chamou «Personagens da Avenida». Eram os bonecos anonymos, mas com tal exactidão de traço o illustrissimo e popular poeta os dava, que aquillo advinhava-se de longe, e branco era, gallinha o punha. D'estes, por exemplo:

«Lá vae este cavalheiro,
Um bom amigo leal,
O homem mais serviçal
Que tem o paiz inteiro!
Muito mais alto elle é
Que as velhas torres da Sé,
E que o senhor conselheiro
José Duarte Nazareth!!!
Rapaz de bello bigode,
Mais negro que o azeviche,
Uma pêra... boa pêra!
Como nem tem um dervichel
Proporcionado e airoso,
Muito amavel e bondoso.
Deputado dedicado.
Administra um conselho,
Com int'resse té não mais,
De villa que sendo alegre,
Por signal acabe em... *ais*.
E' perfeito rapagão,
Um verdadeiro... pimpão!»

Estava-se a ver: o Vasco da Gama, sem tirar, nem pôr. Alguem achou certa ambiguidade n'este *kodak* e viu n'elle o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, deputado pela Outra Banda e par do reino pela administração do concelho de Cascaes. Sophismando, allegava esse alguem que, afinal, tanto podia ser um, como o outro, por serem ambos *pimpões*.

Foi o arauto Araujo. Atraz d'elle, veio o sequito de parodiadores que é infallivel ás idéas boas. E com elles, eis que se roliça e se rebola, se intromette e se espapaça, Gabriel Claudio, abrindo album de photographias instantaneas, no *Lisbonense*, e apanhando d'isto no apparelho:

«Alto como uma torre, esguio como um cypreste, bcundo como um pecego.

.....

Pavoneia-se, direito e hirto, como um lord, embainhado na sua grande sobrecasaca, florida de frescas rosas *Marechal Niel* ou de viçosos cravos.

A politica é o seu grande sonho absorvente, que lhe povoa as noutes de visões de poetas e de espectros de correios a cavallo. Já poz o pé no primeiro degrau: é deputado e foi secretario de um ministro opiado, que presta culto acima de todas as divindades olympicas e sublunares, ao Deus Morpheu.

.....

Ligeiramente conselheiro Acacio, nas tendencias para o decorativo.»

A respeito do qual se hesita: entre o monumento dos Restauradores á entrada da Avenida da Liberdade e o sr. Augusto Ribeiro á sahida do Ministerio da Marinha.

* * *

UMA folha da manhã, commiseradora e de grande tiragem, publica na primeira pagina:

«O drama da miseria

Apontamos á caridade dos nossos leitores, confiados nos bons sentimentos que,—louvado Deus! — ainda por ahi ha, um par de moribundos ligados matrimonialmente, que espicham, por falta de comer, na desgraça de uma agua-furtada, e a quem o *prégo* tem posto em coiro. São duas victimas do theatro portuguez: elle, bem ou mal, fazia centros comicos; ella, conforme podia, interpretava protogonistas. E assim iam vivendo... — vegetando, vegetando, que aquillo viver não era. Porém, n'este final de seculo que só está para as companhias hespanholas de zarzuella, o theatro nacional definha e os que d'elle comiam morrem á fome.

Compadecei-vos!»

E o nome da rua, e o numero da porta, que aqui se eliminam.

Está n'isto a explicação de uma noticia espalhada agora pelos bastidores da vida scenica, e que é a de alguns actores sem theatro, para quem a sorte e as emprezas teem sido adversas, desde Dona Maria ao Rato, não tendo já platéa que os ature, nem caridade de amigo que tome bilhete para um beneficio, se combinaram, se colligaram, para ir representar em Africa... a expensas do governo! Tencionando pedir passagens gratuitas para lá, a titulo de colonos, e despezas pagas depois de lá estarem, em nome da civilisação.

Já a *blague* forja versões varias sobre este caso, e assim se diz que o ministerio do Ultramar tomará muito a serio a proposta questão, prevendo bellissimos resultados patrioticos da civilisação ministrada ao preto, pelo theatro, como pelo systema Froebel; falando-se d'um concurso aberto a auctores dramaticos para peças *ad hoc*, cujo assumpto, deprehende-se, será sempre uma manifestação do desenvolvimento social do selvagem d'azeviche arrancado ao sertão e trazido para o convivio da Europa... pelo methodo de João de Deus.

No reportorio figurará—certamente!—o *N'guvo*, do sr. Joaquim Miranda.

* * *

ICCARESCOS da semana:

«A ambição de todo o portuguez — disse não sei quem, — é ser empregado publico, e não ir á repartição.» D'aqui os mil e um expedientes inventados por amanuenses e officiaes, afim de se escaparem á obrigação profissional, á massada dos officios, dos *Deus Guarde*, do papel Tojal do Estado... Este, que agora me chegou aos ouvidos: um amanuense, que habitualmente se limita a assignar o ponto, fôra ameaçado de demissão, se continuasse tal irregularidade no desempenho do seu cargo, e como as desculpas para com o seu chefe, por faltas, não lhe accudissem razoaveis, teve um bello dia esta:

—Queira Vossa excellencia desculpar-me... De todo em todo impossivel sahir de casa hontem: minha mulher teve um parto...

Desculpadissimo! caso de força maior.

Oito dias se passam, e a mesma escusa se repete:

—Minha mulher... um parto...

Podia bem ser, considerou o chefe: talvez phenomeno de algum gemeo retardado.

Mas, não decorre um mez, não decorrem quinze dias, nem uma semana, e outra vez o amanuense se chega, se aproxima, dando voltas de atrapalhado ás abas do chapeu fino, e attenuando:

—Minha mulher...

—Outro parto? Pois é possivel? sua mulher tem, por ventura, fecundidade de coelha?

—Minha mulher, senhor chefe... não é bem coelha... minha mulher... é parteira!

ALFREDO.

De que me serve a bolsa?

Em tempos—de que eu conservo
Saudade incommensuravel—
Teve, leitora, o teu servo,
Alem de ardor, vida e nervo,
Uma bolsa—formidavel!

Essa bolsa, o meu thesoiro,
Não era de rêde ou malha;
Não era de prata ou oiro,
Era uma bolsa de coiro
—Ou d'outra coisa que o valha...

Sem ser no genio Harpagão
Dado a ajuntar pé de meia,
O grande caso é que então
A dita bolsa em questão
Quasi sempre andava cheia!

Co'as *despezas* que eu fazia,
Duzentas vezes no mez,
Tão depressa era vasia
Como de novo se enchia
—P'ra se vasar outra vez...

E é que chegou a ter fama
A minha bolsa, na Europa!
No Cairo, em Malta, na Alfama,
Fallava d'ella a madama
D'ella fallava a cachopa!

Só p'ra a ver—as que a não viam—
Tinham desejos aos molhos;
Todas que a viam, sorriam,
Todas, em summa, lhe qu'riam,
Como ás meninas dos olhos!

Como eu vivia feliz
Co'a bolsa—no aspecto futil.. —
A má sorte, porém, quiz
Que, não tendo uma de X,
Seja a bolsa um traste inutil!

Hoje em dia, no mercado,
Só *notas* se desembolsa:
De desgosto arrelampado,
Sem dinheiro de contado,
O que heide eu metter na bolsa?...

Sem ter de cobre um vintem
Aquella bolsa de estimar,
E' tal qual o Pedro Cem,
Que teve e agora não tem,
A minha bolsa—ó vendima!

. . . . . .

Mas se no Rego—almas nobres!—
Ha paz, amor e socego,
A minha bolsa, sem cobres,
Ao som de funereos dobres
Vae ser mettida no Rego...

PAN-TARANTULA.

INGLEZES LUZITANOS

PORTUGAL PELICANO

(Dedicado a Prudencia, do Pimpão)

John, *John for ever*, tem agora uma ponderação, que nos é desfavoravel, mas que, devemos confessal-o, desgraçados que somos, é justa. O patife não perde de vista tudo o que por cá vae, e olhando a gana com que os portuguezes sugam Portugal, sorri-se:—Eu roubo-o, para engrandecer o meu nome de ladrão celebre; elles sugam-o para encherem a barriga propria. *All right!*

POR UM OCULO...

Quanto a libras, apenas restam por cá as 200:000 de que accusam o aureo Seixas, do Rocio.

A exportação levou todas as mais que haviamos, e uma ou outra a que o premio dos cambistas ainda consegue deitar unha tão alto sóbem e tão ligeiras se evolam, que, agora, vêl-as .. só por um oculo!

FLORES D'ALGIBEIRA (1)

Sterlinas libras que dominam bellas.
ai! amarellas, de tão linda côr;
tem atrativos e são convincentes,
são eloquentes expressões de amor.

*

A meiga libra sobre nós derrama
lucida chamma. sem o ardor que mata,
tel-a no bolso é dos mortaes a gloria,
pois a victoria com primor retrata.

*

Que amenidade, se nas algibeiras,
tinem fagueiras, alentando as fibras,
se ha céu na terra, se ventura ha n'ella
na face bella se achará das libras.

*

Filhas do oiro, bem como o oiro puras
de mil venturas corretoras bellas,
se a sorte grande me saisse um dia,
ai! que folia me não davam ellas!

*

Se desgraçado pelo amor trahido,
já tens sentido pela vida o tedio,
ai! não te mates, comprarás cautellas,
nas amarellas acharás remedio.

*

Pobre viuva, em soluçar dorido,
vendo estendido seu marido morto,
embora a dôr lhe despedaçe as fibras,
herdando libras logo tem conforto.

*

Lá quando a morte resfriar meu coiro,
cubram-me d'oiro meu gelado cólo,
na tumba escura já eu seja, embora,
Saltando fora dançarei um sólo.

(1) A proposito da falta de libras, encontramos, retrospectivamente, estas quadras no *Roberto*, do Barão de Roussado, que dedicamos, com adevida venia, ao capitalista Seixas, do Rocio.

OS CENOBITAS — DEDICADO AO "NACIONAL".

«OS MEUS AMORES»

Por Trindade Coelho

A livraria portugueza tem tido uma enchente, como raramente lhe succede, na ultima quinzena. Depois do exito do romance de Abel Botelho e do livro de memorias de Luiz Palmeirim, veiu o volume de contos de Trindade Coelho, com a amavel denominação de «*Os meus amores*.»

Aqui o temos, já todo aberto, já todo lido... E' originalissimo, agradabilissimo o modo de escrever, de descrever, de dizer, de contar, que usa o auctor d'este bello livro,—agradabilissimo contista, escriptor originalissimo, cujo nome a bibliographia regista hoje, tão notavelmente, como o jornalismo de ha muito o registrara.

A quem o ler, garantimos, sob a palavra de honra do nosso gosto, algumas horas muito bem passadas, passeadas por aquellas paizagens e recantos provincianos que elle pinta, tão real e verdadeiramente como se lá se estivesse; em companhia d'aquelles typos que elle retrata, tão photographicos, tão nitidos, qne é estar a gente a vel-os, a ouvil-os, a falar-lhes...

—*Os meus amores*, meus amores, que encanto!

Entre os *Kodaks* que o *Jornal do Commercio* dá, dia a dia, veiu agora o nosso, apanhado pelo amigo desconhecido que se assigna Nadar da Bitesga. Reconhecidamente lhe agradecemos as mui graciosas e mui amaveis linhas instantaneas que a nossa figura lhe mereceu.

O *Amphion*, minhas senhoras, o *Amphion*, meus senhores, é o verdadeiro, o unico, o genuino jornal das familias—que têem piano...

Publicação quinzenal de musica para piano, Neuparth & C.ª 97, Rua Nova do Almada, 99.

INVESTIGAÇÃO

O velho Testamento um facto ommitte
Para não sêr demasiado longo:
Quando a Hophernes foi tentar Judith,
Lavou a cara com *sabão do Congo!*

Saboaria Victor Vaissier, Paris.

Prodigio musical

O phenomeno Zé, apezar da sua posição ligeiramente desequilibrada, lá vae tocando o *Triste Fado*... sem trocar uma só *nota*.

Prodigioso ! ! !

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua doNorte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

HOMENS DA SEMANA

D. Amelia Cardia

Figura, no reino das mulheres mais uma clinica, a primeira facultativa portugueza: D. Amelia Cardia, que agora deffendeu these na Escola Medica, e se acha habilitada, legalmente, para remediar os que soffrem.
Muita clientela—é o que desejamos a V. Ex.ª, doutora...

ONTA-ME um jornal que, ha tres dias, um individuo chegado da provincia, d'um paradisiaco recanto de provincia onde a falta de trocos não se tem feito sentir e d'onde as libras nunca foram exportadas, entrou n'uma tabacaria da Baixa, para comprar charutos, e saccou da bolsa uma reluzente sterlina para pagar o tabaco.

Emquanto esperava pelo troco, entretinha-se cortando a ponta a um dos charutos, mettendo o entre os labios, accendendo-o, puxando-lhe duas fumaças...

E só depois de todo este trabalhinho feito é que notou que o caixeiro não lhe entregara ainda a demasia, e se occupava, e se preoccupava, mirando e remirando a aurea moeda, ora firmando o olho sobre a efigie da velha Rainha, ora voltando-a, e ferrando-lhe o nariz no outro lado, a experimentar o olfacto. Depois, atirava-a d'alto sobre o balcão, para lhe ouvir o som, e como ella tinisse muito forte e claro, e muito verdadeira, o rapaz tomava-a outra vez entre os dedos e, de mais alto, outra vez, a atirava.

O comprador, á vista d'aquella duvida em que o outro se mostrava, de ser ou não ser boa a graciosa rodella, quasi se indignou, e se melindrou na sua sensibilidade de honrado provinciano, que vem á capital para ser intrujado, mas nunca para intrujar,—isso não!

—E' boa! é boa! Então o sr. não sabe quem sou eu? Olhe que na minha familia ninguem jámais se atreveu a passar moeda falsa!

Mas o caixeiro não queria saber lá d'isso, e continuava a atirar com a libra, que tinia e retinia que fazia gosto.

Gente que passava, e ouvia a sonoridade rara d'aquelle bocadinho de oiro inglez, era attrahida de repellão, e vinha, de largos olhos esbugalhados, de venta no ar, do unhas e dentes aguçados, juntar-se á porta, n'um sobresalto, inquieta, inquietinha por se lançar á libra.

—Ai! que lûz!

—Ai! que som!

—Ai! que côr!

—Que luz! que som! que côr!

Desesperado, fulo, fóra de si, ido aos ares, o provinciano esbravejava, esbracejava, esmurraçava:

—E' boa! já lhe disse...

Se era boa! Tão boa, tão bonita, tão real e verdadeira, que o Fonseca, se a apanhasse, dava um quartinho de premio. *Dio del oro*...

—Justamente por isso, obtemperou o caixeiro, é que eu não acredito n'ella. Pois se esta libra não fosse falsa...

—Não é! já lhe disse!

...—Perdão... pois se esta libra não fosse falsa, cuidam que este senhor não a teria já vendido?

Este caso, meus senhores, é bem caracteristico da situação a que chegámos. D'aqui se deprehende que em Portugal não ha hoje uma sterlina que não seja falsa, porque ninguem houve que não vendesse aos cambistas todas as boas que havia.

Excepção feita, e honrosa, para o sr. Seixas, o Rotschild do Rocio, que não se desfaz das suas duzentas mil...

—A não ser que lh'as paguem muito bem!

—Lá isso...

*
* *

NDA aferrada a mania dos *kodaks*. Um photographo amador remette-me este, anonymo:

«De casaca e brilhantes abotoando o peitilho. Chronista da vida elegante, notícia o jantar diplomatico a que foi, a partida d'um banqueiro que acompanhou á gare, a recita de S. Carlos com a *Mala Pasqua* Suas Magestades e bailados. No dia seguinte, *picnic* em Cintra, *rendez-vous* no concerto de Collaço, *raout* intimo em casa do ministro; para o outro dia, recepção no Paço, um casamento nobre, beneficio de créches. Gira n'uma roda viva de convites para festas de alta roda. E a nenhuma de exime...: «Entre os convidados, vimos as sr.as... e os sr.s. .» terminando sempre por se ter visto entre os outros.

Deve ao apuro do vestuario e do trato as innmeras sympathias que gosa e a alta afinação a que chegou pelo diapasão do Bom Tom. As mulheres adoram-o:—Adoravel homem!—e é de ver como se imanisa á preferencia d'ellas, sobre maridos e sobre namorados, incompativel no gosto da gravata, no es-

guião da Bretanha de collarinho e punhos, na seda da Escocia que calça em meias, na lã dos carneiros de Cheviot que veste, no *Gran Mogol* que traz em annel. Inegualavel na escolha de conversa, no corte bicudo da barbicha, na lapidação das unhas, na dengosidade antiga de espinhela e braços...

Todos se admiram de que elle ainda não tenha sido condecorado e nomeado diplomata. Eu, se fosse o ministro que o convida a que vá jantar lá a casa, intitulava-o, pregava-lhe o crachá de Christo e punha-o secretario de legação, ou sobre a meza da sala.»

*
* *

ICARESCOS da semana:

Informam-me de que o *Almanack das Senhoras* para o proximo anno de 92, se Deus quizer, vem animadissimo. Bellos retratos, bellas prosas, bellas poesias. Além de muitos conselhos uteis, tabellas de trens de praça, charadas, enigmas, logogriphos...

Mas uma coisa me surprehende, ao que me dizem: entre os collaboradores, figura o sr. Alfredo Gallis, de pseudonymo *Rabelais*, que é, essencialmente, distincto litterato... só para homens.

—Curioso annuncio de criada que se offerece, com longa pratica, e dando as melhores abonações:... «E, sobretudo, muito fiel, ha tres annos que está com o mesmo *municipal*.»

ALFREDO.

MUDANÇA DE TEMPO

Um possuidor d'uma nota de 5$000 réis em 1890.

Um possuidor d'uma nota de 5$000 réis em 1891.

IMPOSSIVEL!

Ha flores sem perfume, ha peitos sem amôr,
Auroras ha sem sol, ha noites sem luar,
Cometas ha sem cauda, estrellas sem fulgôr...
Mas sem *sabão do Congo* é que não ha *boudoir!*

Saboaria Victor Vaissier, Paris.

NO BALÃO

—

N'algum tempo, ir de balão
Era caso—e bem distincto!—
Tinha guizo e tinha cão,
Ninguem tal fazia, não,
Como o fez Gouveia Pinto.

Hoje, é coisa ao proprio alcance
Do mais simples lagalhé:
Não ha quem não se abalance
A passar o dito lance
No balão do tal Julhés!

Sempre que anda annunciado
Que elle vae subir ligeiro,
Vem no annuncio relatado
Que «será acompanhado
D'um distincto cavalheiro.»

Muita dama se desgosta
Co'este caso—e razão acho—
E até ha quem faça aposta
Em como o Julhés só gosta
De subir, levando um macho!

E' talvez, pois, por disfarce
Que á má lingua ponha diques,
Que, domingo, ao elevar-se,
Fará elle acompanhar-se
D'uma dama—toda triques.

—Ai! se o balão se aproxima
«Das brancas nuvens d'alem,
«Que estranho (diz minha prima)
«O tal Julhés la por cima
«E ella por cima tambem!

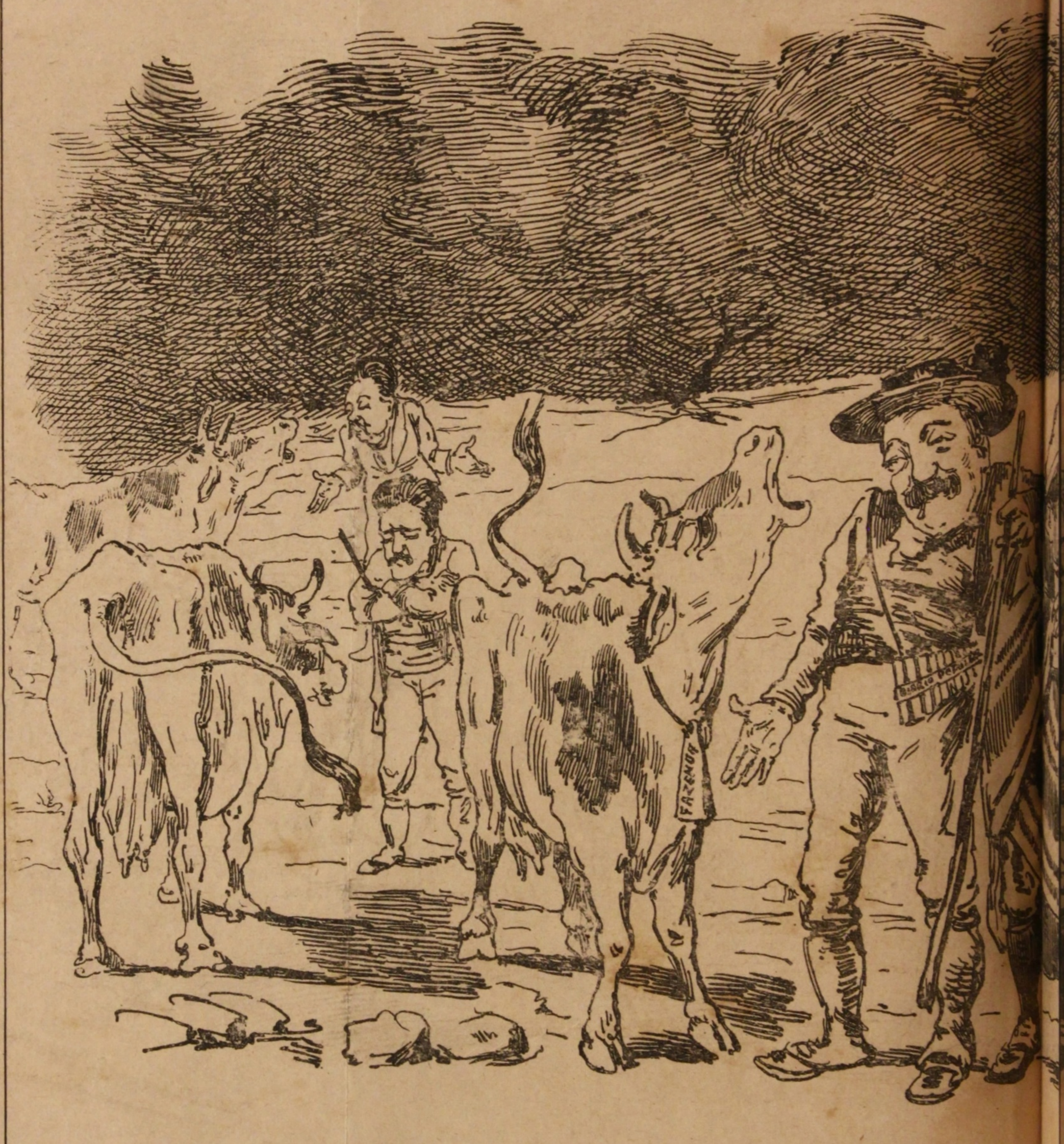
«Passando as nuvens então,
«As nuvens brancas de prata,
«Que soberba occasião
«P'ra provar, do pé p'ra a mão,
«Um beijo... nephelibata!

«E, passando o expesso veu
«Das nuvens, n'um rasgo afoito,
«Que prazer, calculo eu,
«Subir ao setimo ceu
«... Se os taes ceus não forem oito...

«E emfim, já soffrendo enfartes
«D'ir a subir de gangão,
«Abrir a valvula, em partes,
«Mostrando ao Julhés ter
«P'ra lhe abaixar—o balão...

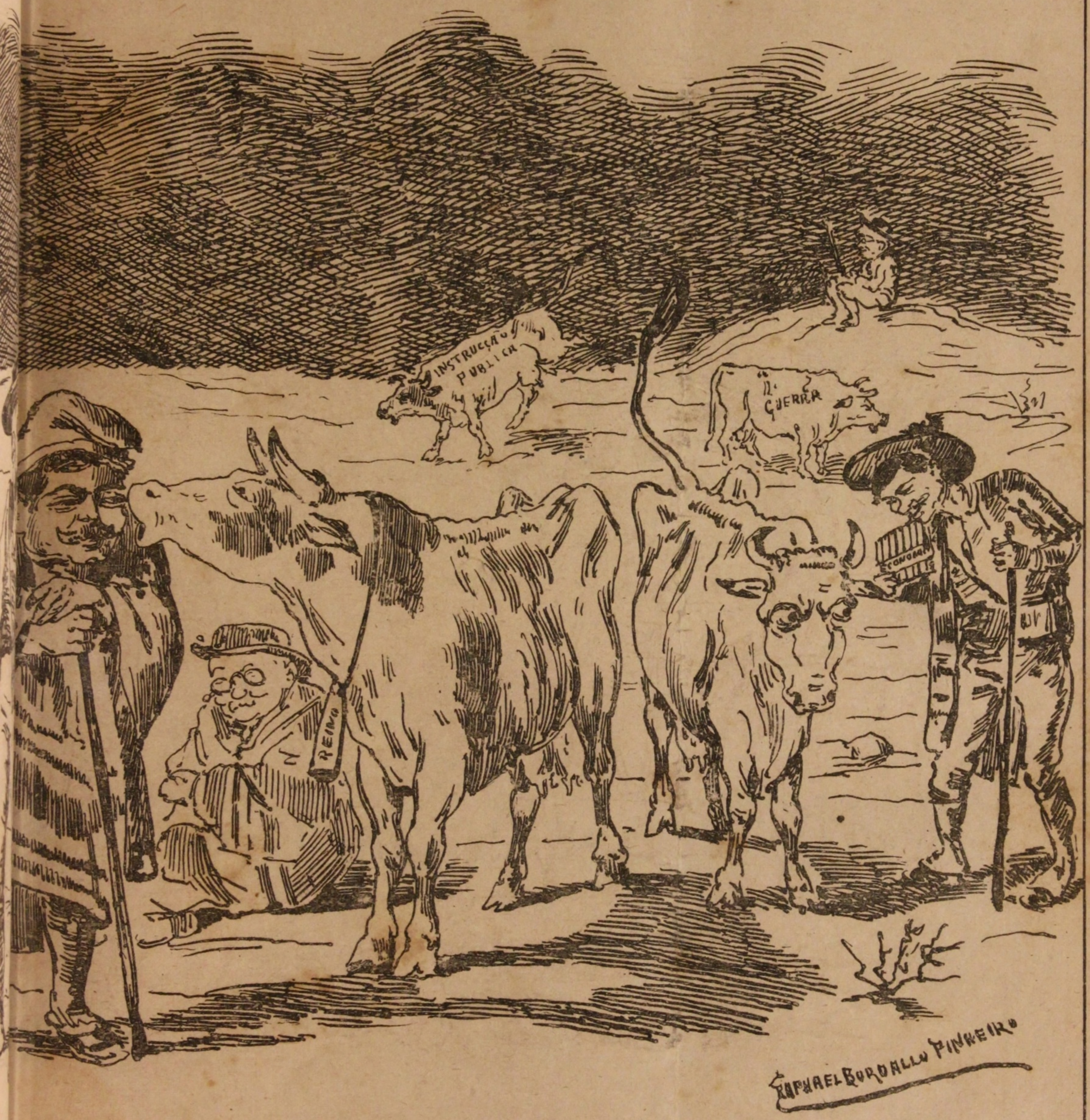
PAN-TARANTULA

OS PASTORES DA



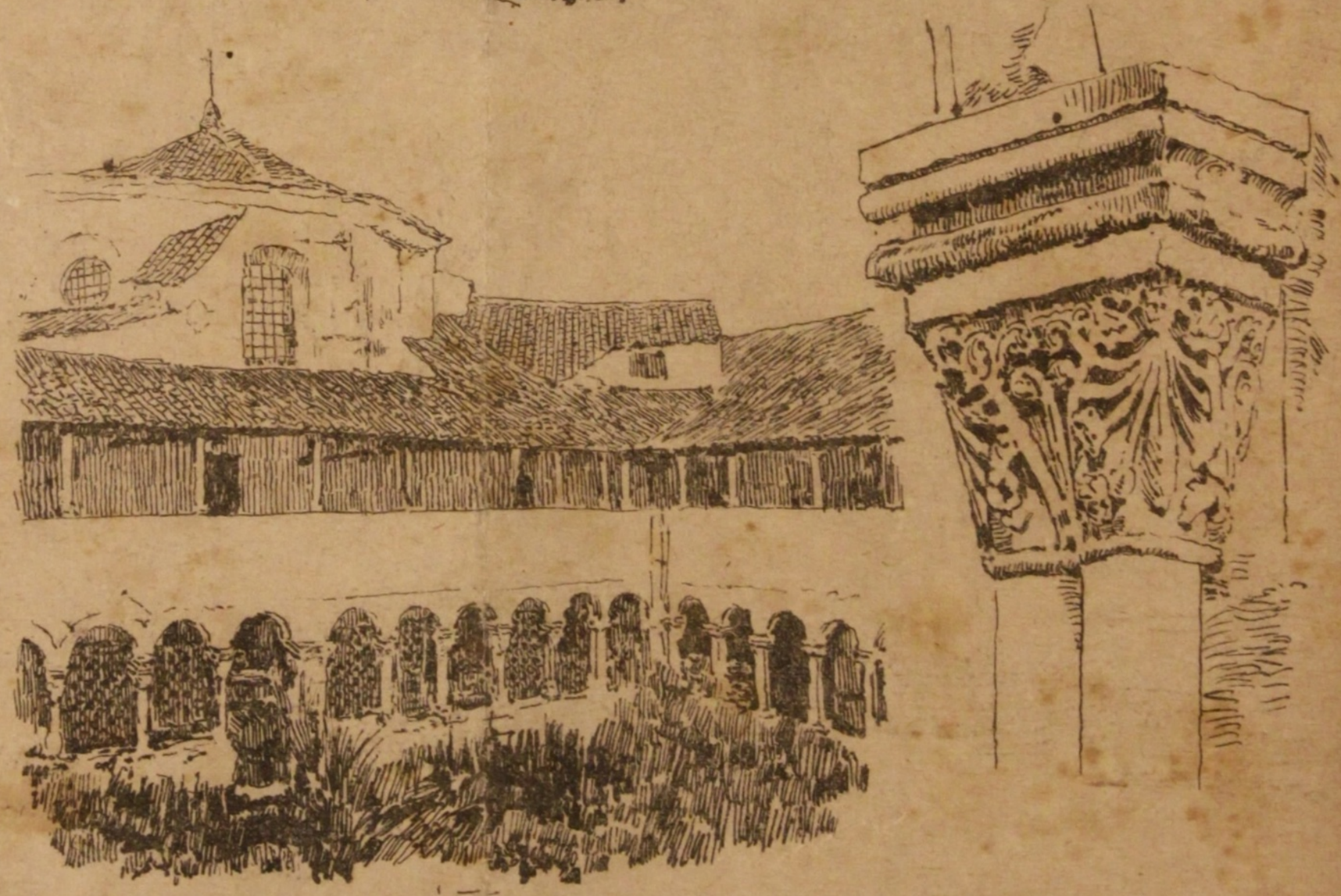
—Voccês sem pasto, e nós sem trocos... Comam-se umas ás outras, como os
que é um louvar a Deus...

VACCAS MAGRAS



os grillos, que o mesmo faremos nós, quando fôr preciso. Falta de verde e falta de cobres,

O CLAUSTRO DE CELLAS



Aqui temos boa occasião, illustres directores das Bellas Artes, para os senhores provarem que tem alguma utilidade nacional o seu ministerio. Trata-se do claustro do mosteiro de Cellas, em Coimbra, que esteve para ser posto em hasta publica (!) do que se livrou, graças aos clamores da imprensa, que apregoaram tal barbaridade, conseguindo evital'a. Agora, a Arte Portugueza pede a conservação d'esse bello monumento, que deve ser transportado, tal e qual, para a Escola Brotero, na cidade do Mondego.

SYMBOLO AUGUSTO DO PATRIOTISMO INDIGENA

Quando o grande migalheiro se rachar, se partir, para onde correrá a massa?

NOVISSIMA INVENÇÃO

Luvas vingativas

Para cumprimentar agiotas.

(A' venda, dizem-nos, nos Grandes Armazens do Grandella).

Modo de as usar:

Calça-se a luva na mão direita, e quando o *nosso amigo* se chega a interessar-se pela nossa bizarria, estende-se-lh'a, com grande affecto, e aperta-se com força—mas força!—a d'elle:

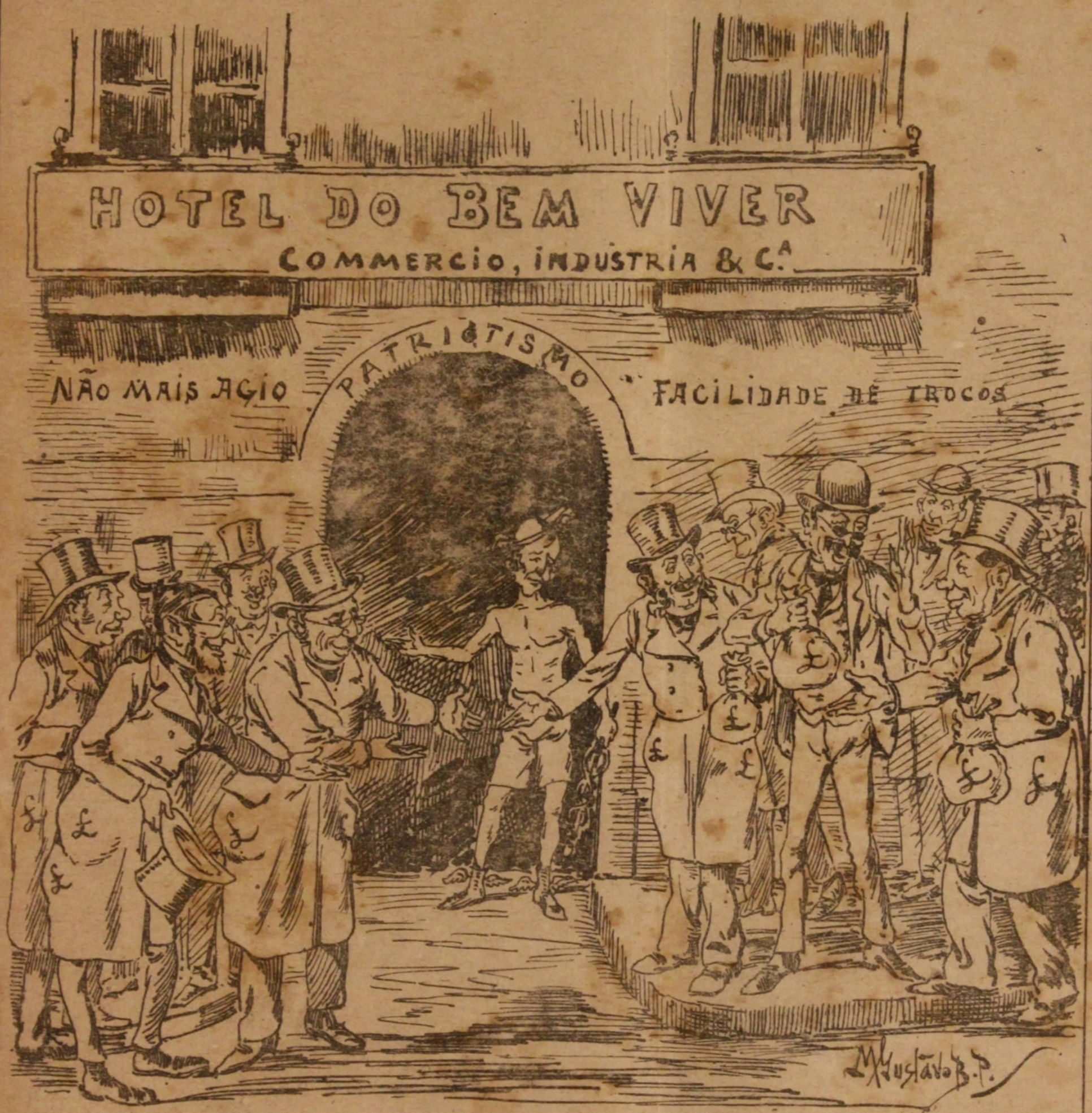
—«*Que tal, o negociosinho?*»

O NOVO TONNEL DAS DANAÍDES

São um poço sem fundo as guellas da agiotagem, a esconder toda a prata que o governo, o Banco de Portugal, e a Casa da Moeda, lhes lançam, sem conseguirem enchel'o.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua doNorte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

AGIOTICAS CERIMONIAS



O Commercio:—Então, meus senhores... Façam favor de entrar... Não estejam com essas coisas...
1.º *agiota*:—Entre o cavalheiro...
2.º *agiota*:—Não senhor... Vá o amigo entrando...
3.º *agiota*:—Ora essa! Essas cerimonias não são para nós... entrem...
Todos os agiotas:—*Après vous*, cavalheiros, *après vous*...
E como nenhum quer ser o primeiro a entrar, nenhum entra..
E a hospedaria ás moscas!

O caso do convento das Trinas é o caso mais curioso da semana. Pelos jornaes diarios, já os senhores sabem do que se trata. Houve suspeitas de que fôra commettido um crime dentro d'quelle convento, onde estão installadas as Irmãs Hospitaleiras Portuguezas.

Ora, não será do crime que eu fallarei, mas de certas revelações muito devéras interessantes, que agora se fizeram aos olhos profanos dos que andam cá por fóra, relativamente aos costumes religiosos das que vivem lá por dentro.

Vê-se que aquellas creaturinhas de aspecto sympathico, que passam pelas ruas da cidade aos pares, como patrulhas da guarda municipal celeste, muito

acceiadas em suas vestes e parecendo aceiadissimas em suas consciencias, levando tão branca a alma como a touca, e contando no cadastro da irmandade, tantas boas acções como de contas no seu rosario—que aquellas creaturinhas, com fachada de ermida, teem portas secretas, e dando-se ares seraphicos de não quererem nada com este mundo, dão-se á má vida dos antigos conventos, sem dispensarem communicações de sachristia, e regalias de claustro a horas mortas ..

O *Seculo* tem publicado depoimentos de testemunhas oculares, que provam larga parte da verdade que se vae abrindo agora á vigilancia da policia, chamando a attenção do conselho de hygiene e dos poderes ecclesiasticos para esses covís de educação religiosa, onde se submettem creanças infelizes a regimens austeros de fanatismo e de caldeiradas de feijão.

Averigua-se que quando essas tristes sahem de lá, trazem monomanias freiraticas e dispepsias tremendas. Conta-se até que, d'uma vez, indo o Patriarcha visitar o mesmo recolhimento onde se deu o caso, aproposito do qual venho fallando, combinaram as educandas apresentar-lhe um protesto contra as feijoadas frequentes que a communidade lhes punha no prato. Sua Eminencia apparecera-lhes sobre o jantar, á hora das rezas de graças a Deus. Não podia chegar mais a tempo. Veiu a irmã Colleta, participar-lhes a chegada do mestre Cardeal, e lembrar-lhes que se portassem bem. Logo ellas, mal a outra voltou as costas, se prepararam, e quando Frei José entrou, lhes sorriu, e quiz saber de sua justiça, todas, á uma, abriram valvulas ás tympanites, em surdina, e baixaram os olhos resignadamente, sem responder. Ao mesmo tempo que subia, e davam signal na pictuitaria do Patriarcha, olores de legumes em digestão difficil...

—Mas... ia para dizer Sua Eminencia, dilatando a venta e aspirando forte... mas, minhas filhas, que mau cheiro é este?...

Ao que as raparigaitas, alargando-se mais, lhe respondiam:

—Somos nós, Reverendissimo.. somos nós... E' para que saiba! Cheira-lhe mal, cheira? Pois mande á irmã Collecta que nos não dê feijão tantas vezes a miudo...

Foi n'este momento, então, que Frei José teve aquella ponderação, de pollegar espetado apontando, que os jornaes reproduziram:

—E' assim que ellas vão esticando o pernil! E' para que saibam! E' assim...

*
* *

Associação Commercial dos Logistas de Lisboa reuniu-se em assembléa geral, n'uma das ultimas noites, para tomar resoluções perante a crise dos trocos, que continua. Falaram muitos commerciantes que Lisboa bem conhece pela peor ou melhor qualidade dos seus seccos e molhados, e sua mais ou menos modicidade de preços. Alvitres muito aproveitaveis apresentaram uns, brilhantes discursos exposeram outros. Falou-se energicamente contra a agiotagem e verberou-se o governo porque não se oppoz ainda a essa terrivel especulação.

Contam-me que um dos oradores, desviando-se bastante do assumpto predominante, chamou a attenção para as suas convicções, referiu-se aos seus ideiaes politicos, deu por paus e por pedras, foi aos ares, e no auge do enthusiasmo que fervia no auditorio, bravo, palmas, appoiado! muito bem! muito bem! accentuava:

—Meus senhores! O homem que n'este momento vos fala, foi sempre,—podem testemunhal-o todos os que o conhecem de perto—um caracter firme e incorruptivel. Foi sempre fiel aos puros principios de 89...

—Por cento! fulminou, em aparte, um dos taes que muito de perto o conheciam.

*
* *

ICARESCOS da semana:

RANDE reboliço n'uma travessa do Bairro Alto, gritos de soccorro, oh! da guarda! toda a visinhança em sobresalto. O que é, o que não é, o que foi que seria?...

Averigua-se o seguinte: um sargento d'artilheria que ha tres annos partira para Africa, deixando cá a mulher e dois filhos, encontra, ao voltar inesperadamente, um filho a mais.

D'aqui, o borborinho, porque ia dando cabo da perfida, com o cabo de uma vassoira. Accodem-lhe visinhos da escada, e um d'elles, experimentado em coisas d'este mundo, trata de apaziguar o sargento trahido:

—Homem! não seja desagradecido á Providencia... Você, se tem coração de bom pae, deve antes querer um filho a mais, do que um a menos... Não bata mais na mulher, homem!

ALFREDO

NEC PLUS ULTRA

Mas que finissima essencia!
Que fragrancia delicada!
Que perfume uza vocencia?
Sabão do Congo e mais nada!

Saboaria Victor Vaissier, Paris.

OS CONVENTOS

—

Quem quizer, p'ra seu socego,
Descartar-se de meninas,
A' sã moral tendo apego,
Ou vá mettel-as no Rego,
Ou no convento das Trinas.

Em casa, o que é que as espera?
Longas noites de vigilia,
O trabalho, que macéra,
E uma vida, pouco austera,
Co'os malandros da famliia!

Quem no convento as não ponha,
C'oa a graça de Deus—amen!—
Vêl-as-ha gannando ronha,
Chegar—que pouca vergonha!—
A gostar da propria mãe!!!

E, menina que uma vez
A ser de Deus se dispoz,
Aprende, em menos d'um mez,
A mandar a mãe—que a fez,
P'ra a grande pata—que a poz!

Bebem-se allí—aos almudes—
Virtudes, n'aquelle centro;
E em castas beatitudes
Fica um poço de virtudes
Cada menina—por dentro...

Menina que alli se entrega,
Do mundo furtando-a ao p'rigo,
Póde contar, p'ra a socega,
Que apanha sempre uma rega
De virtudes—que eu nem digo...

Vive debaixo dos tectos
Da mais pura e sã moral:
Debaixo—em varios aspectos—
Debaixo de almos affectos,
Debaixo *et coetera* e tal...

Debaixo do serio estudo
Que ensina as religiões,
Debaixo d'um santo escudo,
Debaixo, em tudo e por tudo,
De frei Zé dos Quracões!...

Se dos santos passatempos
Viver debaixo lastima,
Não surgindo contratempos,
Poderá, co'andar dos tempos,
Passar a viver por cima...

E, se um mau desejo a impelle
A deixar tão santo amparo,
Ou lhe dão cabo da pelle,
Ou tem de ir enferma, imbelle,
Dar um passeio até Faro...

PAN-TARANTULA.

A agiotagem

Foi o agiota que fez a crise?

ou foi a crise que fez o agiota?

E' o caso do ovo e da gallinha: foi o ovo que veiu primeiro? ou a gallinha?

Se foi o ovo, que gallinha o póz?

e a crise

Porque se não houvesse crise, não existia o agiota

e se não houvesse o agiota não existia a crise.

Se foi a gallinha de que ovo sahiu?

Afinal, o que nasceu primeiro?

TALENTO BUROCRATICO

Não resistimos á tentação de transcrever da «Revista Illustrada», para aqui. esta exacta caricatura de um typo tão nacional, tão nosso conhecido.

Que o querido collega nos perdõe esta unhada no alheio mas o alheio, n'este caso é irresistivel á unhada.

«Palavra que o Eusebio é um rapaz astuto:
Não é um imbecil, como ha alguem que pense.
Tinha um ar de quem anda em busca do absoluto
E andava era a scismar na manga de amanuense.

Mal vagou o logar foram dez cães a um osso,
E elle é que o abocou. Ora o commendador
(O tal que usa um grilhão pendente do pescoço)
Influiu: mas o Eusebio ainda operou melhor.

Foi aberto concurso, a bem da velha pratica,
E o Eusebio (por si—sem ter quem o guiasse)
Fez no requerimento onze erros de grammatica,
Sete de ortographia e quatro de syntaxe.

Assim li n'um jornal. Os outros concorrentes,
Sem um erro sequer, estavam muito abaixo.
O Eusebio apresentou asneiras convenientes
E foi elle, bem visto, o que alcançou despacho.

Eil-o, pois. amanuense. Agora vae casar-se.
Comprou já chapeu alto e um valioso anel.
O pae gaba-o e diz:—«E' pena não formar-se!...
Fazia-se d'ali um rico bacharel.»

E' um moço prendado e é justo o seu alarde.
E então (elle é que o diz) não tem sequer um vicio...
Não ha quem puxe um *D* como elle no *Deus guarde*,
Nem tambem quem faça mais erros n'um offiicio.

Em contas nem falar: é mesmo prodigioso!
Não conheço ninguem mais forte na taboada;
Aquillo é segurinho, exacto, escrupuloso...
—«Tres vezes tres são seis. Dez, noves fora, nada»

Em summa, é um zeloso. um optimo empregado
Foi acertada a escolha; e só me desconsola
Que elle não possa ser mais bem utilisado.
Que pena! uma aptidão que dava um mestre escola.

GARCIA MONTEIRO

UMA BOA PARTIDA

1

2.

3.

4.

Quem rouba a labrão
Tem cem annos de perdão

(Extrahido do «Fliegende Blätter»)

ROLHA NAS MADRES

—Caluda! ordenou Sua Eminencia ás superioras dos conventos. Aqui não se dão satisfações... senão policia! Nada de palavras: só obras...

Madres, calluda! á menor indiscripção, mais rolha... Rolha por cima, rolha por baixo.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua doNorte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

HOMENS DA SEMANA

PEDROZO DE LIMA

E' o mais *faróz* de todos os commissarios, e o mais ladino de todos os policias. Possue o apito mais estridulo de todos os apitos, e o gatazio mais valente de todos os gatazios. Tem uma cabeça de motim e pesadelos constantes de revolta. Monarchico ferrenho, mas paradoxal, o seu maior prazer politico é vêr em perigo as instituições, para as salvar.

Emquanto não metter toda a gente em S. Julião não descansará, e toda a sua pena é, não ser elle proprio a Torre, para engulir todos.

CONCHA MARTINEZ

El qui quiera probar cosa buena... vá ao Real Coliseo, ver, ouvir, cheirar... (param aqui os sentidos!) a admiravel, extraordinaria, de primeirissima ordem primeira tiple D. Concha Martinez, a mais applaudivel de todas as tiples que a Hespanha tem gerado e que emprezas nossas cá tem trazido.

E porque nos é prohibido o contrario, assim fazemos: muitos beijos em Santos Junior que a trouxe, e mil gracias a ella, porque se deixou trazer.

O gaz

—

Ninguem já falla das Trinas,
Nem dos trocos caso faz:
Velhos, moços e meninas,
Tudo, em raivas leoninas,
Vocifera contra o gaz!

Ninguem pensa na Inglaterra
Nem nas faltas de dinheiro:
A' questão do gaz se aferra
Toda a gente cá da terra
E do gaz não quer—nem cheiro!

A propria brisa que passa,
N'um canto divino, eoleo,
Junto aos vidros da vidraça
Canta assim:—Gaz de má raça!
Morra o gaz! Viva o petroleo!

Ouvi contar no Rocio
—E acredito não ser peta—
Que a *Gazeta* do *chefio*
Vae dar prova de alto brio
Tirando o *gaz*—da *Gazeta*.

Passa, assim, d'um tit'lo gebo,
Ao tit'lo mais or'ginal:
Pois, trocando o *gaz* por *cebo*,
Ficará—ao que eu concebo—
Ceboeta de Portugal!...

O governo não se poupa
A protestar assisado,
E quer que o rancho da tropa,
Em vez de feijão, na sopa,
Seja carneiro guisado.

Este processo ligeiro
Resolve a magna questão:
O soldado, o corneteiro,
Terão *cêbo*—de carneiro
Em vez de *gaz*—do feijão...

Senhoras d'alto respeito
—Tal como a D. Cecilia—
Que usavam *gazes* no peito
—Lindo adorno, com effeito
P'ra os salcifrés em familia,

Nunca mais fazendo as pazes
Co'o tal *gaz*—coisa mofina!—
Quando valsam co'os rapazes,
No peito, em logar de *gazes*,
Mostram côtos—de stearina!...

PAN-TARANTULA.

Hamlet (monologo)

Ser ou não ser! eis o problema ingente
No qual debalde o meu scismar prolongo!
Ser ou não ser... possivel que se invente
Sabão melhor do que o *sabão do Congo!*

Saboaria Victor Vaissier, Paris.

(Historia simples d'uma noute composta)

Eu sou Bento.

O meu patrão é Alonso Gonsalves, meu tio, e merceeiro.

E tança tem sido a minha vida pelo respeito que lhe devo e pela illustração que tenho. E assim, ha annos, que amargas hesitações me fazem balouçar entre o preço dos assucares e o valor do Rocambole.

Eis que porém o caso do gaz estardalhaçou bruscamente na minha rude vida.

O patrão ia fechar ao tiro do sol posto. Assim o declarára ao Roque, regedor. E eu vi-me nitidamente entre a minha arca de pinho e a enxerga do meu catre, a uma luz placida d'azeite, subtilmente escamoteado ao patrão, relendo o Carlos Magno, estudando o Manual; ou então, em gaudio grande, a rabona nova envergada iría rua fóra até ao Tejo encher os pulmões d'ar e de poeira.

Indiscutivel é tambem que todos os freguezes me conhecem como homem de saber. Inda ha pouco o Cardoso, barbeiro aqui do lado, me veiu entre duas barbas, consultar velhacamente sobre um caso devéras intrincado: *qual era... por favor... o preço das ba ..ba* (elle é gago) *o preço das batatas, e que lhe dizia eu do caso de Cron... cron..., do caso de Cronstradt?* Eu ouvi, sacudi as moscas da balança,

e escorreguei lentamente a minha opinião: *a dois e cinco a nova, e o resto era politica.* E esta minha resposta tão profunda produziu um enthusiasmo grande do Cardoso que levou as *batatas* sem pagar.

De manhã mais uma vez o Roque veio saber á oj a se sempre se fechava. O patrão palitava furiosamente os dentes, muito á fresca no seu casaco de brim:

—Pois então... seu Roque... contra patife, patife e meio... Em 73 (o patrão falla sempre em 73) o tio do meu cunhado que tinha ido á Allemanha viu lá muito papel, *soberbava-os támem* uma crise *com'a* esta, mas fosse lá alguem explorar assim o commercio... que eu já estou republicano á força das circumstancias... republicano em idéas, você percebe seu Roque, eu não quero o socialismo, esse absolutismo d'entre *elles*, que lhe anda está bem visto, na massa do sangue... você não ouve, ó Bento, de chouriço a essa menina .. sim!... eu não quero nem o de cima p'ra baixo, nem o debaixo p'ra cima... mas tenho muito medo, seu Roque, muito medo, do debaixo p'ra cima.

.....

E eram sete horas e dez quando o patrão mandou pôr os taipaes.

Nove horas. Pela rua abaixo um fio de gente caminha na mesma direcção. Tudo apagado. A hervanaria tem luz, luz do costume, velho candieiro de petroleo que defuma a rua inteira pela noute adeante. Sigo tambem atraz d'aquella gente. No chiado dois homens olham-me muito, eu puxo a gravata, os homens somem-se. E vejo cheio de espanto ao fim da rua um calabre de policias içando gente.

Mas que feitio de nora eu alli noto! Passivamente aquelle povo sobe como agua em alcatruzes, continuo, pachorrento, n'uma comedia que advinho... p'los jornaes. A *pavorosa*, rapazes, eil-a alli! Gente ensaiada! Ha dias que uns malandros andam pagos p'r'áquelle grande effeito... assim o disse o escama lá do lado. E pensei eu: ora como não sou dos contractados vou vêr a cousa ao pé. E fui.

Como n'um sonho o calabre subia silenciosamente. Da baixa vinha apenas muito vago o ruido longiquo d'algum trem, avultando immensamente no grande calmo da noite, e era monotona a conversa sciciada dos que passavam no mesmo passo de magalas: o alcatruz-policia—a agua-malandrão.

—Por aqui ó coiso... tens ahi um *paivante?*

A gréve dos lojistas ou o petroleo triumphante

O MAIS FELIZ DOS TREZ

Um grupo de municipaes desce o Chiado com o batuque pausado e ôco dos sapatos no macdam da rua socegada, um accende a beata, e é rubra a sua cara feroz á luz do phosphoro que as mãos em

concha avermelham intensamente. Ouço murmurar ao pé de mim: «*E' qu'inda não vi nenhum de chapèu alto*...» Eu enraiveço no meu coco honesto. E olho o burguez estupido que exige revoluções de chapéu alto, como quem pede azeite... n'um cartucho.

E desço a vêr se vejo o fundo ao poço. Caminho... caminho muito e sempre... Immenso o tal calabre!. . De repente... um alcatruz partido... um homem levantara uma bengalla!... e zás!... a nora chia... apitos... eu fujo...

Foi no café *Salero* á mouraria que eu tive uma aventura, faz tres annos no dia d'Ascensão. Hespanhola e boa, que me chamou amor só porque lhe falei em—coloráu,—e recitei um verso da judia. E não houve mais nada entre nós dois. Mas como depois d'isso eu não tivera folga para, a ver, trazia já de caza, bem ferrada, a idea de lá ir.

Razão porque talvez, eu estaquei na Rua do Amparo admirado de mim... da minha fuga... com uma zoada enorme nos ouvidos e a cabeça tonta de calor.

Do pé de mim, do solo, um homem surge... eu pinoteio de susto... e o homem gurne debaixo d'um taipal com um enorme candieiro de petroleo.

Da praça, em frente um magote de policias sae em chusma, n'um alarido grande.

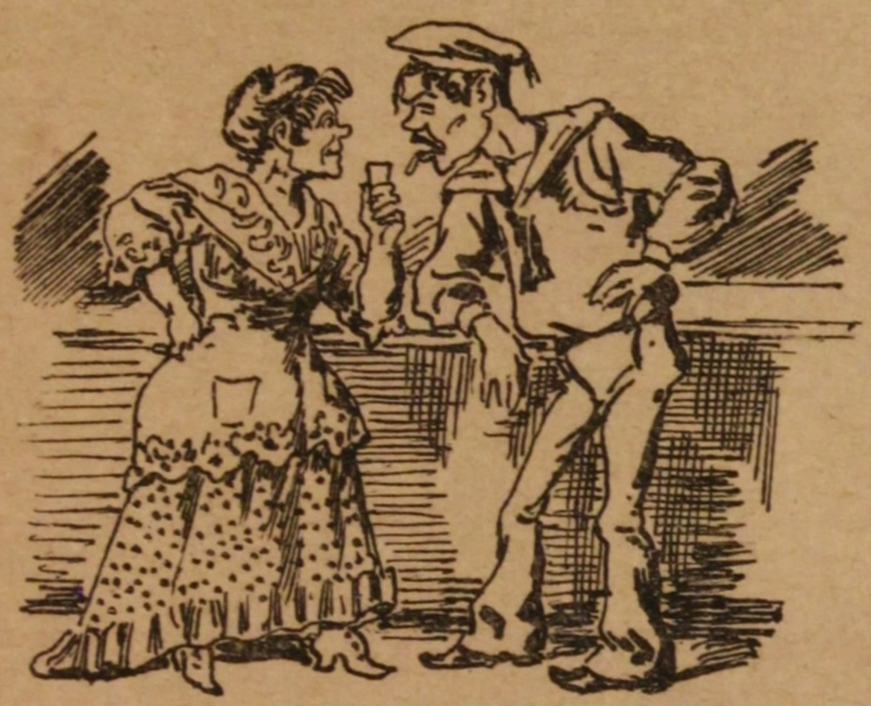
O magote cae sobre o homem... Eu acocoro-me n'uma escada. E vejo ovantes dois policias agarrando o homem que grunhe um choro ingenuo. N'uma das quatro mãos a auctoridade brande o candieiro enorme. E a chusma affasta-se.

De novo eis-me na rua. Tremulo... hesitante sinto o vacuo de todo aquelle abandono... colloco, disfarçando, a bengalla ao canto d'uma escada e vou-me a passo vagaroso, sem mesmo olhar p'ra traz.

... E fui parar a um beco escuso,... ouço que me chamam,... das janellas baixas jorra para o negro da rua uma luz forte pautada duramente a sombra por taboinhas verdes... ao fim, n'um botequim vibra uma valsa pifia... e uma patrulha passa de perna teza e arma ao collo... E tive uma idea...

Escoava-me já por uma porta perto quando ao alto do beco uma nuvem de policias cresce, que me deixa estacado como um frade. Com estrondo as portas fecham.

Apitos... Cozido com a parede como um facinora que toda aquella matula perseguia, eu fujo como um reptil... uma mulher agarra-me:—*entra aqui sympathico... entra aqui home do diabo*—fujo-lhe n'um repelão e em duas passadas largas encontro um muro alta a embargar-me a fuga—um muro alto! era sem sahida o beco e tinha a um lado apenas uma taberna estreita que um candieiro de petroleo, de vidro bojudo e negro illuminava funebremente, ao fundo entre botijas um papagaio palra, e um marujo enorme quebra ao balcão polido a sua figura magra estendendo o busto todo até quazi encostar a sua face de trigueiro á cara rubra d'uma femea .. berram-me ao pé—*Eh! Luiz misca-te home.*



E vi o marujo então no justo cambalear da sua bebedeira endireitar a figura esguia n'um ar de immenso desprezo como quem cuspinha um escarro infecto por sobre toda aquella porcaria.

A mulher corre ao fundo, ergue os braços, arranca a gaicla do papagaio e corre direita a mim—Sinto o vento das suas saias gommadas—Ha gritos d'infinita affiição por toda a rua. Uma voz brada—*leva este ó 70, então aquelle ó bruto, mais este ó 22,* e das portas homens sahem entre homens, enfiando o cazaco, apertando a cinta.

Perdido!

E quando um dos malsins me basculhava já com a ponta do seu sabre no canto onde me agachava, apitos estridulam lá longe e a matula foge.

Corri tambem como um possesso a rua toda; ao dobrar da esquina eu vi passar por pé de mim o moço do *Salero* o avental sob a jaqueta, prezo tambem, e ha um policia que estadea á frente como arma prohibida: um sacarolhas!

*
* *

Finalmente salvo... na rua escura apenas a hervanaria tem ainda a sua luz acceza.

Encontrei o Cardozo ao cimo do Chiado, soube então bem o valor d'aquella rusga... a angaria da... e fugi rudemente ao Cardozo que cheio de medo deitou tambem a correr atraz de mim.

E só na loja, á luz d'um couto e com uma folha enorme de papel pardo febrilmente agarrada, eu contei estrondosamente ao barbeiro amigo, todo o valor abjecto da minha fuga.

E quem não fez como eu,... foi prezo.

ARNOLDO.

O REINO DOS HOMENS

Bravo! seu Sousa Bastos! Bravo! seu Salvador Marques! Bravo! seu Machado! Vocês, se a musa não tivesse falhado d'esta vez ao Stichini, e se a thesoira não falhasse tambem ao Cohen, tinham arranjado no *Reino dos Homens* o melhor do seu reinado. Bellos ditos, lindo scenario, grande arrojo de *mise-en-scene*... Se os fatos das coristas tivessem mais inspiração, e os numeros de musica fossem melhor cortados, o exito excellente seria completo—porque nem falta á peça as graciosidades da Pepa, o comico da Barbara, a physionomia do Alfredo de Carvalho, a elegancia do Telmo, o Dias, e, sobretudo, *os tres* enviados extraordinarios d'aquelle governo tão patusco...

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua doNorte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

OS INUNDADOS DA TERCEIRA

Um povo ilheu, o povo terceirense, nosso compatriota d'alem mar, acaba de ser assolado por uma grande desgraça, por uma inundação que lhe destruiu a obra de muitos annos de labuta, e o resultado de muitos sacrificios, E como não lhes bastasse n'isto a desventura, victimou a catastrophe, de morte, quatro pessoas. Trata-se, empenha-se a gente em soccorrer aquelles desditosos, portuguezes como nós, e nossos irmãos. Abrem-se subscripções, imploram-se soccorros... Dá cada qual o que pode: nós damos o que podemos e offerecemos a intervenção do nosso jornal para levar ao seu destino qualquer donativo.

Do *Antonio Maria* réis..... 5$000

Um grande actor

João Caetano

O Brazil festejou ha pouco, solemnemente, a memoria de um seu compatriota notabilissimo, o actor João Caetano. Inauguraram-lhe uma estatuá no Rio de Janeiro, por iniciativa de um outro brazileiro notabilissimo tambem, e outro actor, o actor Vasques, o qual, por intermedio de terceiro notavel, o nosso querido Taborda, nos enviou uma medalha commemorativa d'aquella festa. Obrigadissimos!

Variações

ECHOAM pelos ares de Lisboa dois gritos estridulos de protesto: um contra o Recolhimento das Trinas, outro contra as companhias d'illuminação.

Ranchos e ranchos de indignados percorrem as ruas da cidade em altas vozes, esmurraçando brados violentos, para que, d'um lado, se faça luz sobre o caso mysterioso em que andam envolvidas as Irmãs Hospitaleiras, e para que, do outro, se apague o gaz.

No meio de tamanho barulho, que tão complicadamente se baralha, andam as *manas* na balha, e os logistas em bulha.

O sr. Patriarcha e o sr. Pedroso de Lima são os homens salientes do dia,—o primeiro empenhado em salvar a honra do convento, o segundo a commandar a policia. Pelo que se tem visto, porém, acredita se que é Sua Eminencia o cardeal quem commanda a policia, e sua Excellencia o Commissario quem se empenha pela honra do convento...

Parece que tudo isto tem tido, afinal, sua utilidade evidente, pois que já não se falla tanto da crise dos trocos. Hoje, são as *madres* que estão com a crise; e porque n'estes tempos, ninguem ha que lhe escape, tambem á *Nova* e á *Velha* appareceu o incommodo.

Da campanha dos jornaes e da Associação dos Logistas resultou serem corridos das Trinas os padres do Varatojo, e das lojas da cidade os contadores do gaz. De maneira que, agora, só véla...

*
* *

litteratura feminina vai ser enriquecida por um livro que deve obter exito enorme. E' um volume de notas e impressões de viagem escripto por uma senhora nossa compatriota que ha pouco tempo regressou da America, aonde a levou o seu genio um pouco aventureiro, algum tanto bohemio. Essa senhora occulta o nome por um pseudonymo, e não seremos nós quem o revele, porque o livro tem paginas que não honram muito,—nem pouco—quem as escreveu. Sei d'isto por um excerpto que se me depára publicado em um jornal, e que eu transcrevo para prova:

«Corria branda a noite... (O Tejo ia sereno?) Vogávamos pelo Atlantico como se vogássemos n'um lago. Em volta, á tona d'agua, phosphorescencias extranhas; no ceu, cardumes de estrellas.

Uma placidez de grande mosteiro sem rézas, e só o movimento da machina, monotono, perturbava o somno do monstruoso oceano.

Sobre o tombadilho, apenas quatro pessoas: o piloto, de quarto, o homem do leme, eu, e o capitão... Mas o piloto e o do leme estavam longe: o capitão cahira a meus pés, de joelhos, e de mãos postas sobre os meus joelhos, implorativamente, pedia-me beijos. Subito, o luar rompeu, e eu, para fugir ás vistas dos outros dois—o do leme e o piloto—, desembaracei-me do apaixonado maritimo e precipitei-me na camara, e fechei-me no meu camarote. D'ahi a pouco, batiam com grande descrição á porta: era o capitão. Conheci-lhe a audacia, e dei volta á chave.

—Abra, senão, faço rebentar o navio a dynamite!—ouvi-lhe, contra a fechadura.

... N'aquella noite, salvei a vida aos duzentos passageiros que o paquete trazia...»

*
* *

ICARESCOS da semana:

Decididamente, entrámos em periodo de serias economias. Afinal, compenetrámos-nos dos deveres nacionaes, e estamos dispostos a tomar o caminho da regeneração, tratando de pagar as nossas dividas, para desassombro das nossas tradicções honradas e desforra dos menos cabos que nos teem sido ançados. Muito bem, meus senhores! muito bem!

Assim, em todos os ministerios ha ordens expressas para a maxima poupança, e os minimos desperdicios são abolidos. Em vista d'isto, um caso muito curioso se deu, outro dia, n'uma secretaria do Estado.

O chefe notou que um dos amanuenses copiava um officio em papel de grande formato, e logo o admoestou:

—E' trabalho perdido pretender incutir nos senhores algumas noções d'economia... politica. Para que gasta o senhor n'isso papel d'esse tamanho, e d'essa qualidade?

Arrependido, o amanuense suspendeu a escripta, pousou a penna, rasgou o officio, e, muito contricto, de rabo entre as pernas, foi buscar uma folha de papel mais pequeno, e mais ordinario, onde recomeçou o trabalhinho...

*

O Jardim Zoologico enche-se todos os domingos, desde que o aeronauta Julhés d'ali parte, no seu balão, por ares e ventos, a tomar a direcção da Outra Banda. No domingo passado, fui até lá, e emquanto o aerostato se enfunava, se alargava, tomei logar no marmore de uma banca, ao lado do coreto, e ao lado de duas senhoras que bebericavam refrescos.

Percebi que falavam de achaques, de mal-estares, doenças, coisas tristes. Uma d'ellas queixou-se de constantes insomnias que soffria, e a respeito de insomnias tambem a outra se queixou das que victimavam seu marido:

—Passa noites e noites em claro... E, de dia, nem consegue dormir na repartição...

ALFREDO.

P'ra vida e p'ra morte... e para tudo o mais que estiver ao

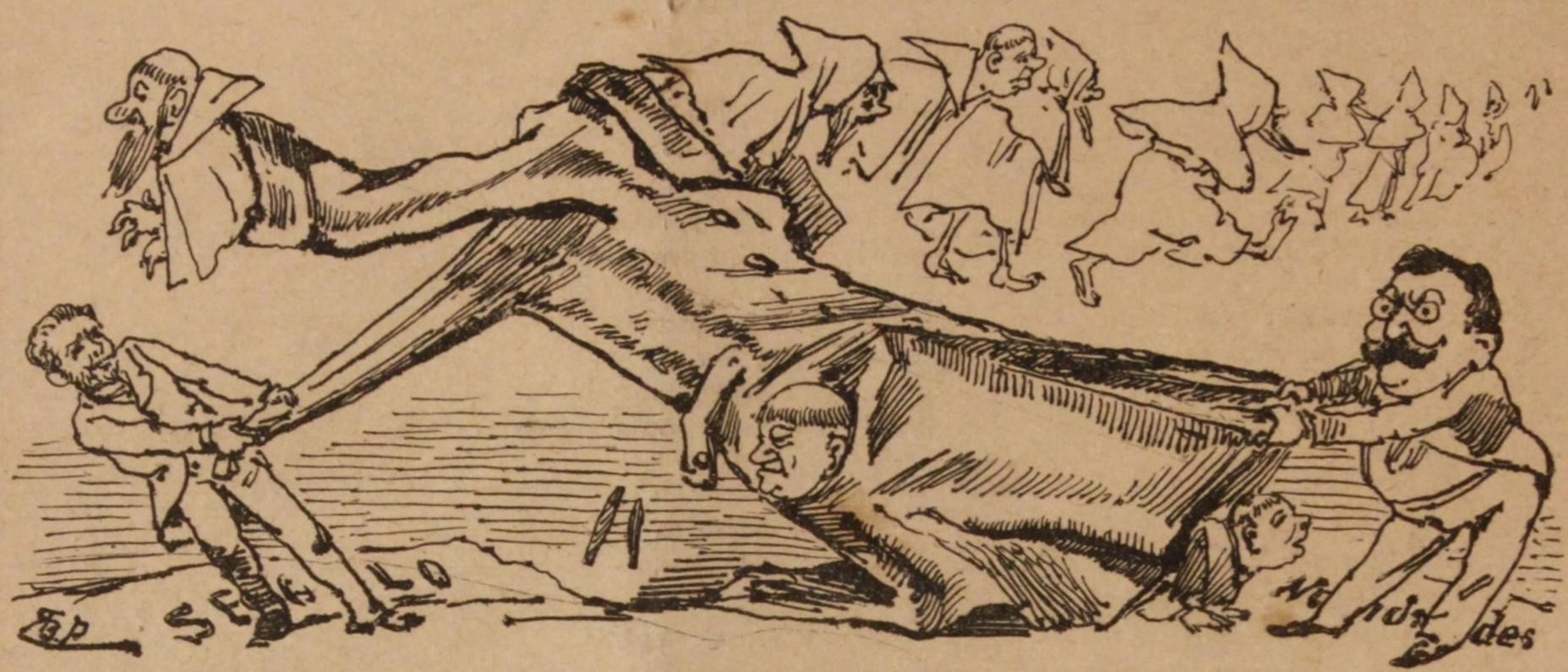
ANGO-RUSSA

John Bull: — Sempre quero vêr em que param as modas
Entre les deux, mon coeur balance...

Zé Povinho á Hespanha:—Oh! muchacha! E nos que papel representamos n'esta dansa?

alcance.

O CASACÃO MYSTERIOSO



Tanto pucham, tanto pucham, que ainda estes olhos verão sahir um convento inteiro, com guardião e tudo do forro d'este *prussiano* .. do Seixal!

NOVOS BANCOS... EMISSORES

--Mestre! E as minhas botas?
—Já não faço botas... passo cheques. Deixei a tripeça, tenho banco.

MALANDROS

Saltam dois cães á tapona,
A' luz do sol—ou da lua;—
Toda a gente logo abona
Que é *malandro* o dono, ou dona
Dos taes cães—que andam na rua.

Passa dos cães a carroça:
E em vez de dar parabens,
Toda a gente se alvoroça,
Chama *malandro* em voz grossa
Ao sucio que apanha os cães!

Anda na rua, impudente,
A fadistagem revolta:
Grita logo toda a gente
Que é *malandro* quem consente
Que aquella corja ande á solta.

N'isto apparece—ó delicia!—
O das guardas *mancipaes*.
Tudo berra, a tal noticia,
Que é *malandro* o da policia,
Que prende sem mais nem mais!

Tudo affirma, dando soccos
E a gritar—arreda! arreda!
Que é *malandro*, como poucos,
Quem mandou dividir trocos
Só na casa da moeda!

E após dizerem d'est'arte,
Logo em seguida ouvireis,
Que é *malandro*,—e com encarte—
Quem derrama em toda a parte
Tanta sorte de papeis!

Torvo olhar, gesto sinistro
E aspecto de fariseu,
Gritam todos—e eu registro—
Que é *malandro* um tal ministro,
Porque fez e aconteceu.

Cedendo ao geral anceio,
Vae-se o ministro nefario:
Mas diz tudo, logo em cheio,
Que é *malandro* o outro, que veiu
Fazer no caso o contrario!

. . . . . .

Convencido, em summa, acabo,
—Sem bulir n'outros meandros—
Que o paiz—ora o diabo!—
Se compõe, de cabo a rabo,
D'uma sucia de *malandros!*

PAN-TARANTULA.

Está a espreitar... E não tarda que appareça, para alegria de todos nós.

N'estes tempos de crises, minhas senhoras, cada qual deve gastar o minimo que lhe for possivel. Assim, dispensem V. Ex.ª as despezas das modistas, cortando por suas proprias mãos os seus vestidos... Pois não é verdade? Aconselhamos-lhe o *Novo Methodo de Córte* e maneira de qualquer senhora confeccionar por suas proprias mãos todos os seus vestuarios os de seus filhos, etc. etc. E' illustrado com 244 gravuras e verdadeiramente util custa apenas 700 réis. A' venda em todas as livrarias.

FOI BEM FEITO

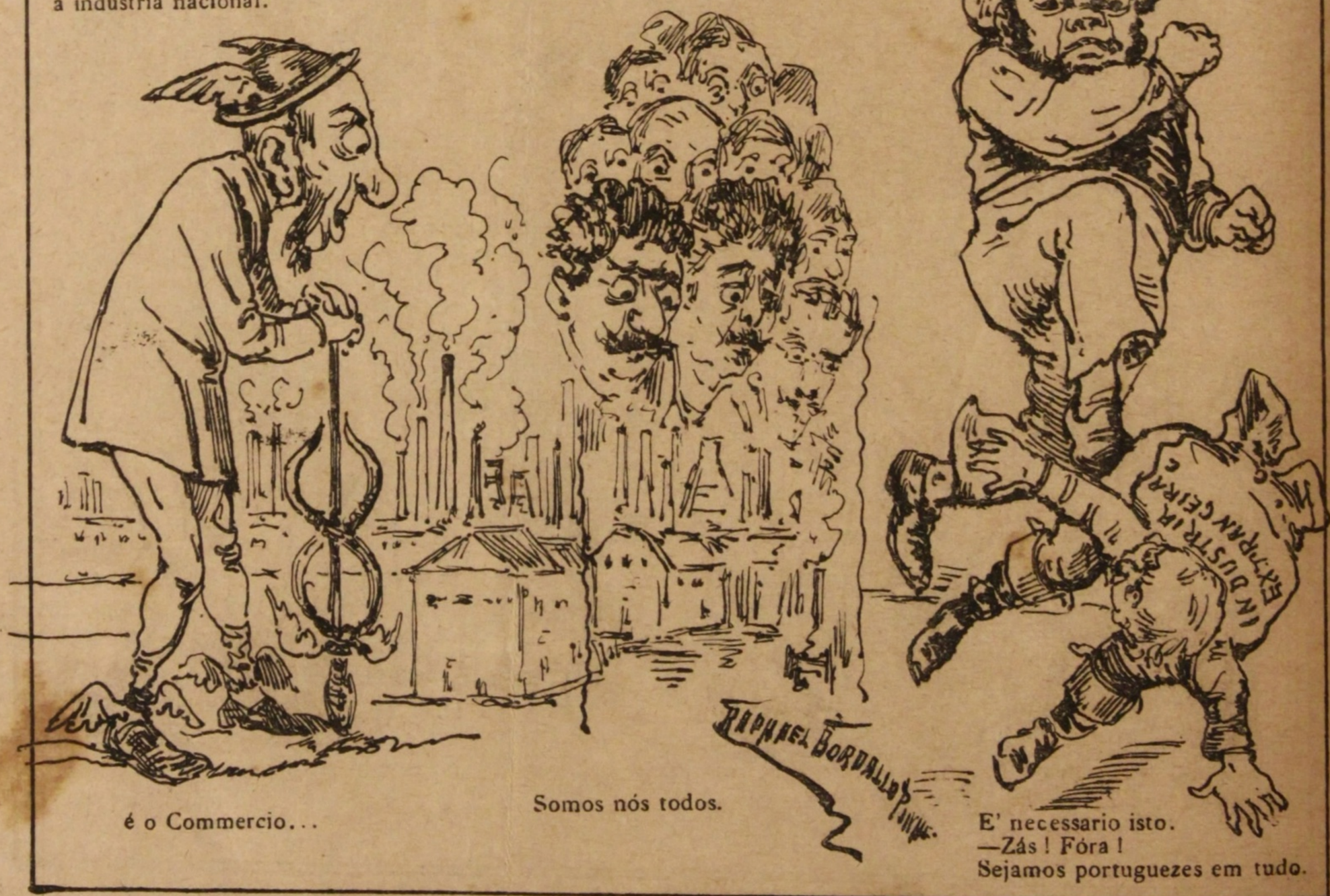
Tu não sabes? O Felisberto Senna
Já não casa com a filha do Roquete,
Soube pela creada que a pequena
Não usava do *congo o sabonete!*

Saboaria Victor Vaissier, Paris.

Protecção á industria Nacional

Não é só o governo que tem de olhar e protege a industria nacional.

E' o Povo...



é o Commercio...

Somos nós todos.

E' necessario isto.
—Zás! Fóra!
Sejamos portuguezes em tudo.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

LUZ SORIANO

Simão José de Luz Soriano

O venerando homem que acaba de fallecer, e de quem damos o retrato, era um dos raros representantes d'essa heroica e ousada geração de 30 que se bateu sem temor pelas ideias liberaes. Luz Soriano escreveu a *Historia do cerco do Porto*. D'elle ainda ha outros livros. Mas ha sobretudo um pagina—a vida inteira d'esse homem, luctando, combatendo, sacrificando-se por uma ideia—que fórma um doloroso e desconsolador contraste, quando a comparamos com o egoismo, a indifferença e a relaxação dos homens de 91... Chega-se a duvidar que estes sejam os herdeiros d'aquella geração de heroes...

Não ha nada como uma boa crise monetaria e um bom regimen de papel-moeda para pôr uma população em festa e aguçar-lhe o desejo de gosar e de se divertir, desejos que essa mesma população não tinha nos bons tempos em que aos mortaes ainda era dado o prazer de ouvir tilintar uma libra.

E ainda ha quem falle em trocos, e em falta de moeda, e em crise de toda a ordem. Historias, meus senhores, historias!...

Uma pessoa chegada hoje de Badajoz affirmou-me que ali se havia encontrado com cerca de 3:000 portuguezes. E eu fiquei a sciamar:

—Pois quê!... Ainda ha em Portugal 3:000 portuguezes que podem fazer a viagem de Badajoz, só para assistir a uma corrida de touros, vendo-se obrigados a comprar por 1$200 réis o *duro* que não deve valer mais de 900 réis?...

Pois ha!... E o que é mais espantoso, é que entre esses 3:000 portuguezes, não apparece um só que de sua profissão ou temperamento seja banqueiro ou millionario, emquanto que apparecem varios amanuenses,—d'esses que por ahi ha que teem a suprema habilidade de, com 15$000 réis, levarem uma vida que qualquer de nós não poderia levar com menos de 200$000 réis...

De sorte que, no portuguez, a primeira condição para se divertir e para viajar—é não ter dinheiro!...

*
* *

Ainda sou do tempo em que o portuguez tinha dinheiro!.. Ainda me lembro de o ver puchar por uma libra, para comprar uma caixa de phosphoros; de o ver protestar nos cafés e nas lojas quando lhe davam todo o troco em prata; e de o vêr recusar desdenhosamente notas de cobre, do valor de 10$000 réis, como sendo a ultima das degradações a que um homem podia chegar.

Ainda me lembro d'esse tempo, como se fôsse hoje. Pois então, que se era rico, que as libras andavam por ahi a rôdo, graças aos successivos emprestimos que se faziam em Londres e em Paris, e ás remessas de dinheiro que vinha do Brazil — o portuguez a maior loucura que se permittia no verão, era ir beber um copo d'agua de Cintra, ali ao Rocio, é ir respirar o seu bocadito de poeira até ao Passeio Publico.

Agora... agora! Pois não fôste!... Nem temos a praça de Paris para nos emprestar mais dinheiro, nem Brazil para nos mandar as suas economias. E é exactamente por isso, porque não temos *vintem*, na mais pobre accepção da palavra *vintem* — que vamos assistir a touradas a Badajoz, sem fallarmos nas ricas passeatas a Cascaes, a Cintra, ás Caldas da Rainha, a toda a parte emfim onde haja um hotel para nos roubar, e um agiota para nos descontar uma nota do Banco...

*
* *

Santo paiz! Encantador paiz! Só lhe falta uma cousa — um ministerio do pagode publico.

Esse ministerio seria encarregado de tudo quanto dissesse respeito aos divertimentos da nação. O ministro seria vitalicio, e a pasta seria dada por concurso entre os primeiros pandegos da nossa terra.

Teria varias direcções geraes: —a direcção geral dos *pic-nics* e passeatas; a direcção geral das touradas, corridas de cavallos e corridas de burros; a direcção geral das caçadas, da pesca á linha, e da pesca ao candeio; a direcção geral das hortas e caldeiradas; a direcção geral dos bailes, bailados, bailaricos, fogo preso e bichas de rabear; a direcção geral do amor e artes correlativas; etc.

Talvez que assim se equilibrassem as finanças do Estado! Um qualquer cidadão desejava ir com a familia e com os amigos, veranear. E dirigia-se ao ministerio do pagode publico, para tirar licença:

—Para onde?— perguntava-lhe o continuo. Para o Bom Jesus? Para o Bussaco? Ou para a Horta das Tripas?...

—Não senhor! Para a Figueira.

—Então é por esse corredor fóra, sempre em frente; depois volta á sua direita, sempre em frente; depois sobe uma escada de pedra, volta á esquerda, volta á direita, e dá de cara com uma porta envernizada, que tem escripto por cima *Direcção geral dos banhos de agua doce, agua salgada, thermas e agua suja de Pedrouços*. E' ahi, na 2.ª repartição.

E um qualquer cidadão tirava a sua licença de banhos do mar—segundo o louvavel costume das nossas secretarias—no anno de 1891 para lhe ser concedida ahi nas alturas do seculo XX...

Pela qual pagaria uma contribuição correspondente a 10 por cento das despezas que tencionasse fazer nas praias.

*
* *

EM por sombras me anima a vaidade ou o desejo de ser financeiro, n'um paiz onde os financeiros augmentam á proporção que as finanças se arruinam. Porque não sei se já notaram na quantidade verdadeiramente phenomenal de financeiros e economistas que teem apparecido á flor das gazetas, á proporção que a *moeda* é uma cousa que em Portugal só hoje se encontra no diccionario da lingua.

Só se lêem alvitres... Toda a gente tem alvitres. Ha alvitres para tudo. Toda a gente exclama:

—Fosse eu ministro da fazenda, e o senhor veria o que era acabar com a crise!...

Ainda hontem me disse isto mesmo o meu sapateiro. Era capaz de acabar com ella! Ao que eu lhe retorqui respeitosamente, que melhor fôra que me acabasse o par de botas porque os meus pés de ha muito anceiam...

Mas voltando á vacca fria... Sem pruridos de financeiro, quer-me parecer que um ministerio do pagode publico—seria talvez um meio de equilibrar as finanças do Estado.

Porque a verdade é esta. O que o portuguez quer, é pagode, é pandega... Pois collecte-se o pagode, visto que não ha mais nada n'este paiz que collectar nem mesmo a vaidade e o sangue azul—tanta corôa por ahi anda arrastando-se, aos tombos, n'essa feira da ladra das consciencias!...

QUIDAM.

Para os innundados da Terceira

Transporte..... 5$000 réis.

Continua aberta a subscripção no nosso escriptorio, rua do Norte n.º 39 1.º

Scena I.—O somno do justo.

HISTORICO

Por Francisco Primeiro diz se escripta
Esta phrase subtil d'um vidro ao longo:
«A mulher é ligeira, qual do Congo
Espuma do sabão que o vento agita!»

Saboaria Victor Vaissier, Paris

As nadadoras

—

N'esta terra, onde o canario
Tem a côr da gemma d'ovo,
Todo o mundo, em genio vario,
E' bombeiro voluntario
—Da nobreza ao reles povo!

D. Affonso—o proprio infante,—
Que em nobreza tudo arromba,
Esse mesmo, é commandante
De bombeiros, e arrogante
Não duvida dar á bomba!

Até dama—e de chupeta—
Ha, que a isso se abalance,
E, desprezando a etiqueta,
Vá pegar n'uma agulheta
—*Honni soit qui mal y pense*...

Desde os principes da egreja
Ao vadio, que anda á matroca,
Tudo, emfim, quanto o sol beija,
E' bombeiro—salvo o seja
Cá p'ia parte que me toca ..

Isto posto, eis a rasão,
Que é bem clara, julgo eu,
Porque o povo, em turbilhão,
Quiz fugir da inundação
Que houve lá no Coliseu.

Povo assim, tão dado á fragoa,
Que p'ra o fogo tem ralés,
E' justo que em funda magoa
Mal sinta uns borrifos d'agoa,
Fuja logo a sete pés!

*
* *

Aos homens, como ás senhoras,
Faz espanto—espanto aos feixes—
Ver as gentis nadadoras,
Dentro d'agua, seductoras,
A nadar melhor que os peixes!

Mas dizia o Gil Carvalho,
P'ra as irmãs—tres lambisgoias:—
—Fazem bem o tal trabalho,
«Mas não valem mais que eu valho,
«Pois nadam, mas é com *boias*.

«Eu, sem gosar das alcunhas
«De nadador—faço apostas'—
«Digo-o aqui, com testemunhas:
«Passem-me as *boias* p'ra as unhas
«E até vou nadar... de costas!

«Com taes *boias* ao pescoço,
«P'ra nadar não tinha empacho,
«E, no mais vivo alvoroço,
«Até me atiráva ao poço
«—E de cabeça p'ra baixo!...

PAN-TARANTULA.

O MILAGRE D

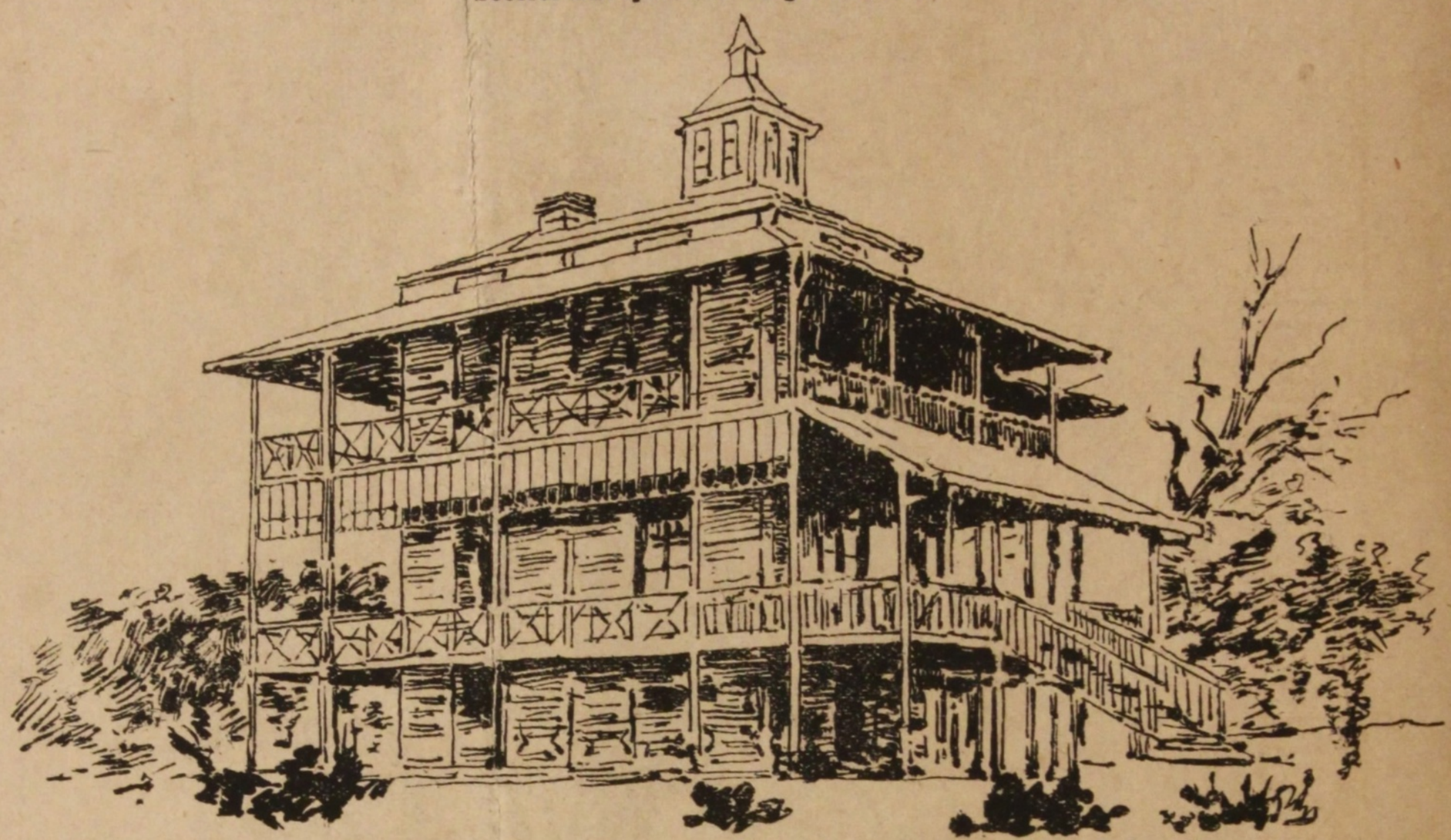
No theatro da *Avenida* está agora em scena um milagre em 3 actos. O povo tem ali corrido em massa
to *portuguez* e musica *portugueza*. Semilhante milagre é devido ás influencias espirituaes dos bemaventurados S.
tyrannia das peças extrangeiras. E resolvendo dotar o seu paiz com uma peça verdadeiramente nacional, produzira
o actor Mello, o scenographo Reis e Carlos Cohen ensaiaram, scenographaram e vestiram com muito gosto. Esta
se *Burro* que não nos cansaremos de applaudir. *Amen*.

A AVENIDA

todas as noites, para presencear esse prodigio divino, que consiste n'uma peça com assumpto *portuguez*, libre-
ervasio Lobato, S João da Camara e S. Cyriaco de Cardoso. Esses santos varões ha muito que soffriam com a
esse milagre que se chama *O Burro do sr. Alcaide*, que a companhia da *Avenida* desempenha a primor, e que
acção—fiel ás suas tradicções religiosas—vae organisar um *Te Deum* em acção de graças pela apparição d'es-

Construcções d'aço e ferro

«Société Anonyme des Forges d'Aiseau»



Está agora em construcção no Aterro uma casa toda de ferro, amostra de construcções do mesmo genero exportadas da Belgica para a Africa e America do Sul. E' bom que os nossos industriaes ponham os olhos n'essa construcção, para ver que genero de trabalhos devem tambem executar e expedir para as nossas colonias d'Africa, a exemplo do que hoje se faz nas officinas de França, da Belgica e da Inglaterra.

NO COLYSEU DOS RECREIOS

A nova empreza inaugurou os seus interessantes espectaculos com uma *réclame* verdadadeiramente *á americana*. Imaginem os leitores que se havia annunciado a transformação do circo em piscina, com exercicios de nadadoras. E que fez a empreza?... Para convencer o nosso publico—que sempre de tudo duvída, o maldito!—que effectivamente se hia trabalhar dentro d'agua, a empreza mandou collocar 150:000 litros d'agua por cima dos espectadores, e despejou-lh'os na cabeça, para que se convencessem da verdade do espectaculo. E no dia seguinte... Oh! que encbente!... Bravo, sr. Brito!

Então?... é ou não é uma *réclame* á americana?!...

A crise dos trocos. O mysterio da agiotagem

N'este jogo das escondidas da illustrissima agiotagem nacional, em que toda a gente desempenha com inexcedivel perfeição o papel da agiota, é o caso de dizer a quem aguenta com as palmadas:—*Pois advinha quem te deu!...*

O pesadello d'um redactor do SECULO

(IMITAÇÃO)

Scena I.—O somno do justo.

Scena II.—O pesadello.

Scena III.—Horrivel vingança das madres!...

Scena IV.—A lucta.

Scena V.—O despertar.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

A SALVA BRAVA

Quem te mandou, oh *salva*... tyranna, ser brava e recalcitrante, nos tempos que vão correndo?... Agora ahi estás, oh *brava*... tyranna, mais mansa do que um borrego... *Tró-laró*... *laró*... *laró!*...

Não é facil descrever o terror que vae por Lisboa, só com a idéa de que este inverno a capital será privada do prazer de ter uma estação lyrica.

Parece que os cantores, não contentes de pedirem sommas fabulosas por cada noite que desafinam, exigem mais que os seus vencimentos sejam pagos em metal sonante inglez, isto é, —em ricas libras sterlinas.

D'aqui nasceu aquillo a que nós chamaremos a rêde das complicações. Desde o momento que as libras podem custar desde 4$500 até 6$000 réis, e que os srs. cantores preferem a libra as lindas notas furta-cores do Banco de Portugal—o que é evidentemente uma falta de confiança lyrica para com aquelle estabelecimento de credito—a empreza vio-se violentamente obrigada a reflectir...

E como a acção de reflectir ainda é uma d'estas coisas raras que evitam a realisação de muitissima asneira,—a Empreza concluio que sendo possivel pagar aos srs. cantores em notas, não podia de modo algum fazer esses pagamentos em ouro.

Ao que os artistas abanam as orelhas—como se diz em estylo academico e grandiluquo—preferindo os theatros estrangeiros ao theatro de S. Carlos.

E como nós nunca nos démos ao trabalho de educar cantores, e de conservar em Lisboa os cantores portuguezes que andam espalhados por esse mundo de Christo, e que se educaram á sua custa, e lá fóra, apesar de para ahi haver um albergue diurno e nocturno a que pomposamente se dá o nome de *Conservatorio*,—succede que estamos condemnados a ir ouvir a *Carmen* para os cafés das *camareras*, attendendo a que estarão fechados os camarotes do theatro lyrico.

* * *

D'aqui provém o terror a que acima alludo respeitosamente.

Porque são incalculaveis os effeitos que hade produzir em Lisboa esta crise lyrica, mais terriveis que os produzidos pela crise monetaria.

A razão é simples. Não pódem ser funestas as consequencias d'uma crise de dinheiro, n'uma terra onde toda a gente sempre se queixou que os negocios iam mal, que os empregados publicos eram mal renumerados, e que toda a gente tinha uma lettra para ser reformada.

Mas n'uma terra onde toda a gente vive de vaidades e ostentação, onde toda a gente procura aparentar de grande da côrte, de millionario e de descender das cruzadas, uma crise lyrica, obrigando S. Carlos a fechar,—é um d'estes cataclysmos como ainda não contou outro egual a nossa historia.

Porque o lisboeta pode não incommodar-se com o futuro politico, economico, colonial do seu paiz; pode não ter nenhum desejo, nem de ir trabalhar para o Alemtejo, nem de ir ganhar a vida para Moçambique; pode não querer saber se, no grande jogo actual da politica europeia, o seu paiz está á mercê da politica franco-russa, ou da triplice alliança... Mas o que o lisboeta não pode, nem quer, é deixar de ter um anno o direito e a satisfação de dizer mal do Tamagno, ou da Patti, ou dos Andrades...

Lá isso é que não! Vão-se muito embora as colonias e os Açores, mas abra-se S. Carlos; e que nós em S. Carlos, todas as noites, possamos discutir, berrar, gesticular e até jogar o sôcco, por Wagner ou por Gounod—que digo eu!—pelos olhos da *primadonna* ou pelas pernas da primeira bailarina.

Ah! rico sol peninsular d'uma canna só! Como tu inflammas os nossos corações!...

* * *

Haja vista ao que se está passando com as nadadoras do Colyseu dos Recreios.

O chronista das «cem linhas» das *Novidades* canta-lhes as carnes rosadas e frescas e as fórmas ondulosas, como se diante dos seus olhos de epicurista tivessem passado as mesmas visões carnaes e diabolicas que dentro da gruta vieram atormentar Santo Antonio, não o de Padua, que fazia cocegas ás raparigas, mas o Anachoreta, que vivia com um pôrco.

Os poetas dedicam-lhes versos. E os simples mortaes, se não lhes offerecem a mão, offerecem-lhes sommas verdadeiramente estonteadoras, para um paiz pequenino e pobresinho onde, com meia libra na algibeira, já ninguem faz figura de pelintra...

De sorte que as nadadoras podem dentro em breve orgulhar-se de terem começado em Lisboa por nadar em agua, acabando por nadar em dinheiro — de tal modo os seus trabalhos e a sua plastica teem attrahido concurrencia ao Colyseu dos Recreios.

Não ha como os espectaculos que fallam ao sentimento e á imaginação dos povos peninsulares, para despertarem aquelle enthusiasmo que por vezes toca as bem conhecidas raias do delirio.

*
* *

Mas francamente, que não posso ainda fazer uma ideia das caras dos chamados *habitués* e *dilletante* do theatro de S. Carlos, quando virem em Novembro o theatro fechado, sem esperanças de o verem abrir...

Oh! almas penadas do sr. José Saragga, e mais do illustre picador sr. Antonio Duarte!... Oh! almas penadas de todos os criticos, cuja vida se passava na decifração dos mysterios insondaveis do monocordio e do contraponto!... Oh! almas penadas de vós todos!...

Que sahirá de semelhante crise?... Que passará a dizer toda esta gente que só vivia para fallar de operas e de cantores?...

Para onde se precipitará todo esse mundo?.. Para onde se vão mudar todas as vaidades e todas as *toilettes* de S. Carlos?... Para onde se vão transferir todos os namoros apenas esboçados, e que ainda não chegaram, nem ao epilogo do adulterio, nem do rapto, nem mesmo do casamento? .. Para onde irá esse deserto de calvas, esses constellações de condecorações, esses ramilhetes de hespanholas, esse mundo de gommosos, entalados em peitilhos de lata, engasgados em collarinhos de ferro, apertados em sapatos de verniz, armados de rozas e camelias, de nariz dilatado e olhar amorudo, dardejando chispas?...

Para onde irá toda essa gente, toda essa espuma d'uma capital vaidosa, para quem S. Carlos é o supremo goso da vida, de mistura com um linguado frito e uma salada de camarões, n'um gabinete do Augusto? ..

Para onde irás, ó catitinha Lisboa?!...

*
* *

Esta crise lyrica será fatalmente o começo d'uma transformação nos divertimentos da capital. O dinheiro que se não gastar em S. Carlos ha de ser distrahido para outros espectaculos, e os emprezarios lisbonenses ver-se-hão na necessidade de ter mais um bocadinho de imaginação e de phantasia, para chamar ás suas casas esse publico rico e desempregado...

Em S. Carlos ha os amadores de vozes, de orchestra, de plastica, de bailados e de scenographias. Ha os que só se apaixonam pelas gargantas, outros pelas fórmas vaporosas das dançarinas, outros pelos bailados propriamente ditos e outros pela *mise-en-scene*.

Temos pois uma quantidade de gostos e de pontos de vista a satisfazes todas as noites. E é de presumir que o encerramento de S. Carlos seja o unico motivo para que os outros theatros se dêem ao trabalho de nos distrahir com mais um bocadinho de gosto e de imaginação.

*
* *

Eu, pela minha parte, declaro que sou apaixonado de *mise-en-scene*, e que ainda não ha como uma *magica*, a valer, para me obrigar a pagar com prazer um bilhete de theatro. E se vou com prazer a uma opera, opera-comica, opereta ou bailado, é porque só ahi encontro restos, vagas reminiscencias do meu espectaculo favorito.

Não sei se são da mesma opinião, ou se teem a coragem de dizer o que pensam. Sejam ou não sejam, tenham ou não tenham,—o que eu lhes digo e affirmo, segundo os impulsos do meu temperamento, do meu espirito e da minha educação, é que no theatro só tolero a *magica*—pela simples razão de que a *magica* pode ser tudo no theatro: comedia, drama, canto, musica, bailado, phantasia, tudo, meus senhores, absolutamente tudo!...

Porque o drama só pelo drama, a comedia só pela comedia, a opera só pela opera,—tudo isso eu detesto e odeio profundamente.

O drama! a comedia! Um auctor ter a audacia de querer prender a attenção d'um publico durante uma noite, com os seus dialogos, as suas reflexões, os seus pensamentos, as suas sentenças,—tudo isso emfim que constitue a bagagem, o egoismo e o orgulho d'um auctor dramatico.

Emquanto que na *magica* tudo e todos collaboram, e só quem tem mais phantasia é que é mais applaudido, como só a actriz mais formosa é que é a mais celebrada.

Oh *magica!*... Como eu te queria ver rehabitada pela phantasia dos auctores de genio!...

QUIDAM.

SUICIDIO

Suicidou-se uma Rosa
Apóz soffrimento longo,
Por se vêr menos cheirosa
Que o *sabonete do Congo!*

Saboaria Victor Vaissier, Paris.

O CASO DAS TRINAS

Andam muitos padres no ar e muito sal d'azedas nos conventos !. . .

O TREMOR

Tal como, ao sopro da gente,
Treme da vella o fogacho,
Em 22 do corrente,
A cidade, de repente,
Tremeu toda d'alto a baixo!

Um noivo—o Paulo da Gama—
Do tremor quasi no fim,
Accordou; tremia a cama;
E perguntou p'ra a madama:
—Porque é que tremes assim?

E ella, da cama no extremo,
De tremuras no vaivem,
Disse, n'um grito supremo:
—Tremo... tremo... tremo... tremo...
Porque tu tremes tambem...

Uma dama, já viuva,
—Mas muito bem conservada—
Tremeu, como um cacho d'uva
Quando após medonha chuva
Vem do vento a rabanada.

E hoje diz:—Dês que ao Enêas
M'o levou p'ra sempre a morte,
Eu por mim não tenho idéas
De sentir carnes e veias
A tremer d'aquella sorte!...

Uma menina hespanhola,
Natural de Vigo ou Tuy,
No seu quarto, n'uma argola,
Pendura sempre a gaiola
D'um cocnicho que possue.

E diz que, no brando nicho
Da sua cama deitada,
Sentiu tremer o cochicho,
N'um tremor de crear bicho,
Ao romper da madrugada!

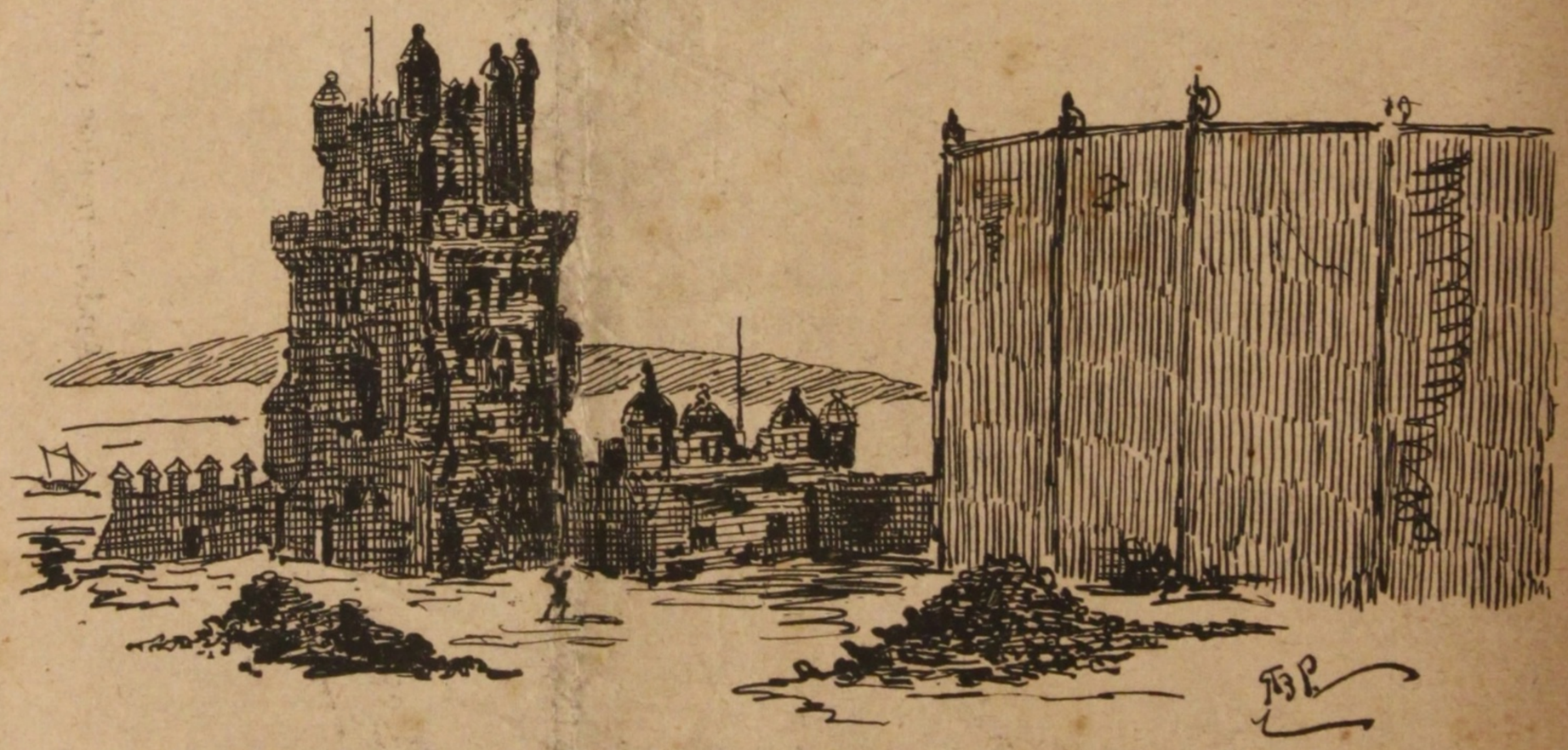
Junto ao quarto, muito estreito,
Que occupo ha dias no hotél,
Outro quarto ha, cujo leito
Se encosta, como suspeito,
No tabique de papel.

E eu creio que houve chilique
No tal quarto—que é de Armanda—
Pois que, p'ra lá do tabique,
Foi mais forte o tremelique
De que cá p'ra a minha banda...

E o *nocturno* referiu
Que o tremor foi muito medio;
Pois, tremor's de tal feitio,
—Diz elle—sempre os sentiu
Alta noite, em todo o predio...

PAN-TARANTULA.

Abaixo assignado



Os redactores, collaboradores, leitores e não leitores do *Antonio Maria* teem a honra de ponderar ao sr. ministro da instrucção publica e bellas artes que, visto as companhias do gaz serem agora uma só e não necessitarem de tantos gazometros, seria decoroso para o paiz libertar a torre de Belem da vergonhosa visinhança com que a dotaram a estupidez e a ganancia dos srs. argentarios.

N'UM SALSIFRÉ

Um vate imcomprehendido

Extrahido da «Revue Illustrée»

COPIA DE GODEFROY.

THEATRO DA AVENIDA

A'manhã, sabbado, temos recita do *Burro do sr. Alcaide*, em honra dos auctores. São trez... trez *sebastianistas* a cavallo no mesmo burro, e a quem o publico não deve regatear applausos, porque foram elles os primeiros que escreveram uma operetta verdadeiramente portugueza.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40.
Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

A CRISE

Viva a folia Toca a dançar, Haja alegria Á beira mar!...

o que porece, está a crise monetaria resolvida, ou prestes a resolver-se...

Os mais illustres astronomos financeiros d'este paiz, acabam de assestar para o horisonte os canudos da opinião publica. E á força de investigação e olho de lynce, descobriram nos ares symptomas de compradores de vinhos dos lados de Bordéos, e indicios de papel cambial vindo dos lados do Pão d'assucar...

D'ahi um regosijo inaudito e indescriptivel. E a tal ponto indescriptivel e de tal modo inaudito, que os srs. astronomos não resistiram à tentação de vir para as gazetas dar conta dos resultados das suas observações e descobertas.

*
* *

avaliar pelos artigos de certas folhas excessivamente circumspectas e consoladoras vae chegar do norte — não se sabe ainda se em manhã de nevoeiro— um bando de negociantes que ha de comprar todo o vinho que ha por essas adegas.

E logo a seguir das bandas do sudoeste, surgirá uma nuvem de letras de cambio. E' o Brazil inundando-nos com uma chuva de patacas.

Vamos pois ter dinheiro á farta... A imprensa rejubila, e com a imprensa rejubila a nação.

Pudéra!... Tinhamos pela prôa uma prespectiva de *struggle-for-lifismo*, de economia, de trabalho nacional em lucta com a concorrencia estrangeira, que estava de todo em todo fóra dos nossos habitos.

Com mil diabos!... Ter a gente de trabalhar! Termos de pensar em sermos uma vez na vida «um povo agricola»; em reorganisar e desenvolver as industrias, em tomar a sério o commercio e a navegação, em explorar as colonias... Que prodigiosa massada! que assombrosa deshonra!

Mas de repente, no meio da afflicção geral, sobem os gageiros ás vergas, trépam os jornalistas para os cimos do artigo de fundo, espreitam os ares, investigam os horisontes, e para logo exclamam ao pais desolado por ter que se mexer:

«—Olé rapazes! Viva á folia, dançar, dançar! Haja folia, á beira mar! Olé! rapazes! Lá vem dinheiro do lado de Bordeos! Lá vem dinheiro do lado do Brazil! Olé! rapazes! Viva a folia! mandriar! Haja folia, á beira mar!...»

*
* *

ninguem mais pensa em trabalho, e ninguem já quer saber do dia de ámanhã.

Vae acabar a crise. Vamos ter dinheiro fresco. E é pegar da guitarra, e começar a cantar ao lindo amor,—e que trabalhem os outros, porque o trabalho é só para o preto...

Se as columnas d'esta folha fossem dadas a cogitações moraes e ainda por cima philosophicas, muito teriamos que philosophar ácerca d'este symptoma do ideal lusitano.

Toda a gente sabida em coisas economicas diz para ahi que a crise actual é a consequencia dos nossos erros e principalmente do nosso desmazello e da nossa mandrice.

Parecia pois natural, que se pensasse em resolver uma crise originada pela indolencia, com algum estudo, algum trabalho e uma melhor comprehensão do que é a vida, e do modo como vivem e luctam as sociedades modernas

Pois não senhor! Em que se pensa é na riqueza, não resultante do trabalho, mas do acaso; em que se pensa é na fortuna que hade vir, não do suor do rosto, mas do céo aos trambulhões.

Que os outros trabalhem para nós; que os outros nos tragam o ouro,—que nós só temos tempo para fazer versos á lua, para passear vaidades por essa Avenida, e para distrahir maguas por essas praias.

Santa gente!... Descuidada gente!... Que Deus Nosso Senhor continue a dar ao Brazil bellas colheitas de café, para nós podermos coçar os cotovellos á porta da *Havaneza*!...

QUIDAM.

Nec plus ultra!

Sabonete do Congo, ó divinal conjuncto,
De quanto ideal e bom creou a natureza,
Com esta phrase vou pôr ponto sobre o assumpto:
—E's a pedra angular do templo da Belleza!

Saboaria Victor Vaissier, Paris.

OBSERVAÇÃO SIMPLES

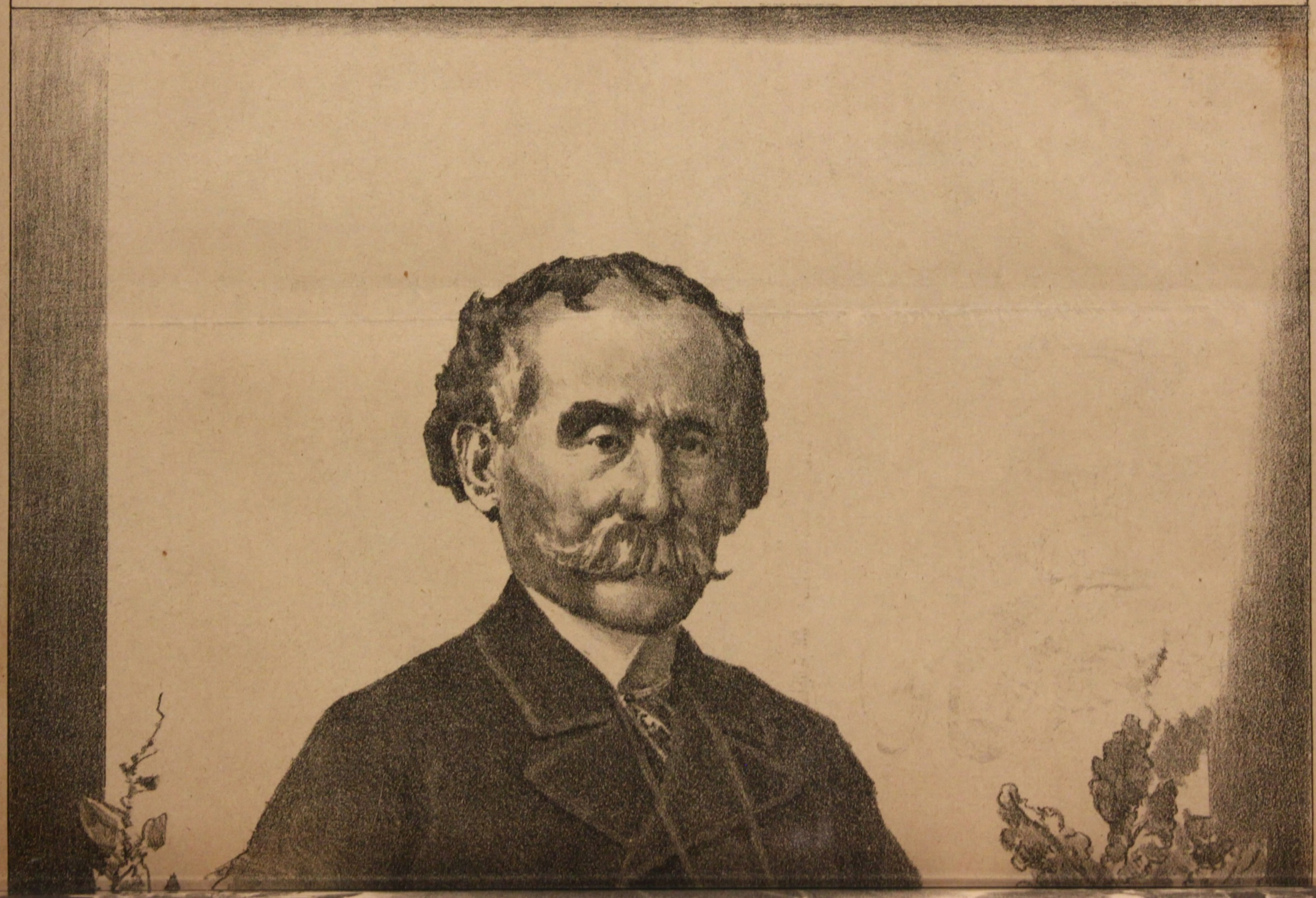
(Copia de Caran d'Ache)

Por que motivo dois cavalheiros bem postos, com toda a apparencia de urbanidade e de circumspeção quando se encontram na rua,

Depois de calorosamente se haverem informado das respectivas saudes,

Se affastam, cada um para seu lado, com um ar soberanamente accacio de profunda e maligna satisfação intima?

MEMORIA DE
O ANTONIO
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



A SALVA BRAVA

—

Gil Aniceto Mathias
da Costa Carvalho e Soisa
Afez-se, em casa das tias,
A comer todos os dias
—Salvo seja!—a mesma coisa.

Após do almoço o chorume,
Em que Gil comia em barda,
Ia a moça pôr ao lume
A panella do costume:
Feijão, com couve lombarda.

Podia faltar á missa
O Gil—que era bom christão—
Mas, nem por grande preguiça,
Se esquecêra da hortalça
Mais do seu socio—o feijão.

Da gostosa petisqueira
Tasquinhando sem limite,
Comia o Gil, da maneira
Como come uma frieira
—Que tenha bello appetite!

Fumista por condição,
Tanto do fumo gostava,
Que após comer o feijão,
Ao fazer da digestão,
Era *salva*... e *salva-brava!*...

Dizia até p'ra a visinha,
Que era uma esvelta senhora:
—Esta *salva* é que é gallinha!
«Esta *salva* é que é a minha
«Verdadeira *salvadôra!*...

«Co'o tal feijão, estoirnava
«N'uma enorme indigestão!
«De certo não me salvava
«Se não fosse a *salva*... *brava*
«Logo em cima do feijão!

Vivia alegre Aniceto
Co'a vida que assim passava,
Quando, qual lustre de tecto,
Lhe cae em cima o decreto
Prohibindo a *salva*... *brava*...

N'uma profunda afflicção
Que a cabeça lhe põe calva,
Pensa o Gil, e com rasão:
—Como heide eu comer feijão,
«E passar depois sem *salva*?...

«Sinto aqui, no... *gorgomillo*,
«Da couve lombarda as folhas!
«E a *salva*, a *salva* de estylo,
«Como heide evitar aquillo?...
—«Só se fôr co'a *lei das rolhas*..

PAN-TARANTULA.

No certamen musical, que ha dias se realisou em Badajoz, sahiu victoriosa a banda de infanteria 4, de cujo mestre, Domingos Antonio Caldeira, publicamos o retrato.

Parece-nos que o governo poderia marcar tres á preta se tivesse o bom senso de nomear o dito sr. Caldeira para o melodioso cargo de Orpheu Luzitano. Seria para ver como as bestas feras do agio encolheriam as gananciosas unhas, e fugiriam á influencia vil das *notas* de papel, mercê das *notas* de prata que o distincto musico se encarregaria de ir espalhando ao longo da rua dos Capelistas e adjacentes.

Utensilios indispensaveis para a leitura da «Chronica das Praias» de Augusto José:

Pitada.

Evocação da tia Catharina, inspirada poetiza do seculo passado.

Um callo, uma unha encravada e uma aprazivel pontinha d'hemmorroidal.

Quem tiver a boa chança de viver n'uma atmospherasinha embalsamada de mijo de gato, e de possuir um dente pôdre, oh! então tal leitura será um ceo aberto.

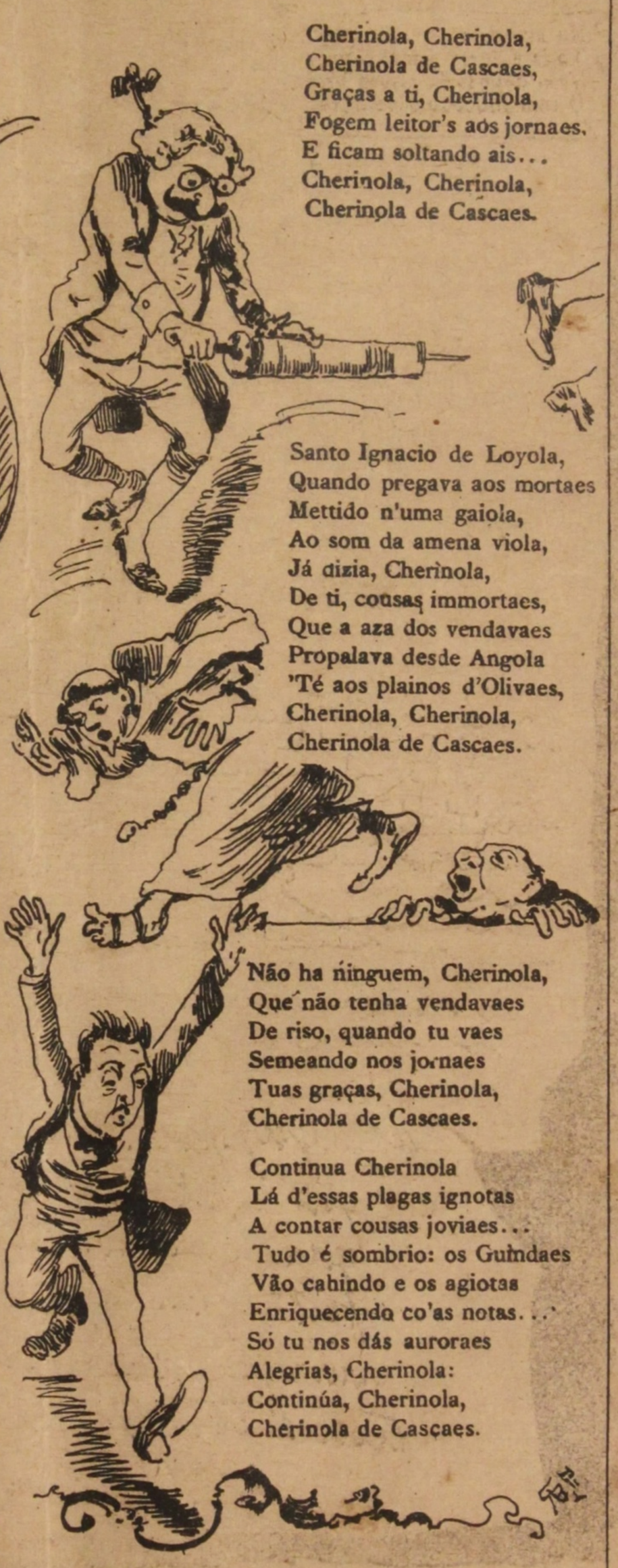
CHERINOLA

OU

O chronista de Cascaes, Augusto José

Oh! mineiro oh! mineirinho
Oh! mineiro de Cascaes,
Por causa de ti, mineiro
Fogem as filhas aos paes.

. . . . . .



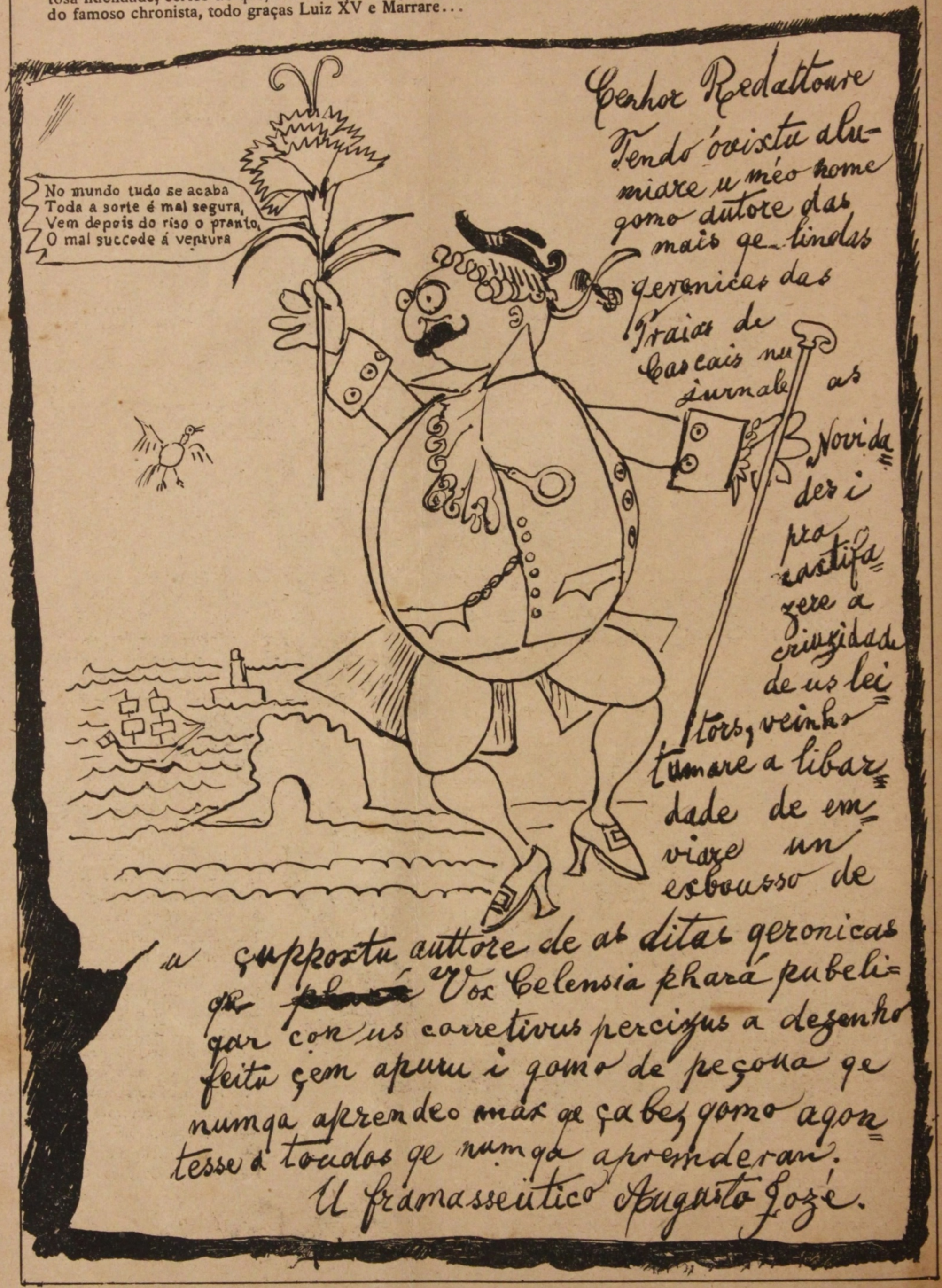
Cherinola, Cherinola,
Cherinola de Cascaes,
Graças a ti, Cherinola,
Fogem leitor's aos jornaes.
E ficam soltando ais...
Cherinola, Cherinola,
Cherinola de Cascaes.

Santo Ignacio de Loyola,
Quando pregava aos mortaes
Mettido n'uma gaiola,
Ao som da amena viola,
Já dizia, Cherinola,
De ti, cousas immortaes,
Que a aza dos vendavaes
Propalava desde Angola
'Té aos plainos d'Olivaes,
Cherinola, Cherinola,
Cherinola de Cascaes.

Não ha ninguem, Cherinola,
Que não tenha vendavaes
De riso, quando tu vaes
Semeando nos jornaes
Tuas graças, Cherinola,
Cherinola de Cascaes.

Continua Cherinola
Lá d'essas plagas ignotas
A contar cousas joviaes...
Tudo é sombrio: os Guindaes
Vão cahindo e os agiotas
Enriquecendo co'as notas...
Só tu nos dás auroraes
Alegrias, Cherinola:
Continúa, Cherinola,
Cherinola de Cascaes.

Do *framaçeutico* de Cascaes, Augusto José, a quem se attribuiram as *Chronicas das Praias*, que estão sendo publicadas nas *Novidades*, recebemos um retrato e uma carta que abaixo publicamos, sem emendas, com respeitosa fidelidade, certos de que, com esta publicação, amornaremos a accesa curiosidade que vae lavrando em torno do famoso chronista, todo graças Luiz XV e Marrare...



Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40.
Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

O Antonio Maria, graças a um amavel convite da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, acaba de assistir á brilhante inauguração da linha da Beira Baixa, cujos trabalhos foram confiados á direcção do distincto engenheiro Porto. D'aqui agradecemos aos directores e engenheiros da Companhia as provas de delicada sympathia com que nos distinguiram durante a viagem. E d'estas portas de Rodam, saudamos os amigos que deixamos na Beira Baixa, os bons e alegres companheiros, cuja hospitalidade tanto nos commoveu e tanto nos penhorou...

Variações

Esta semana fomos procurar impressões, longe do Chiado, da Arcada e mais das nadadoras.

Graças a um amavel convite da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, eis-nos de ponto em branco e tambem de ponto em preto, mais lindos que o lindo amor, encasacados, engravatados de branco, en-

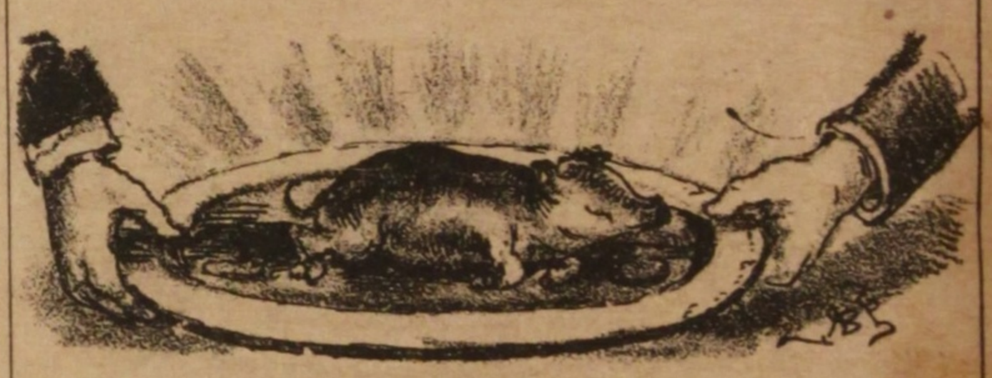
tre um mundo de casacas, de fardas, de grã-cruzes, de condecorações,—enfiando tuneis, trepando montanhas, atravessando campinas e rios, mais rapidos que a rapida setta, mais alegres que a propria alegria, mais solemnes que um *Te-Deum* e tambem por vezes mais graves que o mais grave e circumspecto conselheiro.

E não foi só tuneis que enfiámos, nem montanhas que trepámos, arrastados por uma damnada locomotiva que só 24 horas mais tarde entrava no santo gremio da Egreja, graças á agua benta e a algum latim com que para dentro das guelas lhe arremessou Sua Reverendissima, o sr. bispo de Portalegre.

Tambem enfiámos por arcos de triumpho, tambem atravessámos ondas de fumo e ondas de harmonia e de *fungá-gás* metallicos, atordoando os ares com o hymno real, entoado na razão de cem hymnos por hora—e por estação...

Tambem nos acenaram com lenços, tambem vimos mãos que diziam adeus para o nosso vagon, tambem sobre as nossas cabeças nada reaes cahiram algumas flôres do regosijo popular, tambem aos nossos ouvidos eccoaram palavras da mais puxada e repuxada rhetorica.

E depois de tanta aventura, de tanta surpreza, de tanto regosijo, de tanto foguetorio e de tão louros, tostados e saudosos perús e leitões assados,—



eis-nos confundidos, atordoados, esbodegados de sensações e de pitéus absolutamente novos e de poeira absolutamente prêta, sem saber como reunir as notas que tomámos, para dar aos leitores do *Antonio Maria* a boa e grata noticia de que o mundo não acaba no Caes dos Soldados como por ahi se julgava,—e de que ainda ha terras por esse paiz onde se vive uma vida sufficientemente agradavel e risonha, sem se ouvir fallar no caso das Trinas, e sem ninguem se preoccupar se S. Carlos abrirá ou não, no proximo inverno...

Parece incrivel, parece uma redonda mentira. Pois damos-lhes a nossa palavra d'honra que é verdade—que passámos tres dias sem ouvir fallar na irmã Colleta, nem sequer n'esses cantores que teem o mau gosto de preferir a uma nota do Banco o tilintar d'uma libra sterlina.

E nem por isso deixámos de comer com soberano apetite, de rir com vivo prazer, e de dormir o bom somno do justo—do justo que sente dentro em si os doces effluvios d'um vinho digno de reis e d'uma cabidella como nem os anjos jámais hão-de provar...

Parece incrivel... Pois palavra d'honra que é a pura da verdade!...

*
* *

N'essa viagem, através das mais pittorescas paisagens, desde as formosas margens do Tejo, até ás portas de Rodam, e d'ahi até ás faldas dos montes Herminios a que o vulgo chama Serra da Estrella, admirando castanheiros, azinheiras e tambem algumas oliveiras, sem fallar das arvores paniferas; por esses caminhos até então impervios e hoje cortados pelos *rails* do progresso e da sciencia humana, ne

phrase tão pomposa quanto colorida d'um nosso companheiro de viagem,—só tivemos um pezadello...

Madame Maney! Madame Maney! Como as suas reflexões nos azedaram por vezes o nosso bom humor e até a nossa paciencia. .

Madame Maney! Madame Maney! Effectivamente nós somos um paiz e um povo impossivel de aturar, e que só supportam os estrangeiros sem melhor collocação no seu paiz.

Madame Maney! Madame Maney! Effectivamente nós não somos dignos de que o *American register* tenha n'este paiz um correspondente, cuja prosa ainda ninguem teve occasião de lobrigar impressa.

Madame Maney! Madame Maney! Por quem é, deixe de nos causticar com as suas reflexões de mau humor, com os seus azedumes de phrase, com os seus desdens, com as suas censuras a tudo e a todos.

Madame Maney! Madame Maney! Por quem é, deixe-nos ser selvagens á nossa vontade, deixe-nos ser immensamente selvagens .. Nós não queremos da sua civilisação, nós não queremos dos seus conselhos... Este paiz não é digno do seu prodigioso saber, do seu assombroso espirito, do seu extraordinario *humour*... Este povo e esta imprensa não são dignos do convivio d'esta escriptora que não escreveu as cartas de Madame de Sévigné porque já estavam escriptas, nem os romances de Madame Sand pelo mesmo eloquente motivo, nem os versos de Madame Ackermann tambem pela mesma razão ..

Madame Maney! Madame Maney! Por quem é poupe-nos! Por quem é, evite-nos!

Portugal nunca lhe hade dar um livro—nem mesmo o livro da má-lingua.

Porque tambem já o escreveu outra madama—madame Ratazzi.

Já vê, Madama, que outros paizes a reclamam, que outros povos esperam o momento ditoso em que sejam apreciados pelo seu prodigioso saber, pelo seu assombroso espirito, pelo seu extraordinario *humour*..

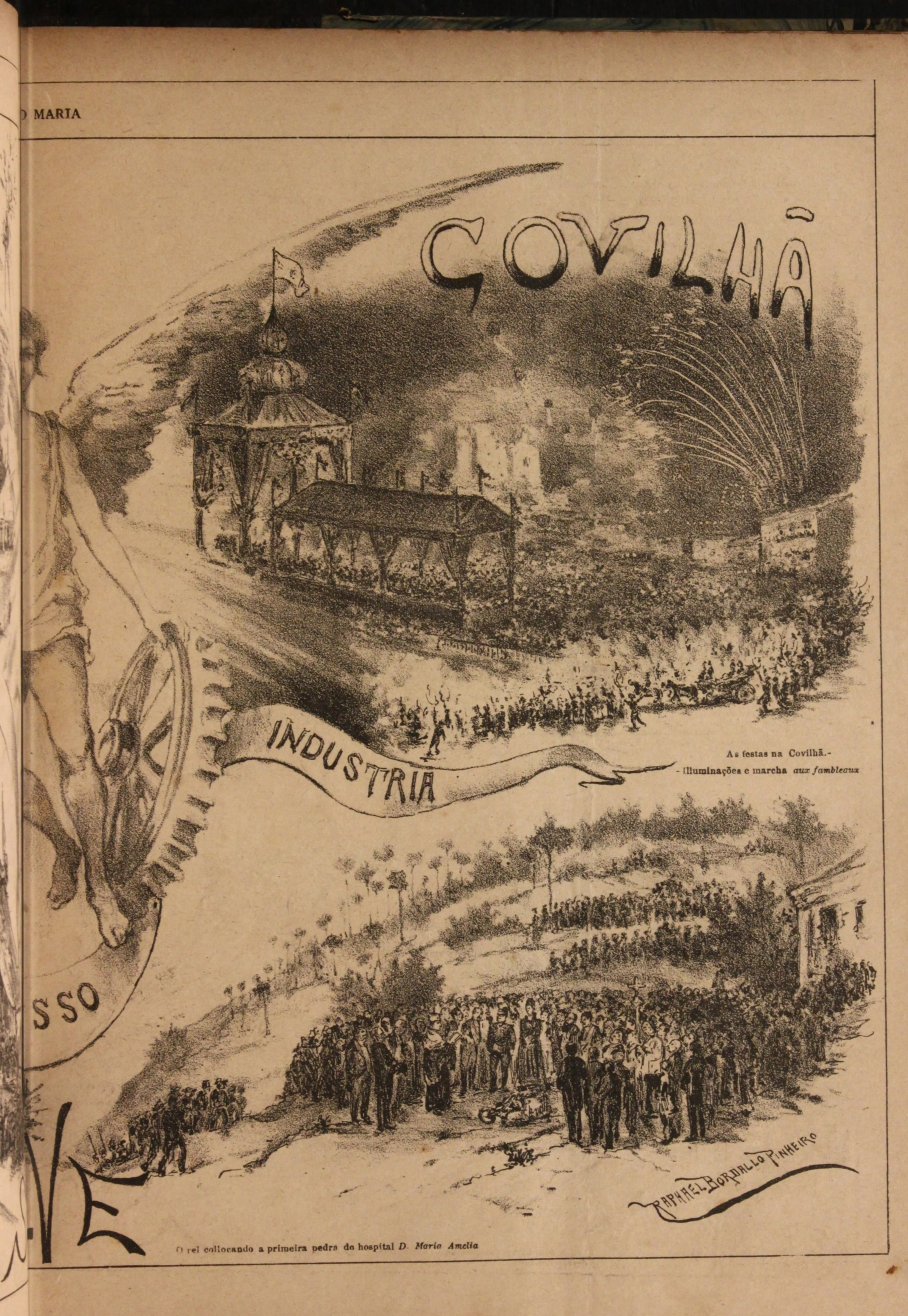
Madame Maney—adeus!...

* *

A' parte este pezadêllo, a poeira do caminho e os effeitos imprevistos e assaz indelicados d'uma talhada d'essa famosa e collossal melancia, cujo coração teve a honra de ser atravessado pela primeira espada d'estes reinos e outras espadas subalternas, e

As festas em Castello Branco.—As illuminações.—O rei e a rainha passeando, a pé, entre o povo.

A benção das locomotivas.—Agua benta e latim para livrar de descarrilamentos . . .



As festas na Covilhã.-
- Illuminações e marcha *aux fambleaux*

O rei collocando a primeira pedra do hospital *D. Maria Amelia*

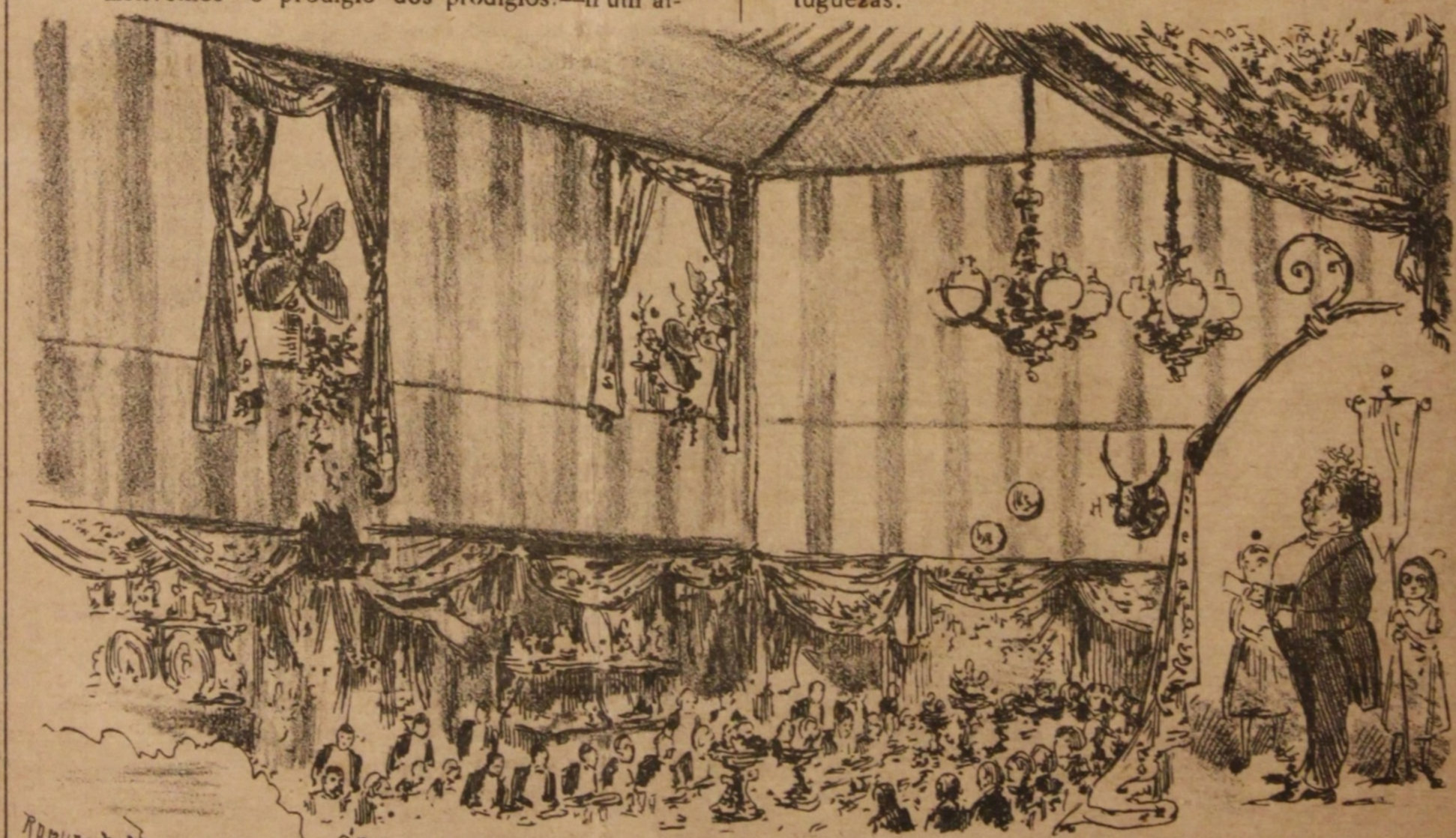
a que um illustre viajante chamou a *campanha da Melancia*,—áparte estas ligeiras contrariedades, essa viagem deixou-nos a grata recordação e a certeza inabalavel de que ainda ha um Portugal que tem a coragem de ser *portuguez*, por estes tempos de *estrangeirismo* que tem dessorado, avariado e pervertido o sangue e até mesmo o inoffensivo capilé que gira nas veias de muitissimos luzos.

Estivemos—ó maravilha das maravilhas!—em terras de Portugal, onde encontrámos portuguezes comendo á moda dos antepassados, e não tendo vergonha de se apresentarem vestidos com fazendas manufacturadas em fabricas nacionaes!...

Estivemos—ó raridade das raridades!—em terras de Portugal, onde á meza dos amphitriões se serve em vez de *petits patés*, e de *mayonnaise de poulet*, um

prato de cabidella e uma travessa de leitão assado, e isto sem os mesmos amphitriões corarem de semelhante serviço.

Estivemos—ó prodigio dos prodigios!—n'um almoço a que presidia o Chefe do Estado, dentro d'um sala toda adornada das mais lindas e preciosas colchas, das que outrora sahiram bordadas de mãos portuguezas.



Estivemos—ó assombro dos assombros!—em terras de Portugal onde as casas que sorriam por entre encantos e maravilhas de verdura, ainda conservam o typo genuinamente portuguez, sem que a paisagem uma só vez nos apparecesse manchada com esses ridiculos e pretenciosos *chalets* que os suburbios de Lisboa imitaram d'essa horrorosa Suissa, para uso exclusivo dos viajantes da agencia Cook.

Estivemos em Portugal!... E de lá voltámos, se assim se póde dizer, mais portuguezes do que para lá tinhamos ido; de lá voltámos, se é possivel, ainda com mais horror e mais odio a esse vil *estrangeirismo* de contrabando, que tem sido o assassino do nosso caracter nacional, a vinagreira do gosto, a ruina da nossa industria, a aniquilação de tudo quanto tinha o typo e o caracter portuguez.

O TREMIDINHO ACOMPANHADO A ADUFE

TRAJO DE RESPEITO.

De lá voltamos adorando ainda mais este lindo paiz e este povo tão bondoso, apesar de todos os defeitos que lhe possa encontrar a desdenhosa Madama americana que foi nossa companheira de viagem.

E de lá voltamos gratos e reconhecidos a todos—porque todos nos receberam de braços abertos, porque todos nos acolheram em suas casas com aquella afabilidade, com aquella estima, com aquella franqueza, só proprias da fidalguia com que o portuguez de boa tempera costuma receber o hospede e o amigo...

QUIDAM.

EXPEDIENTE

A completa falta d'espaço leva-nos a pôr de parte grande numero de *croquis* da viagem regia á Beira Baixa, bem como uma nota ácerca do muito ameno Cherinola, *croquis* e nota que publicaremos no nosso proximo numero.

O AMOR

As f'ridas que em geral Cupido faz
Não nos dão soffrimento muito longo:
Brilha o amor e logo se desfaz
Qual uma bola se sabão... do Congo!

Saboaria Victor vaisier, Paris.

A HOSPITALIDADE PORTUGUEZA

Sobre as nossas cabeças, durante tres dias, os queridos amigos que deixámos na Beira Baixa, despejaram ondas e ondas de amabilidades e mimos. Nem sabemos como agradecer e como descrever a franqueza e a galhardia com que se nos abriram todas as portas e com que encontrámos um talher á nossa espera em todas as mezas.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40.
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

A Anthero do Quental

COPIA DO QUADRO DE COLUMBANO

Só quem teme o Não-ser é que se assusta
Com teu vasto silencio mortuario,
Noite sem fim, espaço solitario,
Noite da Morte, tenebrosa e augusta . . .

Eu não: minh'alma humilde mas robusta
Entra crente em teu atrio funerario:
Para os mais és um vacuo cinerario,
A mim sorri-me a tua face adusta.

A mim seduz-me a paz santa e ineffavel
E o silencio sem par do Inalteravel,
Que envolve o eterno amor no eterno lucto.

Talvez seja peccado procurar te,
Mas não sonhar comtigo e adorar te,
Não-ser, que és o Ser unico absoluto.

ANTHERO DO QUENTAL

O *Antonio Maria* presta hoje a derradeira homenagem de respeito e de admiração por Aquelle que foi um dos escriptores mais nobres e mais elevados do nosso tempo.

Anthero do Quental é ainda mal comprehendido por muitos As gerações modernas são de tal modo egoistas, que a sua admiração apenas se volta para aquelles que rapidamente influem nas questões politicas e sociaes de momento. E raras vezes se dão ao trabalho de raciocinar que ha espiritos pairando acima das luctas de hoje, pensando e meditando sobre as revoluções, as evoluções e os destinos da Humanidade.

Esses espiritos—a que pertencia Anthero—vivem geralmente divorciados da multidão. A multidão nem os sente, nem os comprehende, tão preoccupada anda com os seus negocios quotidianos, e tão indifferente é aos mysteriosos e complicados problemas da alma e do espirito.

A historia d este grande incomprehendido, é a mesma de todos quantos passaram a vida a *sonhar* ou a *pensar*—sem se interessarem pelas ondas revoltas de paixões, de interesses e de vaidades que se desfaziam a seus pés. Mas quando a Morte cobrir de preto todo este seculo, então no livro de Portugal hão de ficar brilhando alguns nomes, como os de Garrett, de Herculano, de Anthero e de João de Deus...

O seu fim tragico, este suicidio que as gazetas attribuem a soffrimentos physicos—quem pode asseverar que não seja o fim racional e calculado d'este desilludido da alma e do pensamento?... Quem nos diz que Anthero não procurou na Morte, o unico e supremo gozo da unica Verdade que não mente?... Quem nos diz a nós que elle não exclamou como o poeta francez:

O Mort! viens capitaine, il est temps! levons l'ancre!
Ce pays nous ennuie, ô Mort! Appareillons!
Si le Ciel et la Mer sont noirs comme de l'encre!
Nos coeurs que tu connais sont remplis de rayons!

Verse nous ton poison pour qu'il nous reconforte!
Nous voulons, tant ce feu nous brûle le cerveau,
Plonger au fond du gouffre, Enfer ou Ciel, qu'importe?
Au fond del'Inconnu pour trouver du *nouveau!*...

Venerandos leitores: Para o estudo que hoje encetamos, insistentemente pedimos a vossa intelligente attenção De ha muito que a vida e os feitos de Custodio Caminha nos preoccupavam altamente. Tão grandiosa, porem, tão epica nos apparecia essa existencia, que violento e demorado foi o esforço que tivemos de empregar para vencer a critica incompetencia que sentiamos ao encarar de face assumpto de tanta sumptuosidade Caminha não é um producto do nosso engenho inventivo. Atravez da nossa prosa, nas linhas dos nossos desenhos verão todos os que nos lerem daguerreotypado o conspicuo vulto inda ha pouco tão discutido a proposito do caso das Trinas. Benevolencia vos pedimos, leitores, para este tentamen biographico sobre a grande individualidade cujos fartos bigodes serão assim o esperamos—as azas que hão-de levar-nos á Posteridade.

A CONQUISTA DE LISBOA

OU

O Caminho do Caminha

Já o sol atormentava, á esquerda, o Tejo, quando Custodio Caminha acordou, pisco dos olhos, ao barulho sobresaltado do wagon, que entrava nas agulhas.

Alhandra.

Custodio esfregou as palpebras empapoçadas, aguçou a garganta, cuspiu uma avelã de gomma arabica, e depois de, paulatinamente, haver enrolado

um cigarro e espalitado os dentes com o seu limpa-unhas, poz-se a deitar fumaças densas e olhares viscosos pela janella fóra, todo aninhado a um canto, calçando as suas luvas de viagem, côr de fava, com bordaduras pretas em III.

Sósinho na carruagem, á medida que se acercava de Lisboa, o bacharel Caminha sentia crescentes enthusiasmos adentro do torax: entrevia triumphos e folganças n'uma atmosphera de apotheose, oiro e purpura; mulherinhas com boccas de cravo, todas munificentes de caricias; cascatas d'oiro inundando-lhe os bolsos; ramos de loiro descendo dos loireiros, e vindo pelo seu pésinho, coroal-o; artigos nos jornaes bafejando-o com baforadas de incenso e myrrha; todo o parlamento suspenso da sua empolgante oratoria... Caminha pensava, pensava, e a seus ouvi-

dos soava a phrase oracular de seu padrinho:—«*Trabalha que vencerás: o teu appellido é uma predestinação.*» Esta phrase, como um par d'azas, levou o á colina enevoada do preterito para onde as suas ideias começaram a correr, da mesma forma que, ao galopar macabro do comboyo, as arvores verdes e humidas do caminho corriam para traz. Reconhecendo a anologia, Custodio escreveu no punho, por debaixo d'uma somma: «*As ideias, ás vezes, são como as arvores da linha ferrea.*» E a pensar no passado adormeceu de novo

Custodio Marques Caminha Junior, natural de Formoselha, bacharel em Leis pela Universidade de Coimbra, onde não tomou capello por suas ambições o impellirem para mais alto logar, era o homem mais extraordinariamente estupido que Deus Nosso Senhor tem mandado a este luminoso paiz. Graças á sua estupidez, Custodio foi sempre laureado nos estudos, querido dos mestres e dos irmãos de lettras. A uma insolita obtusidade de espirito alliava elle uma vasta ignorancia adubada de tal altivez de maneiras, de tão magestoso timbre de voz e de bigodes tão fron-

dosos que a todos inspirava admiração e respeito. A sua falta de penetração explicavam na os seus devotos como uma consequencia immediata da superioridade do seu intellecto, que, por muito elevado, não descia nunca á comprehensão das pequenas questões.

FESTAS EM CASC

(Ao nosso amigo Jayme da Costa P

Foram de um vivo effeito pittoresco as festas ultimamente realisadas em Cascaes. A gommosa v toda illuminada e faiscante de fogos d'artificio dava ares ao longe d'um inaudito burgo de legenda onde a andassem ao luar dançando entre colmeias de pyrilampos. A ornamentação dos arcos erguidos para o de real cortejo tinha já—e com isso nos alegrámos—um aspecto eminentemente lusitano e eminentemente ás odiosas decorações laivadas de bastardos estrangeirismos que por ahi estamos costumados a vêr. N'es mentação sentia-se logo a distancia o fino gosto do illustre homem de lettras Ramalho Ortigão, que n'est graciosamente poisou a sua penna d'oiro para tomar o martellinho d'aço dos armadores. Depois do arco Augusta, dos de Valle de Vez e do sr. Visconde de Paço d'Arcos, nunca arcos mais lindos se abriram passagem.

CAES

Pinto)

sinha
fadas
ir do
erior
orna-
estas
a rua
nossa

Uma vez formado e depois de com difficuldade haver resistido aos doutores de Direito, que o queriam para a faculdade, Caminha vendeu por vinte libras o seu patrimonio e tendo se abalançado á compra d'uma sobrecasaca e d'um chapeo de sêda, partiu, caminho de Lisboa, para a conquista do futuro, cheio de ambições e de chymeras, como ficou contado no começo d'este capitulo.

Eram 6 da manhã quando o comboyo entrou em Santa Apolonia. Debruçado a portinhola, Custodio viu ao alto a cobertura de crystal, e logo lhe lembrou o famoso aphorismo: *quem tem telhadode vidro não atire pedras aos dos visinhos.*

Aquelle telhado que assim lhe apparecia á entrada da grande cidade dos seus sonhos era por certo um aviso providencial. Custodio affeito sempre á prescrutação das mysteriosas charadas deitou-se a matutar sobre o caso té que a decifração do occulto e sybillino enygma lhe appareceu com transparente evidencia

—Comprehendo, murmurou Caminha, *quem tem telhados de vidro não atire pedras aos dos visinhos.* Comprehendo o que isto quer dizer. Serei docil: não atirarei pedras para que não me apedrejem. Sempre da opinião dos outros. Concordar com os outros é um principio de boa educação e eu préso-me de ser uma pessoa muito bem educada.

(Continua).

O CHERINOLA

Em referencia á epistola illustrada do *framaceutico* de Cascaes, Augusto José, accodem, pressurosamente, as *Novidades*, revelando o nome do verdadeiro auctor das afamadas *Chronicas das Praias*. Para nós que andavamos buscando o abracadabrante chronista, torturados pelo *frio, frio, frio* da incerteza, a revelação do nosso collega foi um consolador *quente, quente, quente* que nos encheu de estripitoso jubilo e de surpreza, tambem, pois estavamos bem longe de ir encontrar occulto sob um venerando *cache-nez* o hilariante Cherinola que, segundo o dizer das *Novidades*, é o sr. D. Luiz da Camara Leme, cujo nome ignoro, mas que d'ora em deante ficará sendo unanimemente considerado como o do *sacerdos magnus* do chenirolismo lusitano.

Manda Deus que se diga a verdade e em boa verdade diremos que nunca acreditámos absolutamente nas affirmações do indiscreto apothicario cuja carta publicámos tão sómente para descanço e pacificação da curiosidade publica.

Viram alguns no ingenuo retrato feito por Augusto José o perfil do sr. Barbosa Colen. Basta porém confrontar a graça solemne, toda polvilhada de *vinagrinho*, das chronicas, com o fresco e primaveril espirito do sr. Colen, para logo se perceber como foi infundada a suspeita.

THEATRO BIJOU

N'um minusculo theatrinho para as bandas da Patriarchal assistimos ha dias a uma representação de androidos.

E' dirigido o theatro pelo actor Chaves cujos trabalhos de ventriloquia são muito para louvar. O que seriamente nos entristeceu foi a u didura das peças lá representadas. Um theatro de androidos deve ser um theatro para creanças, que as faça rir, que as interesse, que lhes encante a vista, que lhes povoe as cabecinhas anneladas de sonhos d'oiro e rosa. Nada de phantasmas, de walsas macabr s, de perspectivas lugubres. Estamos que seria um encanto para os bebés e uma mina para o theatro a representação d'uma farça risonha e ingenua, a historia da *Carochinha*, por exemplo, traçada por quem conhecesse as exigencias alegres dos espiritos infantis.

O actor Chaves tem recursos que não são para desprezar e que bem aproveitados teriam um alcance bem importante n'este paiz onde, francamente, não ha um espetaculo onde se possa levar uma creança.

Origem do sabonete do Congo

Foi em 1883 que Victor Vaissier inventou o seu incomparavel sabão de toucador, chamado «*dos Principes do Congo*». Este maravilhoso sabão, cuja massa é d'uma pureza perfeita e o perfume excessivamente agradavel, acha-se hoje em todas as mãos. Para terem o *verdadeiro Congo*; exijam o *nome* Victor Vaissier, de Paris.

E' de todos sabido o profundo terror com que as victimas dos callos fogem dos apertos. Ora na ultima viagem que fizemos á Beira Baixa, notámos com verdadeiro espanto, a tranquilidade d'animo e o sorriso de superior confiança com que todos os habitantes d'aquelles sitios se precipitavam nos mais complicados, tumultuosos e variados apertões...

—Mas esta gente não soffrerá dos callos? Mas esta gente não tem medo dos apertos?—perguntava alguem cheio de terror.

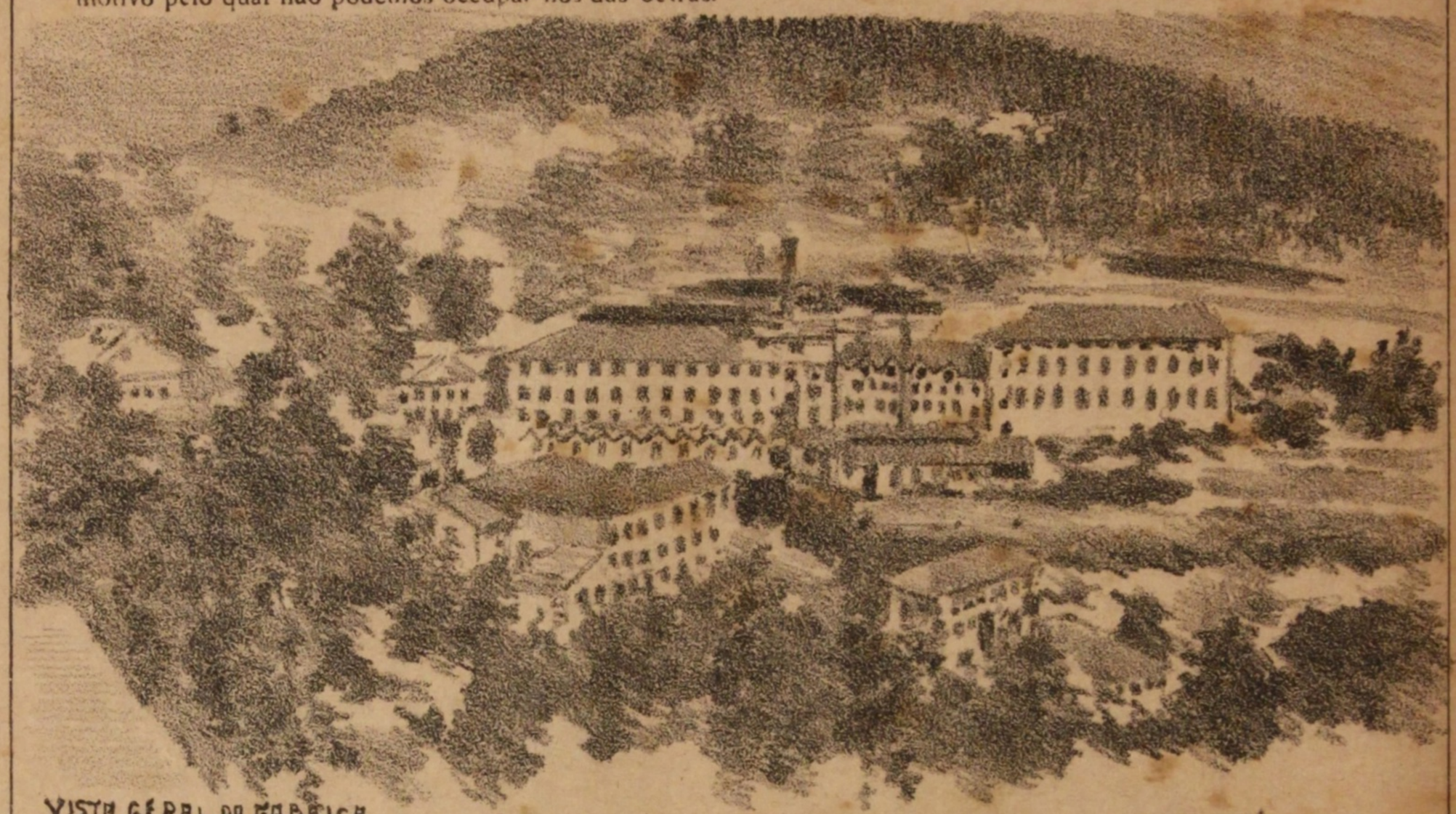
E a voz da Fama respondia:

—Não, menino, não tem! Porque na Beira não ha callos, graças ao prodigioso *callicida Franco*, sem egual nas cinco partes do mundo!...

FABRICA VELHA—CAMPOS MELLO & IRMÃO—COVILHÃ

Era nossa intenção e desejo apresentar, inda que rapidamente, alguns aspectos das principaes fabricas da Covilhã, onde os desilludidos da nossa industria deveriam ir desilludir-se de seus costumados pessimismos.

Infelizmente, porém, só conseguimos obter algumas photographias da importante fabrica Campos Mello, motivo pelo qual não podemos occupar nos das outras.



VISTA GERAL DA FABRICA

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo n.os 36 a 40.
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

GASPAR DA SILVA

Gaspar da Silva é um portuguez, inda moço, que no estrangeiro tem defendido o bom nome da sua terra com vigoroso brio e puro patriotismo, patriotismo que uma só das suas acções define cabalmente:—a attitude energica tomada perante um jornal parisiense que, nos offendera violentamente, ao tempo em que Gaspar da Silva se achava de passagem na grande capital franceza, onde agora vae fundar um jornal de plano superiormente conebido: *A Mala da Europa*.

Variações

Creio que a justiça do meu paiz anda deveras preoccupada com a punição que se deve dar a um lisboeta que teve a idéa assaz original de fazer na Allemanha uma encommenda de varios milheiros de notas de 500 réis—que o mesmo lisboeta se propunha a pôr na circulação, apenas a encommenda lhe chegasse ás mãos.

A policia parece que deitou a mão ao *criminoso*, e que El rei tem mais um subdito debaixo dos seus ferros—ou dentro dos seus ferros.

Confesso lhes que a sorte d'este phantasista me começa a interessar profundamente, attendendo a que esse *criminoso* é d'uma especie inteiramente nova no meu Portugal, meu berço d'innocentes, como lhe chama o sr. Thomaz Ribeiro.

E digo inteiramente nova, porque nem sequer no codigo penal ha nome para este reu de lesa-nota. A esse criminoso não se lhe pode chamar *ladrão*, nem *moedeiro falso*, nem *falsificador*, nem *passador de moeda falsa*.

O que fez esse phantasista? o que fez esse grandissimo espertalhão?... Raciocinou—e mais nada...

Raciocinou o phantasista. . que o Banco de Portugal resolvera pagar os seus encargos e trocar as suas notas de ouro e prata, não por ouro ou prata, mas por papel. E que papel?! . . Um bocadinho de papel como se fôra um rotulo de pharmacia, ou um bilhete de tombola, impresso n'uma typographia da Allemanha, sem nenhuma chancella ou sêllo que a Carta Constitucional mande respeitar.

—Ah! elle é isso!—raciocinou o grande phantasista. Ah! o Banco resolve pagar com papel lithographado na Allemanha, e ainda por cima mal impresso! Pois tambem eu vou pagar do mesmo modo os meus compromissos monetarios...

E vae d'ahi, escreve para a Allemanha, para que lhe mandem de lá alguns milheiros de rotulos, exactamente como os que vieram para o Banco.

Este homem é um falsificador? Não é. Tambem não é um passador de moeda falsa. Não falsificou coisa alguma, porque fez uma encommenda de notas como podia fazer de rotulos para latas de marmellada. Não passou moeda falsa, porque o seu papel era tão bom e tão caro como o do Banco.

Qual é então, ó Justiça do meu paiz! o crime d'esse homem? Ser um pandego? Ser um grande finorio? Ser um grandissimo espertalhão?. .

Mas quantos pandigos da sua laia, quantos finorios da sua egualha, quantos espertalhões da sua fôrça, que só teem enriquecido com trocas e baldrocas de papelinhos sobem a estas noras a Avenida, recostados nas almofadas das suas *victorias*, puxados por bellas parelhas do mais puro *pur sang*? Quantos?!...

Quantos não teem atirado para o mercado, centenas de contos de papelinhos, que hoje ninguem quer a pezo, e que arruinaram centenas de familias?

Pobre diabo de *criminoso*!... Em vez de fazer a sua operação em grande, esse phantasista limita-se a *emittir* aos cinco tostões de cada vez!. .

Eil-o por isso sob os ferros d'El-Rei. Que grandissimo pelintra! Pois retiro-te a minha piedade—ó intrujão de cinco tostões!... Quando te bastava intrujares com cinco mil contos, para seres o primeiro financeiro da peninsula...

Justiça! Sê implacavel com quem tão ignorante é, ácerca dos homens e das coisas d'este mundo.

Justiça! Não me poupes esse estupido!. .

QUIDAM.

DAVID COHEN

David Cohen, o traductor do *Eurico*, depois d'um longa residencia em Paris, onde o seu espirito superior foi sempre justamente querido e as suas licções n'uma escola official attenciosamente ouvidas, deixou o Sena pelo Tejo e á beira d'este vem dar licções de francez, inglez e allemão, idiomas que conhece magistralmente.

Boas vindas e boa chança.

Os inconvenientes da celibridade

O *sabonete* do Congo é de tal sorte conhecido, que se encontra hoje em todas as mãos. Mas este eximio sabonete tem numerosos *imitadores* que empregam differentes *meios deshonestos* para dar saida, explorando a reputação universal d'elle, a baixos e vulgarissimos productos similares. O *verdadeiro* Congo traz o *nome* de Victor Vaissier, de Paris

A CONQUISTA DE LISBOA

OU

O Caminho do Caminha

(Continuação)

Custodio saltou lepido para o caes e logo se viu cercado por sete cavalheiros com bonés rutilantes de metaes e casacos picados de botões doirados. Todos os setes tinham mareiras de côrte, prodigalidades de sorrisos e mesuras, e todos lhe offereciam, nas pontas dos dedos, cartões vermiculados de impressões coloridas.

—São os ministros, pensou Caminha, souberam da minha chegada e vieram esperar-me Os papeis que me offerecem são, por certo, diplomas de honrarias e mercês com que el-rei quiz distinguir-me.

Caminha cortejou com urbanidade e, depois de haver apertado as mãos cabelludas dos sete, perguntou ao mais idoso:

—V. Ex.ª é o sr. presidente do conselho?

—Não sr., volveu altivo o interrogado, sou o corretor do hotel Vasco da Gama. Seis tostões por dia, almoço de garfo, retrete ao pé do quarto de cama, café com leite, bidé...

Todos os outros se precipitaram sobre Custodio, gritando-lhe aos ouvidos, puxando-lhe as malas, rasgando-lhe as abas da rabona mettendo-lhe cartões pela bocca dentro.

Alagado em suores, morto de fadiga, embalde Custodio quiz valer se dos seus musculos para fugir ás cordeaes expansões dos sete, até que um alvitre lhe appareceu, luminoso; encheu de ar os pulmões escancarou a bocca, cerrou as palpebras e lançou uma baforada de tão mau halito á cara dos impertinentes, que estes cahiram todos por terra, gritando que estavam envenenados.

Victorioso, marchava Caminha para a sahida, enchugando as fontes oliosas com um vistoso lenço de ramagens quanda a sua marcha foi interrompida por um sujeito do fisco cujas mãos cingidas de malha branca foram, capciosamente, descobrir no fundo

da mala do conspicuo bacharel o mais appetitoso dos queijos, descançadamente reclinado sobre umas ceroulas e fazendo travesseirinha d'um par de piugas.

OS HOMENS DA SEMANA

Jayme da Costa Almada Cascaes

Com menos ostras do que o couraçado do seu alcunha mas com muito mais utilidade. E nós que o applaudimos, como applaudimos todos os que trabalham. Por onde passa deixa sempre rastros do seu genio activissimo, e ainda por cima adopta, em signal de reconhecimento, os nomes das terras que tem engrandecido. Passou pela Costa de Caparica e ficou Jayme da Costa; passou a Almada, ficou Jayme da Costa Almada; atravessou o Tejo para Cascaes e já hontem o vimos encomendando cartões de visita com este nome: Jayme da Costa Almada Cascaes.

Collocado entre o desagradavel Scylla e Carybdes de pagar tres mil réis de direitos pelo queijo ou de lhe dizer adeus, Custodio tomou a resolução de o comer.

Melancholicamente sentado sobre a sua mala, poz-se a devorar macios bocados da gostosa comedoria que, como é sabido, tem o milagroso poder da agua do Lethes:—fazer esquecer. Quando a farta refeição terminou já Caminha se não lembrava de cousa alguma: a sua vida, o seu passado, os seus planos, as suas ambições, tudo isso se desvanecera, se havia tornado vago e distante, sob o nevoeiro do olvido. Embalde elle tentava descançar, demorar o espirito sobre qualqder detalhe da sua existencia; tudo se tornava em neblina, em phantasmagoria.

Caminha limpou os bigodes, accendeu um cigarro, compoz a manta e, acariciando a obesidade incipiente do seu ventre com a alegre satisfação dos bens almoçados, caminhava, feliz, para a porta, quando um novo servidor das aduanas surgiu, adamastoriano, bigodeira em riste, pêra em lagryma de pernas para o ar, clamando:

—Pschiu! olá, ó amigo, não se raspe, não se raspe. Se você julga que nos come a nós como comeu o queijo, está muito enganado. Ou o queijo ou os direitos.

Eu.

(Continúa.

OS BANHOS

Ninguem ha que se dispense,
N'este mez, de tomar banho;
Todo o povo lisbonense
Lava quanto lhe pertence
Em mergulhos de arreganho.

Já dizia a velha Andreza,
Que era tia do Silvestre:
—Não ha nada, com certeza,
Como o luxo da limpeza
...Uma vez cada semestre,

Não ha nada—isso é verdade—
Como o requinte do aceio;
Por isso a esvelta cidade,
Se mergulha em liberdade
Todo o mez—ou mez e meio...

Sob as barracas de lona
Despe-se a esvelta madama
E o fato todo abandona,
N'uma corda, á bambalhona,
—Como á noite, aos pés da cama.

Em seguida, sobre a areia,
Do mar correndo aos embates,
Mergulha na maré cheia
—Talqualmente uma sereia
Que regressa aos seus penates.

E ao dar o mergulho dito,
Qual se a picára uma espora,
De seus labios solta um grito,
Que na praia deixa afflicto
O palerma que a namora.

E ao sair—junto á barriga
Trazendo a roupa collocada—
Diz, correndo p'ra uma amiga:
—Foge de mim, rapariga,
Que venho toda inundada!

Entra apóz, ligeiramente,
Na barraca, estreita cella;
—E ha quem affirme e sustente
Que o namoro (acho indecente)
Já lá estava á espera d'ella!

Depois succede—que magoa!—
Que ao vestir-se, em brusco gesto,
Entorna a bacia d'agua,
N'uma sopa pondo a anagoa,
Meias, ligas—fora o resto...

E assegura a D. Urraca
Cunegundes de Bulhões,
Que lhe ouvira, com voz fraca:
—Co'esta agora, na barraca,
São duas inundações!

E mais no caso enumera,
Com risinhos abafados,
Que o namorado dissera:
—Bom donativo te espera,
Do cofre dos inundados...

PAN-TARANTULA.

SOL D'AGOSTO OU O PESADELLO D'UMA SOGRA

(Extrahido da «Revue Illustrée»)

NOVISSIMA REFORMA DO MUNICIPIO

Toma lá que te dou eu.
Vá, vá, que estás com sorte.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Sêde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40.
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

A MORTE DO GENERAL BOULANGER

Boulanger no leito mortuario

A casa de Boulanger em Bruxellas

Mais um que, desilludido de tudo e de todos, tendo perdido successivamente o Poder, a Popularidade, a Gloria e o Amor, resolve desapparecer do mundo, fazendo saltar os miolos sobre o tumulo da mulher amada... Essa extraordinaria aventura politica, que se chamou o *boulangismo*, e que teve por epilogo o mais cruel drama d'amor—ficará n'este fim-de-seculo como o mais curioso exemplo do que é a força da Fatalidade contrariando os desejos da Ambição. Pobre general Boulanger!. . Só de ti hão de sorrir os que nunca tiveram sonhos de gloria nem souberam o que é fazer d'um coração feminino o unico refugio para todas as desillusões, o unico balsamo para todas as dôres! . .

Variações

O bem conhecido *equilibrio europeu* que ainda não foi capaz de desiquilibrar-se, nem com a viagem da esquadra franceza á Russia e á Inglaterra, nem com os discursos mal humorados do imperador Guilherme,—corre n'este momento grande perigo, por causa da illuminação de S. Carlos.

Esta questão, que tanto tem agitado a Europa e em especial a porta da *Havaneza*, parece complicar-se cada vez mais, ameaçando a paz europeia.

A tão fallada intervenção hespanhola, no caso que Lisboa possa ser um perigo para a Europa, está suspensa sobre as nossas cabeças qual outra intervenção de Damocles.

Ainda ha dois dias o *Seculo* annunciava que um empregado superior do ministerio dos negocios estrangeiros havia partido em missão secreta para Madrid—levando carta de prego.

Esta carta, graças a informações que reputamos fidedi-nas, continha uma consulta ao gabinete Canovas, ácerca da magna questão.

O governo portuguez, temendo indiscripções do correio e do telegrapho, mandou um enviado mysterioso, de chapeo desabado, mascara preta e manto côr de muro, perguntar ao governo hespanhol—se devia ser a gaz, ou continuar sendo a luz electrica...

O governo hespanhol pediu tres dias para meditar. Mas exigiu, para dar uma satisfação á impaciencia e irritabilidade da Europa, que o sr. Fuschini fosse mettido em segredo durante esses trez dias em que o sr. Canovas e os seus collegas meditam.

E assim se fez. O sr. Fuschini foi convidado a deixar-se sequestrar durante tres dias, — emquanto o emissario portuguez não chegar, mysterioso e taciturno, com a resposta do governo hespanhol.

*
* *

Como se sabe, o sr. Fuschini quer que o Estado lhe dê illuminação de graça—ou ella seja a gaz ou electrica. O governo, segundo o contracto, só quer dar os apparelhos ou a canalisação.

D'aqui o conflicto. E nomeou-se arbitro o sr. Canovas del Castillo—sempre para evitar a intervenção.

Porque, ao que parece, havemos de ter uma intervenção hespanhola sempre que este paiz seja um perigo para a paz da Europa. O que, de resto, pouco me afflige, attendendo a que as estatisticas policiaes accusam só para a cidade de Lisboa milhares de intervenções tudo quanto ha de mais hespanholas, sem por esse facto nos sentirmos algemados, ou termos a necessidade de cobrir de crépes a agulha de Cleopatra da nossa independencia, sita e erecta na praça dos Restauradores.

*
* *

O sr. Fuschini continnará incommunicavel até que volte de Madrid o homem mysterioso que o *Seculo* descobriu de carta de prégo na algibeira...

Sómente achamos da maxima imprudencia que o governo deixe em plena liberdade do Chiado outras pessoas não menos dignas da incommunicabilidade, e que, pela sua attitude ruidosa em face do gravissimo problema, continuam a ser um perigo para a paz e para o supracitado equilibrio europeu.

Ainda hontem, eram trez da madrugada, subiamos o Chiado, meditando sobre o nada das grandezas humanas. A essa hora, o Chiado estava mergulhado n'uma verdadeira paz dos tumulos. Quando de repente, n'este silencio sepulchral, ouvimos uma voz formidulosa e iracunda, a gritar :

—Ou illumina á sua custa, ou o governo vae a terra! Isto assim não pode ser! Digo-lhe eu que não pode ser!...

E a voz continuava ameaçadora, tão ameaçadora, que até dois gatos atravessaram espavoridos d'um para outro lado da rua, e o Mangerico appareceu claudicando, attrahido pelo escandalo ..

Essa era a voz do sr. Antonio Duarte ! E com o phantasma da intervenção a dançar-nos diante dos olhos, lá fomos tristemente para casa, pensando que uma palavra mais imprudente do illustre maestro podia atear o fogo a esse medonho rastilho que vae de Lisboa a São Petersburgo...

*
* *

Madame Maney, a famosa correspondente do *American register*, deu-se ao incommodo de nos dirigir uma vasta epistola, na qual se mostra entre estomagada e desdenhosa com as palavras que lhe consagrámos n'um dos ultimos numeros do *Antonio Maria*.

Madame Maney acha-nos injustos e pouco amaveis. Donde concluimos que a Madama quer ter o direito de, n'este paiz, fazer quantas reflexões desagradaveis lhe venham á cabeça, sem que a nós, portuguezes, nos assista tambem o direito de fazer os reparos que merecem o seu humorismo e a sua ironia de estrangeira desdenhosa pelos nossos usos e costumes.

Madame Maney quer ter o direito de, por toda a parte por onde anda, a convite de portuguezes, como ainda ha pouco quando foi convidada a ir á Beira Baixa—ter censuras e desdens para tudo e para todos. E não quer que lh'o notemos, que lhe digamos que isto por cá não é paiz conquistado, á mercê dos maus humores de qualquer dama *bas bleu*, por mais illustre que a dama seja.

Pois tenha paciencia, Madame Maney. Temos em muita consideração todos os estrangeiros que nos visitam. Mas o que lhes pedimos é que em troca das amabilidades com que os distinguimos—tambem sejam, não diremos amaveis, mas correctos para comnosco, em seus escriptos e dizeres.

Madame Maney tem a preoccupação de ver ridiculo e ver comico por toda a parte por onde passa.

Observámol-a detidamente na sua viagem até á Covilhã. Notámos cuidadosamente as suas reflexões e os seus maus humores. . E, francamente, Madame, achámos que abusava um pouco da nossa bonhomia.

Aqui lh'o dizemos, francamente, serenamente, como a um camarada d'imprensa que é, para que não diga que nós somos ridiculos—e ainda por cima tolos.

Isso é que não...

QUIDAM.

A' ultima hora —Acaba de chegar, pela calada da noite, ao ministerio dos estrangeiros, o homem mysterioso da carta de prégo, para Madrid. O sr. Canovas del Castillo pronunciou-se pela antiga empreza. Não haverá ainda d'esta vez intervenção hespanhola —nem mesmo no elenco de S. Carlos. O sr. Fuschini é restituido á Liberdade e á Liga. Teremos luz electrica e *Trovador*, ainda este mez. Obrigado meu Deus! Como Tu és grande nas alturas!...

Q.

A CONQUISTA DE LISBOA

OU

O Caminho do Caminha

(Continuação)

Como Custodio se demorasse a entregar a somma exigida foi violentamente arrastado pelo homem da pera e brutalmente conduzido a um cubiculo humido e sujo como um saguão da Baixa, onde alguns sucios aduaneiros parlamentavam em torno d'uma meza com saia de baeta, cachimbando e limpando os ouvidos com unhas longas de guitarrista, e sentados em cadeiras cuja palhinha havia sido por elles digirida em dia de penuria.

Custodio cortejou-submisso: o da pera relatou o caso. Ouvido o libello e, depois de previamente terem cerrado os olhos em signal de recolhimento, ergueram-se os magnates de suas cadeiras sem fundilhos e, pela bocca do que mais galões ostentava, foi repetida a Custodio a amarga sentença:

—Ou os direitos ou o queijo.

—Levanto a minha debil voz, disse Custodio com uma voz de trovão; e n'um improviso a começo carinhoso e supplicante, em seguida energico e ousado, finalmente ameaçador e prophetico, deitou-se a defender a sua causa, explicando a impossibilidade de apresentar o queijo, o desgosto de pagar os direitos, a extranheza que lhe causava recepção tão brusca feita a homem como elle tão digno de homenagens, e a vingança inexoravel e crúa que a sua indignação lançaria em breve sobre todo o pessoal alfandegario e á qual nem mesmo escaparia Vidal, o mavioso troveiro.

Grande foi o tumulto, tempestuosa a vozeria, desvairada a gesticulação que os anathemas de Caminha Junior produziram.

Subito, porem, todos emmudeceram á vista d'um moreno Apollo com bigodes pretos: o conselheiro Peito de Carvalho que entrava.

Todos se curvaram, humilhados, em arco de pipa, e em prova de respeito deixaram pender as guias insolentes de seus cabelludos ornamentos labiaes.

Custodio, chapeo na sinistra, a dextra estendida em saudação, cumprimentou, affavel, e havendo respondido ao questionario do requeimado Senhor das Alfandegas, foi por este, generosamente mandado em tranquillidade.

Caminha poz-se a caminho, veloz como um ladrão, alegre como um arraial, seguido pelas imprecações dos seus uniformisados martyrisadores que á porta traçavam furibundos gestos de ameaça.

O largo de Santa Apolonia escaldava ao sol das onze horas, um sol asphyxiante e ruivo de deserto. Sombras de gaivotas passavam, azues, pelo chão doirado; vendilhões apregoavam com fatigados arrastamentos de voz. E esquecido de tudo, mercê do funesto queijo, pensava, desorientado, no que tinha a fazer.

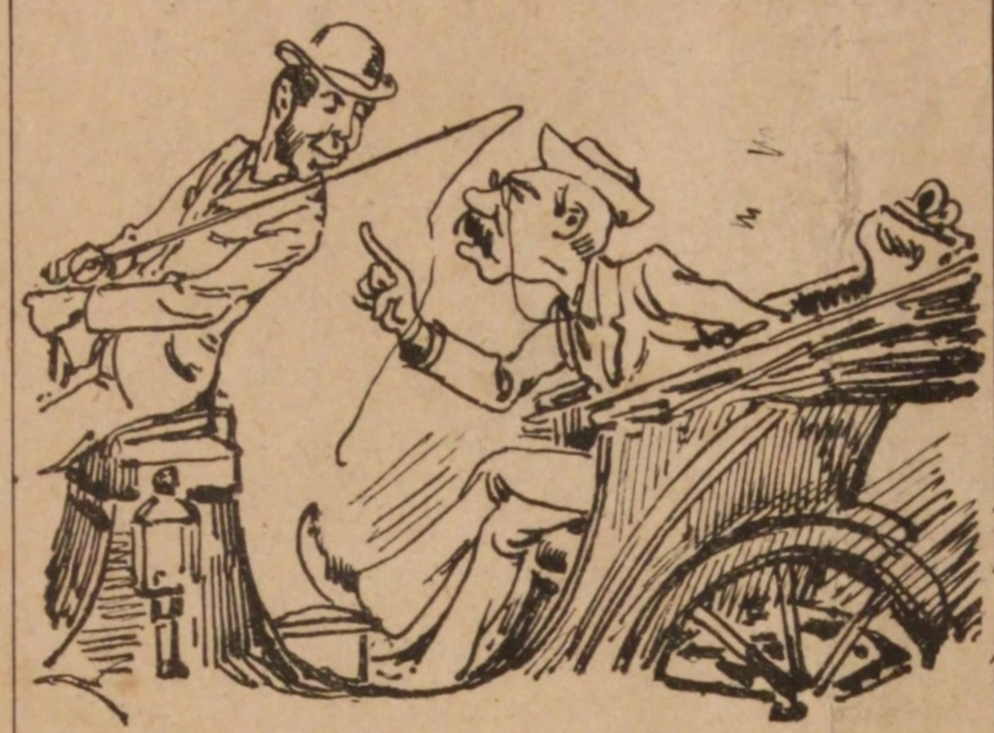
Inauguração do Club Mont'Estoril

Uma festa deliciosa a que no sabbado se realisou no Estoril, a mais agradavel, a mais interessante das nossas estações d'estio. As sveltas construcções todas laivadas de côres, todas enfeitadas de balões venezianos, pareciam ao longe, na atmosphera enluarada dos reverberos, vestidas de tecidos preciosos e orvalhadas de pedrarias, a arder. O baile, onde se respirava com prazer, d'uma galanteria, d'uma finura sem par, e sem par a requintada gentileza do promotor da festa, o sr. Carlos Moser, e de quantos o secundaram. O chalet onde o club se acha installado é, como os srs. poderão constatar pelo desenho acima traçado, do mais lindo effeito. A decoração interior sobria, mas sympathica. Como *senão*: a sala de jogo um tanto pequena, o que nos leva a crer que lá dentro os dados só darão *pequenos*. Aviso aos pontos.

Portugal civilisa-se, louvores a Deus. O salsifré vae definhando e começam todos a comprehender que o *bom gosto* é a mais linda flor para a botoeira do espirito.

Uma tipoia passou. *Eureka!*

E acomodadas as malas na concha, e dada ao cocheiro a indicação: *Irmãos Unidos*, lá foi arrastado Ribeira Velha adeante, aos solavancos, vestindo com olhares curiosos os predios marginaes e as moças que seguiam pelos passeios.



Lisboa era bem o que elle imaginara: ruas largas edificios espectaculosos, formigueiros de gente, vitrines enfeitadas como capellas, cavalheiros da moda, com penantes lustrosos, rutilancias de velludos e sedas velando carnes estonteadoras: uma rica Babyloniasinha da Costa, em summa... E Caminha sentia-se vexado da sua poeirenta *toilette* de viagem: dir-se-ia que todo elle estava coberto de bulor.

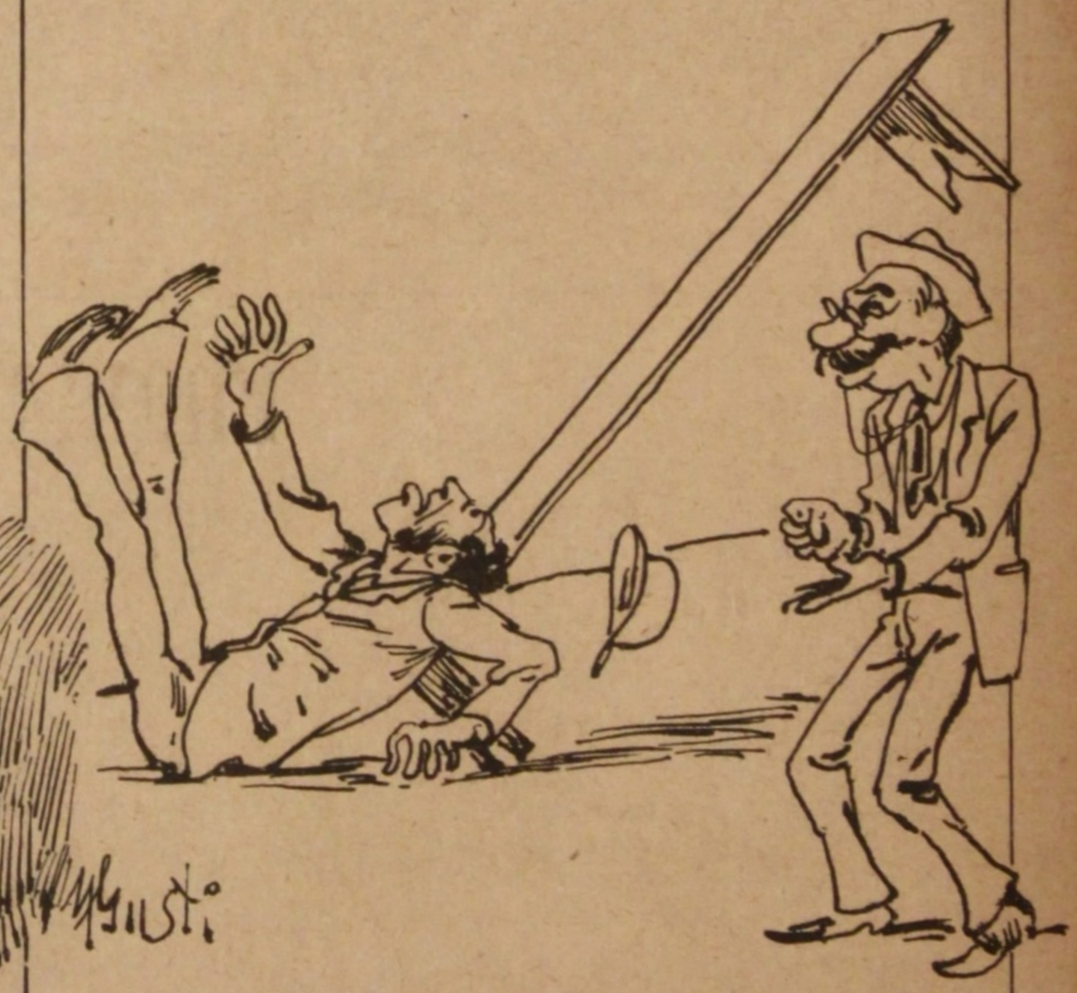
O trem parou: Caminha desceu.

E com munificencia deixou cahir um peça de cinco tostões na palma da mão do corypheu que, á vista da insignificancia da moeda, teve um riso de desprezo e o mediu com um olhar trocista, todo desdens.

—E' a tabella, vociferou Custodio, não dou nem mais cinco réis. E n'um crescendo de maldições e pragas deitou-se a discutir com o cocheiro cujo chicote lhe teria sahido pelos fundilhos se a isso se não oppozessem a larga porção de queijo ingerido e o corpo policial que logo accudiu, solicito.

Presos, Custodio e o cocheiro, foram conduzidos ao Governo Civil: um policia guiava o trem e segurava o cocheiro, outro sentou-se dentro á direita de Caminha. O calaboiço era escuro e acanhado: como mobilia, um longo banco de pinho, serapintado com coloridos documentos de copiosas carraspanas: e costas, cada um se sentou em sua extremidade.

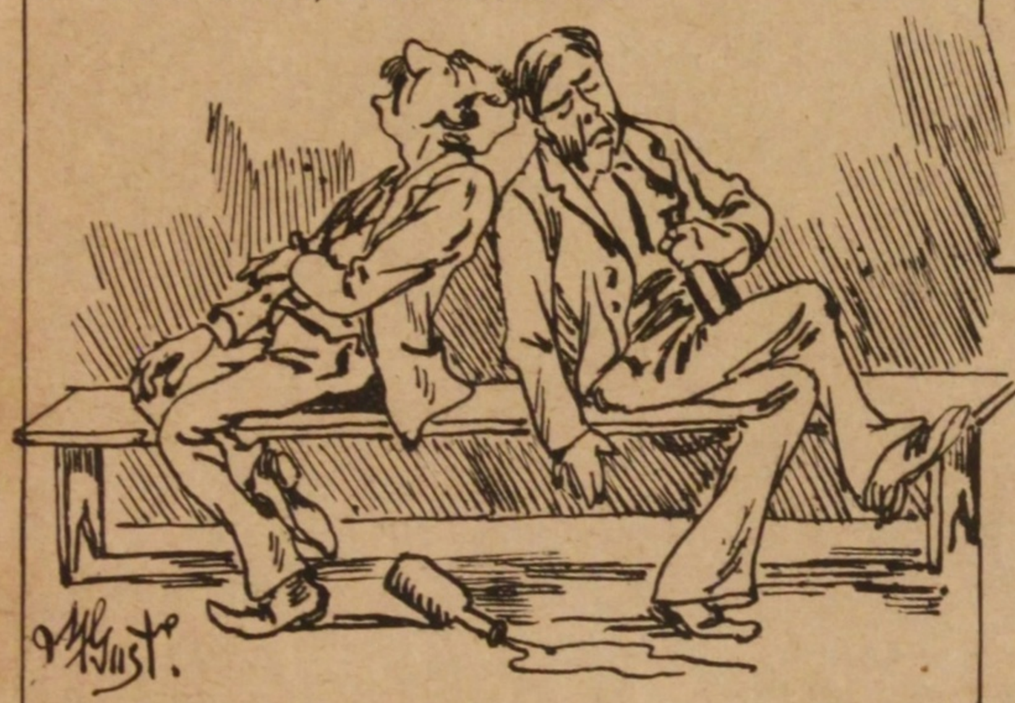
Sobre o espirito de Custodio pesou uma nuvem espessa de melancholia e desanimo. Sentia-se infeliz desgostoso do presente, receioso do futuro, que tão alegre lhe apparecera, mas que agora se lhe apresentava sob tão desolantes auspicios. Toda a cidade encantada dos seus sonhos se tornava n'um velho burgo em ruina. E tudo isto por causa de quem?—vergonha das vergonhas!— por causa d'um cocheiro!



Uma prestigiosa ideia de vingança illuminou-lhe o cerebro: ergueu se, rapidamente, do banco, este foi para o ar, o cocheiro foi para o chão.

Perante a attitude feroz da victima Caminha pediu desculpa, com humildade, explicou que fôra falta de lembrança, propoz uma reconciliação, e para festejo d'essa reconciliação mandou vir duas garrafas. Novamente sentados no banco—ao meio por causa das moscas—Caminha começou a contar a sua vida virgulando a narração com goles de Termo. Altamente interessado com o que ouvia, o cocheiro adormeceu, a garrafa nos braços, como uma creança. Custodio, melindrado, suspendeu seus dizeres e, não tendo já logar nos punhos, deitou-se a escrever no peitilho, lento do suor.

Quando ás tres da tarde vieram chamal'os dormiam os dois, ecclesiasticamente.



Espera-os o sr. commissario.

O interrogatorio foi curto. Depois d'uma falla assaz grave, perguntou-lhes o sr. Pedroso Lima:

—Vocês tencionam tornar a bater-se?

E os dois em côro:

—Não sr.

Então o sr. commissario pronunciou esta phrase ponderativa e solemne:

—Pois então vão-se embora, rapazes, e tenham juizo.

Eu.

(Continúa

Importantissimo para a hygiene publica

O *verdadeiro sabonete dos Principes do Congo*, traz o *nome* de Victor Vaissier, de Paris, seu inventor. O publico deve desconfiar, porque se vendem varias *imitações e contrafacções* d'este celebre sabão de toucador, que é o *melhor* e o mais *perfumado* que se conhece.

Phantasiae...

No *Nada* enorme, profundo,
Escuro, gelado e triste,
Phantasiae que ha um mundo
—Que é bem de ver, não existe;

N'esse mundo—em phantasia—
Que é todo de agua coberto,
Imaginae que existia
De areia um vasto deserto;

No deserto, todo areia,
Que em vossa ideia puzestes,
Ponde mais na vossa ideia
Que se erguem rochas agrestes;

E n'essa supposta serra,
Toda em granitos brutaes,
Supponde ainda que ha terra,
Propria a criar vegetaes;

D'essa terra, imaginada
P'la mente patarateira,
Julgae que brota, enfesada,
Uma velha amendoeira;

Na amendoeira em questão,
Que não tem seiva nem galhos,
Vêde uma flor em botão,
Que o vento fez em frangalhos;

A flor, que nunca existiu,
Imaginae que estaes vendo-a,
E que essa flor produziu,
Depois de morta, uma amendoa;

N'essa amendoa dando á bruta
Co'o duro cabo do arrôcho,
Supponde partir a fructa
E achar-lhe o miolo—chôcho;

E, co'o miolo tão secco,
Presumi o plano tolo
De ir, no lagar do Pacheco,
Pisar o dito miolo:

D'esse oleo, que se produz
De tanta coisa inventada,
Ide accender uma luz
—Co'um *abat-jour* resguardada...

.....

A luz d'essa lamparina,
Lampa, candeia ou lanterna,
—Eis o pharol que illumina
A gente que nos governa!...

PAN-TARANTULA.

FOLHAS DO MEU CADERNINHO

(DESENHO INGENUO)

No Club Mont'Estoril.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40.
Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

HOMENS DA SEMANA

DR. BERNARDINO MACHADO

Com a inegualavel gentileza de maneiras que todos lhe conhecemos tomou o Dr. Bernardino Machado a tesoura da economia e ahi o vereis cortando *cadeiras*, degollando professores, arrancando lagrymas, derramando sangue.

Herodes dos *innocentes* professores provisorios, mas um amavel Herodes a quem nem mesmo os suppliciados poderão querer mal, tão delicadamente lhes foi infligido o supplicio.

Variações

Andam afflictos varios e mui complicados moralistas com a ideia de que os jogadores vão dentro em breve jogar ás claras, e que as casas de jogo passarão a pagar decima em relação ao movimento dos seus negocios.

Francamente que não comprehendemos a afflicção e a furia d'esses senhores, desde o momento em que a loteria da Santa Casa é um jogo de muito mais azar que uma roleta, e que a ninguem é prohibido, homem ou mulher, de menor ou maior idade, infantes e infanções, donzeis e donzellas, arruinar-se semanalmente em cautellas do Fonseca, ou do Campeão, ou do Silva.

Francamente que não comprehendemos a razão moral de semelhante furia, desde o momento que a lei consente que um desalmado pregoeiro se colloque diante das minhas janellas, dia e noite, a provocar-me ao vicio com o 3:527,—olha o 3:527! quem quer o 3:527! quem quer nove contos! é o 3:527! Aqui está o 3:527!...

E a lei que me não dá auctoridade para mandar retirar esse importuno, que me está provocando, a mim e a todos os meus, a arriscar as minhas economias no 3:527—porque é que me ha de prohibir com o risco das mais severas penas, e com a reputação infamante de *batoteiro*, que eu colloque esse mesmo dinheiro que é o suor do meu rosto, sobre um numero d'uma roleta, onde ha menos risco de perder que n'uma loteria da Santa Casa?...

O' moralistas da occidental praia lusitana! tratae de me explicar essas subtilezas da vossa moral, ainda mais complicada que um logogripho do *Almanach de Lembranças!*

O' moralistas de marmore e de granito! dizei-me porque razão a minha honra não fica manchada quando perco dez tostões n'um quinto do 3:527—e porque passo a ser um homem perdido para a moral, para a familia e para a sociedade, porque recebi trinta e seis vezes o dinheiro que colloquei sobre o numero d'uma roleta?

O' moralistas! illuminae o meu espirito e a minha razão!...

*
* *

N'esta questão dos jogos de azar, o que me surprehendeu deveras ao ler o *Diario do Governo*, foi a noticia que essa folha me deu ha dias de que os jogos ainda são prohibidos em Portugal.

Mas eu pensava que ha muito os jogos estavam legalmente admittidos e estabelecidos no meu paiz, pois desde que me entendo que vejo as casas de jogo funccionando livremente, e sendo até frequentadas pelas mais conspicuas auctoridades.

Só quem nunca na sua vida foi a Cascaes, á Nazareth, á Figueira, a Espinho ou á Foz, é que não vio a naturalidade com que os frequentadores d'essas praias passam os dias e as noites fazendo *cêrco* á dama de oiros, e com que se fazem, ora modestas ora opulentas *vaccas*, para fazer um *salto* ao valete de copas.

Na propria de marmore e de granito, não fallando nas *batotas* das ruas equivocas da Baixa e do Bairro Alto—os *clubs* nunca se privaram de ter salas com jogo d'azar, onde ao *baccarat*, ao *monte* e á banca franceza de arriscam sommas sufficientemente avultadas para um paiz onde toda agente diz que não ha dinheiro, mas onde o dinheiro sempre apparece em abundancia de cada vez que se trata de vicio, de luxo e de vaidade.

Como é então que o *Diario do Governo* nos vem agora dizer que se vae estabelecer, isto é, tolerar, permittir, legalisar e collectar o jogo—quando o jogo sempre existio e sempre hade existir, queiram ou não queiram os moralistas?...

Porque é um vicio, e o Estado não deve collectar e fiscalisar o vicio, deve antes extinguil-o, ou então fingir que ignora a sua existencia?...

Alto lá, srs. moralistas! Então que o Estado ignore tambem que eu fumo, e me deixe cultivar e manipular tabaco e salva-brava ás escondidas, para satisfazer as necessidades do meu infame temperamento...

Então que o Estado ignore tambem que eu bebo, e não venha collectar o Champagne ou o absyntho com que me apraz regalar os meus apetites viciosos.

Então que o Estado ignore tombem a existencia das sacerdotizas de Venus, acabando com a prostituição legal, com inscripção no governo civil e reconhecendo *ipso facto* que o Amor é genero que se offerece e se vende, como o Arroz ou a Manteiga

Ora um Estado reconhecer, legalisar, fiscalisar e collectar varios vicios, exceptuando o jogo, que é o mais rendoso—para quem ganha!—é o que se nos affigura assaz platonico.

Tanto mais que eu tendo alguns dos vicios que não ficam mal a ninguem—excepto o do jogo—não posso comformar-me com a ideia de que esteja eu, cidadão portuguez, á mercê do fisco, emquanto os srs. jogadores realisam as suas bellas operações sem deixarem um real nas arcas do thesouro.

E' contra esta desigualdade que eu peço licença para protestar!

*
* *

Se eu fora encarregado pelo governo para descobrir novas fontes de receita para o thesouro exhausto eu lembraria a conveniencia de pedir auctorisação ao parlamento para collectar a tão florescente industria da *má-lingua*.

Não se calcula os resultados financeiros que resultariam d'uma semelhante medida; e estou certo que em menos de um anno ter-se-ia extinguido n'este paiz esse medonho mal que se chama o *deficit*.

Eu começaria por localisar a *má-lingua*, e de a dividir por secções.

A Caza Haveneza seria o centro da *má-lingua* politica, para o que mais ninguem poderia dizer mal dos nossos homens publicos.

O Martinho seria o centro da *má-lingua* litteraria.

A *Avenida* seria o centro da má-lingua mundana.

Um cidadão chegava á *Casa Haveneza* e queria dizer mal do sr. José Luciano de Castro. Fazia, como em Paris nas estações telephonicas, e comprava por um tostão um bilhete que lhe dava o direito de, durante meia hora, derramar toda a sua bilis sobre o nome do sr. José Luciano, ou do sr. Lopo Vaz, ou do sr. Mariano de Carvalho, ou do sr. Fuschini, ou do sr. Manuel d'Arriaga,

No *Martinho* entrava um litterato furioso contra o sr. Pinheiro Chagas, ou o sr. Ramalho Ortigão, ou contra os versos do sr. Eugenio de Castro. E comprava o seu bilhete para uma descompostura de meia hora, ou de duas horas, conforme o grau da sua furia e as posses da sua algibeira.

Na *Avenida* as senhoras chamavam os pobresinhos do Asylo, e diziam-lhe:

—Preciso dizer mal das *toilettes*, ou das joias, ou da formosura d'aquella senhora que ali vae n'aquelle carro. Dê cá um bilhete de má-lingua para tres horas... e sem descanço!

Estou certo que esta collecta d'um novo genero —sem allusão ao caso das Trinas—daria tanto dinheiro ao Estado, que não seriam precisos monopolios para salvar as finanças e o contribuinte veria com alegria nas paginas do *Diario* um decreto diminuindo as contribuições que hoje existem.

Seria o iniciar d'uma nova epocha de prosperidades.

Porque ou a má-lingua cessava—ou a má-lingua seria um manancial de riquezas!...

QUIDAM.

Explora-se a minha reputação

Previno a minha elegante e numerosa clientella que se lhe vendem *imitações* e *contrafacções* do meu famoso sabonete de toucador. O **verdadeiro** *sabão dos principes* do Congo, que só eu fabrico e que é tão estimado pela suavidade do seu perfume e pela finura da sua massa, leva o *meu nome* **Victor Vaissier, Paris.**

Veja-se na secção dos annuncios os Grandes Armazens do Printemps de Paris.

UM FUMISTA AMAVEL

A REFORMA

(Copia do quadro de Jean Beraud, *Rien ne*

Futuro aspecto d'um

MUNICIPAL

plus !..., com ligeirissimas alterações).

sessão camararia

A CONQUISTA DE LISBOA

OU

O Caminho do Caminha

(Continuação)

Apenas solto, dirigiu-se Caminha para os *Irmãos Unidos*. Tarde de torqueza e oiro.

Descida a vidraça da sua alcova, um pequeno aposento forrado de papel azul e branco côres, muito calculadamente escolhidas pela firma fraternal em attenção ao monarcha de bronze da columna visinha, começou Caminha a alindar-se com moroso escrupulo, todo sorrisos para o espelho embaciado e turvo, onde se liam, escriptos a ponto de diamante, dois nomes : — Sebastião, Henriqueta Caminha, em meias, arregaçadas as mangas da camisa, sentou-se á beira do leito e pregando os olhos na diamantina inscripção deitou-se a reconstruir toda a scena d'amor, fogosa e doida, que aquelles dois nomes attestavam, tocante poema virgulado de beijos, cujo som resoava ainda n'aquella atmosphera impregnada de cheiros mornos de cosinha. Despertada a sua sensibilidade amorosa pela legenda do crystal, logo Caminha sentiu lascivos fremitos cocegando-lhe as fontes; suas palpebras cerraram-se-lhe carregadas de sensualismo; sobre a sua bocca desceu um enxame de imaginarios beijos; imaginarios braços o enleiaram, irresistiveis.

—Vim para conquistar Lisboa ; mas para chegar ao todo é mister ir por partes... E de si para si resolveu começar pelo amor.

Meia hora depois sahia elle, formoso como Apollo, de preto, como convinha á gravidade de sua pessoa e propositos. Todo elle era curvas: os seus sapatos em gondola, as abas da sua sobrecasaca semelhantes a grandes petalas d'uma alcachofra negra, a espinha em ?, o gesto em espiral, as linhas do penante como duas semi-circumferencias de relações cortadas, o nariz mettido entre os parenthesis retintos do bigode e o andar rythmado e ondulado, com requebros de corybante de vaso grego. Assim, todo curvas e maneirinhas, entrou na Avenida da Liberdade.

Donzella que passasse era immediatamente vestida por Caminha com um longo veo de calorosos desejos. Embalde, porém, Custodio semeava olhares perdulariamente, olhares acerados como frechas, mas frechas que iam partir-se no marmore duro do feminino desdem. Todas ellas tinham o ar frigido e soberano, nenhuma comprehendeu o que de arrebatante havia em Custodio, que descorçoado e triste com o seu inesperado insuccesso, se acercou d'um policia, com a sua natural expansibilidade, perguntando :

—O cavalheiro sabe-me dizer o motivo porque estas senhoras me não dão sorte?

O agente olhou-o das sollas ao penante, e com um riso de Jupiter :

—Com esse *quibumbo* e com essas canôas quer você fazer farinha! Isto aqui é gado fino... E retirou-se, ironico, deixando Custodio a meditar na futilidade do mundo, d'este mundo impostor, onde do cortorno d'uns sapatos, pode depender a felicidade d'um christão.

—Já vejo que a linha curva não pega. Amanhã me endireitarei.

E voltou para o Rocio. Cahia a tarde.

N'um ceo falso d'oleographia, sarapintado de violeta e rosa, recortava-se a estatua do Dador; calçada fóra, os americanos silvavam como serpentes, e no baço adormecimento da tarde as vozes dos garotos dos jornaes dir-se-iam estranguladas supplicas de creaturas fugindo das cobras n'um descampado.

Refrescava...

N'essa noite Caminha apenas conquistou isto:

No dia seguinte pela manhã foi o famoso bacharel ao barbeiro que o poz assim:

E do barbeiro á cata de Pires, seu antigo condiscipulo, que não tendo conseguido ordenar-se e não tendo querido abdicar da sua vocação religiosa passára dos bancos do seminario para um balcão de paramenteiro na rua Augusta. Trocadas as primeiras expansões, Custodio expoz ao que vinha:

—Ver-te, em primeiro logar, [illegible] entendido. Alem disso queria pedir-te um favor, umas informaçõesinhas. E explicou que desejava que Pires lhe indicasse o melhor alfayate, o melhor camizeiro e o melhor chapelleiro de Lisboa.

Colhidas as informações, deitaram-se os dois a fallar do passado, o passado esse figo passado pelo desgosto e devorado pelo tempo. Custodio suspirava, saudoso; Pires limpou uma lagryma com o brocado de uma dalmatica em obra.

—O passado é um figo passado, repetiu Caminha

E despediram-se.

Eram 3 horas no Carmo quando Custodio appareceu na rua do Oiro, podre de chic, rectilineamente apparelhado para a conquista.

A sua apparição foi, depois da de Adamastor, a que mais violenta impressão tem feito em espiritos lusitanos, com a differença, porém, que a apparição de Adamastor causou horror e susto, ao passo que a de Caminha produziu deslumbramento e enthusiasmo. Todas as mulheres o miravam e remiravam, fascinadas e tremulas de paixão, chamando-o, atirando-lhe flores; caixeiros e patrões vieram ás portas, olhos de pasmo, bocças de espanto: parou o commercio, pararam os americanos, parou o vento, o sol; e todos os relogios do Plantier, e sobre a vasta rua apinhada de gente desceu um pesado silencio, subitamente cortado pela voz d'uma mysteriosa mosca, perguntando:

—Que é isto?

Ao que Caminha respondeu com vez tonitroante e olympica:

—Sou eu que passo
Para o Terreiro do Paço

E toda a Lisboa femenina estava por Custodio conquistada

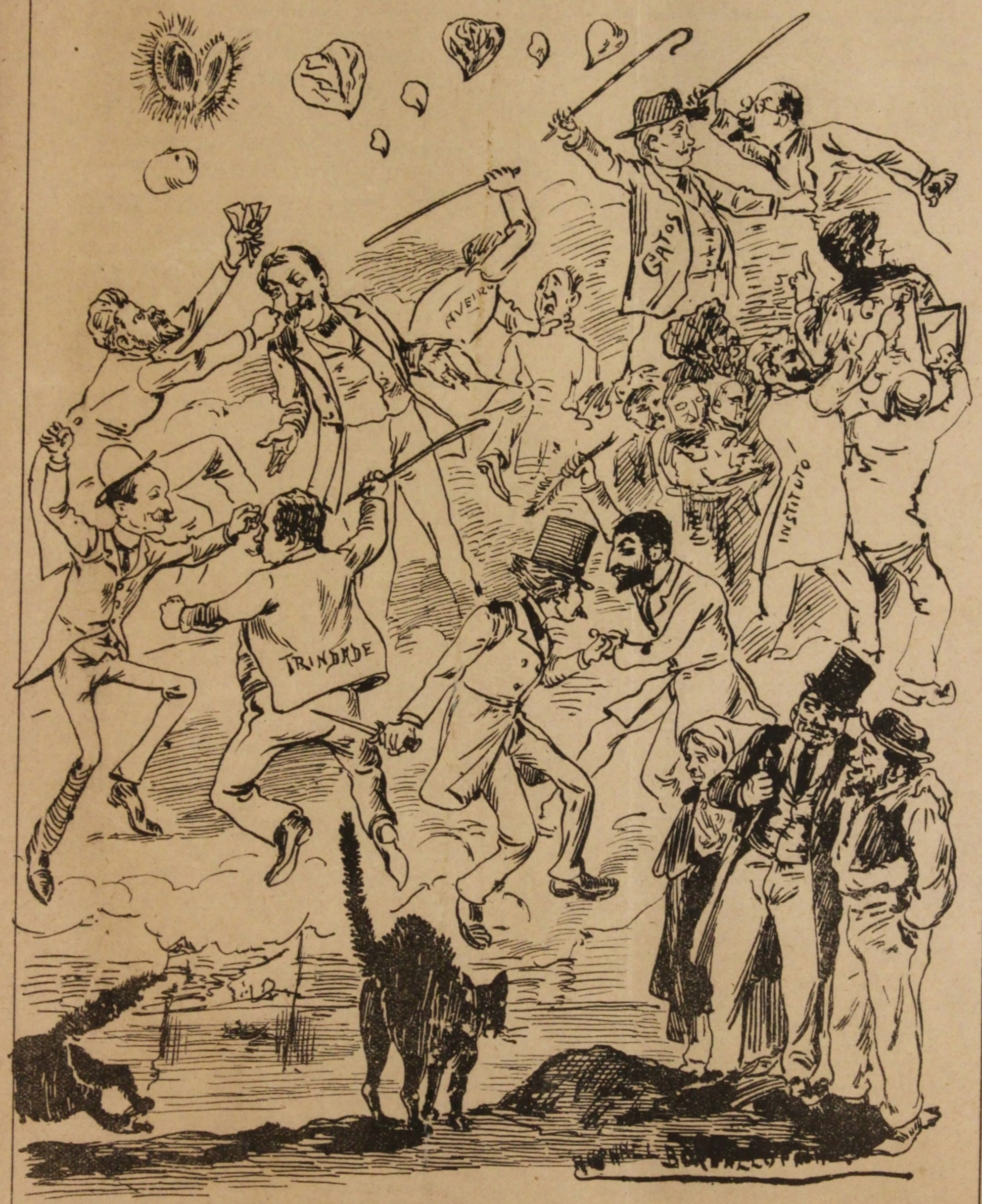
Eu.

(Continúa.

Appareceu ao publico da *Avenida*, cada vez mais alegre e prazenteiro, o *Jerico do sr. Alcaide*. D'esta vez trouxe-nos gente nova. Dias com muita graça e pilheria. A sr.ª Fantoni com uma bella voz, posto que ás vezes os tons nasaes estejam a pedir chá de flôr de borragem, muito bom para constipações. A menina Labarrére, que é o mais fresco rabanete que pisa os nossos palcos, dá nos um papelsinho de Fidelino que nós desconheciamos na peça, tão acostumados estavamos a ouvil-o em castelhano... O theatro está todo de branco e ouro, como convém ao templo e ao berço da operetta nacional O panno velho substituido por um panno novo, fresco, risonho, posto que a colcha pareça mais tratada a escova e pente do que a pincel. Mas tem a vantagem de ser original e verdadeiramente portuguez.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40.
Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

ANDA CASTANHA NO AR



Casa onde não ha pão todos ralham e ninguem tem razão.

Variações

Esta semana tem sido particularmente curiosa em conflictos. As papelarias de Lisboa devem ter realisado beneficios extraordinarios, attendendo ao prodigioso consumo de tinta que tem havido, ás ondas de tinta que tem corrido pelo papel e pelos jornaes.

Mesmo entre nós, em luctas d'imprensa não é sempre quem tem mais carradas de razão que parece vencer. E' quem tem mais palavriado, e por consequencia quem mais tinta consome. De sorte que, comparando as respostas do *Diario Popular* com os Rocios que o sr. Fuschini tem mettido nas ruas da Bitesga do *Seculo*, e attendendo á necessidade que ha de proteger o definhado commercio lisbonense, o publico não pode deixar de não dispensar a sua sympathia ao sr. Fuschini. E o mesmo publico dirá:

—«Aquillo é que é homem, que não está com meias medidas! De cada vez que responde ao *Diario Popular* o menos que consome é um almude de tinta d'escrever! Talvez não tenha razão... Mas anima o commercio!...»

*

* *

Outros contendores que teem animado devéras o commercio e a industria da tinta d'escrever, são os srs. professores do Instituto Industrial de Lisboa, em lucta encarniçada com os defensores da nova reforma. Tem corrido mais tinta pelo *Correio da Noite* e pelos jornaes governamentaes, do que aguas correram na medonha inundação de Hespanha.

Tambem tem havido muitas victimas: principalmente professores adjuntos e addidos, que haviam sido nomeados para fazerem o serviço de certos effectivos, que nunca punham os pés no Instituto. De maneira que, cadaveres de adjuntos, enganchados em cadaveres de addidos, teem passado na corrente, á tona da tinta, verdadeiramente desfigurados, apresentando signáes visiveis d'uma lucta medonha e d'uma medonha agonia, para ver se podiam agarrar-se á taboa de salvação do *orçamento*.

E não podéram!... De sorte que, lá foram arrastados pela onda da tinta, por entre gritos de vingança dos seus defensores, dormir o somno eterno, na valla commum das *economias*.

*

* *

Outros caudaes de tinta correram, por causa d'uma phrase imprudente do sr. emprezario da Trindade, que disse a um auctor applaudido na *primeira* noite da sua *primeira* opereta:

—«Esta lebre está corrida; para o anno outra!»

O auctor, ingenuo acerca dos homens e da verdadeira significação das palavras com que elles se exprimem,—tomou esta phrase metaphorica do sr. emprezario, como se fôra a encommenda d'uma nova peça, para a futura epocha.

Em tudo isto o que ha, é falta de convivencia com os philosophos. Imaginem que o sr. Lorjó Tavares tinha lido e meditado o seu Talleyrand... O que succedia, lembrando-se do famoso aphorismo—que *a palavra foi dada ao homem para occultar o seu pensamento?*—O que succedia?...

O sr. Emprezario da Trindade dizia-lhe em seguida ao successo da *Moira de Silves*:

—«Esta lebre está corrida; para o anno outra!»

E o sr. Lorjó traduzia-a logo d'este modo, em signal de respeito por Talleyrand e pela moral de todos os emprezarios conhecidos e por conhecer:

—«D'esta me salvei eu! N'outra é que talvez me não metta!...»

E o sr. Lorjó, em vez de ir logo a correr para casa arrancar á sua imaginação uma nova opereta, para a futura epoca,—ia direitinho para casa, dormir á sombra dos loiros conquistados, e ficava á espera que o sr. Emprezario lhe viesse bater á porta, pedindo-lhe encarecidamente que o salvasse. E o sr. Lorjó tinha o duplo e ineffavel prazer de ser, não um sollicitador, mas um auctor applaudido e ainda por cima sollicitado.

O sr. Lorjó, com a phrase do sr. Mattoso, fez mais castellos no ar do que é permittido a um auctor dramatico—mesmo ingenuo Porque n'este mundo das redacções e dos bastidores em que nós todos andamos vivendo e luctando, devemos quasi sempre partir do principio que um cumprimento, por mais lisonjeiro que elle seja, occulta sempre um despeito do official do mesmo officio, ferido no seu orgulho, se tem fatalmente de reconhecer a outrem uma superioridade, seja qual fôr; e que uma encommenda de trabalho nunca se deve tomar a serio, sem estarem bem determinadas as condicções, os encargos impostos por quem faz a encommenda.

De resto, em todos os mundos é a mesma cousa. Só não a préga, n'um dado momento, quem a não pode pregar. Litterato, emprezario, homem do mundo, banqueiro, merceeiro, sapateiro, deputado (o officio nada faz ao caso) todos são victimas ou instrumentos da vaidade ou do interesse. Cada qual ferra a unha que tem.

E' por isso que a sabedoria das nações todos os dias aconselha:

—«Amigos, amigos, negocios á parte!...»

*

* *

Outra onda de tinta, esta fervendo em cachões de *gros mots* por parte d'um dos adversarios, foi a contenda entre o sr. Mariano Pina e o sr. Silva Pinto.

Porquê, tamanha contenda?... Ao que parece, das provas do processo—por um acto de ingratidão jornalistica e pessoal do sr. Silva Pinto, e que foi illucidado nas columnas do *Diario Popular*. O sr. Silva Pinto depois de ter convivido, vivido e trabalhado durante seis mezes ao lado do seu contendor, começou a aggredil-o em mais d'uma gazeta...

A resposta do sr. Silva Pinto ao artigo do sr. Mariano Pina devemos consideral-a como o derradeiro grito d'aquillo a que chamaremos em litteratura—a escola do *descomposturismo*.

O *descomposturismo* teve a sua epoca, chegou realmente a parecer que era alguma cousa, uma formula humana e algo duradoura de critica, de moral e de justiça, como o *veuillotismo* em França. Pois nenhuma das duas fez escola. *Words! words! words!*

*
* *

O ultimo grito do *descomposturismo* soltou-o o sr. Silva Pinto na resposta ao sr. Mariano Pina.

Os insultos hoje em dia deixam o publico indifferente. Imaginar um critico, pelo facto de ter educado o seu estylo nas verrinas de Veuillot, que pode fazer e desfazer reputações, dar cabo de sujeitos, desauctorisal-os e desmoralisal-os perante a opinião publica—é levar muito longe a imaginação, a phantasia e o poder da critica.

N'este mundo, a principal condição para que a sociedade abra a alguem as suas portas—é a boa educação. Isto ainda é uma fórma do superior egoismo—a quinta essencia do egoismo humano—porque a sociedade o que não quer é aturar massadores!

Ninguem é obrigado a ter talento, nem mesmo a ter uma moral em absoluto accordo com todas as prescripções e mandamentos da Santa Madre Igreja. Agora, a que todo o individuo é obrigado—ou elle seja Pina ou Pinto—é a ser correcto, limpo na sua pessoa, maneiras e palavras, e não andar aos encontrões ou aos dichotes áquelles que um dia, ingenuamente, correctamente, lhe estenderam a mão.

Em litteratura, o *descomposturismo* tinha estas desagradaveis qualidades. Hoje é uma critica morta, sem nenhuma força na opinião, nem na imprensa, porque a camada dos *rapazes novos*, não terá talento, mas é com certeza bem educada.

Ainda ha um ou outro caso isolado de *descomposturismo* na cidade. Mas é de crêr que a futura camara municipal—*pelouro da limpeza*—se dê ao trabalho de nos livrar d'estas excrecencias dos tempos em que os criticos tinham um odio mortal á camisa lavada, á casaca e ao banho; dos tempos em que havia duvidas ácerca da verdadeira applicação das escovas para dentes... E então punham-se nas salas, *para vista*, entre buzios e cáesinhos de jaspe...

QUIDAM.

A peça que ora está sendo tão briosamente desempenhada em D. Maria é um gemido de protesto contra a deshonesta depravação que vae carunchando os nossos palcos. Ouvimos que será representada nas Salesias, em vindo o Natal. Peça que se ouve com o espirito no bicco dos pés, sem arrepios de commoção, e tão socegadinha que nem quebra a tranquillidade conventual da solitaria *caixa*, onde os raros assistentes guardam o silencio d'uma machina Singer e dos ruivos cavalheiros que servem de titulo á comedia.

QUARTO ACTO

(Pagina offerecida ao distincto

La don
Qual p

DO RIGOLETTO

engenheiro lyrico, sr. Fuschini)

é mobile
na al vento.

BIBLIOGRAPHIA

Guia thermal das Caldas do Gerez. Assim se chama o novo livro do dr. Ricardo Jorge, o afamado clinico que com a sua intelligente iniciativa tem feito do Gerez uma das mais concorridas estações thermaes portuguezas. Além dos capitulos de caracter puramente scientifico tem este volume mais duas partes, uma historica outra descriptiva, todas salpicadas de interessantes informações e cortadas n'uma prosa de grande esmalte litterario.

*

As quarentenas perante a sciencia. N'uma pequena mas superiormente redigida plaqueta vem o nosso amigo D. J. Bernardino d'Almeida de mostrar os inconvenientes e as lacunas do *Regulamento de Sanidade Maritima* em vigor, e de signalar o caminho pelo qual deve d'ora avante ser conduzido o serviço quarentenario, actualmente tão prejudicial para os interesses do paiz e tão affastado dos dictames da moderna sciencia.

O Catholicismo da Côrte ao Sertão. O ultimo livro de Lino d'Assumpção comprehende quatro capitulos de historia religiosa, elaborados, n'este tempo de erudição barata e frivola, com o paciente vagar d'um benedictino. Livro curiosissimo, semeado de imprevistos detalhes e de transcripções absolutamente ineditas commentadas com agudo criterio, livro onde os Intellectuaes saborearão, com espiritual delicia, pittorescos recantos do antigo tempo.

A Lino, com o nosso applauso, o nosso agradecimento.

A CONQUISTA DE LISBOA

OU

O Caminho do Caminha

(Continuação)

Rua do Oiro abaixo, marchava Caminha seguido e ladeado de espessas ondas de gente alvoraçada e embebida no mais admirativo pasmo. As fumadas do seu charuto eram com delicia aspiradas pelos que no sequito iam mais perto d'elle; venerandas senhoras ciliciadas de paixão beijavam, sofregas, o crystal das montras onde a sua figura se espelhava, outras tocavam a flanella do seu casaco com a piedosa devoção dos peregrinos que vão em mysticas romagens, com os pés nús e os rostos macerados de jejuns, visitar a sagrada tunica de Nosso Senhor Jesus Christo Homens celebres olhavam-no, suspensos, atravez d'aros de tartaruga envidraçados.

Jayme Victor correu, presto, a escrever um artigo para o *Correio da Manhã*, intitulado *Ustodio Aminha.* O publicista Gouvêa Pinto, correu jovial e expansivo a apertar-lhe a mão.

—Bem o conheço, clamou Custodio tremente de commovida alegria; escusa de occultar-me o nome de seu pae, são parecidissimos, o sr. é filho do meu salvador, é filho do sr. conselheiro Peito de Carvalho.

Modesto, respondeu Gouvêa:

—Filho, não, parente... E arqueou o braço offerecendo-lh'o. Caminha acceitou com sorrisos, e de biscoito, continuaram.

—Então é parente do sr. Peito de Carvalho .. E como se chama?

—Gouvêa Pinto.

—E em que occupa os seus ocios?

—Sirvo as lettras.

—Deve ser rendoso, em Lisboa, esse emprego, vejo muitas taboletas por ahi. Olhe lá, o sr. é parente do sr. Lambertini Pinto?

—Sim sr. somos irmãos de letras... Olhe, elle alli vem.

E acercando-se, muito myope, a tomar apontamentos, o fraternal Lambertini, depois de apresentado, engrinaldou com um dos seus o braço disponivel de Caminha.

E entraram no Terreiro do Paço, seguidos pelo olhar envinagrado do folhetinista Mello Barreto que, a distancia, invejava Lambertini, o pallido, e Gouvêa, o moreno... mas formoso, como a Sulamite.

Foram direitos á estatua de D. José. Gouvêa foi d'uma copiosa erudição e d'uma eloquencia absolutamente demosthemica: contou os valorosos feitos do monarcha, citou com uma fidelidade joaquim-martinscarvalhense as datas salientes do seu reinado, o attentado dos Tavoras, a sua bravura no campo d'Ourique, e o seu amor pelas bellas artes cabalmente demonstrado pelo enthusiasmo com que mandou construir o convento da Batalha, a custodia de Belem e a estatua de D. Pedro 4.º.

Como a voz de Gouvêa começasse já a embaciar-se, enfranquecida pelo calor violento da sua oratoria tropical, Lambertini accudiu, caridoso, retomando o fio da descripção:

—Além é o Tejo, a estrada aquatica das conquistas portuguezas; o balão liquido que têm levado á Posteridade os mais illustres sacerdotes do patriotismo lusitano, de Vasco da Gama a Luciano Cordeiro; o altar...

Subito, uma vozeria estridente rebentou, dynamitica, sob as arcadas:

—Cahiu o ministerio ..

Caminha, Lambertini e Gouvêa corriam presurosos para o tumulto, quando um correio de ministro cortou a passagem do primeiro, entregando-lhe uma missiva do sr. José Luciano de Castro.

Caminha leu com crescentes fulgurações no olhar, chamou uma tipoia, despediu-se dos amigos e gritou ao corypheu:

—Rua dos Navegantes.

E partiu. Atraz, o correio de ministro metteu a galope.

(Continúa .

Eu.

Toda a gente gosta dos perfumes do Congo

Toda a gente faz hoje as suas abluções com o *sabonete dos Principes do* Congo, cujo perfume é tam suave, tam agradavel, e a fina massa tam preciosa para a belleza do rosto e a brancura da tez. Exijam sempre o *nome* de Victor Vaissier, de Paris, que é o inventor d'este delicioso e incomparavel sabonete.

«Veja-se nos annuncios Os Grandes Armazens do Printemps de Paris.»

O CHAPEU EXPRESSIVO

(Periodo epistolar)

Que tal? Hein?

E agora?

Chega-se-lhe um calor...

Mau!

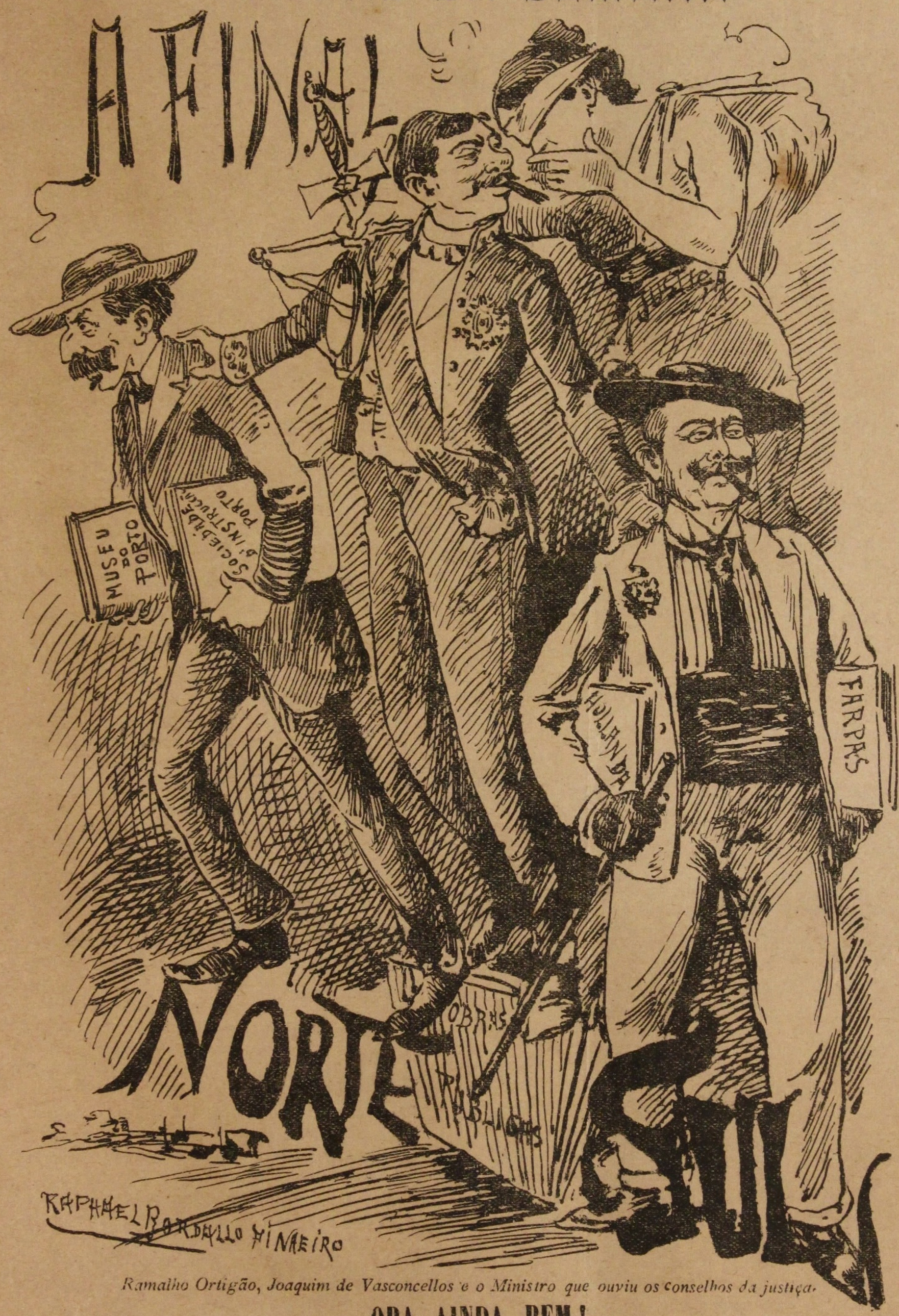
Oh diabo!

Ora p...ois.

Má raios o partam!

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40.
Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

HOMENS DA SEMANA



Ramalho Ortigão, Joaquim de Vasconcellos e o Ministro que ouviu os conselhos da justiça.

ORA AINDA BEM!

(Vide *Variações.*)

Nem sempre o *Diario do Governo* traz noticias que satisfaçam completamente ao paladar dos que, como nós, andamos mourejando na bem conhecida «Republica das lettras».

Mas esta semana sahio-se o raio do *Diario* com uma nota official que foi acolhida com verdadeira satisfação por todos quantos admiram, apreciam e respeitam, as elevadas qualidades do interessado.

O *Diario* annunciou—que o sr. Ramalho Ortigão havia sido escolhido pelo Ministro das Obras Publicas para o lugar de inspector das escolas industriaes da circumscripção do sul. E chegámos a não acreditar!...

Pois quê!... Dar-se-ha o caso que nas chamadas *regiões officiaes* tenha alguma cotação esse homem incorregivel, que tem passado toda a sua vida a produzir uma das mais bellas, das mais brilhantes e das mais coloridas prosas que a lingua portugueza possue n'este seculo?...

Será possivel que n'essas *regiões officiaes* onde só respiram os bandos ensobrecasacados a preto dos srs. conselheiros-directores-geraes, com os seus graves e lustrosos chapéos altos, as suas respeitosas luvas pretas e as suas religiosas e lusidias calvas,—o nome d'esse reincidente da boa critica e da pura litteratura, que o nome d'esse tal sr. Ramalho Ortigão, chegue a ter algum valor, ou algum pêso?... Será possivel?!...

Pois é possivel!... Oh deuses! foi possivel!... E um dia veio que em Portugal um Ministro se lembrou de que havia no paiz um critico d'arte, e d'arte industrial, chamado Ramalho Ortigão, superior como senso critico e valor litterario a Charles Yriarte, a Charles Blanc, a Champfleury—em França collaboradores do governo na organisação e fiscalisação do ensino e dos museus! E um dia veio, que um Ministro não hesitou em chamar esse homem, sempre tão afastado de todos os burocracismos e de todos os conselheirismos, para lhe confiar a inspecção do ensino industrial na parte sul do paiz. Céus! estarei sonhando?!...

Esse ministro—honra lhe seja!—é o sr. João Franco. E em nome do *Antonio Maria* aqui lhe deixamos consignada toda a nossa admiração e todo o nosso reconhecimento, pela escolha que fez d'aquelle que é nosso mestre e nosso antigo companheiro de redacção, que em numeros consecutivos do *Antonio Maria* espalhou a *verve* inexhaurivel das *Farpas*, fazendo do nosso semanario o repositorio semanal das suas observações e das suas criticas, a exemplo de Taine escrevendo sob o pseudonymo de Thomaz Graindorge na *Vie Parisienne*, e de Tackeray escrevendo no *Punch*.

*
* *

Eu não sei se com estas palavras offendo as portas das livrarias, das tabacarias e dos cafés da Baixa, attendendo a que não sou parte integrante de nenhuma d'essas portas, famosas na critica, e que se attribuiram o monopolio de todas as opinões falladas e impressas ácerca dos homens da nossa terra.

Eu não sei se essas portas illustres professam pelo sr. Ramalho Ortigão, o mesmo respeito que eu me orgulho de mais uma vez tornar publico—pois me asseveram que os da nova camada e varios *fallidos* da velha são sobremodo terriveis em suas apreciações e criticas, quando se permittem analysar a obra dos mestres.

E apesar do mal que de mim possa ámanhã dizer qualquer sublime porta de qualquer sublime tabacaria—eu não hesito em chamar a attenção de todos os *novos* que desejem tomar assento n'este mundo das lettras, para a individualidade de Ramalho Ortigão, —para a sua *obra*, assim como para a sua *vida*.

A sua obra nunca parou, vaidosa da sua reputação: a sua obra progride sempre. Cada nova pagina de Ramalho traz o sabor do escriptor que não passa um dia sem estudar e sem meditar, para não parar, ou para se não repetir. Quantos escriptores não ha, que teem escripto a mesma chronica cincoenta vezes?. . Quantos escriptores não ha, que vivem até á hora da morte á custa d'uma pagina que um dia escreveram com algum acerto?...

O mesmo desejo e a mesma necessidade de saber de todos os que começam, tem Ramalho conservado sempre, e isso prova-o a firmeza com que a sua prosa e a sua critica avançam, nunca envelhecendo ou enfraquecendo, antes possuindo mais agilidade e mais vigor do que ha dez annos.

*
* *

Parallelamente com o nobre e brilhante *escriptor* —marcha o *homem*.

E' tambem, e principalmente para o *homem*, que chamamos a attenção de vós todos:—*novos*, que vos deixaes seduzir pelas graças crueis da má-lingua lisboeta, que pensaes por momentos que o escriptor só se impõe ao respeito do publico, á força de maledicencia e de odiosas ironias; e vós tambem, *velhos* fallidos, sem talento e sem estudo, que andaes de ganforina hirsuta e olhos esbugalhados, por esses botequins, a envenenar o coração e o espirito dos *novos*, fazendo-lhes crêr que só os azedos, os impertinentes e os insolentes triumpham, á força da intriga, da calumnia, ou da verrina.

Ramalho Ortigão é um dos mais bellos exemplos de quanto, um homem de bem ás direitas, correcto e bem educado, não fica de todo mal dentro da pelle d'um critico. E' por isso que Ramalho sempre se impôz á admiração do publico, sempre se achou acima de todos quantos pretenderam arranhal-o ou feril-o.

E' por isso que hoje o seu nome, ao apparecer na prosa d'um decreto, traz ao espirito do leitor esta singular reflexão:

—«Mas porque é que ha mais tempo o não aproveitaram os governos?...»

Porquê?... Porque entre nós ha uma cousa terrivel—a maçonaria borocratica! E quando um homem apparece, escudando-se apenas no seu talento ou no seu estudo, sem nunca ter sido, nem *bacharel*, nem *amanuense*,—a maçonaria borocratica encarrega-se de o afastar, receosa de que esse homem possa trazer para a machina do Estado algum melhoramento, ou alguma idéa nova ..

*

* *

Outras *variações* esperava eu tocar. Foi se-me o tempo e foi-se-me o espaço, distrahido como estive a fallar-lhes de Ramalho Ortigão.

Mas parece-me que não é de mais, occupar uma chronica em honra do escriptor que por tanto tempo deleitou os leitores do *Antonio Maria*, em seguida á partida de Guilherme d'Azevedo para Paris.

Por estes tempos em que parece ser *chich* não admirar, nem respeitar ninguem, sentimos verdadeiro orgulho em nos declararmos admiradores e respeitadores d'um homem!

E' tudo quanto podemos fazer para sermos particularmente desagradaveis aos *novos* sardonicos e maldizentes, e aos *velhos* fallidos e impotentes, sem vislumbres de graça e sem a mais leve sombra d'uma idéa, ou d'um principio...

QUIDAM.

Theatro do Gymnasio

Hoje sexta-feira, no Gymnasio, a primeira representação, em beneficio de Telmo, da comedia *Loiras e trigueiras*, traduzida por Gervasio.

Palpita-nos que Telmo vae soffrer o *embarras du choix* pelo que o aconselhamos a que faça como nós, que entre as *loiras* e as *trigueiras* preferimos as *castanhas*.

A' ULTIMA HORA

Chega-nos, á ultima hora, uma epistola de gracil artista Cinira Polonio que fundamente nos commoveu. A *diva* diz-nos cousas amaveis (agradecido!) e confessa que, ao ver o nariz que ultimamente lhe attribuimos em desenho, chorou (oh magoa!) e que os seus nervos irrequietos (ai Jesus!) a levaram a interrogar um espelho ácerca da justiça do nosso lapis.

Vaidosos dos nossos bons sentimentos, não podendo ver lagrymas, sobretudo em tão lindos olhos, gostosamente reduzimos a linha nasal da sympathica reclamante.

Rogamos-lhe, porém, que ponha ponto nas suas reclamações, não porque as suas missivas nos não deem o mais intenso prazer, mas porque se aquellas continuarem, acabaremos por ter de a apresentar quasi como o desnarigado doutor, tão conhecido na advocacia lusitana.

THEATRO DE S. CARLOS

Domadoras de corações, gommosos e diplomatas: cingi-vos de rendas e tecidos arfantes, flagellae vossos peitilhos em escudo com botões de pedras raras, flori vossas botoeiras com honorificas rosetas:—abre hoje S. Carlos, começa a era galante e divertida do inverno.

São dos principaes artistas do theatro lyrico os retratos acima, entre os quaes reconhecidos serão pelo nossos leitores os de Renée Vidal, de Battistini e de Mancinelli a cujo talento os ouvidos alfacinhas deveram, n'outras epochas, horas da suprema e levantada delicia.

A CONQUISTA DE LISBOA

OU

O Caminho do Caminha

(Continuação)

Olhos correndo atraz da carruagem, ficaram os dois Pintos, Lambertini e Gouvêa, parados, meditando.

Em torno o burborinho crescia n'uma troante maré.

Lenços brancos limpavam testas humidas Na sua impassibilidade de monarcha el-rei D. José conservava-se absolutamente alheio ao barulho da arcada.

Quasi atropellados por um trem, despertaram os dois jornalistas de suas fundas cogitações e partiram, velozes, para as respectivas redacções, a compôr artigos sobre Custodio. que, por casualidade (*les grands esprits...*), sahiram absolutamente eguaes: «*Chegou a Lisboa o nosso amigo Custodio Caminha.*»

Entretanto, ao cabo d'uma carreira vertiginosa pelas ladeiras ingremes da Lapa, chegava Custodio ao Vaticano progressista Uma longa serpente de tipoias enchia a rua.

Transposto o portal, achou-se Caminha n'um atrio ajardinado, onde, detraz de verduras ornamentaes, se movia um magestoso vulto, que na penumbra parecia feminino.

—Eu estou a conhecer esta senhora, pensou Custodio, piscando os olhos para ver melhor.

E animando se:

V. Ex.ª não é a sr.ª D. Guiomar Torrezão?

—Não sr., sou o Prior da Lapa, respondeu uma voz volumosa e forte, troando como um morteiro n'um fogo d'artificio: o fogo d'artificio era o legendario annel que illuminou tudo com bizarras pyrotechnias de côr.

Cumprimentaram-se.

E acompanhado da fulgurante columna da Egreja, entrou Custodio, solemne e grave, n'uma vasta sala, severamente decorada com preciosas oleographias e outros muitos adornos, onde os mais poderosos magnates da seita parlamentavam, gesto em pitada.

Grupos segredantes enchiam os vãos das janellas; mensageiros chegavam de momento a momento, afogueados e exhaustos; o precioso annel refulgia com sobrenatural claridade; e ao topo, sob um docel, a fronte encostada á dextra, meditativo e de chinelos, como Budha, permanecia o Pontifice em cujos ouvidos, como em duas conchas de coral pallido, cascatava a eloquencia cathedralesca do doutor Pomposo, florida como um vitral de basilica, ou como uma pagina de missal gothico pacientemente illuminada em mysticas vigilias, entre nevoeiros d'incenso e doiradas palpitações de lampadas.

Acercou-se Caminha do Pontifice que lhe sorriu, com os bigodes e lhe deu a beijar as pontas dos dedos.

Mãos tremulas da cordialidade apertaram, com vigor, as de Caminha, que, guindado aos mais inacessiveis planaltos da ambição, pensava com desvanecimento na chuva de favores que a Fortuna derramaria, prestes, sobre sua cabeça: chapeo armado, jantarinhos no Paço, contincencias da tropa, viagemsinhas de borla, gran cruzes .. Ministro! Elle ministro! De contente que estava, os seus olhos davam cabriolas de alegria, e os seus olhares atravessavam os vidros da luneta, ás risadas, como clowns atravessando arcos de papel.

Foi o capitão Francisco Machado quem expoz a Caminha a gravidade da situação. O ministerio nephelibata ia a terra; alastrava se a crise, inquietavamse os animos: só um homem podia salvar tudo, com a sua energia d'aço:—o Pontifice. E o Pontifice estava disposto para a lucta, com todos os seus generaes a postos. O doutor Pomposo tinha já sacrificado a pêra, appendice capilar imcompativel com a qualidade de ministro das justiças. Faltava apenas... um elemento novo.—Custodio, e Custodio promettia cooperar...

Abriu se uma porta ao fundo e um farante communicou:

O ministerio fica!

Grande foi o tumulto e a confusão que essas palavras produziram. Em massa, correram todos a consolar o Pontifice, cujos labios se abriram murmurando:

—Oh! que grande espiga!

.....

Anoitecia quando Custodio deslisava, caminho de casa, pela Calçada da Estrella. Ia triste, triste como um fim de tarde no outomno. Um fragmento de interior confortavel, visto atravez d'uns cortinados de musselina, deu-lhe appetites de vida recatada e amena.

Defronte do suggestivo predio havia um *bric ábrac*. Olhou. N'uma parede, avultava um cabide feito d'um aereo ornamento bovino. Do cabide pendia esta inscripção:

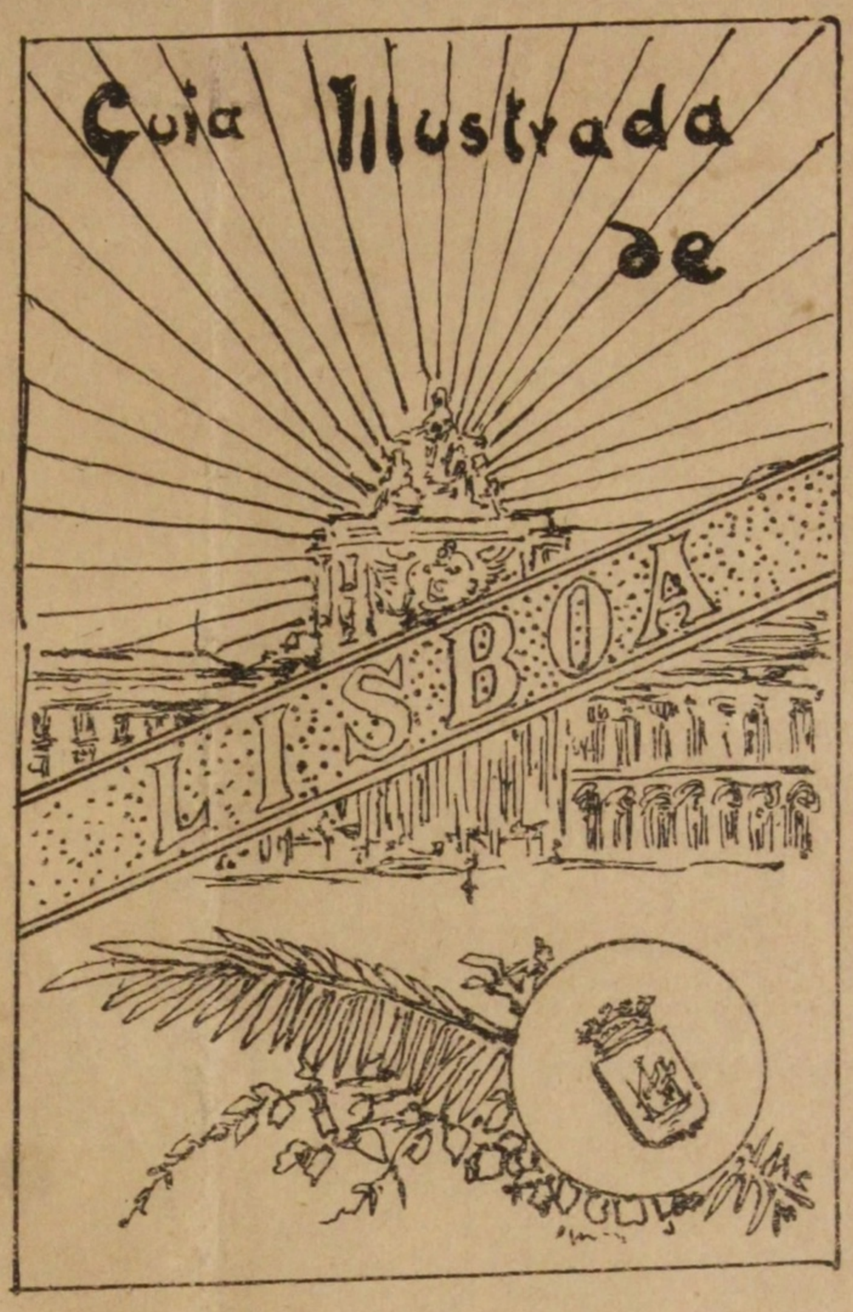
«Eu e tu somos dois».

Caminha leu e seguiu, pensando...

—Nada, decididamente, preciso de me casar.

(Continúa). EU.

«Veja-se nos annuncios Os Grandes Armazens do Printemps de Paris.»



Intelligentemente coordenada pelo sr. D. Thomaz de Vilhena, acaba de publicar-se uma *Guia de Lisboa* que, pela fidelidade e numero de informações e detalhes, e pelo agradavel aspecto da edição ornamentada de finas phototypias, póde, incontestavelmente, ser posta ao pé do melhor que, n'este genero, tem apparecido lá fóra.

SALVA-VIDAS

*

O sr. Narciso Borges, cognominado pelo dr. Custodio Caminha o *Patrão Joaquim Lopes das bebidas* acaba de publicar, com o titulo *Licor Salva Vidas* um saboroso poema engarrafado. Temos saboreado aos goles o fio d'oiro d'esta excellente obra, cuja leiura é tão singularmente miraculosa que até seria capaz, cremos, de curar de sezões depois de morto.

A quem não quer ser roubado

O sabonete dos Principes do Congo é o mais conhecido, o mais perfumado, o melhor e o mais hygienico de todos os sabões de toucador. Quando pedirem este maravilhoso producto exijam sempre o *nome* de Victor Vaissier, de Paris seu inventor. Desconfiem: alguem os **rouba** vendendo-lhes, por *verdadeiro Congo*, grosseiras e doentias *imitações* d'este perfeito cosmetico.

CONTOS PARA A INFANCIA

(Ao sr. Fuschini)

Simão de Nantua

Pierre qui roule n'amasse pas de mousse. Pedra movediça não cria musgo.

Moralidade

Por mais que caves, suarás e não chegarás... a ministro, porque *pierre qui roule*... Deligaste-te,—*morres vestido.*

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40.
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

A questão do gaz

OU A VICTORIA DOS LOGISTAS

(Final d'acto)

As Companhias!—Perdoae-nos, senhor, assim coms nós não perdoamos aos nossos devedores! Nunca mais nos metteremos n'outra.

O sr. Logista: — Pois tenha juizo, aliás chamamos pelo petroleo.

O sr. Petroline: *desapparecendo entre bastidores.* — Raios d'ingratos! Tão bons são uns, como os outros. Resta-me o seio das familias...

Variações

Comparaveis a estes dias de chuva, immensos e desolados, só ha as lamentações do sr. Fuschini nas columnas do *Seculo*.

Não se calcula a quantidade de prosa que tem cahido sobre o nosso collega da rua Formosa, como tambem é incalculavel a quantidade de agua que tem cahido sobre a capital.

Ambos os casos espontosos! Não se comprehende por mais que se pense, que se estude, que se observe, como tantos caudaes de tinta podem jorrar d'um assumpto municipal, e tantas trombas d'agua podem cahir d'essas nuvens com ar inoffensivo e distrahido, que passeiam pelo azul, e acima das quaes vive e habita constantemente, não o Padre-Eterno, que ácerca da sua existencia começam a haver suas duvidas — mas o nosso querido amigo Eugenio de Castro.

Não se comprehende, nem tanta chuva, nem tanta prosa. Nós imaginavamos que «altos mysterios» e «mysterios insondaveis» só os tinha á sua disposição a divina Providencia e a Natureza. Agora veem que tambem ha os «altos mysrerios» do Municipio de Lisboa, e os «mysterios insondaveis» do sr. Fuschini.

Seja pelo divino amor de Deus!

*
* *

De quinta feira para cá, temos tido o que estavamos para não ter, em vista do agio das libras e da differença de cambio.

De quinta feira para cá, temos tido *S. Carlos*, o que, diga-se de passagem, não é de todo desagradavel, nem de todo mau,—a não ser para as pessoas que teem por officio, ou dar palmas, ou dar pateada.

E' a unica coisa que me faz pena; quando entro na platéa de *S. Carlos*. é vér as pessoas que são obrigadas a dar palmas, para animar a sala e dar aos artistas e ao publico a illusão d'um exito brilhantissimo, ou então os que por temperamento ou tambem por «insondaveis mysterios» lyricos, dão pateada a todos e a tudo.

Esses escravos dos *insondaveis mysterios* é que geralmente me azedam o prazer das noites de *S. Carlos*, mesmo quando a companhia, como acontece este anno, não offerece extraordinarios encantos — excepção feita da sr.ª Renée Vidal, que na *Aida* desempenhou o seu papel por um modo verdadeiramente notavel.

E' que a sr.ª Renée Vidal é oriunda da escola franceza do canto. Sente-se no seu methodo de canto, e na *representação* do seu personagem, a influencia do Conservatorio de Paris e dos theatros de Paris d'onde saem artistas notabilissimos, como Fidés-Devriés e Caron, e como a Kraus, apesar de já retirada da Grande Opera.

Esta predilecção pela escola franceza de canto e de theatro não pensem os que me estão lendo, que constitue em mim um proposito gratuito de dizer mal dos *italianos*.

Porque ha *italianos* que eu muito admiro e muito applaudo—por exemplo Tamagno. Mas os *italianos* na arte de representar, assim como na pintura e na esculptura, paráram e por consequencia passaram de moda. Para avaliar bem a inferioridade e a decadencia artistica da Italia, basta lembrarmo-nos das ultimas exposições italianas, em Londres em 1888, em Paris em 1889. Triste exposição d'um povo que pensou que a arte não progride, e que a arte póde viver apenas na contemplação e na imitação do passado.

*
* *

Os cantores *italianos* teem contra si a falta de educação theatral. Eis o motivo porque cada vez enthusiasmam menos, porque cada vez são mais raros os seus triumphos.

Imaginam certos criticos que o publico é sempre o mesmo· Perfeito engano. O publico de hoje, de *S, Carlos*, tem fatalmente curiosidades e appetites artisticos differentes do publico de *S. Carlos* de ha vinte annos.

O publico de hoje tem visto artistas theatraes de grande valor como Fidés-Devriés, Van-Zandt, Sarah Bernardt, Coquelin, etc. Vendo estes artistas, o seu jogo de scena, a comprehensão do que é o canto moderno e a moderna arte de representar—o publico vae pouco a pouco formando um ideal artstico muito superior ou muito differente d'aquelle que havia ha vinte annos.

Ora os artistas italianos, preoccupados apenas com a *Voz*, e sem nenhuma comprehensão ou intuição da arte de representar e dos personagens que interpretam—limitam-se a imprimir o mesmo caracter e o mesmo colorido, isto é, a não dar nenhum caracter nem nenhum colorido aos differentes personagens que lhe são confiados De sorte, que, áparte os effeitos do guarda-roupa, nenhuma differença ha entre um *Fausto*, ou um *Guido Arezo*, ou um *Propheta*, entre uma *Margarida* ou um *Selika*.

*
* *

Isto assim á primeira vista parecerá exaggero da minha parte.

Mas deem-se os leitores que não estão de accordo comigo ao trabalho de examinar a execução d'uma opera, onde entrem simultaneamente artistas italianos e francezes. Por exemplo:—*Aida*.

Reparem, na *Aida*, na interpretação da sr.ª Zilli e na da sr.ª Réne Vidal. A primeira, é escola italiana pura. A segunda, escola franceza Emquanto a primeira tem os gestos, a expressão do canto, a musica, o movimento scenico da convenção italiana,—a segundá tem o estudo do personagem, o seu caracter, o seu temperamento a intenção das suas palavras, a

tal ponto, que em todo o 1.º quadro do 4.º acto da *Aida* a sr.ª René Vidal dá-nos a deliciosa sensação de que estamos em Paris assistindo a alguma recita da opera. com a Caron ou a Kraus, ou a alguma representação classica do *Français* do *Rei Oedipo* de Sophocles, ou então em Londres, nas representações classicas do *Lyceum*.

E ahi está explicado todo o exito d'essa cantora que o publico *ouve e vê* verdadeiramente encantado — porque são os encantos *naturaes* da cantora, alliados ao conhecimento profundo do que é o theatro.

* * *

Cá por Lisboa ha a famosa mania de se fallar com soberano desdem da Grande Opera de Paris.—como se por acaso houvesse algum theatro d'Opera em toda a Europa onde as maravilhas da arte theatral se achassem reunidas ao mais delicado bom gosto, e á mais complicada phantasia.

O que eu queria, é que os apaixonados da escola italiana assistissem como eu e mais alguns portuguezes assistimos á 1.ª representação da *Africana* na Grande Opera de Paris, para debute de Gayarre, que ali foi dar uma serie de representações a pedido do seu amigo Gaillard, então um dos directores da mesma Opera.

A voz do brilhante tenor causou realmente enthusiasmo. Mas o que ninguem podia supportar n'aquelle meio d'arte, era esse homem que só tinha uma bella voz, mas que ignorava todas as regras da arte theatral, esse homem que se intitulava *um artista*, não passando apenas d'um bello orgão—e mais nada.

Eu no theatro quero ter a illusão de que estou no theatro, e quero por consequencia que me deem arte. E' por isso que eu pasmo como é que o publico tolera certas exhibiçoes de Opera, como ás vezes as vemos em Lisboa, e principalmente como passam sem o mais leve reparo da Critica.

Altos mysterios da Providencia!...

QUIDAM.

DESCARRILAMENTO

(As' leitoras)

Terão notado vocencias,
Mais as primas, mais as manas,
Entre varias occorrencias,
As minhas largas ausencias
No jornal, ha tres semanas.

Ao verso fazendo escusas
Tive uma ideia fisgada:
Foi dizer adeus ás muzas,
Ao Parnaso, ás gentes lusas,
E retirar-me—á privada.

Tive ideia de ir, casmurro,
P'ra Fanhões, Caneças, Loisa,
E viver lá, sem susurro,
Apanhando pés de burro
—P'ra fazer alguma coisa...

Mas, d'esse intento preverso
Minha ideia hoje se aponta,
E ando de modo diverso,
Por ter recebido, em verso,
D'uma menina, uma carta.

A's damas rendendo preito
A minha musa se empina,
E provo que, com effeito,
Ma merece alto respeito
O verso—d'uma menina.

N'esse verso as graças chovem
Aos montões, aqui e ali;
P'ra que as vejam, p'ra que as provem
Lá vae a carta da joven,
Talqualmente a recebi:

«Senhor Pan: N'este momento
«Tenho o prazer, a ventura,
«De informal-o, a seu contento,
«Do tal descarrilamento
«Sobre a *linha da cintura*.

«Eu vinha n'esse comboio
«Co'o meu primo André Chaby;
«Sósinhos, no mesmo coio,
«Fiz-me eu branca, elle azuloio,
«Quando a coisa deu de si...

«Entretanto, aqui sustento
«—E provar posso afinal:—
«Da linha no entroncamento,
«Se houve descarrilamento,
«Quanto a mim, não dei por tal!

«Jurar vou por vida minha,
«Sem receio de peccar,
«Que o comboio, se ia e vinha,
«Trabalhou sempre na linha,
«Sem nunca descarrilar...

«Quer em balão, quer a nado,
«Quer de comboio ou machila,
«Fique, senhor, inteirado
«Que, commigo—Deus louvado!—
«Nunca ninguem descarrila...

PAN-TARANTULA.

A TODO O VAPOR

O Supremo Machinista *montando* a Machina eleitoral.

A CONQUISTA DE LISBOA

OU

O Caminho do Caminha

(Continuação)

Governado o bahusinho do estomago com fumosas viandas, córados fructos e rosado vinho do Alemtejo, internou-se Caminha em sua alcova, mudou de butes e roupagens e deitou-se, fatigado e feliz, sobre o leitosinho de ferro, todo branco como um noivado, o noivado que elle, Caminha, imaginava rescendente de claras, epithalamicas promessas. A luz frouxa da vela, amortecida pelo abat jour, punha no quarto uma atmosphera doce e enluarada. O relogio, um d'estes relogios em jazigo que ás vezes sahem nos bazares, pulsava sobre a commoda embaladoramente.

Fazia calor, mas Custodio sentia frio adentro do seu peito, sentia a necessidade urgente de aquecer seu coração algido com o capote á cavalleria d'um amorsinho recatado e honesto.

Longe de Formoselha, perdido na babylonica cidade do Tejo, onde sob a mascara insinuante da cordealidade se advinha o riso acre do strugleforlifeirismo; onde a miseria chora sob gargalhadas de velludo e renda, e o vicio pisca os olhos sob a palpebra branca da virtude; onde tudo é mentira, ostentação, convenção; Caminha, ao passo que suas ambições se dilatavam cada vez mais, sentia que se lhe tornava imprescindivel a formação d'um amavel exilio d'alma, onde se confortasse e socegasse dos beliscoes e pisaduras da vida publica, um voluntario exilio que fosse a casa de campo do seu espirito.

O amor!!! Atravez d'esta palavra descobria Custodio perspectivas d'interior d'um inaudito encanto: placidas noutes ao fogão a fallar do passado, sentindo nas fontes os cabellos loiros da mulherinha amada; mãcsinhas côr de rosa afagando-lhe as orelhas; uma bocca fresca, de cereja, beijocando-o com mimo; a roupa muito bem tratadinha nas gavetas; flores macias na meza; o thalamo sob cortinas claras; o luar d'uma lamparina... e depois, mezes corridos sobre as nupcias, a gloria de ser pae, pae d'um pequeno Caminha que de futuro poderia vir a ser uma alta personalidade, talvez ministro, banqueiro, titular, arcebispo.

Pondo em vibração todo o quarto, passavam em baixo americanos, aos silvos. N'um d'esses silvos percebeu Caminha as palavras seguintes:

— Amigo Custodio, permitte que eu, alma d'um apito, te apresente uma parabola. Quando ao cabo d'um agitado e trabalhoso dia regressas a casa, nada que tanto te deleite e console como a entrada n'um traway que te transporte, docemente, tornando em agradavel entorpecimento o teu cansaço. Mas para que esse prazer te seja dado é mister que tenhas meio tostão...

Comprehendes? Tu que no matrimonio vês o vehiculo invejavel da tua fadiga espiritual, diz-me Caminha, tens o meio tostão para o americano nupcial? Adeus, até logo.

—*Adeusinho!* respondeu Custodio, e apprehensivamente sentou-se no leito, pernas em X, como um sultão n'um tapete, a contar dinheiro. Trinta e dois mil réis, toda a sua fortuna!

—Não, positivamente, não é inda chegada a hora de esfolhar com a caricia de minhas mãos amorosas uma grinalda de flôres de larangeira. Vamos lá por partes chegaremos. Não posso ir de americano, irei de Rippert...

E resignado, tornou a deitar-se, um lenço branco tapando-lhe a cara, por causa das moscas.

A sua paciencia com facilidade abdicava, temporariamente, das illusões que de tão flava e radiosa maneira lhe haviam estrellado o peito. Com o que Custodio não podia, porém, conformar-se era com a amarga e fria espectativa de ficar por longos tempos enterrado n'aquelle quarto d'hospedaria, sem conforto, sem mimos, com um monte de roupa suja a um canto, entre uma sociedade de viageiros provinciaes e de celibatarios pobres, servido por gallegos que cheiravam a queijo com a vista eternamente obsecada pelas lythographias da casa de comer,—as quatro estações—e pelo cadaverico aspecto de flôres que se mumificavam friorentas e pallidas nas jarras azues da mesa. Era forçoso deixar, e deixar breve essa odiavel estalagem que lhe punha n'um inverno a aprilinia alma. E na mente de Caminha a *casa d'hospedes* appareceu como uma Alhambra maravilhosa, resplendente de socegadas seducções.

—Vou para uma casa d'hospedes! resolveu. E tendo desnudado seu corpo, feito suas orações, apagado a luz e arrotado tres vezes, adormeceu.

(Continúa). EU.

O VERDADEIRO E O FALSO

Não ha senão um bom sabão de toucador. O *sabão dos Principes do Congo*, cuja reputação é universal. Este primoroso sabonete, deliciosamente perfumado, traz sempre o *nome* do seu inventor: Victor Vaissier, de Paris. Desconfiem: vendem-se imitações. O Congo *contrafeito* não traz o *nome* de Victor Vaissier.

Veja-se na capa o annuncio *Prevenção* que se refere á excellente bebida *o Salva Vidas.*

THEATRO DA TRINDADE

A parte dramatica do *Piparote* é um pretexto, bastas vezes picado por Garrido de risonhos ditos, para exhibição de conhecidissimos trechos musicaes de conhecidissimas zarzuellas. Pena é que o desempenho, o guarda-roupa e o scenario—tudo bom—não fossem aproveitados para obra theatral de feição pronunciadamente portugueza.

O VOTO LIVRE

O Policia e o Padeiro

—Ou multa ou 10 votos para o governo.
—Sim sr., não haja duvida.

O Padeiro e o Freguez

—Ou pão ou 20 votos.
—Vá descançado.

O Alfayate e o Credor

—Ou o sr. me paga a conta... ou 30 votos.
—30? Isso arranja-se.

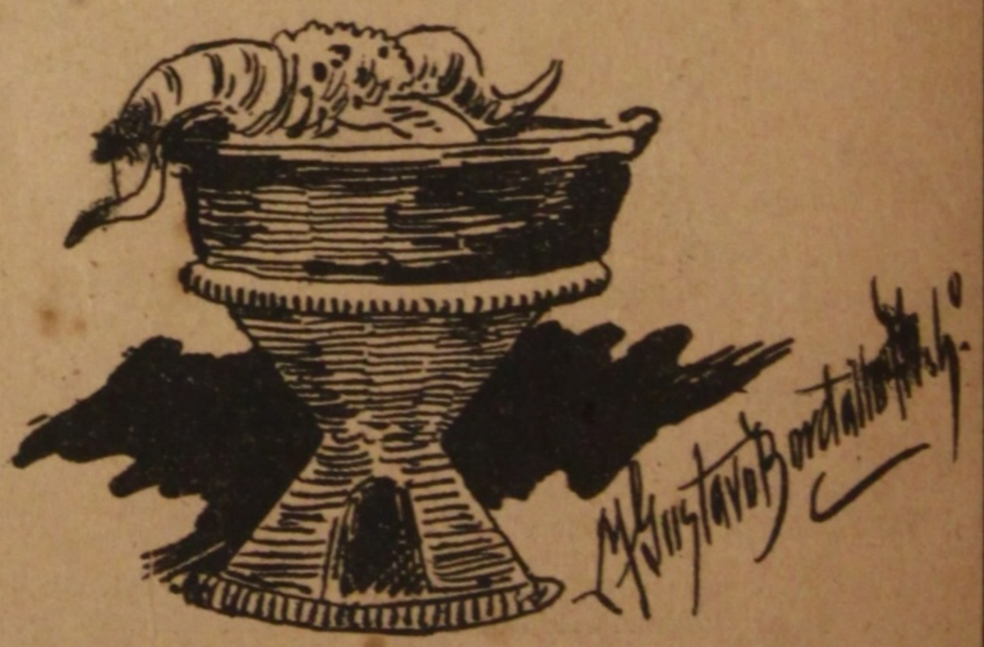
O Senhorio e o Inquilino

—Terá o sr. de me pagar 30 libras a mais caso não me arranje 40 votos.
—Conte o sr. com 40 votos.

Um eleitor independente

Eu tenho as minhas convicções, sou republicano. Mas uma pessoa a quem nada devo recusar pediu-me... Depois... um voto a menos não ata nem desata...

Conclusão:

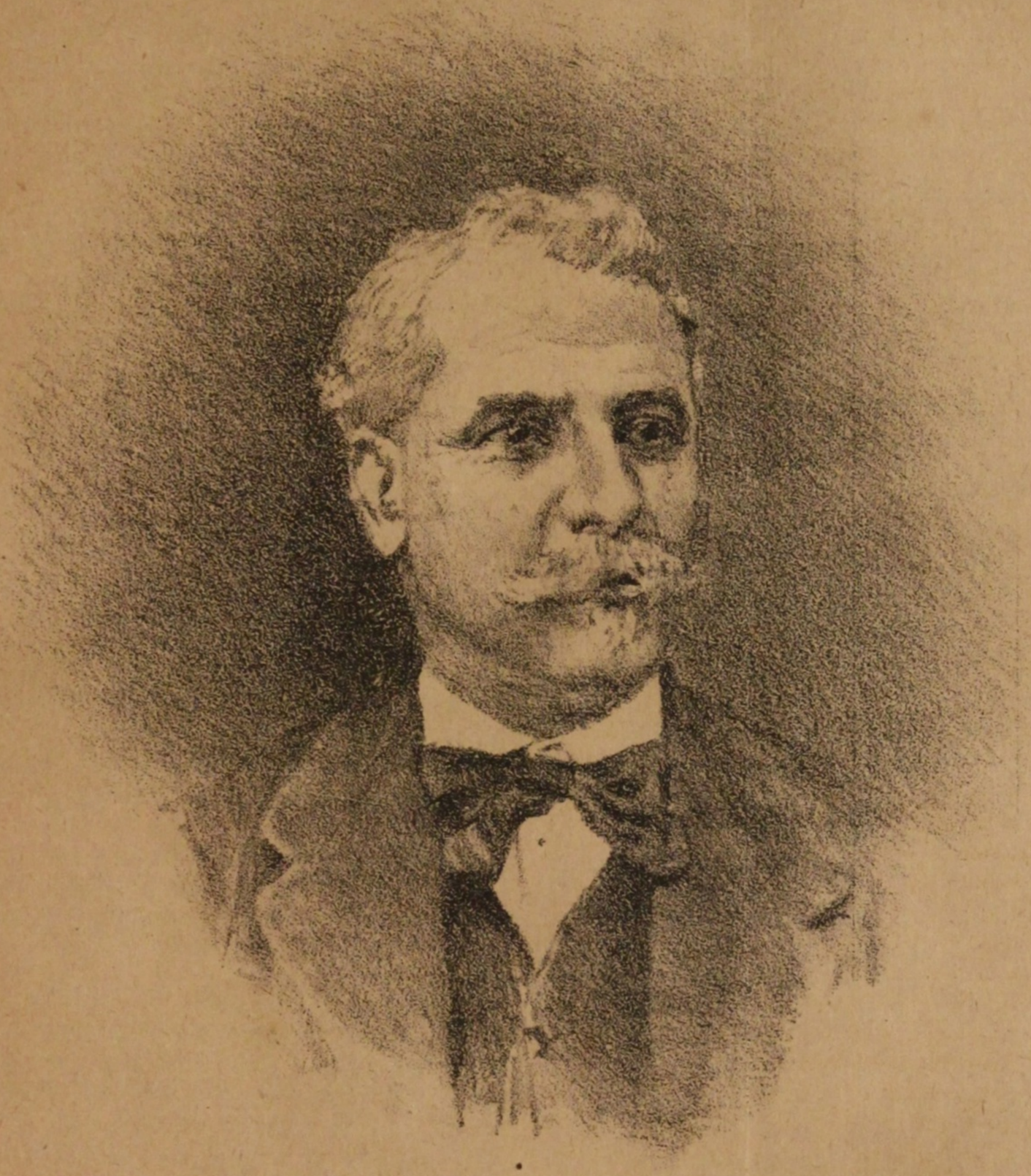


Contra isto batatas...

Editor Manuel Luiz da C . — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40.
Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

Homens da semana

FRANCISCO GOMES D'AMORIM



Gomes d'Amorim deixa uma obra poetica que, pela differença de processo artistico, foi pelos novos collocada nas prateleiras menos accessiveis das suas estantes, mas que encarada como documento historico, como expressão da maneira litteraria d'uma epocha e como representação d'um temperamento, tem direito a ser posta em mais evidente logar.

Como caracter,—aço e crystal,—Gomes d'Amorim soube elevar se da mais recatada modestia a uma condição desafogada e respeitada graças somente ao seu talento e é sua honradez, protestando assim contra o bandoleirismo da vida moderna.

Variações

A Sociedade de Geographia, para solemnisar o 16.º anniversario da sua fundação, e no louvavel empenho de difundir pelos seus membros a maior quantidade possivel de sciencia geographica e de conhecimentos e noções exactas ácerca da verdadeira situação de Chilomo e do que é na realidade o tão fallado «segredo do Cubango»—acaba de abrir uma sala especialmente consagrada ao ensino... do *florete!*

Como vêem, não ha nada mais geographico do que um *florête*; e o que parece realmente incrivel e muito pouco em abono da intelligencia dos illustres geographos que fazem parte d'aquella douta companhia—é que fossem precisos *dezeseis annos* para que a Sociedade chegasse ao convencimento de que não podia passar, para os seus estudos e lucubrações, sem o auxilio d'esse maravilhoso instrumento perfurante e contundente, com o qual o sr. Ferdinand de Lesseps um dia furou o isthmo de Suez..

E teria tambem furado o isthmo de Panamá, se os armeiros de Paris que perderam o segredo de manufacturar bôas laminas, lhe tivessem fornecido um *florête* em termos para metter no corpo d'esse isthmo, mil vezes mais duro que o de Suez já citado.

* * *

Sim, meus senhores! Foram precisos *dezeseis annos* de estudos, de combinações, de compilações, de explorações, de relatorios, de boletins, de conferencias e d'algumas viagens d'alguns socios ao extrangeiro para tomarem parte em diversos congressos geographicos; foram precisos *dezeseis annos*, para, ao cabo d'elles, a Sociedade se convencer que não podia caminhar na sciencia geographica, se os seus membros não fossem todos peritos no manejo do *florete* e no nobre jogo das armas.

A sensação que uma tal noticia vae provocar em todo o mundo scientifico deve ser indiscriptivel. Nós, que já uma vez assustámos o mundo com o arrojo e a audacia dos nossos navegadores,—vamos de novo assustar esse mundo velho e relho, gasto e farto de sensações novas, com a descoberta dos nossos geographos.

Em vez de passarem o tempo a estudar a geographia do continente africano ou dos pólos—veremos os senhores da geographica manobrando á voz de commando do sr. Cid, que lhe gritará aos ouvidos:

—*En garde, messieurs! Une, deux, trois, fendez-vous!...*

E d'aqui a alguns mezes, quando algum venerando Elysée Réclus ou Kropotkina, visitar a séde da douta companhia, em busca de elementos ácerca das nossas colonias, o sr. Luciano Cordeiro fal-o-ha passar á sala d'armas, e offerecendo-lhe uma mascara, uma luva, um *plastron* e um florete, desafiará o venerando sabio para um combate singular, para depois ter o orgulho de lhe dizer com arreganho, como diz certo personagem de Corneille:

Ton premier coup d'épée égale tous les miens!...

* * *

Passou ha pouco por Lisboa um illustre e notabilissimo humorista de Vianna, que dá pelo nome de *Gaspar Alegre*.

O notabilissimo e illustre humorista de Vianna anda agora publicando as suas impressões de illustre e notabilissimo humorista nas columnas da *Aurora do Lima*.

Da attenção e respeito com que temos seguido as suas notas, concluimos que o notabilissimo e illustre humorista de Vianna achou «Lisboa afinal uma grande aldeia com muito mau ar e aguas pessimas;»—e tambem «um rico soalheiro, apenas disfarçado pelos requintes d'uma elegancia convencional».

Triste sina a nossa! De cada vez que passa por Portugal um illustre e notabilissimo humorista, e que publíca impressões de viagem, é mais que certo que apanhamos troca e tunda.

* * *

Apesar da minha proverbial ignorancia em assumptos geographicos, chegando até a não saber a quantos graus de latitude Norte e a quantos graus de longitude Oeste ficam os humbraes da *Havaneza*, e onde se encontra o verdadeiro antipoda do incommensuravel geographo sr. Augusto Ribeiro—ouso lembrar á illustre Sociedade que não será talvez bastante o estudo do *florete* para a educação completa dos seus socios.

O *florete* é uma arma *branca* e um instrumento geographico exclusivamente europeu; e se o conhecem já n'alguns pontos da America, é porque algum civilisado de maus costumes se lembrou de o divulgar por lá.

Ora o que me parecia mais util e mais de accordo com os problemas geographicos do actual momento historico—era o sr. Cid ensinar aos seus discipulos a arte da *setta*, do *arco*, da *aljava*, da *azagaia* e do *chuço*.

Desde o momento que os geographos de todo o mundo teem agora as suas attenções e os seus oculos voltados para o continente negro, que acontecimento extraordinario seria este, da *Sociedade de Geographia de Lisboa* convidar todas as sociedades de geographia do mundo—para um assalto monstro de armas africanas.

O *florete*, que é a arma *branca* do branco civilisado, já vulgarmente se joga. Mas a *azagaia?* e a *setta?!...*

Esse assalto monstro seria executado a *caracter*, quer dizer: com a respectiva *toilette* e caracterisação. Que surpreza e que maravilha aos olhos de sabios estrangeiros profundamente pasmados!

Imaginem os leitores todos os illustres geographos da nossa *Sociedade de Geographia* recebendo os seus collegas estrangeiros, em sessão solemne, uns em *grande tenue* de atiradores *matabelles*, outros de atiradores *zulus*, outros de atiradores *maputos*. E o presidente de honra d'este assalto de armas incontestavelmente *pretas*, vestido de Gungunhama partindo para a guerra.

Como isto havia de ser assombrosamente geographico!...

Isto já vem de traz, do tempo do Byron. Modernamente, tivémos como trocistas Louis Ulbach, Madame Ratazzi, Fernand Xau,—sem fallarmos na Madame Maney.

Agora cae-nos em cima da capital o notabilissimo e illustre humorista de Vianna, que dá pelo nome de Gaspar Alegre.

Mas não imaginem que este Brummel que não pode aturar a *elegancia convencional* de Lisboa, seja um elegante pôdre de chic de Vianna d'Austria.

Não senhor. E' ali de Vianna do Castello o diabo do homem!...

Com que então Lisboa, lá para essa Vianna, já não passa d'uma aldeia?... E' o caso de dizer como o dr. Valle:

—«Ai! que eu morro vestido!...

*

* *

Um nosso amigo de Moncorvo (nós temos muitas relações na provincia) manda-nos o numero de domingo passado do *Moncorvense*, onde vem uma noticia cuja importancia seria imprudente não pôr em relevo.

Imaginem que o *Moncorvense* descobrio—graças a profundas e prolongadas cogitações—que «tudo n'este mundo finalisa! ..»

E' de arripiar os cabellos! E vae ennumerando do seguinte modo o *tudo* que no mundo *finalisa*:

1.º—«A flor que se espaneja linda e formosa, etc.»

2.º—«A bonina que se reclina reverente ao toque da viração vespertina, etc. etc.»

3.º—«A avesinha que anda nos seus mil gorgeios... entoando... saltitando... á cata do *cibo-alimenticio* (!!!) para os seus petizes, etc. etc.»

4.º—«A arvore que succa da terra».

5.º—«O arroio que deslisa».

6.º—«Os penhasco.».

Eis o rol das coisas que finalisam. Só uma coisa não finalisa, no dizer do *Moncorvense*—«a lembrança d'um objecto que nos foi querido, menos a ideia de que esse objecto nos foi arrebatado, cruelmente sequestrado, quando mais intensa e cruel nos era a sua falta, quando mais dura e espinhosa nos era a separação.»

Sentimos o desgosto quo n'este momento afflige o *Moncorvense*. E sentimol-o tanto mais, quanto é uma vergonha para um paiz que se diz civilisado e bem policiado. que a um honesto cidadão de Moncorvo se roubasse um objecto tão precioso e tão intimo.

Que se roube um relogio, ainda se permitte e se tolera. Agora que a um homem se roube um membro que tanta falta lhe faz isso é que não póde ser. Porque o menos que roubaram áquelle cidadão de Moncorvo, ou foi um braço, ou foi uma perna.

Decididamente, sr. ministro do reino, nós retrogradamos! O que se está passando em Moncorvo é ainda mais inaudito, que tudo quanto se tem passado em Mirandella.

Positivamente, isto é um paiz perdido!...

QUIDAM.

A' URNA!!!

Todas as folhas de cá,
N'uma cantata diurna
—E p'lo mesmo *b a ba*—
Dizem ao povo que vá,
Domingo, sem falta, á urna.

O povo não fará mal
Em taes conselhos seguir:
Mas não se sabe, afinal,
Que especie d'urna é a tal
A que esse povo tem de ir.

Fui ver nos vocabularios
Noticias sobre esse assumpto:
E dizem-me os diccionarios
Que ha urnas p'ra effeitos varios
—Como passo a expor, por junto...

Entre *urnas* de feição seria,
Feitas a escopro e buril,
Nota-se a *urna funerea*
Que á gente guarda a materia
Se a gente estica o pernil.

De *urnas* velhas nos arcanos,
—*Urnas* que o tempo tem gasto—
Nota-se, ha centenas de annos,
As *urnas* cóm que os romanos
Mediam—vinho de pasto.

Alem d'essa *urna*, medida,
Que era de pau, ferro ou chumbo,
Temos *urna* conhecida
Na que tambem se appellida
Balão, *penante*, ou *quibumbo*.

Mais vi, como *urna* indicada,
Nos livros que consultei,
Uma—de loiça vidrada—
Que é *urna* muito adoptada
Por clero, nobreza e rei. .

E' pois, a tal sorte d'urna
Que toda a imprensa de cá,
Quer a de especie diurna,
Quer a de casta nocturna,
Instiga o povo a que vá?!

Se é isso que ao povo implora
Quem pede, tambem eu peço:
—Que o povo *vá*, sem demora,
E que o faça em *boa hora*,
Tendo o melhor *bom successo*...

D'aqui, da minha cafurna,
A gritar tambem não tardo:
—Sem delonga diuturna,
A' urna! meu povo! á urna!
—Com lista... de papel pardo...

PAN-TARANTULA.

CLAMAR NO DESERTO

(O comicio de domingo)

—Chamo, ninguem me responde, olho, não vejo... senão quarenta pessoas e cento e quarenta e cinco policias.

THEATROLOGIA POLITICA

FAUSTO

(A scena da tentação)

Margarida-Zé-Povinho, deslumbrado pelas joias que Mephistopheles capciosamente collocou sob os seus olhos, vae ceder a sua branca virgindade e o seu não menos branco voto, esquecendo o modesto ramo de violetas que o platonico e leal Siebel republicano lhe poz, apaixonadamente, á porta.

A CONQUISTA DE LISBOA

OU

O Caminho do Caminha

(Continuação)

VII

A casa onde Caminha foi procurar amabilidades de trato e agasalhado conforto para o seu coração nostalgico e esfomeado de familiaes caricias, era mantida com maternal e sorridente feição por uma jocunda dama de cabellos claros, D. Maria do O,—venerando castello d'Obidos da Luxuria, á qual nem mesmo faltava o esmeraldino ornamento de todos os castellos,—o musgo,—que D. Maria mostrava, ao rir-se, em seus dentes,—teclado onde amorosos pianistas haviam tocado, remotamente, convulsos trechos da musica mais labialmente apaixonada.

Rua da Prata, 177, 2.º

Trepava-se por uma escadaria, sempre em penumbra, lambrissada de azulejos, e com os degraus sempre humedecidos por insolitos licores, cujo cheiro acre, a marezia, logo attestava a furtiva acocaradella das apperitivas e saudaveis varinas que, de perna á mostra, canastra á cabeça, olho estrellejante e riso de cravo, passam, ruas da Baixa adeante, apregoando os lindos peixes, prateados e fulgurantes como adagas e punhaes do Oriente..

Ao recolher, Custodio haurindo, de olhos cerrados, o cheiro intenso da escada sentia logo a aza da suggestão rasando-lhe o espirito; assistia a naufragios e tormentas, lembrava o explendor das conquis-

tas nacionaes, cria ver Affonso d'Albuquerque, passando de simarra e gorra de velludo sob a ondulação verde das palmeiras, via o pavilhão das quinas acclamado p'los carapinhas,—tudo isto como se estivesse sonhando e como se a porta da sua mezinha de cabeceira houvesse ficado aberta...

Ao fundo d'um corredorsinho sem luz, entre a dispensa e o cacifo que D. Maria do O chamava, delicadamente, *a commua*, ficava o quarto de Caminha, um ameno quarto onde gritava a alvura intensa dos cortinados da janella.

Trastes modestos mas com um ar sympathico de pessoas amigas e todos elles muito aceiadinhos, a luzir, convidando á reclusão, ao socego recatado da vida intima.

Dando uma nota de discreto luxo, desbotava-se sobre a pedra da commoda um ramo de flores de cêra pacientemente feito por D. Maria nos alegres ocios d'outro tempo, quando a sua existencia era toda de illusões e folganças, quando os seus pés calçados de setim pisavam tapetes felpudos em bailados illustres e a sua carinha gorda de maçã camoeza, com dois lindos signaes sob o labio, endoidava vertiginosamente as mais sisudas e frigidas castidades.

Precisando desabafar, remexer com a tenaz da memoria a cinza densa do passado e tendo alfim encontrado em Caminha, o bondoso e almejado confidente que ella durante tanto tempo sonhára, D. Maria do O vinha ás tardes sentar-se ao pé do sympathico bacharel a quem n'uma voz doce e acariciante contava tudo, toda a sua vida, os seus primeiros annos em Setubal, a sua vinda para Lisboa, e seu casamento ao principio tão auspicioso, depois tão cortado de decepções amargas. Trahida pelo marido, com a alma amarrotada de desgostos, D. Maria perdeu o sentimento do dever e desvairadamente fugira com um deputado. Oh essa noite da fuga, noite pluviosa, sem estrellas, os dois sósinhos n'um batel fragil, Tejo abaixo, sob um ceu de nankim! Foram para Santarem. E a vida começou a correr-lhes edenica e doce, entre as roseiras d'um jardimsinho recatado, onde um repuxo lhes emballava o dormir, pelas noites. Assim se passaram mezes doirados e felizes, té que um dia... E D. Maria do O contava então como se vira abandonada, n'um dia 13, abandonada como um farrapo, como um rodilha, ella que n'esse tempo tinha graciosidades incomparaveis, volupias de serpente, beijos quentes como brazas e saborosos como morangos.

Caminha ouvia, silencioso e pensativo, cheio de agradecida sympathia pela infeliz senhora que assim lhe abria as gavetinhas mais escusas do contador da sua alma.

Anoitecia. Uma campainha chamava para o jantar. *(Continua).*

EU.

A ETERNA HISTORIA

(Extr. da «REVUE ILLUSTRÉE.»)

O PREMIO DA VIRTUDE

OU

Os novos regulamemtos dos theatros lisbonenses

A atmosphera de seriedade que ora se respira nos palcos de Lisboa dá lhes uma grave e austera apparencia conventual. Mudaram-se as scenas assim:

Actriz antes de entrar em scena — Em scena — Educanda antes de entrar no côro — No côro

AS TRINAS NOS PALCOS—OS PALCOS NAS TRINAS

A scena do Hamlet transformada pelo gerente Posser

Antigamente

—E's pura?
Faz-te freira
Vae p'ra um convento

Hoje

—E's pura?
Faz-te actriz.
Vae p'ra D. Maria.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, nos 36 a 40.
Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

THEATRO DE S. CARLOS

CAVALLERIA RUSTICANA

A despeito da sua exigua dimensão, a opera de Mascagui que em S. Carlos está sendo tão superiormente cantada por Gabbi e tão superiormente dirigida por Mancinelli, bastou para rodear o nome do seu auctor, da mais devotada e enthusiasmada admiração.

Se Mascagni fosse portuguez, estamos a ver os nossos criticos dando azas á sua dicacidade sempre prompta para alfinetar as obras nacionaes.

VARIAÇÕES

Quem o havia de dizer?... Ora vão lá fiar-se nas aparencias!...

Não sei se o conheciam, ou se só agora o conhecem. E' um rapaz magro, espinafrado, rosto comprido e pallido, olhos vivos e movediços, barbicha preta, em ponta; não dando nas vistas, nem pela *toilette*, nem pela *pose*, nem pelo *feitio*; passando n'essa onda que todas as tardes sobe e desce o Chiado e se estende pela rua do Ouro, pelo Rocio e pela Avenida, sempre anonymamente, sem se fazer notado, como tantos outros do seu officio, nem das mulheres, nem dos estancos—nem mesmo do *Martinho*! ..

Era o que para ahi chamam, e o que cem mil pessoas n'este paiz desejam intitular-se—um *jornalista*. Porque entre nós, o desejo de todo o rapaz, ou saia de Coimbra, ou da Escola Medica, ou do Instituto Agricola, ou da Escola Naval, não é ser, nem advogado, nem engenheiro, nem medico, nem agronomo, nem official de marinha: —é ser *jornalista*. Porque os rapazes põem os olhos no Marianno, no Chagas, no Ennes, no Navarro, e dizem com os seus botões:

—«Isto é que é vida! Vejam lá como elles trepam! O mais tudo são lerias!...»

Sem se darem ao trabalho de reflectir um momento, para ver quantos para ahi desapparecem pobremente, miseravelmente, anonymamente, que tambem se deixaram levar por essas miragens; sem pensar que é preciso um temperamento de ferro para furar e impôr-se a uma sociedade para quem o officio de *jornalista* não passa d'um modo de vida de aventureiros e de bohemios, refugo de todas as classes sérias, ponderadas e honestas.

*
* *

Era n'essa onda do bom e mau jornalista que elle passava— o diabo do rapaz!—sem nunca o seu nome ter sido citado ou recommendado pelos mestres; sem nunca ter prepetrado um livro de *versos*, ou um livro de *contos*, ou um livro de *chronicas*, como é da praxe e prefaciado por algum pontifice...

Era n'essa onda que elle passava, modestamente, simploriamente, fazendo *reportages* que viviam o espaço d'uma *Tarde*, fazendo noticias, fazendo de quando em quando um artigo,—toda essa miuçalha jornalistica que se escreve a correr, á banca da redacção, entre o informador da policia que nos chama a nossa attenção para o caso inaudito de Antonio Joaquim ter esbofeteado n'uma taverna do Poço do Borratem a Maria da Conceição, evadindo-se o aggressor,—e o informador dos incendios que nos dá conta do fogo que se manifestou no quinto andar de um predi- sito na rua da Barroca, o qual estava seguro na *Fidelidade*, não havendo prejuizos e tendo ganho o premio a bomba n.º 27...

Quem havia de dizer que elle daria mais alguma coisa... Sim! façam favor de m'o dizer! Não se sabia que fosse protegido d'este ou d'aquelle ministro; que fosse da intimidade d'este ou d'aquelle digno par. No *artigo de fundo* não era fallado, quanto mais temido. Na critica lyrica não havia logar para elle, estavam todos os logares tomados. Na critica dramatica já não ha um buraco por onde possa furar a cabeça de uma celebridade; já ha mais criticos do que comporta um paiz pequeno e de poucos recursos. Na critica de pintura ou esculptura, nem fallar n'isso é bom!...

E o rapaz ahi andava no inferno do jornalismo, como n'um jogo de quatro cantinhos, a ver quem deixaria um logar vago. E nada! Condemnado á onda, á grande onda, onde todos mergulharam, sem folego ou sem boias para vir ao de cima...

*
* *

De repente, começa por ahi a dizer-se que escrevia uma peça para *D. Maria*.

—«O que?!—exclamaram os scepticos dos estancos, dos cafés e das redacções—O que!?.... Uma peça para D. Maria?.... Isso pode lá ser! Pois se eu o conheço como os meus dedos! Pois se elle nunca escreveu nada que se visse! Isso vae ser um d'esses estenderetes... Ai, meninos, que rica pateada!....»

E foi com todo este côro de má lingua que começou a ensaiar-se o *Intimo*, de Eduardo Schwalbach.

Isto provém de que em Lisboa só se consideram capazes para estes emprehendimentos, os que passam o tempo em jogos malabares de estylo, em complicações de phrase, em mil jiga-jogas de forma. Só quem está cotado como *estylista* é que parece ter o direito de escrever, ou livros ou peças de theatro. Os mais, os engeitadinhos do estylo repenicado e retorcido, os que só procuram fazer-se entender no menor numero de palavras e na linguagem mais clara e mais comprehensivel—esses, são considerados pelos srs. Estylistas, de insignificantes e de mediocres.

D'aqui o arsinho de troça e de rica apoquinação com que se fallava do *Intimo*—quando se annunciou que ia subir á scena.

E afinal subio; e ao cabo do 3.º acto Eduardo Schwalbach era acclamado com delirio e consagrado auctor de primeira plana, pelo publico e pela critica.

*
* *

E no dia seguinte a onda dos jornalistas a exclamar em côro:

—«E esta, heim?... Não se sahiu a ultima hora auctor dramatico? Quem havia de dizer?...»

Mas ninguem o podia dizer, meus caros srs. jornalistas—nem mesmo o proprio Schwalbach. Nem elle proprio sabia que tinha dentro em si um dramaturgo!

Procurem as biographias de todos os auctores, de todos os jornalistas, de todos os romancistas; vejam qual foi o seu começo de vida; reparem em todas as suas hesitações á busca da veia natural, do que se chama hoje em dia o *temperamento*; e digam-me se algum d'elles, ao começar a grande batalha litteraria, sabia o que havia de dar, sabia o que havia de ser.

Nenhum d'elles o sabia. Não sabia Rochefort, quando modesto empregado no Hotel de Ville de Paris, que havia de ser um dia o famoso humorista do *Figaro*; como não sabia, nem ninguem podia prever, que o chronista do *Figaro* seria annos mais tarde o terrivel pamphletario da *Lanterne*. Quem havia de sonhar que o auctor de *vaudevilles* chamado Lockroy, havia de ser o illustre ministro do commercio que em França organisou a famosa exposição de 1889?

Quem havia de pensar que o caricaturista da *Lanterna Magica* e do *Antonio Maria* seria um dia o famoso fayancista portuguez, a quem o governo francez pôz ao peito a cruz da *Legião d'Honra*?...

Quem sabe o que está dentro d'um cerebro de trinta annos? Quem sabe de que é capaz um homem moço, que pensa dia e noite em conquistar um logar á luz do sol, e que sabe que o homem só pode impôr-se á sociedade que o rodeia, ou pelo talento, ou pelo estudo, ou pelo dinheiro?...

*
* *

E' bom não duvidar dos que começam, dos que andam moirejando dia e noite, porque é justamente n'esta lucta cruel de todos os dias, n'esta febre de subir que a todos mais ou menos devora, que a intelligencia procura o buraco por onde se hade escapar e fazer explosão, quando ninguem pensa em tal!

E' bom não duvidar dos que começam, dos que luctam, dos que trabalham — porque d'elles ha tudo a esperar!

E viva o novo e brilhante dramaturgo!....

QUIDAM.

DEPOIS DAS ELEIÇÕES

Circulo 6

O nosso amigo Antonio Du... passou a ser Antonio Da... Camara Municipal. Vamos ter musica da Camara e *Cavallaria rusticana* em vez de cavallaria municipal.

BIBLIOGRAPHIA

Viagens I, Belgica, por Zepherino Brandão. Dez capitulos de prosa cursiva e facil, sem arrebiques, sublinhando com vigor os aspectos mais salientes da Belgica, a sua arte, o pittoresco dos seus campos e das suas cidades, a sua organisação civil e militar.

Abrindo o livro, algumas paginas, em prefacio, de Candido de Figueiredo, tocadas d'uma grande simplicidade de dizer.

Um conto de réis, romance por Carlos Faria. Para Carlos Faria a litteratura é um dandysmo, um requinte de luxo, como um alfinete de pedras na gravata, como um berloque na corrente do relogio. A leitura do seu livro deixa-nos, porem, suppor o muito que elle viria a fazer no dia em que a arte deixasse de ser na sua vida um incidente, uma fumaça de charuto, e passasse a occupar o logar de uma necessidade de espirito, permanente e unica.

Alindando a edição, algumas finas illustrações de Julião Machado.

THEATRO DO GYMNASIO

O beneficio de Judith

Terça, 24, beneficio da actriz Judith Rodrigues, com a comedia *As Algarvias*. Que o cacito do Sant'Anna pareça n'essa noite uma papelaria: — tal o nosso desejo.

Um bom conselho aos leitores

Quando lhes apresentarem um sabão de toucador que exhala um perfume activo, selecto, suave, deliciosamente agradavel, e que traz esta inscripção: *Sabão dos Principes* do Congo, Victor Vaissier, Paris, acceitem-n'o com toda a confiança: é o *verdadeiro* sabão do Congo, o melhor o mais puro que se conhece.

HOMENS DA SEMANA

EDUARDO SCHWALBACH

O alto successo do *Intimo* demonstra com limpida evidencia que o *reclame*, tão usado pelos *esperançosos* das lettras que alli andam grelando e envelhecendo, esterilmente, não é a melhor escada para trepar á Celebridade. A surpreza que a peça de Schwalbach produziu vem da recatada modestia com elle soube trazer sempre envolvido o seu nome.

O nosso applauso pela sua obra é incondicional e vehemente, e não menos vehemente o que devemos e tributamos ao desempenho do *Intimo*, sustentado pelos artistas de D. Maria com inegualavel brio.

A CONQUISTA DE LISBOA

OU

O Caminho do Caminha

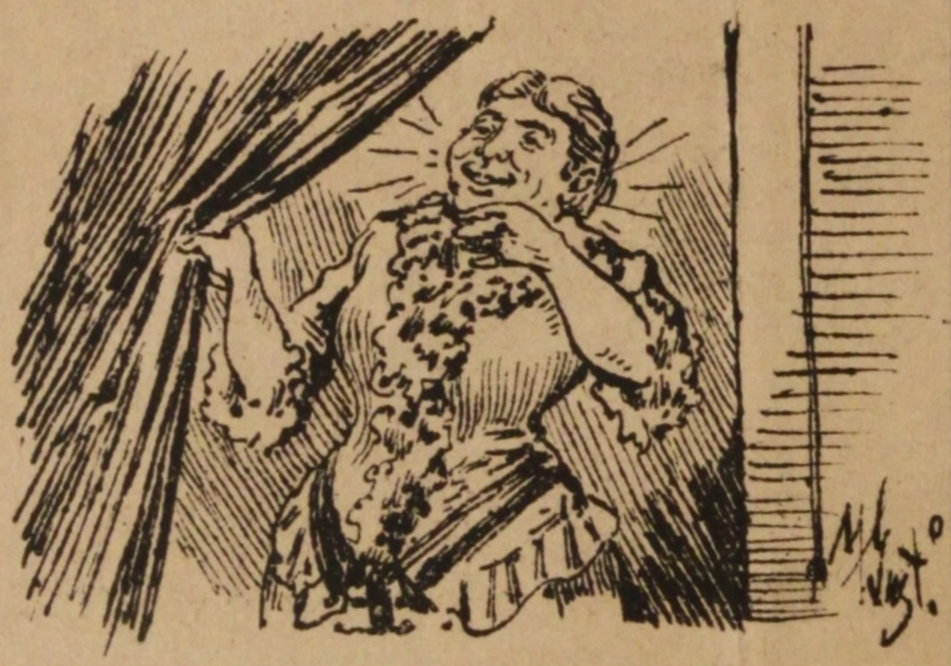
(COMTINUAÇÃO)

IX

Cinco da tarde em S. Nicolau. Uma campainha de agudo timbre tilintava ás portas do corredor. Dentro dos quartos jorros d'agua cascatavam nas piscinas das abluções. Abafados os passos em macios chinelos, servas passavam com porcelanas carregadas de fumosas viandas, e na casa de jantar o candieiro suspenso estrellava as crystallerias da meza e accendia carbunculos nas garrafas.

Acercavam-se os hospedes. E toda cingida de arco-irisados tecidos, dois pingos de brilhante nas orelhas, magestosa e affavel, D. Maria do O solevava o reposteiro do fundo e apparecia, trazendo, como uma rosa n'um tinteiro, esta florida saudação ao lume de seus beiços:

—Muito boas noites.



Longo arrastar de cadeiras e todos se assentavam sob a maternal presidencia de D. Maria. Um silencio denso pesava cortado apenas pelo cantar isochrono das colheres nos esmaltados pratos de Sacavem, familia verde. Boccas abriam-se, rubras, engulindo a saborosa potage estrellada de flavas olhas, como cactos bebendo um licor d'astros. Vinha o cosido: e ao rythmo dos garfos o rastilho da animação começava a inflamar os foguetes da palestra.

Companhia das mais selectas: Alberto Braga, o Benevenuto Cellini da conversa, cinzelava imprevistas phrases, trabalhadas como joias, engenhosas como logogriphos; Lima, grisalho capitalista fluminense, então de passagem em Lisboa, dava azas á sua tendencia descriptivista e com palavras que eram pinceladas pintava o pittoresco dos paizes calidos. Mello Barreto, chronista do *Açafate de costura*, compondo os seus desinvoltos punhos postiços, fallava, com uma leve prisão na lingua, de modas e de politica, da Emilia de Abreu e de Bismarck; o deputado Ferreira Freire, chamando a attenção para o campo scientifico pronunciava-se contra o chôco artificial; D. Maria do O fallava com os olhos; Caminha ouvia...

A' sobremeza apparecia por vezes o estimado poeta João Saraiva, cuja musa estrellára de versos uma pagina do album de D. Maria e cujo verbo de mel e oiro era por todos bebido com singular leveção, como um vinho raro.

Os salões de M. de Jouy e da princeza Mathilde tão detalhadamente celebrados nos jornaes do Legouvé e dos Goncourt, eram ao pé da vistosa sala de meza uma guarita ao pé do palacio d'Ajuda. N'esse requintado meio litterario começou Custodio a cultivar a flor do seu espirito. Um horisonte novo, todo azul e prata, se lhe abriu deante: a Arte. Mello Barreto aconselhou lhe a leitura dos classicos latinos e arfando

por ver aproveitado o seu conselho, emprestou-lhe a *Illiada*; Saraiva revoltado contra a rotina, defendendo a superioridade dos modernos, offereceu-lhe o mais bello livro de versos que, no seu pensar, havia apparecido depois dos de Garrett, as *Serenatas*; Braga levou-o á redacção das *Novidades* e deu-lhe uma lição de esgrima.

Confirmando mais uma vez o theoria de Taine, Custodio fez-se homem de lettras.

—O meu collega Victor Hugo, o meu collega Jayme Victor.. dizia elle a miudo.

Uma vez abraçada a intellectual profissão, a primeira difficuldade de Caminha foi escolher o ramo litterario mais em harmonia com o seu temperamento. Reflectiu.

E dado balanço ao vigor das suas faculdades resolveu poisar em todos os ramos, tal como Chagas, o encyclopedico.

Caminha recolheu se então n'um gabinete da Bibliotheca Nacional a trabalhar n'uma interessante e erudita monographia, *Historia das malas de viagem, desde as mais remotas malas de tapete até á Mala Real Portugueza* obra em quatro volumes, cuja publicação foi subsidiada pelo ministerio do reino e cujo successo verdadeiramente espantoso lhe abriu de par em par as portas dos dois augustos capitolios da litteratura lusitana: a Academia Real das Sciencias e o Gremio Litterario.

(*Continúa*) EU.

Explicação da coisa

Já sabem povos remotos
Da Grecia e Jerusalem,
Que os republicos devotos
Votaram com sete votos
No concelho de Belem!

Tem-me soado o topete
Em mil ideias soturnas,
Sem que o motivo architecte
De serem—sete—só sete!—
Votos que entraram nas urnas!

Em vão forcejo, me abrazo,
E esse motivo procuro!
E tanto assim me atanazo,
Que a madurar sobre o caso,
Vou-me sentindo maduro!

Só sete! porque essa conta
Que é tão torta, espicondrifica,
Se a Republica, que aponta,
Faz de adeptos na remonta
Remonta forte, magnifica!?

Sobre o caso, pois, scismando,
Puz-me a scismar—scismei bem!—
Porque motivo nefando
Só de sete fôra o bando
Dos *votador's* de Belem!

—Será (pensei boquiaberto,
Com cara de quem medita);
Porque o rei mora ali perto,
Que o sitio se acha deserto
Da *frandulagem* maldita?

Mas, depois, pensei commigo
Que tal ideia era torta;
Pois lá diz dictado antigo:
«Não ha peior inimigo
Que o visinho ao pé da porta.»

E, sendo assim, porque planos,
Mais retorcidos que roscas,
Se fez que os republicanos
Deixassem, como uns badanos,
A urna, em Belem, ás moscas?!

Mas, n'isto, uma ideia rica
Me acudiu, n'um forte arranco:
—Em Belem, quem se medica,
Tem sómente uma botica
—Que vem a ser a do Franco.

E aos republicos, tomando
As drogas d'aquella classe,
Resultou-lhes, senão quando,
Ficarem *sete*, votando,
E os mais—*requiescat in pace*!

PAN-TARANTULA.

COMO SE PASSOU O DOMINGO EM LISBOA

De dia, a olhar para baixo,—para a urna.

A' noite, a olhar para cima, para a lua.

E' sempre assim: emquanto uns olham para baixo e outros olham para cima, outros nem para baixo, nem para cima, antes pelo contario, não olham para coisa nenhuma!

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40.
Typographia Costa Sanches Filhos—Rua da Trindade 2.

A' CIDADE DO PORTO

O *Antonio Maria* saúda com o mais quente e ferveroso enthusiasmo a cidade do Porto, alegremente convencido de que a patriotica sympathia que a actual exposição tem despertado traduz a esperançada attenção com que os poderes do estado e o povo vão considerando o trabalho nacional.

THEATRO DE S. CARLOS

Serviram-nos em S. Carlos uns excellentes *Huguenottes* como ha muito os não saboreavamos eguaes. A sr.ª Gabbi foi uma verdadeira Valentina mais apaixonada do que o permitte a força humana. O sr. Gabrielesco suou, para ser tão apaixonado como a sr.ª Gabbi. O sr. Tansini é o primeiro baixo que entre nós se apresenta physica e lyricamente *baixo*. O sr. Battistini foi tão formoso e gentil nos *Huguenottes*, como fôra no *Rigoletto*. E o sr. Mancinelli deu-nos Meyerbeer a valer.

VARIAÇÕES

O Brasil está sendo o primeiro paiz do universo que resolveu romper com certas tradicções de mau gosto, e fazer revoluções d'um modo que não hesitamos em classificar de verdadeiramente *fin de siécle*.

Vê-se agora, graças ao Brasil, que a palavra Revolução, pode ter interpretaçôas diversas.

Geralmente, as rovoluções politicas são os meios energicos por meio dos quaes os povos mostram o seu descontentamento para com as classes, ou os governos, ou os homens que os dominam, os administram e os subjugam.

Percorrendo a historia, tanto antiga como moderna, não vemos uma só revolução politica que não tenha custado a vida a centenas de pobres diabos ou a varios grandes homens, que pensaram ingenuamente que para governar um povo só basta—carregar lhe em cima. Isto é: carregal-o de impostos, de injustiças e de arbitrariedades.

Temos em França—e cito a França, porque é de lá que nos vem os melhores figurinos para alfayates, modistas e governos—temos em França a *Jacquerie*, que é a onda *des gueux* entrando em castellos e chegando a espetar em chuços as cabeças das creanças indefesas e inoffensivas, que em nada são responsaveis das violencias dos seus maiores.

Temos mais tarde a figurino da Revolução franceza, derivando nos terrores de 93 — Luiz XVI, Maria Antoinette e a Princeza de Lamballe a caminho do cadafalso, e o pobre Delphim abandonado aos cuidados sapateiraes d'um perceptor de tira-pé, como era o illustre cabo Simão.

Temos depois a revolução de julho, as barricadas nas ruas de Paris, e os pobres diabos *des gueux*, *toujous les gueux*! expondo o peito ás balas dos soldados.

Temos em seguida o golpe de estado de Luiz Bonaparte, presidente da segunda Republica, proclamando-se Imperador, e o deputado Baudin e muitos outros morrendo sobre as barricadas do *faubourg* Saint Antoine.

Temos de nossos dias essa outra revolução que a Historia conhece pelo nome de Communa, e cujos resultados sanguinolentos me parece desnecessario relacionar, attendendo a que ainda são da memoria de todos nós.

E a revolução é sempre, como nol-a mostra a Historia, o meio violento empregado pelo povo para conquistar um determinado ideal politico.

*
* *

Em Portugal tambem não faltam exemplos d'esta natureza. Basta citar datas. Temos 1640, 1820, 1830, 1846—e ainda 1891 !....

Em todas ellas, esse licor da côr das papoulas tingindo de escarlate as pedras das calçadas !

*
* *

Se passamos da Europa para essa America do Sul, ultimamente tão fertil em surprezas politicas —vemos que os povos da Republica Argentina e do Chili ainda comprehendem a Revolução á europeia, ainda fazem d'ella um verdadeiro chouriço de sangue, excellente para a cosinha da Historia e para dramas de sensação e de terror, que ainda um dia havemos de ver em scena no theatro do Principe Real,—quiçá no theatro do Rato—quiçá em opera, como os *Huguenottes*, no theatro de S. Carlos.

O Brasil, porem, é que rezolveu declarar guerra á tradicção e comprehender as revoluções a seu modo. E, francamente, não lhe devemos levar a mal semelhante resolução, attendendo a que muda de instituições e de chefes de Estado, como se muda geralmente de camisa — sem mortes de homens e sem causar prejuizo a ninguem.

Um dia mostra-se descontente com o imperio e deita abaixo o imperio, expedindo para a Europa no primeiro paquete, o seu velho imperador. E em todo o Brasil resoou o grito de «Viva a Republica! Viva Deodoro!»—como se o sr. Deodoro fosse positivamente o Salvador da patria.

Por toda a parte, nos estabelecimentos publicos assim como na casa dos particulares, o retrato do sr. D. Pedro de Bragança foi substituido pelo retrato do sr. Deodoro da Fonseca. Mas em breve o Brazil sente e comprehende que Deodoro não é positivamente o Redemptor que mais lhe convem, e logo de gritar: «Abaixo Deodoro! Viva Floriano!» E mudam-se os retratos.

E tudo isto sem a mais leve perturbação da ordem, e sem a menor opposição dos partidarios d'este ou d'aquelle Salvador.

Ha amadores de sangue humano que chamam a isto «revoluções de opereta». Pois n'estes assumptos eu tenho o mau gosto de preferir as revoluções que servem para operas como os *Huguenottes*, ou que servem para operetas como a *Mascotte*.

Talvez soffra com isso o Drama, mas ganha com certeza a Humanidade. Porque não vejo a necessidade de sacrificar vidas para, afinal de contas, os povos continuarem sendo — cada vez mais mal governados!...

*
* *

Emquanto a cidade do Rio a julgar pelas expressões telegraphicas de lá que nos são transmittidas pelo submarino, se mostra altamente satisfeita com o sr. Floriano—a cidade de Lisboa tambem parece satisfeitissima com a execução dos *Huguenottes*, sendo todas as noites acclamados com delirio a sr.ª Gabbi e os srs. Gabrielesco, Tansini e Mancinelli.

Somente uma preoccupação terrivel me assalta n'este momento—é descobrir quem é a pessoa ou pessoas que em Lisboa *auctorisam* a empreza de S. Carlos a supprimir todas as noites o 5.º acto da opera de Meyerbeer. Porque lá diz o cartaz n'uma nota explicativa :

Com auctorisação superior se omitte o 5.º acto d'esta opera.

Quando n'uma obra theatral se omitte alguma coisa, é pôrque esse alguma-coisa é considerado inutil. Mas quem é que em Portugal tem auctoridade para indicar o que ha de inutil n'uma opera de Meyerbeer e mandal-a supprimir?...

Quem?... O ministerio de instrucção publica e bellas-artes, ou o sr. Antonio Duarte?....

E' preciso que este mysterio se esclareça quanto antes. E nos rogamos áquelles dos nossos leitores que por acaso se encontrem no segredo d'esse Supremo Tribunal de Opera e de Justiça, — a fineza de nos mandarem algumas explicações sobre o caso.

Fomos educados na fé de que tudo quanto escreveu Meyerbeer, é digno de ser ouvido com profundo respeito. Ainda ha pouco em Paris, na Grande Opera, se celebrou o centenario do artista, e todos os admiradores da boa musica se prostraram diante do seu busto, coberto de louros, venerando o grande Mestre.

Agora em Lisboa ha quem permitta a omissão d'um acto dos *Huguenottes*... Porque? Duvida cruel !...

Que erro monstruoso de monocordio ou de contraponto teria praticado esse sujeito? Teria por acaso attentado contra o pudor da Melodia em proveito da Harmonia? Que fez, no 5.º acto dos *Huguenottes*, esse monstro? ..

Sr. Antonio Duarte! Pelo amor de Deus e da Musica — esclareça nos! E em paga sollicitaremos da nova camara que vos faça vereador do pelouro —ou do poleiro — de S. Carlos.

Que mais quereis?

QUIDAM.

A saboaria do Congo aos seus clientes

A casa Victor Vaissier, de Paris, informa a sua elegante e numerosa clientela que o seu famoso sabão de toucador, tão fino e tão deliciosamente perfumado, leva este titulo: *Sabão dos Principes do Congo*, e o nome: «Victor Vaissier». Vendem-se productos *similares*, mas não são mais que grosseiras *imitações* do *verdadeiro* Congo.

POLITICA FIM DE SECULO

A politica do Brazil é isto: a roda da fortuna. (
Metade da roda vemos nós....

SUBSTITUIÇÃO DE CABEÇAS.

ira, gira, gira, ninguem sabe as voltas que dará

A CONQUISTA DE LISBOA

OU

O Caminho do Caminha

(CONTINUAÇÃO)

X

Oito dias bastaram para que a edição do famoso livro ficasse de todo esgotada. A's esquinas, com grandes exclamações de côr, enormes cartazes apregoavam o successo da obra. Gazetas politicas deitaram nas suas paginas de honra laudativas girandolas. O *Occidente* deu o retrato de Custodio, encaixilhado na prosa amavel do sr. de Valenças. A concorrencia nas livrarias foi de tal ordem que varios bibliopolas em evidencia tiveram de mandar pôr sobrados novos nas respectivas livrarias

No mesmo dia em que o erudito trabalho de Custodio appareceu, era posto á venda um volume de Oliveira Martins. O editor d'este falliu: do livro venderam-se cinco exemplares, apenas. Custodio com os lucros da sua monographia comprou inscripções, um annel de brilhantes e um tinteiro de prata.

Conscio da sua forte e crescente popularidade e dando azas á sua ambição artistica, Caminha preparou-se para novos commettimentos litterarios.

Varias obras o tentavam: um livro de versos, um drama de costumes nacionaes, um estudo historico sobre a côr dos cabellos de Iguez de Castro. Começou pelo livro de versos. E quando as primeiras amostras poeticas appareceram, destacadas, nas folhas, todas as boccas se abriram em rubros *o o* admirativos perante a diversidade de aptidões d'esse espirito, tão viril e impassivel quando calcava os caminhos aridos da erudição, tão amorosamente subtil quando vertia o triplo extracto do sentimento no frasco limpido dos seus versos, facetados como crystaes d'arte. A sua hora de trabalho era á noite, por volta das onze, quando Lisboa se aquietava. Trabalhava até de madrugada, n'um trabalho excitado e violento que lhe sacudia os nervos, lhe dava tonturas de cabeça e desfallecimentos de vista, e o prostrava completamente exhausto no leito onde, entre gazes de sonho, lhe appareciam em farandolas de opera, as lilliaes figuras modeladas por elle na maleavel argila do alexandrino.

Erguia-se tarde, meio dia, uma hora. Barbeadinho de fresco, lavados os dentes com cinza de charuto, roseta de S. Thiago na botoeira, Caminha ia espairecer um pouco pela Avenida e rua do Oiro, trepava ao Chiado, dandynava alguns instantes no Baltresqui e por fim dirigia-se á livraria Gomes, doirada basilica das Lettras nacionaes, onde ás tardes se reunia tudo quanto de mais intellectualmente elevado existe em Portugal. O conselheiro Manuel de Assumpção, o dr. Sousa Viterbo, Armando da Silva, sempre pallido e contemplativo; Eduardo Burnay sempre escrupulosa

mente barbeado como um pastor anglicano; Carrelhas sempre byzantino de gestos; decrepitos representantes de vinculos illustres, homens de sciencia. De semana em semana o dr. Bernardino Machado apparecia, madrigalisando sempre.

Gomes sirandava, bamboleante, entre os devotos do seu templo, tratando-os por *tu*, batendo-lhes, amavel, nas costas, beliscando-os nas nadegas, piscando os olhos, rindo com tilintantes risos de vidraçaria partida.

Custodio ia d'uns grupos para outros, expondo ideias, defendendo principios... E embriagado pela atmosphera artistica que lá se respirava e pelo brilho civilisador do gaz, com os olhos acariciados pelas decorações muraes pintadas por um

pintor de genio em momentos de inspiração quasi divina, lisongeado pela acolhida sempre cordeal dos notabilissimos circumstantes, felicitava-se a si mesmo de ter escolhido uma carreira tão generosa, tão munificente de alegrias, de enthusiasmos.

Entardecia. Gomes activava a correspondencia, lançando pragas de gafanhotos calligraphicos em largas folhas de papel timbrado. Custodio sentava-se ao pé, folheando brochuras.

—Ouve cá, ó Gomes, estas pinturasinhas são bem boas...

—Pòis claro que são... Ah! mas tu não sabes o que é esta choldra dos pintores portuguezes! Uma sucia de insignificantes e então careiros como o diacho... Aqui tens tu, estes quadros ficaram-me a doze vintens cada um, com pregos e tudo. Mas qne lucta! E fui eu que dei as ideias.

E Caminha levantava-se para ver essas maravilhas picturaes.

—Mas olha cá, ó Gomes, que idéa foi esta de mandar pintar hortaliças, gallinhas e patos, nos muros d'uma livraria? Gosto muito dos quadros mas pareciam-me mais proprios para uma casa de mesa.

—E' por isso mesmo que os mandei fazer assim: as livrarias são as casas de mesa do espirito.

Noite cerrada.

De volta das camaras apparecia Luciano Cordeiro.

—Vamos ao jantarinho, amigo Custodio? E de braço dado os dois partiram, parolando.

(*Continúa*). EU.

O SENHORIO AGIOTA

(VEJA-SE O VERSO)

Quando acaso falla alguem
N'um sujeito assim perverso,
Condiz, assenta, convem,
Calha mesmo muito bem
A phrase:—*veja-se o verso*.

E a phrase, aqui, é de escolha,
Por ter bem mais d'um conceito:
Veja se o verso—da folha,
O verso—da minha bolha,
E o verso—do tal sujeito...

Verso elegante, garrido,
— Como o não tem qualquer ser —
Quer enroupado ou despido,
O *verso* d'esse individ'o
Tem muita coisa que ver...

Qual a cabeça dos santos,
Com brilhante resplandor,
Aureos reflexos tem — tantos,
Que á vista causa quebrantos
O verso do tal senhor!!!

Já li, n'uma endeixa longa
De varios martyrologios,
Que o resplandor se perlonga
Co'um milagre de candonga
De cadeias de relogios..

Diz que um santo, de olhar doce,
Pondo o pé no torrão luso,
Cosidas comsigo trouxe
Cadeias — ou o quer que fosse —
—Por signal em sitio escuso.

Pondo as cartas sobre a banca
Em curta phrase diremos
Ser o sitio junto á anca,
Onde occulta a roupa branca
Seus *retangueiros* extremos...

Por tal milagre,—que inveja
'Té fez a S. Barambú,—
E' que o puzeram na egreja
E o resplandor lhe viceja
No tal sitio — entendes tu?

. . . . . .

Nota final: o *santinho*
Que eu canto aqui d'esta sorte,
Sem tropeços no caminho,
Tem feito abastado ninho
A *vestir* o sexo forte...

N'isto, diff'rença se nota
— Que, no mais, é grande o nexo —
Entre o santo e a tal *Carlota*
—Que fez fortuna janota
A... *despir* o mesmo sexo...

PAN TARANTULA.

HOMENS DA SEMANA

O SENHORIO AGIOTA

(VEJA-SE O VERSO)

Editor Manuel Luiz da Cruz — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40.
Typographia Costa Sanches Filhos — Rua da Trindade 2.

HOMENS DA SEMANA

REI CHEGOU

INDUSTRIA NACIONAL
CALÇAS NACIONAL
INDUSTRIA NACIONAL
NACIONAL
INDUSTRIA
NACIONAL
NACIONAL
NACIONAL
NACIONAL
INDUSTRIA
NACIONAL
NACIONAL
NACIONAL
NACIONAL

VARIAÇÕES

Todos os annos, nas proximidades do mez de dezembro, se formam commissões e se reunem commissões com o fim expresso he «solemnisar brilhantemente» o dia 1.º de dezembro, anniversario da independencia de Portugal.

E todos os annos, chegado o 1.º de dezembro, as cerimonias e festas patrioticas, os signaes de regosijo sahidos da imaginação de todos os srs. commissarios de todas as patrioticas commissões, se resumem:—a uma alvorada, a um bodo aos pobres, a varias duzias de foguetes, a um *Te-Deum* na Sé, e a illuminações em meia duzia de egrejas e edificios publicos.

De modo que, a julgar pelos excessivos trabalhos preparatorios das commissões patrioticas e pelas mesquinhas demonstrações de regosijo de que Lisboa é theatro, chegamos á terrivel convicção de que a população de Lisboa nenhuma consideração dispensa ao anniversario da independencia da patria...

Será isto devido a que essa população não tem a mais leve noção ou a mais ligeira comprehensão do que seja *patriotismo!* Certamente que não.

De que tudo depende, é unicamente da falta de imaginação das commissões de festejos.

Os arrematantes do patriotismo official imaginam que basta reunirem-se, dizerem nos jornaes que se reuniram, affirmarem ao publico que todos são conselheiros, titulares, pares do reino e excellentes pessoas, annunciarem um *Te-Deum* na Sé e varios bicos de gaz em volta do monumento dos restauradores—para que a população de Lisboa se sinta enthusiasmada e delirante, adorne de bandeiras e tropheus as frontarias dos predios, illumine á noite, e venha para a rua dar vivas a independencia.

Aqui está o erro dos srs. arrematantes do patriotismo official; – e aqui está o motivo por que o 1.º de dezembro, em vez de ser uma data que devia ser festejada com enthusiasmo, tem menos importancia para a capital, que um dia de Santo Antonio ou de São João.

*
* *

Ou se trata de popularisar essa data memoravel e fazer d'ella um dia de festa eminentemente nacional, eminentemente portugueza—ou então acabe-se de uma vez para sempre com commissões patrioticas que nada fazem, ou nada sabem fazer, ou nada podem fazer, com essas alvoradas sem nenhuma importancia, com esse foguetorio de arraial, com esse *Te-Deum* que só serve para exhibir fardas e commendas, e com essas illuminações que são ridiculas á força de serem insignificantes.

Pois é possivel que se tome a serio como «festa nacional» o que para ahi vimos na passada terça-feira? Pois é digno d'um *primeiro de dezembro* o que se fez ante-hontem? Pois não havera nenhum modo de melhor solemnisar os anniversarios d'essa data tão honrosa para o nome portuguez?... Pois uma capital que soube organisar e celebrar o centenario de Camões, não terá elementos para, todos os annos, festejar dignamente o facto historico que mais lisongeia o brio, a coragem, a dignidade e o amor proprio nacionaes?...

Certamente que tem. E não ouso duvidar que, se os homens de lettras e os artistas se decidissem a celebrar esse famoso anniversario, Lisboa teria todos os annos um *primeiro de dezembro* digno da capital e da gloriosa data que se proporiam solemnisar.

*
* *

Mas os homens de lettras e os artistas são geralmente excluidos d'essas famosas commissões, compostas unicamente de individuos «altamente collocados». Ora, na opinião dos taes «altamente collocados» os litteratos e os artistas não são homens praticos. E como a imaginação e a phantasia d'esses senhores não vão mais além d'um bom *Te-Deum* — estamos condemnados a ver sempre *primeiros de dezembro* como este que acaba de se celebrar.

Se por um lado estimo os fiascos d'esta natureza, para provar a esses senhores que não basta estar-se «altamente collocado» para se ter ideias e imaginação, — tambem lamento, como portuguez que presa a sua nacionalidade, que no meu paiz não haja todos os annos brilhantes demonstrações externas d'um culto tão sagrado, tão nobre e tão poetico como é o da Patria; e que qualquer dia de São João, ou qualquer dia de São Pedro, provoque maior enthusiasmo que o dia em que se celebra a independencia da nossa terra.

Mas os homens «altamente collocados» julgaram em sua alta sabedoria que não ha como um *Te-Deum* na Sé, para acordar no povo o amor da patria e o orgulho da independencia — e não ha outro remedio senão curvarmo-nos ante a prodigiosa intelligencia de Suas Excellencias.

Suas excellencias hão-de permittir que lh'o digamos com todo o respeito que lhes é devido:— São verdadeiramente uns alhos!....

*
* *

Teem circulado boatos, que ouso classificar de aterradores, ácerca de *S. Carlos*.

A empreza, ao que se diz, encontra se em sérios embaraços, porque os srs. artistas—áparte uma distincta cantora que todo o publico tem applaudido na *Aida*—se recusam receber os seus ordenados em papel, não achando bôas as *notas* do banco.

Se a actual companhia de *S. Carlos* fosse toda composta de artistas de *primo*, ou até mesmo de *segundo cartello*, eu da melhor bôa vontade me conformaria com a critica feita pelos srs. cantores ás *notas* do banco de Portugal, e acharia de toda a

razão que elles quizessem boas notas em paga das boas notas que os srs. cantores emitissem ao publico.

Mas quando nos lembramos das pessimas notas que nos teem dado no *Rigoletto*, no *Ernani* e ainda ante-hontem no *Mefistofeles*, não vemos bem o direito que lhes assiste para serem de tal modo exigentes.

*
* *

Mas a culpa dos srs. artistas se permittirem tamanhas exigencias é exclusivamente da nossa imprensa. Por mais mal que cantem e que estropiem as operas, não ha epithetos de *notaveis* e de *brilhantes* que lhes não teçam. Todos cantam *admiravelmente*, todos executam «d'um modo superior» as suas partes. Tudo n'elles é *magnifico* e *assombroso*.

E emquanto nas outras cidades elles se esforçam por cantar bem, imploram a benevolencia da critica, e veem-se na necessidade de pagar a peso d'ouro as *réclames* de que precisam — aqui, entram, como se entra em paiz conquistado, fazem o que querem, desafinam quando querem, e os elogios nos jornaes medem-se ás varas no dia immediato ao de uma primeira representação.

*
* *

Se eu fosse cantor — e mau — e um emprezario me sollicitasse a honra de vir cantar — e mal — ao theatro de *S. Carlos*, punha na escriptura as seguintes condicções:

1.ª — 100 libras cada noite, antes de subir o panno, n'um chéque sobre o Banco de Londres.

2.ª — No fim de cada acto uma ovação que durasse 20 minutos.

3.ª — No fim de cada espectaculo nunca menos de 20 chamadas, 10 ramos de flôres e 10 corôas de louro com bagas d'oiro — a valer.

4.ª — A 1.ª pagina de todos os jornaes de Lisboa ás minhas ordens, no dia immediato ao de cada 1.ª representação.

5.ª — No fim da epocha a grã-cruz de todas as ordens e um titulo de duque.

6.ª — Uma lapide commemorativa da minha estada em *S. Carlos* na fachada do theatro.

7.ª — E uma estatua n'uma praça publica erigida por subscripção nacional.

E talvez uma pensão vitalicia votada pelas côrtes.

Só assim eu concederia á cidade de Lisboa a honra de me ouvir desafinar!...

QUIDAM.

O SENHORIO AGIOTA

Cançoneta, para ser cantada com a musica do MEU AMIGO BANANA

Em mil linguas, fazer vou, jocundo,
Cançoneta, ou canção, polyglota,
P'ra que todos te chamem, no mundo,
—Agiota! agiota!! agiota!!! ..

De manhã, quando ainda na cama,
Te aconchegues, nusinho em pellota,
Has-de ouvir, ao teu lado, a *madama*,
—Agiota! agiota!! agiota!!!

Logo após. em camisa e ceroilas,
Ao puxar's a presilha da bota,
Ouvirás, na cosinha, as moçoilas:
—Agiota! agiota!! agiota!!!

Ao comeres o almoço ás dentadas,
Qual suino que come bolota,
Dir-te-hão, o café e as torradas,
—Agiota! agiota!! agiota!!!

Lá na loja, quando entre um freguez,
Que pretenda gentil fatiota,
Se te vír, a gritar sae de vez:
—Agiota! agiota!! agiota!!!

Nem sequer ao jantar te preservas
De tal chufa, gracejo ou chacota,
Pois dizer-te hade o chispe com hervas:
—Agiota! agiota!! agiota!!!

Se sair's, p'ra gosar um bocado,
Dos que passam, em grande risota,
Ouvirás, n'Avenida e Chiado:
—Agiota! agiota!! agiota!!!...

Quando á noite, do gremio na sala,
Te entretenhas, jogando a batota,
Has-de ouvir, sem saber quem te falla:
—Agiota! agiota!! agiota!!!

Logo apoz, quando encontres a *diva*
Estendendo-te a irmã da canhota,
Dir-te-ha, em logar de «ora viva!»
—Agiota! agiota!! agiota!!!

Ao deitar's-te, em crueis pezadellos,
Em que todo o teu ser se amarrota,
Hasde ouvir—arripia os cabellos!!!—
Agiota! agiota!! agiota!!!...

Seringado por tanta arrelia,
Já pateta, sandeu, idiota,
Ouvirás, quer de noite ou de dia:
—Agiota! agiota!! agiota!!!...

Quando a morte, afinal, negra venha,
A fazer-te em bagaço, em compota,
Ha-de a morte dizer-te, rouquenha:
—Agiota! agiota!! agiota!!!

E Satan, todo em raiva vermelho,
Bradará ao lançar-te em pellota
Na caldeira de Pero Botelho:
—Agiota! agiota!! agiota!!!

PAN-TARANTULA.

O SR. CONDE E A DIVINA PROVIDENCIA

Implora o sr. conde o auxilio da Divina Providencia para que ella o ajude e inspire. A nossa crença nas suas relações com a respeitavel proprietaria do famoso olho do famoso triangulo será sem tara quando o sr. conde

conseguir expulsar da praia do seu titúloe de cima da formosa Torre o odiavel gazometro, quando a sua policia disser ao dito gazometro o que costuma dizer á gente: *Ande lá p'ra diante.*

O PRIMEIRO DE DEZEMBRO E A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Arte :—theatros hespanhoes.

Musica :—hespanhola.

Charutos :—hespanhoes.

Loterias :—hespanholas.

Chocolate :—hespanhol.

Gallegos :—hespanhoes.

Moças :—hespanholas.

Camareras, toireiros e fadistas:—tudo hespanhol.

Chega o 1.º de dezembro : ta, tará, tará, tará, tará, foguetorio e hymnos. Menos hymnos, menos foguetes e um bocadinho mais de trabalho aceutuadamente nacional, não seria bem melhor, bem perferivel ?

A CONQUISTA DE LISBOA

OU

O Caminho do Caminha

(CONTINUAÇÃO)

X

Ao cabo das grandes phases de labor febril, todos os que exercem uma profissão espiritual—musicos, troveiros, pintores, estatuarios, — são acommettidos de pallidos, quebrados esvaecimentos de cabeça, que os deixam, tempo sem fim, n'uma preguiçosa prostração de convalescente, n'uma absoluta, irremediavel incapacidade de qualquer esforço concepcional.

Para sahir d'essa lenta ociosidade exige o espirito distracções faceis e serenas que o não fatiguem, antes o revigorem e tonifiquem, — passeios despreoccupados em dias de sol alegre, tranquillas sestas pelas tardes quentes, frivolidades de conversa feminina, convivencia com creaturas vulgares cuja normalidade de pensamento veja com maus olhos os acrobatismos intellectuaes, tudo o que, em summa, seja de geito a prender os sentidos mais grosseiros, emquanto os mais delicados se fortalecem, nuançadamente, na praia de banhos do Socego.

Foi n'esse estado de esmaiada lassidão que o nosso applaudido Custodio, depois de haver atirado para o mundo das lettras com o seu perturbante livro de versos, despiu, fatigado, a longa clamhyde de trazer por casa, e envergando roupagens vistosas de cheviotes britannicos, engrinaldado o pescoço com tecidos mirabolantes e faiscantes de desenho e côr, sahiu da sua reclusão, da sua Torre de Marfim, reclamando de Lisboa diversões e agrados accessiveis, que restabelecessem a descorada debilidade do seu cerebro, fatigado de distillar as mais notaveis e admiradas asneiras.

Erguia-se por essa tarde adeante, fumava tabacos loiros das arruinativas manufacturas de Dresden, loiros como sovaquinhos de donzella irlandeza, cheirosos como hervas aromaticas do campo, encostava-se ás portas dos joalheiros, cortejava moços e moças da vida, relampejava pelos cafés, expendia graças pelo cinzento asphalto da Avenida, fazia-se passeiar em tipoias batedoras, levando sempre suspenso dos labios os dois mais inseparaveis breloques do seu espirito: a tolice e o silencio,—a tolice, que o fazia homem notavel, immortal,—o silencio, que lhe dava fóros de insuperavel modestia.

Uma rica vidinha de brazileiro retirado do commercio, vida commoda, ligeira e pittoresca, sem pesadellos, sem arranhaduras de penuria, encantadoramente perfumada pelas duas horas de interior delicia que elle não prescindia de passar todos os dias, ao desbotar da tarde, na livraria do Gomes, entre gentes cultas, que o rodeiavam prenhes de solicita sympathia.

A livraria do Gomes era a Alhambra miraculosa dos seus sonhos, o Generalife onde pelos crepusculos á sua alma de artista era grato divagar, entre columnas de marmores preciosos coroados de capiteis d'oiro, entre a flammancia e o perfume das encadernações de coiro da Russia alindadas nos cantos com velhas pratas fendidas a cinzel, na luz doce e polychroma que empoeirava a loja, atravessando os vitraes do fundo.

Flores debeis extenuavam-se na banca do sorridente Gomes, sempre atarefado a escrever, escrevendo tanto que Caminha julgou por longo tempo ser aquelle o auctor de todas as obras artisticas, litterarias e scientificas que o rodeiavam.

Caminha familiariava-se, tinha facecias amaveis, tratava os habituaes por *olha lá*, *o coiso*! Depois a sua conversa saltante insinuava-se, prendia, tinha attrações de iman.

Entrava Viterbo, Custodio corria logo a informal'o d'um precioso manuscripto de que era possuidor um seu amigo e cujo assumpto elle ignorava; assomava Augusto Ribeiro e logo Custodio a affirmar as suas crenças progressistas; despontava Burnay, laudativos commentarios sobre o editorial do *Jornal do Commercio*; antevia-se o chapeo do conselheiro Gonçalves, carga no Junqueiro;

lobrigava-se Carrelhas, informações ineditas sobre o pavoroso incendio da vespera; fulgia o monoculo do morgado do Caniço, catilinaria vehemente contra a extincção dos vinculos; negrejavam os cabellos em anneis de Milhões, Caminha cerrava um olho e thuribulava Camões; via-se a curva maxilar do geographico Cordeiro, travava-se accesa discussão ácerca da posição de Formoselha n'um mappa em relevo. E todos o escutavam todos lhe sorriam com amoroso e commovido interesse.

Por esse tempo um grupo de lettrados teve a ideia, logo realisada, de prommover um festim em honra de Custodio.

N'esse festim celebrado ao ar livre, na Cóva da Piedade, tomaram parte todos os luminosos candeeiros de petroleo das lettras nacionaes.

Um vapor levou os convivas a Cacilhas, sob um sol ardente de julho que dasmasquinava d'oiro o Tejo verde: de lá foram em burros para o local escolhido.

Houve um episodio singular: dois poetas foram por engano presos a uma figueira emquanto dois dos pacificos jumentos que haviam conduzido a comitiva tomaram logar á meza.

Jornalistas, romancistas, vates, auctores dramaticos, charadistas, levavam todos guarda-pó de linho cru, em vez de manto, e azas de mosca, em vez de azas. Em homenagem ao festejado, serviam á meza alguns alumnos do Curso Superior de Lettras.

Profusos foram os vinhos, inauditamente variados os manjares, cascatantes os brindes d'esse jantar digno de Trimalcião, digno de ser chronicado na prosa esmaltada, oxidada, metallica, de Petronio.

Quando o festim morreu, Caminha acercou-se do Tejo, tremulo, e depois de haver cantado arrastadamente um *fadinho* amoroso lançou ás aguas, n'um gesto de desespero, a taça por onde bebia.

Esse fado, concebido por um Goethe da Mouraria, foi a *Canção do Rei de Thule*. O Rei de Thule era elle, o poeta Caminha, que n'essa noite foi levado em maca para Almada.

A amante que, ao morrer, lhe déra a taça, fôra a Poesia.

Dias depois, convalescente do incommodo gastrico que o teve de cama perto de uma semana, satisfeito da sua gloria litteraria, carregado de louros, tendo deixado crescer as barbas, Custodio que já tinha um *fauteuil* na Academia, resolveu conquistar outro em S. Bento, reservando os seus versos e a sua prosa para distracção, pura distracção dos seus futuros ocios parlamentares.

(*Continúa*). EU.

Desconfiem! Desconfiem!

A casa Victor Vaissier, de Paris, tornou popular o nome de Congo applicando-o a um sabão de toucador incomparavel e deliciosamente perfumado:

Este maravilhoso sabão tem por titulo: *Sabão dos Principes do Congo*, e traz sempre o *nome* do seu fabricante: «Victor Vaissier». Acautelem-se contra as grosseiras *imitações* inspiradas pelo *amor immoderado do lucro*.

COLYSEU DOS RECREIOS

No Colyseu dos Recreios o publico continua applaudindo com delirio a gentilissima baroneza de Radhen, verdadeiro typo da *écuyère*, tudo quanto ha de mais nervoso, de mais esvelto e de mais *fin de siècle* e olhando com maravilha e appetite para as riquezas plasticas da sr.ª Leodiska, a famosa domadora de catatuas. A's segundas feiras, «*soirées* da moda», o Colyseu dos Recreios é o ponto de reunião da *haute gomme* de Lisboa.

RUA DOS CONDES

N'este theatro temos agora em scena, com extraordinario acolhimento do publico, a *Filha do Tambor-mór* de Offenbach. A musica é encantadora, a *mise-en-scene* é excellente, e no desempenho da operetta distinguem-se, a gentilissima Pepa, a graciosa Carmen, a nutrida sr.ª Rochedo, a desconsolada Encarnação e os actores Gomes, boa voz e excellentes dentes, Sant'Anna (o debutante, bastante vosinha e pouco gesto) Pedro Cabral, muito gesto e pouca voz e Roque, nem uma coisa, nem outra, antes pelo contrario.

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40.
Typographia Costa Sanches Filhos—Rua da Trindade 2.

A APOTHEOSE DE GARRETT

Ha muito que não sentimos tamanha satisfação como a que tivemos na passada quarta-feira, no theatro de D. Maria. Satisfação e orgulho por assistirmos á representação d'uma das mais bellas obras da litteratura nacional; — e por vermos os nossos artistas serem dignos interpretes d'essa obra prima onde tanto se glorifica o amôr, a liberdade e o heroismo dos portuguezes.

THEATRO DE S. CARLOS—O FAUSTO

Na quinta-feira realisou-se a estreia da nova dama mademoiselle Mary d'Arneiro. Vozinha agradavel e sympathica; mas como nem só de voz vivem as operas, succede que a cantora será realmente cantora quando fôr uma verdadeira *artista*. Por emquanto não passa d'uma interessante promessa.

VARIAÇÕES

Parecia já cousa assente entre nós que os antigos auctores portuguezes eram tanto mais celebres e tanto mais apregoados, quanto menos representados e menos lidos.

Agora quebrou-se o encanto. Almeida Garrett deixou de ser uma celebridade só apreciada pela poeira e pelos ratos das bibliothecas — e passou a viver em contacto com o publico d'este anno da graça—ou da desgraça— de 1891.

*
* *

Mas porque o não fizeram viver ha mais tempo, com os homens da nossa geração? De que receiavam os directores de emprezas theatraes? Que Almeida Garrett já não estivesse *ao sabor* do nosso tempo? Que o seu theatro tivesse envelhecido?...

Quem se tivesse dado ao trabalho—nós dizemos, ao prazer—de ter lido uma vez só o theatro de Garrett, veria que não havia motivos para semelhantes receios, porque as peças do nosso dramaturgo são das taes que não envelhecem, são como as de Shakspeare, de Molière, de Racine, de Corneille, de Beaamurchais, de Calderon, ou de Hugo.

Não podem envelhecer, porque representam uma epoca na litteratura d'um povo; e porque são a expressão d'uma nacionalidade e d'uma raça.

*
* *

Ha criticos *litterarios*, ao que parece e ao que se diz, profundamente *scientificos*, que affirmam que o talento não tem patria, e que para a obra d'arte não ha fronteiras.

Não ha? Pois digam-nos, depois da recita do *Alfageme*, os que seguiram as peripecias do drama, os que observaram o caracter e a alma d'aquelles personagens—se por acaso, n'outro torrão que não fosse o portuguez, illuminados por um sol que não fosse o nosso, se moveriam aquelles typos e se agitariam aquelles sentimentos.

Que ha de mais encantadoramente portugueza, do que a delicada figura da linda Alda? E o typo do padre Froilão; e e typo do Alfageme; e a nobre, generosa e apaixonada figura de Nun'Alvares?...

*
* *

Com mil raios! Que se houve agora momento em que um portuguez—mesmo dos da decadencia—sentio orgulho em ser *portuguez*, foi esse de 4.ª feira no theatro de D. Maria, quando o Alfageme, afivelando a couraça e pondo o capacete, se despedio da mulher adorada que é a primeira a applaudil-o para que siga para o sacrificio:—e elle lá foi á frente d'um punhado de valentes, defender nos campos da batalha, contra os exercitos de Castella, a integridade e a honra do solo sagrado da patria!

*
* *

E pensar a gente que emquanto os theatros nacionaes nos servem amaveis banalidades traduzidas dos ultimos productos do mercantilismo theatral da França, da Italia ou da Allemanha—para ahi estão enterradas na poeira das bibliothecas as obras dramaticas de semelhante escriptor!....

*
* *

E são só as obras de Garrett?... Não, decerto, porque ahi não param as maravilhas do theatro lusitano.

Para que temos um Gil Vicente de pedra, a aborrecer se em cima do telhado do theatro de D. Maria, se ainda ninguem o viu em scena? Para que diabo serve esse diabo da consagração externa, para que serve esse culto hypocrita por aquelle a quem os criticos chamam o Plauto portuguez—se não ha maneira de vermos no palco nenhum dos seus autos, nenhuma das suas farças?...

Dizem os chamados *entendidos* em materia theatral:

—«Mas ninguem entende o portuguez de Gil Vicente, e não é representavel por causa das grosserias de phrase das suas farças!...»

E os chamados *entendidos* citam baixo aos ouvidos dos incautos certas expressões do velho farcista, que seriam capazes de fazer corar um barbaças da municipal.

Adoraveis *entendidos*! Quantas cruezas de phrase não ha nas comedias de Moliére? Quantas palavras impossiveis de pronunciar aos ouvidos das meninas e das damas que frequentam as *baignoires* do theatro Francez? E o que se faz? Eliminam-se do original, apesar de todo o respeito que ha em França por Moliére.

*
* *

Quanto a algum *portuguez* hoje incomprehensivel de Gil Vicente, que os poetas modernos se dêem ao trabalho de o *traduzir* para portuguez de hoje, retocando, amodernisando a phrase:—e não faltarão deliciosos espectaculos para delicia de um publico *d'élite* e para educação das plateias ignorantes.

*
* *

O theatro de D. Maria teve na noite de quarta feira a prova evidente de quanto tem sido um erro e uma injustiça da sua parte, não ter de ha muito posto em scena as peças do reportorio nacional.

Teem-se feito tantos sacrificios para pôr em scena o theatro de Shakspeare e de Hugo. Porque razão se não hão de fazer ainda maiores, para representar o theatro de Garrett, de Camões, de Gil-Vicente, e as traducções de Moliére do visconde de Castilho?

E se effectivamente nós acordámos para a boa comprehensão das coisas nacionaes—graças a esse humilhante facto diplomatico que se chamou o *ultimatum*—saibamos aproveitar essa transformação do espirito publico, e tratemos de ter a alma bem portugueza, como a tinha Garrett.

Pois não é triste ver um publico assistir a uma representação do *Alfageme* como se fosse a representação d'uma obra litteraria totalmente desconhecida—quando Garrett devia andar por todas as escolas, ser a leitura corrente de todos os alumnos de rhetorica, como é em França Racine ou Victor Hugo?

Que quer dizer este desconhecimento, esta ignorancia dos auctores nacionaes, e esse conhecimento tão profundo de quantos Montépins, Richebourgs Pousons e outros troca-tintas para uso exclusivo das *concierges* de Paris?!

*
* *

Não é só de protecção ás industrias nacionaes que nós carecemos. E' tambem de respeitô e de admiração pelos talentos nacionaes.

E nos collegios e nas escolas antes de ensinarem a recitar a meninos e a meninas as fabulas de La Fontaine, devem-lhes ensinar a recitar as lendas do Romancero, os sonetos de Camões ou os villancetes de Bernardim Ribeiro.

QUIDAM.

Signaes certos de authenticidade

Todo o sabão do Congo que não trouxer o *nome* de Victor Vaissier, o illustre saboeiro parisiense, não é o *verdadeiro sabão dos principes do Congo;* é um producto que não tem relação com este delicioso e célebre cosmetico, alem d'uma *similhança de titulo adrede preparada*. Exijam sempre o *nome* Victor Vaissier. .

THEATRO DE D. MARIA

O theatro de D. Maria deu-nos quarta-feita ultima uma intepretação c
to na arte de representar. João Rosa e Rosa Damasceno seriam capazes de c
scenas d'uma perfeição inxcedivel. Os outros artistas bem. Pena é que a scen
vozes á altura do sentimento e da poesia que envolve o drama. Mas se as n

O ALFAGEME DE SANTAREM

Alfageme de Garrett que pode competir com o que de mais bello temos vis-
sar ciumes a Got e a Mademoiselle Bartet. Brazão e Augusto Rosa tiveram
graphia não seja pintada com maiores encantos; e que os córos não tenham
tem o proprio theatro de S: Carlos?...

A CONQUISTA DE LISBOA

OU

O Caminho de Caminha

(CONTINUAÇÃO)

XII

Bello como Antino, irresistivel como Apollo, preparava-se Caminha para subir aos mais elevados planatos politicos, quando ante seus olhos passou uma gracil Dama côr de lua, loira como um faisão, olhos longos d'um fino esmalte azul. Deslumbrado, Caminha esqueceu de prompto os sonhos fulvos de gloria parlamentar, que tão insistentemente cantavam em seu espirito, e levado por uma corrente de impetuosa paixão deixou-se arrastar pelos inegualaveis e cariciosos olhares da formosa Dama, que em sonhos lhe apparecia resplendente de brocados, fulgurante de joias, como uma Infanta de legenda.

Morava a Rainha do seu pensar para as bandas do Castello, n'um prediosinho recatado e amavel, com um palmo de jardim á frente, onde uma laranjeira derramava mimosos cheiros nupciaes pelas noites d'estrellas. D. Brites Parada, se chamava ella, filha do Parada do Banco, homem conceituado por seus haveres e maneiras.

Caminha comprou uma capa á hespanhola e um violão. E tremulo de enternecimento, hesitante e

pallido, emquanto a voz das sentinellas esmorecia n'um andamento arrastado de supplica, e o gaz punha laivos ruivos na calçada, Caminha deitava-se a cantar romances da sua lavra dedilhando musicas soluçadas. Com o crescer da noite aquietava-se o marulhante rumor da cidade. Patrulhas desciam, espectraes. E toda cingida de sedas frouxas, flores nos cabellos, as mãos armilladas de anneis que as estrellas ornavam de fogos de kaleidoscopo, Dona Brites solevava a adufa da sua alcova e apparecia toda munificente de graciosidades, com um sorriso ao lume dos beiços, coralino anzol onde a alma de Caminha se prendia como uma faneca.

—Boas noites, Brites.

—Boas noites, Custodio.

E todo repassado de enternecimento começava então um langoroso oaristo onde cada coração era um incendio e cada palavra uma faulha. Projectos de vida futura, uma doce reclusão d'almas, longe do mundo, n'um sereno recanto de provincia, noites d'inverno, ao fogão, relendo velhas epistolas, passeios á beira d'agua sobre areias d'oiro, — de tudo isso os dois fallavam, antevendo delicias, bordando paisagens a missanga no cartão picado do porvir. Amanhecia quando o lenço de Caminha acenava, saudoso, para Brites, dizendo-lhe adeus.

Uma noite, passava já longo tempo depois da hora marcada, sem que Brites apparecesse, quando Caminha, sofrego d'amor, ebrio de desconfiança, desatou a atacar com desusada energia os bordões do seu instrumento, e a vexar com a sua berraria o clamor das sentinellas, quando a policia

interveiu, reclamando silencio. Protestou Caminha, com violencia e ardor. E n'essa noite, pela segunda vez na sua vida, adormeceu Custodio n'uma tarimba do Governo Civil.

(Continua) EU.

PASSEIO DE VELOCIPEDE

HOMENS DA SEMANA

MORAES DE CARVALHO

Verdadeira representação dos flagellos porque passou, nas terras de S. Bento, o senhor S. Moraes de Carvalho, ministro e martyr, porque ousou tocar, com mão reformadora, nos serviços da justiça.

Terá 100 dias de indulgencias plenarias e carta de conselho aquelle que ousar livral-o das settas e dos discursos dos seus algozes. E mais poderá comer carne nos dias de jejum que ainda viver o ministerio. *Amen.*

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40.
Typographia Costa Sanches Filhos—Rua da Trindade 2.

O PERU D'ESTE ANNO

Perú que tem feito desapparecer todo o *milho*, perú que para muitos tem sido... *gallinha*.

Finis laus Deo

Agonias do anno....

Tivesse o anno uma bocca e um halito, fossem pôr um espelho em face d'essa bocca, que um leve, imperceptivel embaciamento, apenas, attestaria no crystal os restos d'essa vida expirante.

A' cabeceira do doente, fieis amigos, velamos.

Velamos e, para attenuar o aborrecimento da vigilia, folheamos, recolhidamente, a nossa obra dos ultimos doze mezes.

Folheamos, folheamos.... e um vivo amargor nos vem da contemplação d'essa obra, que, devendo ter esmaltes claros de contentamento, irisações de graça, fulvas girandolas de humorismo, se nos apresenta, por vezes, com laivos cinzentos de tristeza, esperguiçamentos de cansaço e sarampos de descrença.

Folheamos, folheamos... As folhas do nosso jornal não são, é certo, uma visita de pesames. Ha risos. Mas as boccas que riem são desbotadas, como rosas de novembro.

E, magoados, o notamos: o volume do *Antonio Maria* de que este numero será o *finis laus Deo* dá-nos a impressão d'um inaudito hospital onde os moribundos expirassem jogando o entrudo...

*
* *

Veio isto, esta feição que o nosso jornal tomou, do ar doentio e desconsolado, que desconsoladamente aspirámos ao triste desfiar dos ultimos trezentos e sessenta e cinco dias,—rosario negro cuja ultima conta está a passar...

Dias pardos de temor, discordias politicas, morte de antigas e acariciadas illusões, corvetas levando oiro, corvetas trazendo *papel*.... Foram-se as ruivas sterlinas d'um tão fino cantar, tão alegres de timbre, e, a substituil-as vieram as notas de aspecto frigido, antipathicas como rotulos de pharmacia. Visivel se tornou a ganancia de quem nos expoliava, e tão visivel que ficámos medrosos de que chegassem a levar-nos o sol,—unica moeda de oiro que nos resta.

*
* *

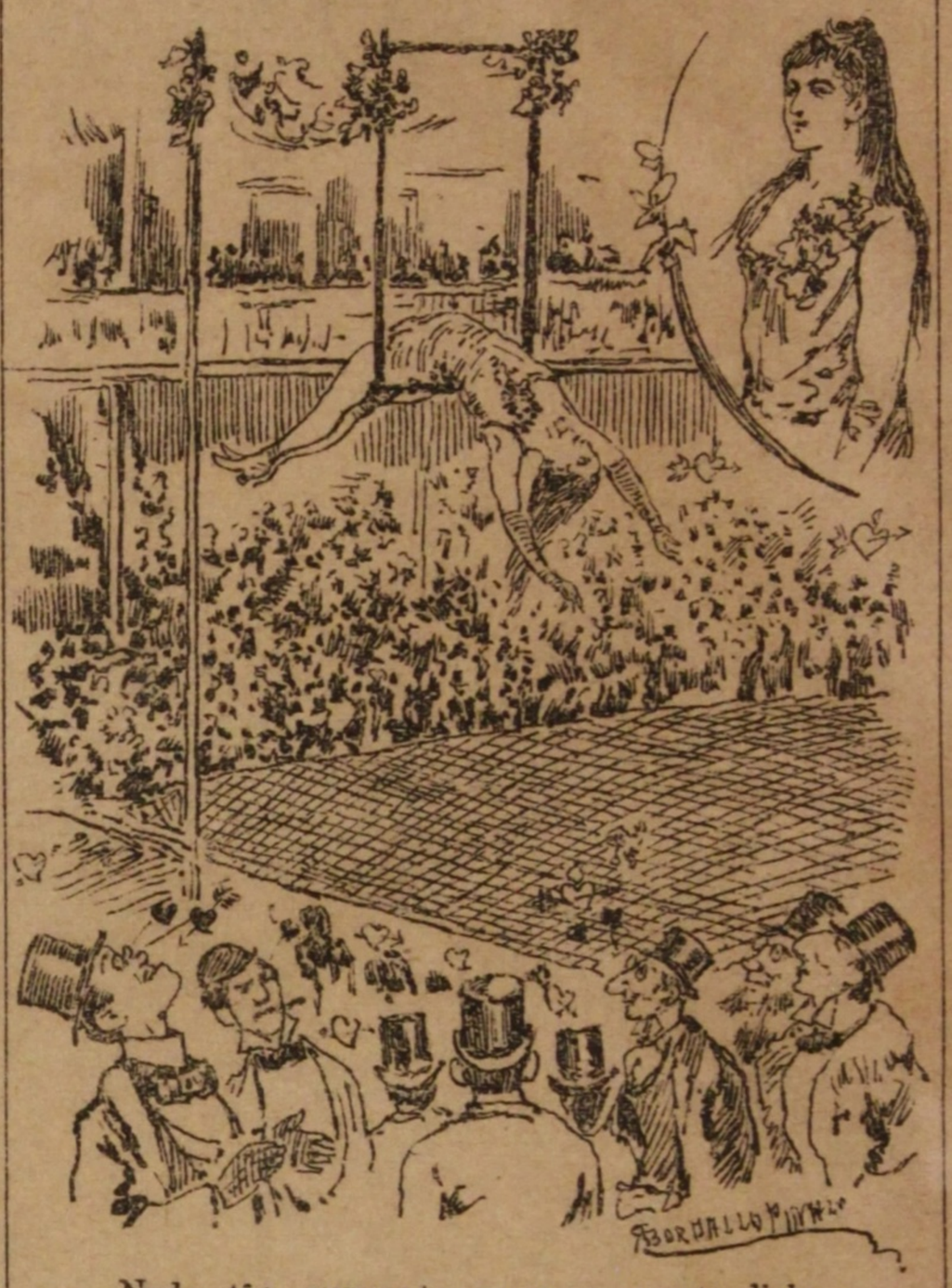
D'esta tristeza — a nossa tristeza.

Não ha dôr, porem, que não se abrande. O tempo tem isto de bom: é uma lima que amacia, arredonda os angulos do dissabor mais agudo.

Conformados com o destino, o espirito forrado d'uma despreoccupada philosophia risonha e viva, fechamos hoje este parenthesis de baço mal-estar e, conscientemente, vos promettemos, — leaes amigos que nos lêdes, — um anno de embalsamante alegria, durante o qual a nossa graça exhibirá aos vossos olhos os seus mais complicados acrobatismos.

EU.

A GERALDINE



Nada tão pungente como o aspecto d'alguns dandynantes frequentadores do Colyseu dos Recreios, quando, depois de repetidas chamadas, a Geraldine se some com a sua prestigiosa formosura na penumbra dos bastidores. Apenas a Geraldine assoma, elles que, ao abrir do espectaculo, surgem, irresistivelmente, floridos de crysanthemos, cingidos de irresistiveis farpellas, cabeças cobertas de lustrosos penantes, apenas a Geraldine assoma, precipitam-se para a sua passagem, atropellam-se, rasgam-se, empurram-se, esgadanham-se, os penantes rólam no chão quebrados e hirsutos como chapeus d'entrudo, os punhos divorciam-se das mangas, as gravatas desatam-se, o verniz dos butes estala...

Quando os ultimos clamores d'enthusiasmo morrem, elles, os irreprehensiveis filhos de Brummel, esgueiram-se pela *geral*, amolgados como um jornal velho, despenteados, empoeirados, mettidos nos seus balandraus azues que, havendo servido de tapete á formosa acrobata, levam para casa os signaes dos acrobaticos pés mais appetecidos do que muitas mãos illustres.

VARIAÇÕES

O portuguez, e principalmente o lisboeta, continua sendo o animal mais amorudo e mais apaixonado de toda a creação.

Em vendo mulher bonita pela frente, toda a sua pessoa ri e se sacode em mil pruridos de contentamento. Os olhos tomam expressões faiscantes e diabolicas. As narinas palpitam-lhe e dilatam-se. E logo começa a puxar e a encaracolar a bigodeira, com a febre e o nervosismo de quem se sente capaz para grandes aventuras... Oh! o lisboeta amorudo e apaixonado!

Vejam-o á porta da *Havaneza*, vejam-o ás 4 horas na Avenida, vejam-o á noite na sua cadeira de S. Carlos. Todo elle bigodeira encaracolada, olho diabolico, ramo de violetas ou grande camelia no casaco, chapéo muito lustroso e suas luvas d'um mirabolante verdadeiramente oriental. E' irresistivel. Estremecem os maridos, estremecem os amantes, estremecem os namorados.

Ai d'aquella! sobre quem esse animalzinho lançar o olhar terrivel e sentimental. Pan! Cahio no abysmo!...

*
* *

Mas onde o amorudo lisboeta, o apaixonado da porta da *Havaneza*, se mostra verdadeiramente interessante, é quando lhe fazem passar diante dos olhos uma d'essas flôres de sensualidade que surgem de tempos a tempos unicamenta para o que se chama «fazer perder a cabeça». Tal é o caso da bella Géraldine.

E' bella?... Santo Deus! a resposta é um tanto difficil, attendendo a que nós, de nossos dias decadentes, já não sabemos o que seja o verdadeiro typo da belleza.

E' bella segundo o typo ideal da belleza antiga? Certamente que não, oh Venus cheia de graça, talhada no mais suave e leitoso marmore de Paros!... E' bella, como são bellas as figuras de Falguiéres? Tambem não.

Mas pertence a essas bellezas exoticas e provocantes que se teem balouçado nos trapezios de mil cidades, mostrando o corpo de fórmas graciosas, ajustado em finos *maillots* de séda côr de carne, a vinte metros d'altura, illuminado por luzes de differentes côres, em attitudes d'uma sensualidade provocante.

E' a esse genero de belleza, mulheres que só são bellas dentro do circo, em *maillots*, os cabellos soltos, a cabeça pendida, deixando-se escorregar por uma corda e tomando na descida as *poses* mais lubricas—que pertence a Geraldine.

E' realmente «de apetite»—como diz o lisboeta chammegante de enthusiasmo.

E quando as mulheres são de apetite, então é que é vel-o, manifestando a sua admiração e a sua febre.

*
* *

O que elles fizeram, os bons lisboetas, na primeira noite que a apetitosa Geraldine debutou no Colyseu dos Recreios, precedida da fama de que fazia pagar a sua formosura a razão de 1:350$000 réis por mez! O que elles fizeram!

Eram todos de pé, n'um berreiro infernal de *bravos*, n'uma trovoada de palmas, reclamando vinte vezes a Geraldine, para ali a Geraldine, para o meio do circo, sempre, sempre e sempre, para lhe devorarem com os olhos as lindas fórmas, e o ingenuo sorriso, e o encanto da sua physionomia —ferozes, famintos, inflammados, querendo a Geraldine, ali, toda a noite!

E como não podiam saltar para a arena, e vêl a de perto, e mexer-lhe, e tocar-lhe, como isso o não permittiam as conveniencias sociaes, nem a moral, nem a policia, atiraram-lhe com tudo quanto se póde atirar aos pés d'uma mulher — deante de gente — com os chapéos e com as flôres do casaco.

*
* *

Ah! Geraldine! que se pudessem atirar-lhe com mais coisas—com os corações, com os nomes, com as corôas, com os carros, com os cavallos e com todas as joias do Leitão—como tudo isso teria cahido a seus pés, n'um arranque de paixoneta superior á razão humana!...

Geraldine, acautele-se! Nós somos capazes de tudo! Tenho receios pela sua pessoa!

Um dia que nossos avós andavam aborrecidos, sem saber em que empregar o tempo, lembraram-se de descobrir terras. E vae d'ahi, descobrimos o Brazil e as Indias.

Outro dia démos uma sova mestra nos castelhanos. E assim andámos sempre, de aventura em aventura.

Acautele se, Geraldine! A sua belleza é provocadora; e o seu 1:350$000 réis por mez é um insulto a uma capital de amanuenses, a razão de seis tostões por dia...

Queira Deus que uma noite, ao sahir do Colyseu, se não veja arrebatada por algum d'esses ferozes amorudos; e que uma tipoia a não conduza para sempre, para os mundos ignorados e mysteriosos d'um quinto andar da Baixa, d'onde nunca mais se volta—nem mesmo para o matrimonio!

QUIDAM.

Exijam o titulo e o nome

Todo o sabonete qualificado de Congo, que não trouxer o *nome* de Victor Vaissier, o celebre perfumista parisiense, não é o **verdadeiro** *sabonete dos principes do* Cóngo, porque este fino sabão de toucador, tão appreciado pela excellencia do seu perfume, é sempre revestido do *nome* do seu inventor: Victor Vaissier.

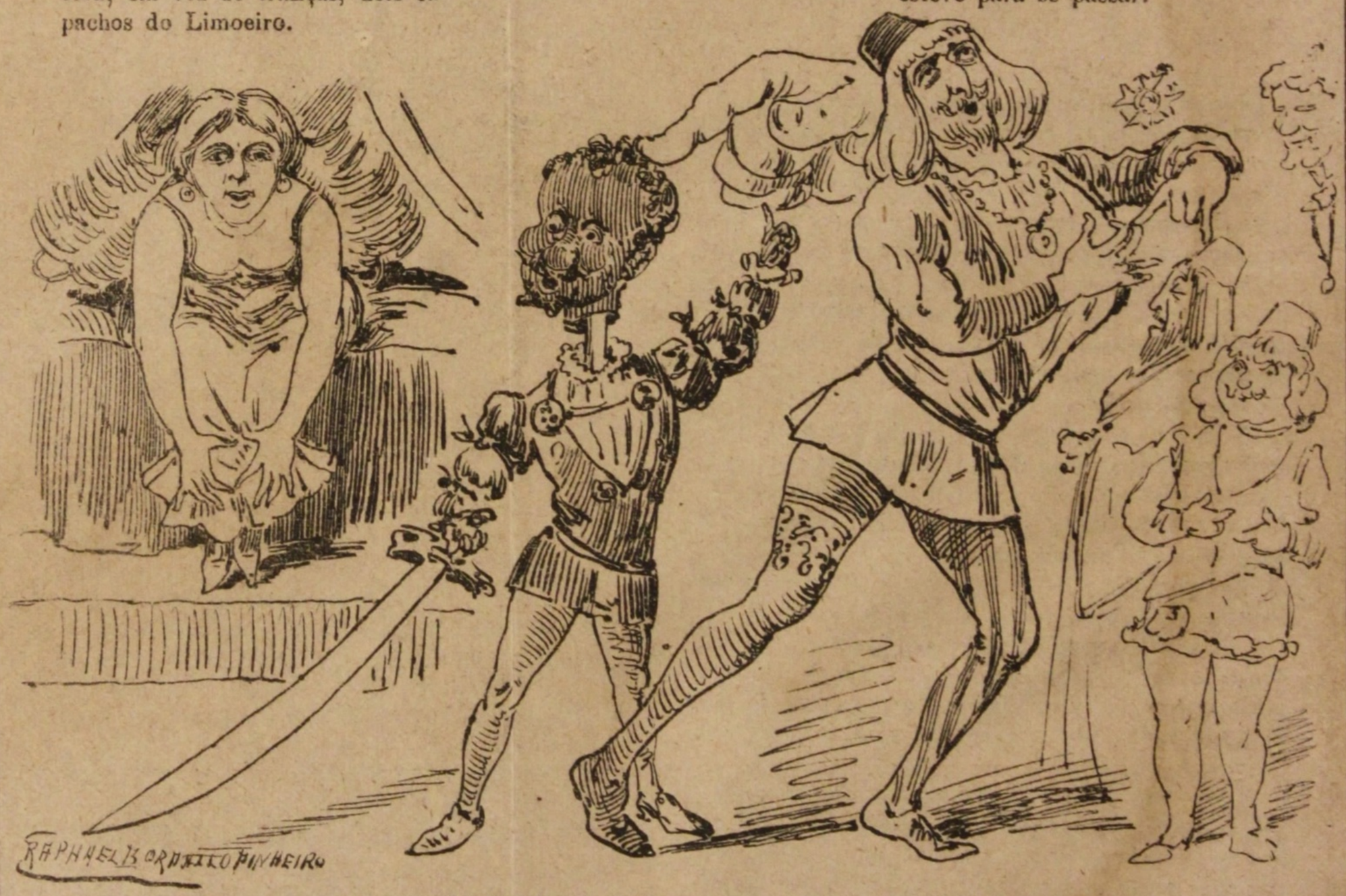
THEATRO DE S. CARLOS

OTHELO

Fez de Desdemona a sr.ª Gabbi, uma exaggerada formosura, ultra-bella, muito mais linda do que é permittido ser-se. No intento de proteger a industria nacional exhibiu a empolgante cantora, em vez de tranças, dois capachos do Limoeiro.

Deslumbrando as vistas, no 1.º acto poz em clara evidencia a sua mão d'uma pura linha hellenica, enroscada de anneis; no 2.º mostrou seus braços d'esculptura, cingidos de braceletes.

Em pharmacia e plastica concorre Gabbi com a poetica *diveta* da Trindade; em pharmacia e plastica vae entre as duas estabelecer-se um desafio, á maneira do que entre Geraldine e Zephora esteve para se passar.



No 3.º acto, suppoz-se que Gabbi, depois de haver mostrado os braços, as mãos, os dentes, o collo, mostraria o resto, supposição infelizmente mallograda... lá por causa d'uma coisa.

Gabrielesco fez um esperto Othelinho (não confundir com o sr. conde de Ottolini) com um azougado ar de *moleguinho amoladô do anno passado* e de chinez de Batignolles.

Battistini não se cançou de arquear o peito para a tribuna real, na conquista da honorifica placa dos seus sonhos.

De resto, um Othelo pacato e ameno, pouco sobresaltante, proprio para ser dado em recita do 1.º de dezembro.

O NOVO SATURNO

Comeu a isca e... pregou uma syndicancia no anzol...

A CONQUISTA DE LISBOA

OU

O Caminho do Caminha

(CONTINUAÇÃO)

XII

Tons leves de violeta e rosa laivavam já o cinzento da noite moribunda onde uma lua se anemisava extenuadamente, quando Custodio, tido por ebrio, foi posto em liberdade. Facil lhe fôra eximir-se áquella vexante reclusão. Bastaria desembuçar-se e mostrar aos olhos da policia em pasmo o seu reconhecido perfil largamente popularieado em caixas de phosphoros e em illustrações

de jornal; bastaria, mesmo sem se desembuçar, declarar o seu nome acclamado em estridencias de apotheose pela tuba da Fama. Afim, porém, de evitar que o jaspeado nome de Brites fosse ferido pela nodoa de um escandalo policial, e afim de conservar o seu amoroso sentimento no mais discreto recato, soffreu Caminha com resignação de apostolo todos os martyrios inflingidos, triste de não soffrer ainda mais, pois nada eguala o doce prazer de se martyrisar a gente por quem nos quer bem.

Dia claro quando entrou em casa. Não conseguindo adormecer, deitou-se a pensar em Brites, fazendo uma meuda analyse do que por ella sentia, anotomisando-se a si proprio, fazendo filigranas de psychologia e acabando por se convencer de que era verdadeiramente abrazadora a sua paixão.

Urgia, porém, modificar os processos pelos dois usados até ahi. A palestra da rua para a janella, o *gargarejo*, delicia de caixeiros lyricos e de pallidos marialvas, não convinha á sua posição, ao seu nome, á sua gravidade. Urgia, pois, que uma janella se fechasse e que uma porta se abrisse, urgia passar da rua frigida e humida para a morna tranquillidade d'um salão calafetado de tapetes flexuosos, onde uma lampada amiga derramasse uma luz cariciosa e serena, e flores carregassem o ar de quebrados perfumes.

Exorbitando, como sóem fazer todos os que tornam o coração n'uma jarra, exorbitando os encantos, amaciando as linhas, temperando as cores da conveniencia de Brites, morto pela sonhada ventura de lhe fallar de perto, de roçar as suas mãos no velludo das d'ella, de lhe dizer n'uma affagante surdina o que de mais intimo e delicado

em su'alma havia, macerou Caminha seu corpo com balsamos raros, cingiu-se de brilhantes linhos bordados, cortou, escrupolosamente, as unhas em mitra, floriu d'uma *rosa-chá* a botoeira da casaca, lustrou com a manga a seda do penante e n'um trem partiu a pedir a mão branca de Brites.

Apenas Caminha carregou no timbre da porta, uma campainha riu dentro. Ouviram-se passos, vozes em segredo, cerramentos de portas e afim,

toucada de branco, uma serva appareceu com um lindo esmalte de incisivos alvejando entre os beiços de ginja rasgada.

Apenas Caminha carregou no timbre da porta, uma campainha riu dentro. Ouviram-se passos,

vozes em segredo, cerramentos de portas e alfim, toucada de branco, uma serva appareceu com um lindo esmalte de incisivos alvejando entre os beiços de ginja rasgada.

—O sr. Parada?

—Faz favor de entrar....

Salão quadrado com janellas sobre a Baixa. Um piano agasalhado em flanella vermelha, moveis luzindo, flores de seda sob mangas de vidro, lavores femininos sobre os espaldares, um relogio pulsando n'uma psyché imperio. Nas paredes, em molduras flammantes, trabalhos de Brites: a torre de Belem, em cortiça, o retrato de D. Pedro V, a cabello, flores feitas de escama de peixe e parecendo feitas de aparas de callos.

Apenas Parada entrou, Caminha disse ao que vinha. Historiou a sua vida, os detalhes do seu violento amor, as suas intenções todas puras. Parada ouviu com attenção e interesse, 'té que chegada a vez de fallar, recitou a sua propria biographia, poz em relevo os dotes inegualaveis de Brites, terminando por manifestar a enthusiasmada alegria que o pedido de Custodio entornava no seu coração de pae. Chamada Brites, appareceu esta, tolhida de commoção, os olhos descidos, as mãos abandonados. E como lhe fosse perguntado se era do seu gosto desposar Caminha, um medroso inclinar da sua cabeça respondeu que sim.

Caminha ergueu-se a beijar-lhe as mãos. Brites sorriu da palaciana graciosidade e, ao sorrir, o descerrar de seus labios desvellou um dente podre. A vista d'esse dente, longe de ferir como um espinho de ferro o coração sensivel de Custodio, deu-lhe, contrariamente, um commovido encanto.

O amor tem isto: torna em maravilhas os defeitos da pessoa amada. Para Caminha aquelle dente não era um dente podre, era uma pedra preciosa, uma agatha, um *padre-nosso* d'agatha entre *ave-marias* de marfim.

(*Continua*). EU.

FABRICA DAS CALDAS

São d'uma rara novidade e d'uma inacreditavel exiguidade de preço os alfinetes, em barro cosido, recentemente feitos pelos aprendizes da fabrica das Caldas, e recentemente postos á venda.

Novos e accessiveis e muito de geito para offerendas do Natal, — vejam o peru e o prato de brôas, acima debuxados.

A florista do Chiado

Milagrosamente, rindo do inclemente inverno, tem a florista do Chiado a extranha arte de encher as jarras da sua loja com extemporaneas flores, flores de primavera e d'estio. — cravos, lilazes, orchydias: em dezembro.

Desdenhosa das *estações*, leva tão acima o seu gosto de estrangular difficuldades, de fazer *impossiveis*, que tenue seria o nosso espanto se amanhã vissemos na sua montra as absurdas, inexistentes flores que Pythagoras poz no seu doirado Paraizo.

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.os 36 a 40.
Typographia Costa Sanches Filhos—Rua da Trindade 2.